

CARTAS DE JOÃO

COMENTÁRIO ESPERANÇA

autor

Werner de Boor

Editora Evangélica Esperança

Copyright © 2008, Editora Evangélica Esperança

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Editora Evangélica Esperança
Rua Aviador Vicente Wolski, 353
82510-420 Curitiba-PR

E-mail: eee@esperanca-editora.com.br
Internet: www.esperanca-editora.com.br

Editora afiliada à ASEC e a CBL
Título do original em alemão
Der Briefe des Petrus und der Brief des Judas
Copyright © 1983 R. Brockhaus Verlag

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boor, Werner de

Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas / Fritz Grünzweig, Uwe Holmer, Werner de Boor / tradução Werner Fuchs. -- Curitiba, PR : Editora Evangélica Esperança, 2008.

Título original: *Der Briefe des Jakobus, Die Briefe des Petrus und der Brief des Judas, die Briefe des Johannes.*

ISBN 978-85-7839-004-4 (brochura)

ISBN 978-85-7839-005-1 (capa dura)

1. Bíblia. N.T. João - Comentários 2. Bíblia. N.T. Judas - Comentários 3. Bíblia. N.T. Pedro - Comentários 4. Bíblia. N.T. Tiago - Comentários I. Holmer, Uwe. II. Boor, Werner de.

III. Título.

08-05057 CDD-225.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Novo Testamento : Comentários 225.7

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.

O texto bíblico utilizado, com a devida autorização, é a versão Almeida Revista e Atualizada (RA) 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1993.

Sumário

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

- I – A PECULIARIDADE DAS “CARTAS DE JOÃO”
- II – Os “aliciadores” contra os quais o apóstolo fala
- III – O autor das três cartas
- IV – Os destinatários das cartas
- V – A época do surgimento das cartas
- VI – A integridade das cartas
- VII – O significado especial das cartas de João no todo do NT
- VIII – Os mais importantes comentários sobre as cartas de João

PRIMEIRA CARTA DE JOÃO

- O intróito da carta: Motivo e finalidade do escrito – 1Jo 1.1-4
- Andar na luz – 1Jo 1.5-2.2
- Verdadeiro conhecimento de Deus leva a observar seus mandamentos – 1Jo 2.3-6
- O amor para com o irmão – 1Jo 2.7-11
- A renúncia ao mundo – 1Jo 2.12-17
- Risco e armadura da igreja na “hora final” – 1Jo 2.18-27
- A expectativa pela parusia de Jesus – 1Jo 2.28-3.3
- A impossibilidade de conciliar o pecado com o pertencimento a Jesus e a Deus – 1Jo 3.4-10
- Somente “AMOR” é “VIDA” – 1Jo 3.11-18
- Nossa posição perante Deus – 1Jo 3.19-24
- O espírito da verdade e o espírito do desencaminhamento – 1Jo 4.1-6
- A revelação do amor de Deus – 1Jo 4.7-10
- Conseqüências práticas da experiência do amor de Deus – 1Jo 4.11-16a
- O amor liberta do medo – 1Jo 4.16b-21
- A vitória sobre o mundo – 1Jo 5.1-5
- O testemunho em favor de Jesus – 1Jo 5.6-12
- Encerramento da carta: A certeza de nossa oração e nossa posição de fé – 1Jo 5.13-21

SEGUNDA CARTA DE JOÃO

- Saudação inicial – 2Jo 1-3
- Verdade e amor como distintivos do cristão autêntico – 2Jo 4-6
- Advertência séria contra falsa doutrina – 2Jo 7-11
- O encerramento – 2Jo 12s

TERCEIRA CARTA DE JOÃO

- Saudação inicial – 3Jo 1s
- A atitude correta para com os irmãos em trânsito – 3Jo 3-8
- Controvérsia com Diótrefes – 3Jo 9s
- Um conselho para Demétrio – 3Jo 11s
- A saudação final – 3Jo 13-15

EXCURSO SOBRE 1Jo 4 “QUEM AMA É NASCIDO DE DEUS”

Com referência ao texto bíblico:

Os textos de 1, 2 e 3 João estão impressos em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

Com referência aos textos paralelos:

A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

Com referência aos manuscritos:

Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas, foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

TM O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado “Texto Massorético”). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se uma ciência específica nas assim-chamadas “escolas massoréticas” (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito: redigido em: pela escola de:

Códice do Cairo (C) 895 Moisés ben Asher

Códice da sinagoga de Aleppo depois de 900 Moisés ben Asher

(provavelmente destruído por um incêndio)

Códice de São Petersburgo 1008 Moisés ben Asher

Códice nº 3 de Erfurt século XI Ben Naftali

Códice de Reuchlin 1105 Ben Naftali

Qumran Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do **AT**. Manuscritos importantes são:

- O texto de Isaías
- O comentário de Habacuque

Sam O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.

Targum A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.

LXX A tradução mais antiga do **AT** para o grego é chamada de “Septuaginta” (**LXX** = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A **LXX** é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do **AT**.

Outras Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do **AT**. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da **LXX**), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):

- Latina antiga por volta do ano 150
- Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
- Copta séculos III-IV
- Etíope século IV

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

I. Abreviaturas gerais

AT	Antigo Testamento
cf	confira
col	coluna
gr	Grego
hbr	Hebraico
km	Quilômetros
lat	Latim
LXX	Septuaginta
NT	Novo Testamento
opr	Observações preliminares
par	Texto paralelo
p. ex.	por exemplo
pág.	página(s)
qi	Questões introdutórias
TM	Texto massorético
v	versículo(s)

II. Abreviaturas de livros

Bl-De	<i>Grammatik des ntst Griechisch</i> , 9ª edição, 1954. Citado pelo número do parágrafo
CE	<i>Comentário Esperança</i>
Ki-ThW	Kittel: <i>Theologisches Wörterbuch</i>
NTD	<i>Das Neue Testament Deutsch</i>
Radm	<i>Neutestl. Grammatik</i> , 1925, 2ª edição, Rademacher
St-B	<i>Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch</i> , vol. I-IV, H. L. Strack, P. Billerbeck
W-B	<i>Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur</i> , Walter Bauer, editado por Kurt e Barbara Aland

III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

BLH	Bíblia na Linguagem de Hoje (1998)
BJ	Bíblia de Jerusalém (1987)
BV	Bíblia Viva (1981)
NVI	Nova Versão Internacional (1994)
RC	Almeida, Revista e Corrigida (1998)
TEB	Tradução Ecumênica da Bíblia (1995)
VFL	Versão Fácil de Ler (1999)

IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia

ANTIGO TESTAMENTO

Gn	Gênesis
Êx	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio
Js	Josué
Jz	Juízes
Rt	Rute
1Sm	1Samuel
2Sm	2Samuel
1Rs	1Reis
2Rs	2Reis
1Cr	1Crônicas
2Cr	2Crônicas

Ed Esdras
Ne Neemias
Et Ester
Jó Jó
Sl Salmos
Pv Provérbios
Ec Eclesiastes
Ct Cântico dos Cânticos
Is Isaías
Jr Jeremias
Lm Lamentações de Jeremias
Ez Ezequiel
Dn Daniel
Os Oséias
Jl Joel
Am Amós
Ob Obadias
Jn Jonas
Mq Miquéias
Na Naum
Hc Habacuque
Sf Sofonias
Ag Ageu
Zc Zacarias
Ml Malaquias

NOVO TESTAMENTO

Mt Mateus
Mc Marcos
Lc Lucas
Jo João
At Atos
Rm Romanos
1Co 1Coríntios
2Co 2Coríntios
Gl Gálatas
Ef Efésios
Fp Filipenses
Cl Colossenses
1Te 1Tessalonicenses
2Te 2Tessalonicenses
1Tm 1Timóteo
2Tm 2Timóteo
Tt Tito
Fm Filemom
Hb Hebreus
Tg Tiago
1Pe 1Pedro
2Pe 2Pedro
1Jo 1João
2Jo 2João
3Jo 3João
Jd Judas
Ap Apocalipse

OUTRAS ABREVIATURAS

O final do livro contém indicações de literatura.

(A 25) Apêndice (sempre com número)

Traduções da Bíblia (sempre entre parênteses, quando não especificada, tradução própria ou Revista de Almeida

(A) L. Albrecht

(E) Elberfeld

(J) Bíblia de Jerusalém

(NVI) Nova Versão Internacional

(TEB) Tradução Ecumênica Brasileira (Loyola)

(W) U. Wilckens

(QI 31) Questões introdutórias (sempre com número, referente ao respectivo item)

Past cartas pastorais

ZTK *Zeitschrift für Theologie und Kirche*

ZNW *Zeitschrift für neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche*

[ver: Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT (ed. Gordon Chown), Vida Nova.]

PREFÁCIO

Quem fizer uso deste comentário às cartas de João, da Série Esperança, primeiramente terá lido e pesquisado muito as cartas do apóstolo Paulo. Será que adentrará um “mundo diferente” com este volume? Certamente se deparará com uma linguagem peculiar e com outra maneira de apresentação. O leitor moderno poderá se alegrar com o fato de que para João a questão da “vida” está no centro, obtendo um acesso especial às cartas de João. Contudo rapidamente notará que está sendo confrontado com a mesma mensagem que encontrou em Paulo e que essa confrontação é ainda mais desafiadora no “apóstolo do amor”. Verificará que risco representa ler realmente as cartas de João! Mas igualmente verá quanto proveito obterá desse risco. O presente comentário deseja ajudá-lo a abrir-se àquilo que o apóstolo João tem a dizer à igreja de seu tempo e de todos os tempos. Será ricamente proveitoso.

Schwerin, 30 de agosto de 1973

Werner de Boor

INTRODUÇÃO

I – A PECULIARIDADE DAS “CARTAS DE JOÃO”

1) Em linguagem, estilo e conteúdo as três cartas de João possuem uma peculiaridade singular. Todo leitor da Bíblia percebe isso rapidamente. João escreve de maneira muito diferente de Paulo. João tampouco admite comparação com Pedro ou Tiago. Essa peculiaridade marcante de seus escritos, porém, não representa aflição ou dificuldade para nós. Remete-nos à riqueza do NT. Ao dar à igreja seu livro fundamental, Deus a presenteou com uma multidão de testemunhas vivas. Cada uma delas tem o direito de ser plenamente o que é como pessoa e fruto de sua história. Nenhuma deve ser colocada em segundo plano em relação às demais. Cada uma deve prestar seu serviço à igreja de todos os tempos.

De imediato cumpre acrescentar que, na substância, uma maravilhosa unidade interliga esses testemunhos. João não traz “nenhum outro evangelho” diferente do de Paulo! Aqui não cabe falar de “pluralismo” em que teólogos de hoje pudessem se basear!

2) Ao escrever, João apresenta um estilo singular.

a) Paulo versa em suas cartas sobre uma seqüência de temas isolados, dedicando um trecho a cada um deles. Ao proceder assim, Paulo tenta conquistar os leitores para o entendimento correto por meio de uma apresentação explicativa e demonstrativa. Por isso é relativamente fácil gravar a estrutura de uma carta de Paulo na memória. João, no entanto, possui algumas grandes verdades fundamentais, às quais retorna repetidas vezes. Por isso é difícil lembrar com nitidez da estrutura de 1Jo. Pela mesma razão torna-se complicada a subdivisão da carta. Os títulos que encabeçam cada um dos trechos permanecem insatisfatórios e não fazem justiça a tudo que se encontra na respectiva passagem. Muitas palavras centrais da carta são bem conhecidas da igreja. Porém nem mesmo para o membro fiel será fácil memorizar onde essas palavras poderão ser encontradas em 1Jo. E não causa surpresa que, em seu todo, a carta seja pouco lida.

b) No entanto, se os mesmos pensamentos fundamentais retornam a todo momento, como as seções da carta chegam a se formar? De que maneira o autor avança em sua carta?

Muitas vezes acontece que a palavra essencial de uma frase se torna o termo-chave que determina a frase seguinte, até mesmo gerando um trecho totalmente novo. Por exemplo, à afirmação de 1Jo 1.7 com o tópico “pecado” seguem as frases de 1Jo 1.8 a 1Jo 2.2, todas girando em torno do tema “pecado”. Ou: o final do trecho de 1Jo 3.4-10, no v. 10: “e quem não ama seu irmão” leva à apresentação do verdadeiro “amor” em 1Jo 3.11-18, enquanto, na seqüência, o

tópico “verdade” em 1Jo 3.18 faz a transição para o bloco de 1Jo 3.19-24. Outros exemplos são: 1Jo 2.7-11 após 1Jo 2.3 (“mandamentos”); 1Jo 2.18-3.3 depois da palavra sobre a “transitoriedade do mundo” em 1Jo 2.17; 1Jo 3.4-10 depois da palavra sobre “purificar-se” em 1Jo 3.3; 1Jo 4.1-6 após a referência ao “Espírito” em 1Jo 3.24.

Provavelmente João usa certas palavras-chave para antecipar de forma muito consciente aquilo que pretende dizer à igreja na seqüência. A esse respeito, cf. à p. ... [181] as marcantes palavras finais de 2Jo 3, que se tornam compreensíveis para nós como transição para os v. 4-6.

c) Além disso, João tem predileção por “antíteses”, de maneira que a frase subsequente forma um contraste negativo ou positivo com o que foi dito antes: cf. 1Jo 1.6 e 7; 1Jo 2.1a e b; 1Jo 2.4 e 5; 1Jo 2.9 e 10; 1Jo 2.24a e b; 1Jo 3.6a e b; 1Jo 3.7 e 8; 1Jo 3.20 e 21; 1Jo 4.7 e 8; 1Jo 4.12 e 13; 1Jo 5.1 e 2; 1Jo 5.10a e b. Esse não é o estilo de Paulo, nem de Pedro, nem de Tiago. Trata-se do estilo de João, conforme também transparece no evangelho, p. ex., em Jo 1.11 e 12; 12.37 e 41-42.

3) No entanto, muito mais importante que essa peculiaridade do estilo é uma propriedade de conteúdo em João que caracteriza sua natureza e deve ser vista com nitidez para a compreensão e interpretação de suas cartas. Enquanto Paulo se esforça o tempo todo para fundamentar suas declarações e torná-las compreensíveis a seus leitores, João simplesmente confronta seus leitores com as verdades decisivas em sentenças breves e radicais, sem qualquer tentativa de justificativa ou explicação. Nenhuma palavra limitante atenua a aspereza das afirmações. Acontece que as frases como tais são de fácil compreensão e consistem de palavras simples. Assim o leitor é forçado a encarar a verdade asseverada e aquilatar pessoalmente o que ela significa para si mesmo e para sua vida. Ninguém pode se queixar de uma formulação de difícil compreensão, e nenhuma arte interpretativa pode torcer e sofismá-la. Não se admite qualquer contemporização em João. É preciso coragem para ler as cartas de João! Cumpre ponderar que frases como 1Jo 3.6-9 são oriundas daquele apóstolo que, como nenhum outro, colocou o amor aos irmãos no centro de todo o seu pensamento. Ou seja, as duras asserções estão a serviço do amor! Somente as compreenderemos bem quando reconhecermos isso nelas.

4) João é capaz de falar com tanta dureza “por amor”, porque – em consonância com uma característica básica de todo o NT – o que importa para ele é muito mais que a “moral”. Suas exigências brotam sempre daquilo que Deus nos concede e naquilo em que nos transforma por seu imenso amor. Depreendemos isso com especial clareza de passagens como 1Jo 3.3,9,16; 4.11,19. A isso corresponde que em lugar algum encontramos condenações morais. João apenas explicita com nitidez incontornável as conseqüências que resultam forçosamente de uma conduta errada: 1Jo 1.10; 2.11,28; 3.14b; 4.8. Diante dessas frases cada leitor pode e deve questionar a si mesmo sobre sua realidade e para onde o leva seu caminho.

5) Ao contrário de Paulo, João não é um teólogo sistemático. Em cada passagem ele está completamente tomado pela verdade que deseja propor aos leitores neste momento da forma mais singela e direta possível. Não traça linhas de conexão com outras passagens que afirmam algo análogo. Conseqüentemente, forma-se a impressão de que o apóstolo se “repete”. Já apontamos para o “sobrevôo da águia” sobre a mesma paisagem. Ao ler e explicar a carta, temos de atentar conscientemente para o fato de como a repetição de afirmações semelhantes salienta todo o envolvimento do apóstolo por determinadas características básicas da verdade, que lhe são importantes para a vida da igreja.

Entretanto, não se trata apenas de repetições. Muitas vezes o leitor pode ter a impressão de que João faz afirmações que não combinam entre si, e que até mesmo parecem se contradizer inicialmente. Aqui reside uma dificuldade especial para a compreensão de 1Jo. Em 1Jo 1.8 se rejeita radicalmente a negação do pecado, já 1Jo 3.6 e 9 afirma a impossibilidade de pecar por parte de quem é nascido de Deus. Em numerosas passagens, “amar” constitui a característica daquele que “conhece a Deus”. Outras vezes importa “agir corretamente”, cumprir os mandamentos (1Jo 2.3s; 2.29; 4.7). E ainda outras vezes tudo parece depender da “fé”, ou seja, da doutrina correta: 1Jo 2.22s; 4.2s; 5.1. Por causa do estilo de João essas “contradições” saltam particularmente aos nossos olhos. João não empreende nenhuma tentativa para demonstrar a ligação mais profunda entre as diversas asserções e nos mostrar essas afirmações como um aspecto da paisagem única sobre a qual se move em círculos. Nós, porém, para lermos e compreendermos a carta, precisaremos recuperar conscientemente o que João, de acordo com sua maneira de escrever, não quis fazer. Nosso empenho em prol de uma interpretação correta muitas vezes terá de exercitar a combinação de frases isoladas, freqüentemente posicionadas muito longe uma da outra. Repetidamente tentaremos explicar uma afirmação do apóstolo com outra e vice-versa, dissolvendo assim as aparentes “contradições”. Alcançaremos a compreensão correta de 1Jo – como, aliás, de todo o NT – somente depois que nos dermos conta da integração de “doutrina” e “vida”, de “fé” e “amor”, de permanente pecaminosidade e renúncia decidida ao pecado, de “justificação” e “santificação”.

6) A peculiaridade de 1Jo, com suas sentenças abruptas, aliadas a uma grande cordialidade no tratamento da igreja e suas afirmações aparentemente contraditórias, deve-se ao fato de que o apóstolo está lutando contra a heresia, pela qual considera a igreja ameaçada. É verdade que não se pode afirmar que desmascarar e refutar a heresia seja a finalidade essencial ou até mesmo única de suas cartas. O apóstolo deseja servir à edificação da igreja e à clarificação correta de seu pensamento e sua vivência. Precisamente por isso suas cartas são compreensíveis e decisivamente relevantes para a igreja de todos os tempos. Contudo o olhar de João está continuamente voltado para a ameaça que as correntes gnósticas representam para o cristianismo apostólico. Leitores de hoje precisam considerar que essas concepções gnósticas não eram simplesmente fenômenos próprios da época e por isso relativamente irrelevantes, mas surgem constantemente em variadas formas, pondo em risco a fé e a vida da igreja de Jesus. Por isso a controvérsia do

apóstolo João com elas sempre é “atual”. No caso de João, essa controvérsia brota justamente do “amor”! Aqui não está falando um teólogo polêmico que busca ter sempre razão, mas um “pai” que ama seus “filhos” e tem de protegê-los da perdição advinda de desencaminhamentos.

Para o entendimento pleno das cartas de João é necessário que tenhamos uma idéia das correntes que desnorream e que o apóstolo classifica como um fenômeno escatológico e anticristão (1Jo 2.18; 4.3). Muitas frases do apóstolo de fato são verdadeiras em si mesmas e essenciais para a edificação da igreja. Mas ao mesmo tempo são determinadas, no conteúdo e na formulação, pelo confronto com adversários tão sérios.

II – OS “ALICIADORES” CONTRA OS QUAIS O APÓSTOLO FALA

O apóstolo não informa diretamente a respeito deles. Como já constatamos, ele não é um teólogo polemista. Não cita nem um nome sequer e não combate pessoas específicas. Porém determinados traços dos “aliciadores” transparecem.

1) Trata-se de pessoas que surgiram no seio da própria igreja (1Jo 2.19). Isso lhes confere influência especial. Seguramente desejam ser cristãos, e até mesmo oferecer um cristianismo superior. “Correm na frente” (2Jo 9). Não “permaneceram” naquilo que “ouviram desde o princípio” (1Jo 2.7,24), na mensagem apostólica simples e clara. Levantam uma reivindicação “profética” especial (1Jo 4.1) e desenvolvem uma atuação bem-sucedida e ampla (1Jo 4.5). Tampouco se trata apenas de pessoas isoladas. João fala de “muitos”. Sua consciência missionária fica clara pela formulação “saídos para o mundo” (1Jo 1.2; 4.1). Não é possível reconhecer se todos pertenciam a uma única tendência.

2) Com boas razões podemos localizar os “aliciadores” contra os quais João escreve no grande movimento do *gnosticismo*. Contudo será necessário levar em conta que esse movimento já existia antes do cristianismo e que, pelo que se sabe, era muito diversificado. Isso se mostra particularmente em seus grandes representantes posteriores, com seus sistemas intelectuais elaborados. Igualmente é preciso considerar que para nós o conhecimento exato do gnosticismo é dificultado pelo fato de já não dispormos de seus escritos próprios, conhecendo-o somente das obras de seus antagonistas eclesiásticos. Nos duros embates, é possível que muita coisa tenha sido involuntariamente arrancada do contexto e reproduzida de forma distorcida. Não obstante, podemos afirmar o seguinte: por trás de todo o gnosticismo encontra-se a busca do ser humano para se apoderar, por meio do “conhecimento”, da grande e enigmática totalidade do mundo e solucionar os “enigmas do mundo”. O que dizer sobre Deus? Por que o mundo é como é? De onde vem o mal? O que é o ser humano com seu senso para o bem, mas falível, frágil e refém da morte? Existe uma ajuda para o ser humano, uma “redenção”? Na resposta a tais indagações “pela razão e força próprias”, sem vínculo com a resposta de Deus pelos lábios dos apóstolos e profetas, o “gnosticismo” aparece em todos os tempos em formas renovadas e sempre “modernas”.

Não obstante, o gnosticismo não tenta solucionar essas indagações por meio de um raciocínio rigoroso, como fizeram grandes filósofos como Platão e Aristóteles. É certo que se aproveita toda espécie de idéias dos sistemas filosóficos. Simultaneamente, porém, as pessoas foram impressionadas e influenciadas pelas diferentes religiões de mistério vindas do Leste. O “gnosticismo”, o “conhecimento”, não é elaborado de forma intelectual, mas obtido por meio de experiências misteriosas, em “viagens celestiais da alma”. Nessa mescla de busca grega por conhecimento e religiosidade oriental, o gnosticismo evidencia-se como produto típico do helenismo.

3) Quando o cristianismo se expandiu pelo mundo gentílico e passou a exercer uma forte influência sobre as pessoas, chamou a atenção também dos gnósticos. Porventura não existiam aqui elementos novos e preciosos que pudessem ser aproveitados no gnosticismo? É óbvio que para isso o antigo cristianismo apostólico precisava ser reformatado, encaixado no gnosticismo e dessa maneira ser conduzido à sua verdadeira sublimidade e perfeição. Não há dúvida de que o ser humano precisa ser “redimido”, mas ele, afinal, não é um “pecador” que precisa ser lavado com “sangue”! Como “ser espiritual” original ele se precipitou na “matéria”, que em si é o “maligno”. Do mundo celestial vem um Redentor que não compra pecadores com sangue, mas que, como ente espiritual – ligado apenas transitoriamente com o ser humano Jesus ou apenas possuindo um corpo fictício – atrai a si as centelhas espirituais divinas no ser humano, conduzindo-as de volta ao mundo de luzes do verdadeiro Deus. Sem dúvida, somente os “pneumáticos”, nos quais vivem centelhas do divino, chegam ao alvo. Os meros “crentes” são “psíquicos” que alcançam, através de sua própria ação, uma forma inferior de beatitude. Os “hílicos”, porém, os de mentalidade materialista, tornam-se inevitavelmente reféns da perdição.

4) Para a conduta de vida resultam daí conseqüências opostas. Sem dúvida, o enfoque e a apreciação recém-delineados do ser humano pelos gnósticos já mostram que aqui existe uma ausência de qualquer amor genuíno que, em Jesus, busca justamente o que está perdido. Os gnósticos teriam abandonado Zaqueu ou a grande pecadora, como “hílicos” sem chance de redenção. Também se sentem superiores aos singelos crentes, meros “psíquicos”. Esses gnósticos não tinham absolutamente nenhuma noção do verdadeiro “amor fraternal”. E a natureza de Deus como amor pelos perdidos mediante o sacrifício de seu próprio Filho permaneceu incompreensível, até mesmo absurda. De resto, podiam ser ascetas severos que, na medida do possível, se esquivavam de todo contato com a “matéria”. No entanto, ao mesmo tempo podiam exibir toda a “liberdade” do “pneumático”, do “ser humano espiritual”, desprezando

intencionalmente qualquer mandamento ético. Que esse corpo material insignificante satisfaça a todas as suas pulsões enquanto durar, pois isso nada importa ao gnóstico com sua visão de Deus e seus sublimes conhecimentos!

5) Realmente constatamos no gnosticismo tudo o que João combatia nos “aliciadores”. Temos certa razão em classificar os aliciadores nas epístolas de João como gnósticos. Contudo faremos bem se lembrarmos a largura da correnteza, inconcebível para nós, em que fluía todo o movimento do gnosticismo.

É revelador enfocar as tendências contra as quais o apóstolo Paulo teve de lutar em Corinto a partir das cartas de João. Também em **1Co 8.1** consta o termo-chave *gnosis* = “conhecimento”. Paulo percebe o perigo que esse tipo de gnose representa: ela “ensoberbece”, renegando assim o “amor” que, afinal, é a única coisa decisiva diante de todo conhecimento e toda riqueza “pneumática”. O “amor” também era desprezado em Corinto pelas “palavras-de-ordem de liberdade” dos “pneumáticos” (**1Co 8.9,11**). É possível que por trás do partido de Cristo em Corinto (**1Co 1.12; 2Co 10.7**) já existissem as idéias gnósticas de um “Cristo espiritual”, que pode ser captado diretamente e sem os apóstolos com sua mensagem de Jesus. Poderia advir daí, tendo um sentido diverso do que comumente supomos, a acusação contra Paulo de que ainda era “carnal” e ensinava um Cristo inferior, a quem só conheceria de “modo carnal” (**2Co 5.16; 10.2**). Paulo não era suficientemente “pneumático” para os novos líderes em Corinto, não era um “gnóstico”, mas, na melhor das hipóteses, só um “psíquico”. Ao tratar de seu arrebatamento até o terceiro céu e ao paraíso em **2Co 12**, é possível que esteja respondendo a imputações de que não teria realizado nenhuma “viagem celestial da alma”, algo de que se vangloriavam os novos mestres “gnósticos” em Corinto. Em Paulo também nos deparamos, precisamente nas cartas aos coríntios, com a mesma rejeição áspera dos novos mestres das cartas de João. Também Paulo vê que quem atua neles é o próprio Satanás (**2Co 11.13-15**). De maneira nenhuma se pode contemporizar suas palavras e atitudes. Aqui a única opção é travar uma luta radical (**2Co 10.1-6**).

6) Vemos que as cartas de João – assim como as cartas de Paulo – são documentos “históricos” que até em suas minúcias se referem a uma situação histórica específica de determinadas igrejas. Não obstante elas ao mesmo tempo dizem respeito a nós da forma mais viva imaginável. Afinal, já vimos acima que em si as declarações de João são ensino e exortação para a igreja de Jesus. A igreja de Jesus, porém, é essencialmente a mesma, apesar de toda mudança dos tempos e das situações. Vigora aqui o chamado que João ouve internamente e transmite a todas as igrejas no final das sete “missivas” do Senhor exaltado: “Quem tiver ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.” Aquilo que João escreve em suas três cartas, principalmente na primeira, é a palavra que o Espírito diz às igrejas de todos os tempos e lugares, mas os traços básicos do ameaçador “aliciamento” continuam essencialmente os mesmos até hoje, apesar de toda a diferença histórica. O empreendimento do gnosticismo corresponde ao anseio do ser humano natural que tenta se apoderar de Deus com sua própria sabedoria e força e quer solucionar por si mesmo os “enigmas do mundo”, porque não quer admitir sua separação de Deus por causa de seu pecado nem aceitar a redenção através do grande sacrifício do Filho de Deus encarnado. “Diluir” o Jesus Cristo bíblico, ignorar o verdadeiro amor de Deus e por isso também menosprezar o amor aos irmãos constitui sempre a característica sedutora de tendências que se dirigem contra o cristianismo apostólico e tentam deixá-lo para trás como ultrapassado, estreito e insignificante.

III – O AUTOR DAS TRÊS CARTAS

1) Somente agora nos debruçaremos sobre a questão da autoria das três “cartas de João”. A extensa primeira carta não se adequou à forma comum da carta na Antigüidade. Por isso aventou-se se esta seria realmente uma autêntica “carta” ou então uma “pregação” manuscrita, um escrito que hoje classificariamos como “tratado”. Contudo nesse caso deveria ser uma pregação a uma igreja em situação muito específica que o autor pode interpelar repetidamente a partir do conhecimento mais precípuo de seus membros. Uma “pregação” dessas não se distinguiria essencialmente de uma carta mais longa ou de uma “missiva” apostólica. Podemos tranquilamente manter a designação “cartas” de João.

2) A questão da autoria das cartas coincide com a pergunta sobre o autor do quarto evangelho. Mesmo para o leitor comum da Bíblia a coincidência de estilo e de visão de mundo entre as três cartas e o quarto evangelho é tão visível que não se pode duvidar da identidade do autor. Obviamente também podemos explicitar diferenças lingüísticas. Mas quem analisa a fundo conhecidos escritores alemães sabe quantas e consideráveis diferenças de estilo e vocabulário existem nas diferentes obras da mesma pessoa, dependendo da época e contexto de cada uma. Em decorrência, a demonstração de vocabulários distintos não constitui prova de que não foi a mesma caneta que escreveu tanto a carta quanto o evangelho. Pede-se ao leitor que leia a respeito da “questão joanina” na Introdução ao Evangelho de João, na Série de Comentários Esperança. Se o apóstolo João for o autor do quarto evangelho, também será ele quem escreveu as três cartas de que trataremos no presente volume.

3) Na realidade, em **1Jo** João não cita seu nome, porém inclui-se entre aqueles que “ouviram” a palavra da vida, que a “viram com os olhos”, cujas “mãos a apalparam”. Portanto, o homem que escreveu a carta de qualquer forma é alguém que viveu muito perto de Jesus, de sorte que foi não somente testemunha auricular e ocular, mas até mesmo “testemunha manual” de Jesus. Evidentemente sempre é possível levantar a crítica, até mesmo diante de declarações tão maciças, que tudo isso poderia ser mera “metáfora” do conhecimento de Cristo obtido por um cristão posterior. Contudo, enquanto palavras ainda possuírem sentido, somente alguém que viveu um relacionamento mais íntimo e pessoal com Jesus, alguém do grupo de “três” que Jesus levava consigo em ocasiões especiais (**Mt 17.1; 26.37**) poderá

falar da maneira como se fala em **1Jo 1.1**. Também testemunho próprio no intróito da primeira carta nos remete para “o ancião” que era o único dos “três” a restar depois da morte precoce de seu irmão Tiago e da morte de Pedro.

4) Na segunda e terceira cartas o autor acompanha o costume antigo, indicando a si mesmo como remetente no topo da carta. Apresenta-se ali como *ho presbýteros*, literalmente: “o ancião” ou “o velho”. Não pode ser entendido como “nomenclatura de um cargo”, visto que em nenhuma igreja havia “o ancião”. Em todas havia a instituição de “anciãos”, no plural (cf. **At 14.23**; **Tt 1.5**). A palavra *presbýteroi* com artigo definido caracteriza “os velhos”. Para Papias, que escreveu entre 120 e 160 d.C., eles são cronologicamente os discípulos e as testemunhas oculares diretas de Jesus, sobretudo os apóstolos. Desse grupo vivem, na época de Papias, somente dois homens: Aristião e “o velho João”. Justamente por isso o apóstolo que sobreviveu a todos deve ter sido conhecido como “o velho”. Ele próprio assumiu esse nome para si, evitando assim seu nome pessoal nas cartas, do mesmo modo como tampouco o cita no evangelho. Lá ele é “o discípulo que Jesus ama”, e aqui “o velho”. Dessa forma confirma-se também aqui a autoria das cartas pelo apóstolo João.

IV – OS DESTINATÁRIOS DAS CARTAS

Na 2ª e 3ª carta encontramos uma indicação de endereço. Apesar disso não estamos em uma situação tão favorável como nas cartas do apóstolo Paulo. A 2ª carta do “velho” dirige-se a uma igreja, que é interpelada, pela metáfora de uma senhora, como “senhora eleita”. Mas não sabemos onde vivia essa igreja. Tampouco podemos extrair um quadro real dela desta breve missiva. Está ameaçada pelo gnosticismo, sendo desafiada a rejeitar duramente todos os falsos mestres. Sendo a carta do apóstolo João e esperando ele por uma próxima visita pessoal à igreja, ela deve ser localizada no espaço da *Asia*.

A 3ª carta dirige-se a certo “Gaio”, acerca do qual, no entanto, não temos nenhuma informação a não ser o que transparece nesta carta. Tampouco somos informados em que igreja ele vivia. Contudo deve ser uma igreja diferente daquela a que se dirige a 2ª carta, e evidentemente outra que não aquela em cujo meio João se encontra na época.

Lamentavelmente sabemos menos ainda sobre os destinatários da primeira carta. Podem ser residentes em uma única congregação maior. Porém a carta igualmente poderia ser dirigida a várias igrejas, às quais o apóstolo está ligado. Se ele viveu e atuou por um período mais longo em Éfeso, como diz a tradição eclesiástica, então evidentemente também conhecia de perto os agrupamentos cristãos nas cidades circunvizinhas. Em favor da *Asia* depõe também a circunstância de que em passagem alguma as cartas tratam de questões saídas do judaísmo que pudessem transtornar uma igreja. Além da referência a Caim em **1Jo 3.12** falta qualquer citação do AT. Fica evidente que se trata de igrejas puramente cristãs gentias, como corresponde à região da *Asia* e sua antiga colonização pelos gregos.

V – A ÉPOCA DO SURGIMENTO DAS CARTAS

Discutiu-se muito se as cartas foram escritas antes ou depois do evangelho de João. Se for correto entender **Jo 21.24s** no sentido de que o evangelho não foi mais publicado pelo próprio João, mas por um grupo de discípulos e amigos depois de sua morte – por isso a enfática explicação da palavra de Jesus a João em **Jo 21.23** –, então obviamente as cartas foram escritas antes. Aponta nessa direção sobretudo a circunstância de que aparentemente João ainda viajava de forma intensa. As condições eclesiais relativamente iniciais ficam evidentes no fato de que ainda não existia uma “constituição” da igreja com “detentores de cargos”. O apóstolo se dirige “à igreja”, não a pessoas responsáveis, dirigentes, p.ex., a um “bispo”. Diótrefes, mencionado na terceira carta, de forma alguma deve ser considerado “bispo” da igreja. Visa “ser entre eles o primeiro”, justamente porque não o é por meio de um “cargo episcopal”.

A influência do “gnosticismo” não é argumento para não datar a redação em época anterior. O “gnosticismo” já existia antes do cristianismo. Sua tentativa de agora dominar também o cristianismo pode ter começado cedo. Vimos como os “aliciadores” em Corinto eram semelhantes aos homens que João rejeita tão asperamente. Conseqüentemente o combate de João ao gnosticismo não nos obriga a situar suas cartas apenas no final do séc. I, ainda mais porque o “gnosticismo” como tal nem mesmo é citado. O que ameaçava a igreja de João não era nada essencialmente diferente daquilo com que Paulo já se debatia em Corinto por volta do ano 55.

VI – A INTEGRIDADE DAS CARTAS

Naturalmente também houve tentativas de contestar a integridade de **1Jo**, compreendendo várias “separações de fontes” e diversas transposições de frases isoladas ou blocos. No entanto, até mesmo Jülicher, um teólogo bastante crítico, comentou a esse respeito que esse tipo de esforço de crítica estilística é apropriada para anular um ao outro. Não nos deteremos com essas hipóteses incertas.

Cabe dizer somente uma palavra acerca do chamado *Comma Johanneum*. Em antigas edições latinas do NT, **1Jo 5.7s** tinha a seguinte locução: “Porque três são os que testemunham sobre a terra, o Espírito, a água e o sangue, e esses três são um só em Cristo Jesus. E três são os que testemunham no céu, o Pai, o Verbo e o Espírito.” Existe também a seqüência inversa: “Porque três são os que testemunham [no céu]: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo; e esses três são

um só. E três são os que testemunham [na terra]: o Espírito, a água e o sangue, e esses três são um só.” Não há como determinar com segurança quando, onde e de que maneira o acréscimo sobre as três testemunhas “no céu” entrou nos textos latinos de 1Jo. De maneira geral reconhece-se, porém, que o adendo é posterior. Isso é demonstrado pelo fato de que em nenhum momento a tradição textual grega traz o *Comma Johanneum*. O adendo também não faz sentido na concatenação da passagem. Para João importa o testemunho de Deus que podemos ouvir ou ver na terra, não um “testemunho no céu” que não nos alcança.

VII – O SIGNIFICADO ESPECIAL DAS CARTAS DE JOÃO NO TODO DO NT

João não tem um “evangelho diferente”. Poderia afirmar, em concordância com Paulo, em vista das demais testemunhas do NT: “Portanto, seja eu ou sejam eles, assim pregamos e assim crestes” (1Co 15.11). Estriba-se expressamente no que os leitores de suas cartas “ouviram desde o princípio” (1Jo 2.7 e 14). Não obstante, João detém uma tarefa singular no NT como um todo, que torna suas cartas preciosas e insubstituíveis para nós, na nossa época. João vê que a “vida” está em risco! “A vida se manifestou” – “Passamos da morte para a vida” – “Quem tem o Filho tem a vida” – isso é começo, meio e fim de sua primeira carta. Dessa maneira ele relaciona a mensagem do NT a uma incontornável questão fundamental e a um anseio essencial de todo ser humano, também do ser humano de hoje.

Ao mesmo tempo, João viu de forma particularmente clara o que também a psicologia moderna está começando a reconhecer novamente: que a vida real e essencial consiste no amor. Paulo também enaltece o amor de Deus (Rm 5.5b-11), passando depois a atestar a singular magnitude do amor diante de todos os demais bens interiores em 1Co 13. Os múltiplos temas concretos de suas cartas são cabalmente imprescindíveis para nós. Mas o fato de João transformar esse tema decisivo no conteúdo principal de suas cartas representa uma dádiva. “Deus é amor”: não é só João que diz essa frase. “Quem não ama permanece na morte”: só João fala de forma tão radical a respeito da necessidade absoluta do amor. Assim João é capaz de nos explicitar a magnitude e imprescindibilidade do evangelho de uma maneira que atinge o homem como ser humano e, por isso, os seres humanos de todos os tempos, obrigando-os a ficarem atentos.

Para nós é salutar que nessa mensagem se fale de forma tão singela e breve de João. Sendo tão breve e radical, o “apóstolo do amor” nos ajuda a rejeitar também toda heresia e desencaminhamento. Sem dúvida, também a carta aos Gálatas e as duas epístolas aos Coríntios de Paulo são perpassadas pela luta contra todo esvaziamento e deturpação do evangelho. Mas João ajuda a traçar a linha de separação de forma incisiva: quem não traz a mensagem genuína, não deve nem mesmo ser saudado (2Jo 10)! Revela-nos o espírito do anticristo em cada um que “dilui a Jesus” (1Jo 4.3). Em João não pode haver dúvida de que essa dureza vem do verdadeiro amor. Carecemos desse tipo de atitude!

Desse modo podemos nos entregar com expectativa especial à leitura das cartas de João. Serão necessárias coragem e pesquisa séria para compreendê-las bem. Mas igualmente obteremos grande enriquecimento e agradeceremos a Deus por ter transformado essas cartas em uma parte significativa do NT.

VIII – OS MAIS IMPORTANTES COMENTÁRIOS SOBRE AS CARTAS DE JOÃO

Encontramos a *Auslegung für Bibelleser* [Explicação para leitores da Bíblia] de A. Schlatter, aprovada desde sua publicação, no vol. 10 da coletânea *Schlatters Erläuterungen zum NT*, Berlim: EVA, 1965.

No vol. 10 *Die Kirchenbriefe* [As cartas eclesiais] da conhecida obra *Das Neue Testament Deutsch*, Friedrich Hauck também traduziu e comentou as cartas de João. Göttingen, 1947.

Wilhelm Schütz forneceu um bom comentário em *Bibelhilfe für die Gemeinde* [Auxílio bíblico para a igreja], Berlim: EVA.

Ainda hoje vale a pena ler o comentário do Prof. Friedrich Büchsel, de Rostock, publicado no *Theologischer Handkommentar*, vol. XVII, Leipzig, 1933.

Da parte católica romana existe uma exaustiva explicação das presentes cartas no vol. *Herders theologischer Kommentar zum Neuen Testament*. O usuário é instruído acerca de questões relevantes por meio de detalhados excursos.

Auslegung des Neuen Testaments, Johannesbriefe/Judasbrief

Primeira Carta de João

O INTRÓITO DA CARTA

MOTIVO E FINALIDADE DO ESCRITO – 1Jo 1.1-4

- 1 – O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida
- 2 – (e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada)
- 3 – o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo.
- 4 – Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa.

1-4 Logo que começamos a ler a carta, percebemos toda a diferença com as cartas do apóstolo Paulo. Enquanto Paulo adota a forma usual de carta da época, preenchendo-a com novo conteúdo, João não se importa com essa forma. Não menciona seu nome nem seu “cargo”. Não caracteriza os destinatários de sua missiva nem envia uma saudação explícita. A 2ª e a 3ª cartas, porém, nos revelam que também ele é capaz de empregar a forma usual epistolar. O fato de não fazê-lo na presente carta deve ter uma razão especial. Desde a primeira palavra ele está completamente tomado pela grande causa em destaque. Esse envolvimento, pela contundência e magnitude da mensagem que ele precisa comunicar, reflete-se imediatamente na estrutura das primeiras linhas da carta. João não consegue falar dela de maneira “elegante”. As palavras e frases se atropelam e acumulam para que de alguma forma possam expressar a potência do que está diante dele. No v. 2 se vê forçado a fazer uma interrupção e exclamar com júbilo contido o grande acontecimento do qual é testemunha. Somente então retoma a frase séria, levando-a ao alvo, tomado e comovido por toda a glória do testemunho que lhe cumpre entregar aos destinatários da carta. Por isso não pode se deter com o costumeiro “intróito da carta”. Passa imediatamente ao assunto.

No entanto, é justamente esse assunto que faz com que ele mesmo precise inserir-se inteiramente nela, ainda que não cite seu nome. Não se denomina “apóstolo” nem reivindica expressamente “autoridade apostólica”. Mas essas primeiras linhas de sua carta representam uma única exposição do que na verdade são um “apóstolo” e sua autoridade apostólica. O apóstolo é a testemunha original que viu com os próprios olhos e ouviu com os próprios ouvidos, de cujo testemunho vive a igreja crente de todos os tempos. Contudo esse testemunho não o coloca como “senhor” acima da igreja. Para ele é plena alegria transmitir sua mensagem à igreja e preservá-la na mensagem clara original. Hoje também nós dependemos do “apóstolo”, cabendo-nos, portanto, ouvir sua carta como palavra que alicerça nossa fé e nos instrui na fé e vida condizentes.

1 João inicia aqui com a grande questão que diz respeito a todos nós. Quer contar-nos “**o que era desde o princípio**”. Somos remetidos para o “**começo**” do mundo: “No princípio Deus criou céus e terra.” Mas esse “começo” não é apenas o início cronológico. Os latinos reproduziram o termo grego *arché* com *principium*. Deriva-se daí a palavra “princípio”. “O que era desde o princípio” não significa apenas aquilo que era “inicial”, mas também o que é “por princípio”, fundamental, original, essencial. É aquilo que existia “antes da fundação do mundo” e embasa toda a existência. É isso que deveríamos conhecer e ter a fim de poder entender de forma correta e realmente preencher a nós e nossa existência. Contudo, “**o que era desde o princípio**” já não é visível para nós. Está encoberto, oculto e foge ao nosso alcance. Muitos pensadores o buscaram, mas não o encontraram e evidentemente não o encontram. Por isso também não existe nenhuma certeza sobre a essência das coisas, sobre o sentido e alvo do mundo e da vida humana. No final da frase João chama “**o que era desde o princípio**” de “**a palavra da vida**”. É a palavra viva, a partir da qual a vida fala e que por isso traz a vida. Quem aceita essa “palavra” passa a ser partícipe da vida essencial.

Na seqüência vem a mensagem apostólica presenteando-nos com aquilo que “**era desde o princípio**”. Compreendemos que João não se detém com detalhes como remetente, endereçamento e saudação quando tem algo tão imenso a declarar: Sabemos “o que era desde o princípio”, testemunhamos e proclamamo-lo a vocês para que sejam partícipes e possam viver disso.

No entanto, como é possível que os apóstolos consigam trazer à humanidade aquilo que os sábios do mundo não encontraram? Serão eles pensadores maiores e mais profundos? Porventura desenvolveram métodos especiais para penetrar até o que é “original” e apropriar-se dele? No contexto de João e das igrejas confiadas a ele existiam homens influentes que enalteciam em si mesmos estas capacidades e realizações, causando impacto e obtendo influência até no seio das igrejas. João rejeita cabalmente todos esses caminhos usados para tentar chegar até “**o que era desde**

o princípio". Ele e seus co-apóstolos encontraram aquilo que transmitem à igreja (e portanto também a nós hoje!) de maneira totalmente diferente. Algo aconteceu da parte de Deus, a respeito do que o versículo seguinte falará de imediato. **"O que era desde o princípio"** saiu de sua ocultação. Tornou-se **"manifesto"**. E agora passa a ser aquilo **"que ouvimos e que vimos com nossos (próprios) olhos, o que contemplamos e que nossas mãos apalparam."** Por isso esses **"nós"** são capazes de no-lo **"anunciar"**, como pura dádiva que lhes foi concedida, sem quaisquer realizações.

Neste ponto João se agrupa aos outros apóstolos em suas declarações, dizendo **"nós"**. Não estão em foco sua pessoa, nem experiências especiais, puramente pessoais, obtidas única e exclusivamente por ele. Por ser israelita, ele sabia que o testemunho de um só não valeria nem deveria prevalecer (Dt 19.15; 17.6). Somente o testemunho concorde de pelo menos dois ou três homens atesta os fatos com validade.

É precisamente de fatos e dados concretos que trata a mensagem apostólica, em radical contraste com todas as idéias pessoais, especulações filosóficas, experiências místicas e visões religiosas. São fatos de uma realidade histórica plena com que os apóstolos se defrontaram e dos quais se convenceram, assim como sempre ocorre diante de fatos. Tinham se achegado a Jesus, ao ser humano histórico Jesus. Eles o haviam **"ouvido"**, muitas vezes. Eles o haviam **"visto"** durante um convívio de muitos anos, e até mesmo estiveram junto dele de forma **"palpável"**. Eram testemunhas auriculares e oculares, e tinham até mesmo tocado Jesus. Não é possível falar desse testemunho de maneira mais radical do que João faz aqui.

Então os apóstolos reconheceram **"a palavra da vida"** naquele a quem ouviram e viram e apalparam com as mãos. João dirá no evangelho: **"Vimos a sua glória, uma glória como do Filho unigênito de Deus, cheio de graça e verdade."** Na pessoa de Jesus **"a palavra da vida"** havia chegado ao mundo com toda a concretude. **"A palavra se fez carne e acampou entre nós"** (Jo 1.14). Já antes de todo o **"princípio"** do mundo Deus externou sua natureza interior. Colocou essa **"palavra"**, pela qual se expressava, diante de si como uma **"pessoa"**. Por isso essa **"palavra"**, que carrega dentro de si a natureza mais precípua de Deus, é chamada também de **"o Filho"**. Como palavra do Deus vivo ela é **"a palavra da vida"**. Já está no **"princípio"** com Deus, e a criação do mundo aconteceu por meio dessa **"palavra"**. E com Jesus essa **"palavra da vida"** veio ao mundo decaído de Deus, dando a vida ao mundo (Jo 6.33). Por essa razão aquilo que em Jesus **"era desde o princípio"** está novamente entre nós de modo audível, visível e palpável. Aquilo que sempre tinha sido procurado sem sucesso pode ser encontrado em Jesus. Agora os membros mais humildes da igreja de Jesus possuem aquilo pelo que os grandes pensadores buscaram em vão. Em 1Jo 2.12-14 João o proclamará com profunda alegria aos **"pais"** na igreja, mas no fundo seguramente a todos os que crêem em Jesus.

- 2 O que existia desde o princípio pode agora ser tocado com as mãos. Como, porém, isso é possível? Algo inaudito aconteceu. João tem de interromper sua frase, para primeiro exclamar a **"alegre mensagem"** desse acontecimento com júbilo interior: **"E a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada."**

A vida se **"manifestou"**. Desde a queda do pecado ela esteve **"oculta"**, encoberta, impossível de localizar. Agora foi exposta em Jesus e pode ser **"ouvida"**, **"vista"** e **"tocada"**. Isso diz respeito a cada ser humano! Ainda que aquilo **"que era desde o princípio"** seja importante apenas para mentes que indagam e pesquisam mais profundamente, com certeza tudo o que possui semblante humano anseia pela **"vida"**. Todos conhecem esse enigma de nossa existência, de que é certo que **"vivemos"** (no sentido de *bios*) e apesar disso temos de buscar sem cessar pela **"vida"** (*zoé*) verdadeira, essencial, porque evidentemente não a possuímos. As pessoas fizeram inúmeras tentativas em todas as áreas para alcançar a **"vida"**! Como o anseio por **"vida"** perpassa todas as poesias do mundo! E por trás dos descaminhos e das trajetórias de pecado das pessoas freqüentemente está o desesperado desejo de finalmente encontrar a almejada **"vida"**. Sede de vida, da verdadeira vida, aflige o ser humano. É justamente a essa vida **"verdadeira"**, **"essencial"**, **"plena"** que João se refere quando a chama de **"a eterna"**. Não se trata de uma duração eterna propriamente dita, que poderia ser algo terrível se for **"perdição eterna"**, **"morte eterna"**. Trata-se da vida que por natureza é capaz de suportar a duração eterna.

João utiliza para **"eterno"** a palavra **"eônico"**. Será útil para nós prestar atenção nisso. Porque **"eterno"** é – pelo menos para nós – um conceito filosófico abstrato que causa a impressão de

atemporalidade rígida e vazia. Contudo, isso é exatamente o que a Bíblia, que pensa em termos tão concretos e corporais, não quer dizer! Sem dúvida “éon” também pode designar simplesmente o antiquíssimo passado e o futuro muito distante. Contudo também nesse caso trata-se de uma plenitude concreta e não de uma “atemporalidade” abstrata. Entrementes havia se tornado usual no contexto judaico classificar todo o curso atual do mundo como o “presente éon mau” (Gl 1.4) e lhe contrapor o novo “éon” vindouro. “Vida eônica”, por isso, pode referir-se à vida que pertence ao éon vindouro, a “vida do mundo futuro”, como diz a igreja no Credo Niceno. De qualquer forma, “eterno”, “eônico” não é definição de quantidade, mas um conceito de qualidade. “Vida eterna” é vida verdadeira, plena, divina, que como tal evidentemente também está liberta da transitoriedade e da morte e dura de forma inesgotável.

De acordo com o que explicitamos acima na Introdução, às p. 298s, acerca do estilo peculiar de João, faremos bem em considerar desde já, com base em 1Jo 3.14 e 4.7s, que para João essa vida verdadeira, “eônica” consiste em “amar”. As frases de 1Jo 1.2: “a vida se manifestou” e 1Jo 4.9: “o amor de Deus se manifestou” são totalmente paralelas. Isto representa desde já um contraste decisivo e profundamente incisivo na vida em relação ao gnosticismo. A “vida” não é documentada em qualidades misteriosas quaisquer ou em grandes dons espirituais. Passamos da morte para a vida quando “amamos”. Quem não ama permanece na morte, mesmo que ainda tenha os mais brilhantes conhecimentos (*gnosis*) e possa comprovar as mais maravilhosas experiências místicas. O amor, porém, é também aquilo que “era desde o princípio”, porque Deus é amor e criou o mundo por amor e para o amor. No amor se tornam visíveis o sentido e alvo de toda a existência. No “amor” a “vida eterna” se torna concreta e palpável.

Essa vida estava oculta “junto do Pai”. João não diz se essa vida – em Jo 1.4 ela é chamada de “a luz dos seres humanos” – pertencia originalmente às pessoas e lhes foi tirada somente em decorrência da queda do pecado, ou se ela seria concedida aos humanos como fruto da “árvore da vida” somente depois da aprovação no teste de obediência na árvore do conhecimento. João encontra-se plenamente no tempo presente. E para ele é fato incontestável: a verdadeira vida plena, por mais intensamente que tenha sido procurada e desejada, não era conhecida por ninguém. Agora, porém, ela se tornou “**manifesta**” para nós. Que mensagem extraordinária!

- 3 João não se cansa de salientar a profunda diferença da proclamação apostólica em relação ao ensino do “gnosticismo”, à visão de mundo filosófico-religiosa. Retoma sua primeira frase e repete a asserção: “**O que vimos e ouvimos, isso proclamamos também a vós.**” Um apóstolo não dispõe de “conhecimento” em virtude de seu próprio trabalho intelectual. Tampouco informa sobre “visões” de cunho misterioso que experimentou. Não: os apóstolos proclamam aquilo que “**viram e ouviram**” de maneira real em circunstâncias históricas. Pela anteposição do “ver” isso é salientado ainda mais neste versículo.

Essa proclamação apostólica já foi feita de forma fundamental aos destinatários da carta no passado. João trata-os muitas vezes de “filhos” ou “filhinhos”. Por isso deve ser de forma ampla seu “pai” espiritual. De maneira expressa, ele assegura em 1Jo 2.21 que não lhes escreve como se ainda não conhecessem a verdade. São cristãos. A igreja ou as igrejas a que se dirige a carta evidentemente existem há algum tempo, de sorte que membros antigos da igreja puderam se separar dela e passar ao “gnosticismo” (1Jo 2.19). Mas por causa dessas ocorrências as igrejas carecem de nova proclamação, que as esclareça e fortaleça. Por isso João fala de sua pregação no tempo presente. Não aponta para seu serviço anterior: “Nós vo-lo proclamamos”, mas declara: “**Nós o proclamamos também a vós.**” A forma textual do “também” é controvertida. Entretanto, se foi escrito por João, ele está vendo diante de si sua pregação contínua como apóstolo e inclui a carta que agora escreve a determinadas igrejas nessa proclamação abrangente. Anuncia “também” a eles, que como crentes careciam igualmente, de forma constante, da mensagem apostólica. A fé não é uma propriedade imóvel que pode ser agarrada uma vez para depois ser possuída sem contestações. Os destinatários da carta passam por tribulações. Pessoas tentam libertá-los da singela proclamação apostólica e conduzi-los a novos conhecimentos “superiores”. Por essa razão João desempenha com grande seriedade e total engajamento sua vocação de testemunha.

Essa proclamação tem um alvo claro: “**Para que também vós tenhais comunhão conosco.**” O “ver” e “ouvir” (e “tocar”) haviam sido dados apenas a João e às demais testemunhas, não às igrejas da Ásia e muito menos a nós hoje. Mas os apóstolos nos arrastam com sua pregação para dentro de sua “**comunhão**”. A palavra que consta aqui, *koinonia*, designa “participação”. O que inicialmente

foi recebido somente pelo apóstolo como revelação da vida é agora “partilhado” por ele conosco, de modo que também nós tenhamos “participação” plena. Os crentes têm a vida, que é eterna, em proporção nada inferior aos apóstolos. Por isso João declarou expressamente no primeiro final de seu evangelho: “Esses (sinais), porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que mediante a fé tenhais a vida em seu nome” (Jo 20.31).

A “comunhão” entre o apóstolo e as igrejas existe há mais tempo. Em razão disso João não escreve: Nós vos proclamamos para que “obtenhais” comunhão conosco. Mas essa comunhão está parcialmente ameaçada. Novamente isso pode ficar claro para nós por meio dos acontecimentos em Corinto. As duas cartas aos Coríntios mostram como os novos líderes em Corinto investiram tudo para desvincular a igreja de Paulo, e até mesmo dos apóstolos em geral. A igreja, à qual João escreve, deve “ter” novamente plena “**comunhão**” com o apóstolo e conservá-la conscientemente contra toda a violação.

Nessa “**comunhão conosco**” as igrejas não desfrutam meramente de uma ligação pessoal apenas com o apóstolo. O que se forma por meio da mensagem apostólica são igrejas de crentes que têm pessoalmente, do mesmo modo como os apóstolos, a Deus como Pai e a seu Filho Jesus Cristo como seu Senhor, seu Redentor, sua vida e a esperança da glória. “**Nossa comunhão, porém, é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo.**”

- 4 João encerra o intróito da carta com uma pequena frase, cuja forma não está muito bem assegurada nos manuscritos. “**E escrevemos isso para que nossa alegria seja completa.**” Os manuscritos da *koiné* trazem, em lugar do enfático “nós”, um “vós”; e alguns manuscritos escrevem, em lugar de “nossa alegria”, “vossa alegria”. Essa última variante é a mais importante em termos de conteúdo. Mas sua comprovação não é suficientemente sólida. Pelo contrário, é mais compreensível que copistas pensassem que deveria se tratar da alegria dos destinatários, que se cumpre no momento em que lêem a carta de seu apóstolo. No entanto, João deve ter enfatizado que não realiza sua partilha apostólica a contragosto. Não, alegra-se com ela, e assim sua alegria chega à plenitude máxima. Podemos compreender isso muito bem. Conduzir pessoas à vida verdadeira, eterna, e conservá-las nela, certamente “**completa**”, apesar de todo sacrifício e toda a luta, “**nossa alegria**”.

Olhando mais uma vez em retrospecto para o “intróito” da carta, notamos que não apenas a forma do escrito é diferente em João e em Paulo, mas também que o conteúdo da mensagem é visto de outra maneira. João parte da pergunta candente a respeito da “vida”, assim como sua carta também será encerrada com o olhar para a “vida”. João tem plena convicção de que essa vida verdadeira não pode existir sem o “sangue do Filho de Deus”, sem a reconciliação na cruz. Falará disso de imediato em 1Jo 1.7; 2.2. Contudo em primeiro plano está para ele o fato de que “a vida” veio a este mundo de morte e se manifestou dentro dele. Isso corresponde inteiramente ao testemunho do evangelho conforme fora captado por João. A “chegada” do Filho já pode ser o evento fundamental da salvação e por isso sua percepção e a fé nele já podem ser a salvação para o ser humano. Por isso as palavras “eu sou” no “evangelho segundo João” são cabalmente essenciais. Decisivo é aquilo que Jesus “é” em pessoa. Suas palavras e seus atos emanam desse “ser” e concretizam aquilo que ele “é”. Por isso a verdade: “A vida se manifestou” é o alicerce de tudo o que João tem a dizer à igreja. Do mesmo modo fundamental Paulo afirma no início da carta aos Romanos: “Justiça de Deus se tornou manifesta” (Rm 1.17). As duas afirmações não se contradizem. Cada uma vê o acontecimento da revelação de outro ângulo, formando uma estreita unidade. Somente pessoas redimidas na justiça de Deus têm a vida verdadeira. A igreja de Jesus, porém, pode alegrar-se com os dois mensageiros de Deus, João e Paulo, e apropriar-se com profunda gratidão da riqueza de todo o NT. Para seu serviço ela aprenderá alegremente de João que a mensagem de Cristo é a resposta à pergunta pela “vida”, presente em todas as pessoas. A igreja não precisa se envergonhar do evangelho: ele é o único e verdadeiro cumprimento dessa pergunta e desse anseio.

ANDAR NA LUZ – 1Jo 1.5-2.2

5 – Ora, a mensagem que, da parte dele, temos ouvido e vos anunciamos é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma.

6 – Se dissermos que mantemos comunhão com ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade.

- 7 – Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros (ou: com ele), e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado.
- 8 – Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós.
- 9 – Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.
- 10 – Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós.
- 2.1 – Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo.
- 2 – E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.

5 Ao iniciarmos a leitura da carta propriamente dita, notamos rapidamente que em João não somente o intróito da carta é completamente diferente do que em Paulo, mas também a continuação apresenta uma característica bem distinta. Em suas cartas Paulo acrescenta “ações de graças” à saudação inicial. João começa de imediato, com dura brevidade e determinação, com aquilo que segundo ele é decisivo para a vida eclesial: **“E esta é a notícia que ouvimos da parte dele e vos anunciamos: Deus é luz, e nele não existem trevas.”** João não fundamenta essa frase vigorosa. Trata-se do “anúncio” de uma realidade. E essa realidade vem **“da parte dele”**, daquele Único que vem de Deus e conhece a Deus e por isso é capaz de nos dizer qual é a realidade de Deus. Os apóstolos o **“ouviram”**, e a igreja por sua vez deve ouvi-lo, da maneira como Ihes é anunciado pelos apóstolos. João não cita Jesus pelo nome nem aqui nem na primeira frase da carta, dessa maneira Jesus se torna grande. “Da parte dele” nós o ouvimos. Não existe outro ao lado “dele”. Todos sabem quem é “ele”. No entanto João tampouco cita determinadas palavras do Senhor para comprovar sua frase. Jesus é, em toda a sua pessoa, “a palavra” que nos traz a notícia de Deus. De tudo o que Jesus foi, disse e fez resplandeceu essa “notícia” de que **“Deus é luz”**. Nesse ponto não há necessidade de nenhuma “prova” por meio da citação de palavras específicas.

É característico para João que ele não explique as palavras “luz” e “trevas”. Com singela imponência ele as coloca diante dos leitores de sua carta, esperando deles que já saibam tudo o que estas palavras contêm. Ainda que João fale aqui de forma bem abrangente, faremos bem em não tomar as duas palavras de maneira excessivamente genérica, abstrata. Também aqui, cf. a Introdução, p. 298, devemos lembrar o estilo redacional de João, estabelecendo de nossa parte conexões entre afirmações do apóstolo que o próprio João não estabeleceu. Por isso olhamos para a asserção de cunho paralelo: “Deus é amor.” Isso não pode significar: Deus é “luz” por um lado e “amor” por outro. Deus não é polissêmico nem dicotômico. Não, Deus é “luz” precisamente por ser “amor”. Esta “luz” não é uma luz dura e fria. Ela é o brilho de seu amor. Contudo cumpre novamente assegurar, em contraposição a todas as compreensões equivocadas de “amor”, que o amor de Deus é uma “luz” límpida e pura.

Esse entrelaçamento total de **“luz”** e **“amor”** também nos leva a compreender concretamente o que se pretende dizer com as **“trevas”** que não existem em Deus. João não pretende negar que o dia de Deus, segundo a afirmação do profeta Amós, “pode ser trevas, e não luz” (Am 5.18) e que no agir de Deus muitas coisas podem parecer muito “obscuras”. Mas, em correlação com a unidade de “luz” e “amor”, João também interligou “ódio” e “trevas” (1Jo 2.9-11). Tão certo como é impossível que no “amor” haja “ódio”, tão impossível é que na “luz” haja “trevas”. Foi assim que João experimentou Deus em Jesus.

Reconhecer isso é importante para nós. Não é “evidente” que em Deus não haja “trevas”. Religiões e visões de mundo humanas sempre reivindicaram que também toda a escuridão que se encontra no mundo é devida a Deus. Nesse caso havia oposição entre deuses “bons” e “maus”, “claros” e “tenebrosos”. Ou havia no próprio Deus profundezas obscuras que fazem parte de sua natureza insondável. De onde toda essa escuridão viria ao mundo se ela não tiver seu fundamento em Deus, o Criador do universo? Tais idéias podem ter penetrado na igreja e desenvolvido certa atração. Não era brilhante e profundo falar assim de Deus? João formula, em contraposição (no grego com dupla negação), que é totalmente inviável que em Deus haja qualquer escuridão. Isso é evangelho libertador! Jamais precisamos temer que em Deus nos deparemos com algo sombrio ou até mesmo

apenas bruxuleante. Como é ambíguo nosso ser! Decepcionamos pessoas por causa disso, dificultando a verdadeira confiança! Involuntariamente transferimos para Deus nossa imagem deturpada. Porém Deus é diferente! Podemos confiar-lhe toda a nossa confiança, porque nele existe somente luz pura. Por meio dessa asserção, tão óbvia em si mesma, de que na “luz” não pode haver “trevas”, João prepara suas frases abruptas em 1Jo 3.6-9. Assim como é intrinsecamente impossível que na “luz” haja simultaneamente “trevas”, assim a permanência em Jesus e o estar abrigado em Deus é inconciliável com qualquer pecado. Isso não é uma determinação arbitrária e desnecessariamente dura. Isso decorre forçosamente da natureza divina de luz.

- 6 É nessa direção que João aponta de imediato no versículo seguinte. A notícia alegre que desperta nossa confiança, de que Deus é límpida luz, pode se transformar em juízo sobre nós. **“Se dizemos que temos comunhão com ele e (não obstante) andamos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade.”** Nessa frase tipicamente joanina nos deparamos com um **“Se dizemos”**, repetido depois nos v. 8-10. Na igreja de Jesus, que vive da “palavra”, muito **“se diz”**. Mas precisamos enfrentar esse grave questionamento a respeito da relação entre nosso “dizer” e a realidade de nossa vida – que a Bíblia chama de nosso “andar”. Em todos os três casos João aponta para um “dizer” que contradiz a realidade e por isso é “mentira”. Que perigo mortal nos é mostrado aqui, justamente nós, os “devotos”!

Cabe considerar, porém, que em João as palavras “mentir” e “mentira” se referem ao contraste substancial e “objetivo” com a “verdade”. A questão se nos damos conta subjetivamente desse contraste, de modo que consciente e intencionalmente enganamos a nós próprios e a outros, é apenas secundária. “Mentira” não inclui de antemão um veredicto “moral”. Podemos estar em contraposição à “verdade”, sem notá-lo realmente. Somente quando a contradição nos é revelada e apesar disso perseveramos nela, nosso “mentir” passa a ser aquilo que comumente entendemos por essa expressão.

“Dizemos que temos comunhão com ele”. Essa comunhão com ele havia sido demonstrada no v. 3 como o alvo da atuação apostólica. Devemos ter essa comunhão com ele, que é luz pura e límpida. Era precisamente isso que João queria. É nessa “comunhão com Deus” que consiste essencialmente o “ser cristão”. Mas agora pode ocorrer algo terrível. João aparentemente considera isso como realidade nas igrejas. Cristãos asseveram ter comunhão com Deus, mas seu **“andar”**, ou seja, sua vida de fato, acontece **“nas trevas”**. João torna essa frase tão desafiadora e eficaz justamente por não “explicá-la” e não se envolver em nenhuma discussão sobre ela. Examine pessoalmente sua vida! Porventura sua vida de fato acontece “na luz”? Ou será ela determinada por forças e poderes sombrios em determinadas áreas? Nessa questão temos de considerar especialmente o “ódio” ao irmão, do qual João ainda falará diversas vezes. O “ódio” é “trevas” em medida singular. Ou será que ocultamos também outras partes de nossa vida diante de Deus em uma escuridão para a qual fugimos? Uma coisa, diz João, ficará clara: “mentimos”, independentemente de estarmos cientes disso ou não. Ainda poderemos, então, dizer uma série de “verdades”, até mesmo verdades corretas, devotas e bíblicas; porém **“não praticamos a verdade”**. A **“verdade”** existe para que não apenas seja “sabida”, mas “praticada” e “vivida”. A pergunta sobre o “fazer” se impõe para João de forma direta. Viver é um “fazer” incessante. Esse “fazer” é determinado pela verdade, dada a nós em nossa comunhão real com Deus; então **“praticamos a verdade”**. Ou então nossa vida real contradiz a verdade que conhecemos e da qual falamos, e assim “mentimos” de uma maneira ainda mais perigosa que aquilo que entendemos por “mentira” no sentido usual, moral.

- 7 **“Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz.”** João considera possível, e até mesmo algo simplesmente óbvio que “andemos na luz”, que a luz a partir de Deus perpassa toda a nossa vida real e a submetamos a esta luz. Nós, porém, perguntamos assustados: se andarmos na luz, o que será de nós? Sabemos de toda a realidade do pecado em nós. Ele se torna visível na luz. Será que podemos nos apresentar com ele diante dos outros? Porventura não se romperá a comunhão com eles? E será que diante de Deus conseguiremos suportar o fato de estar na luz?

João replica: então **“mantemos comunhão uns com os outros (ou: com ele), e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado.”** Andar na luz não implica “ausência de pecado”. “Andar na luz” não significa uma vida imaculada e divina. Nem mesmo conseguimos ser pessoalmente “luz” agora. Seremos iguais a ele somente quando o virmos como ele é (1Jo 3.2). Contudo podemos viver “na luz”. E quando toda a nossa pecaminosidade se tornar visível na luz de

Deus, que a tudo perpassa, vigorará ao mesmo tempo a grande realidade: **“O sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado.”**

Agora João se posiciona totalmente ao lado de Paulo! João também não pensa que exista alguma “vida eterna” que pudéssemos obter sem mais nem menos de Jesus. João está ciente, exatamente como Paulo, de toda a realidade e potência do pecado que nos separa de Deus e conseqüentemente da vida. Por isso fala imediatamente do pecado. Ainda que no geral não saibamos muito acerca de nossos pecados ou até mesmo os neguemos, quando nos colocamos sob a luz de Deus e temos comunhão com Deus, o pecado se torna manifesto em nós com todo seu horror. O que será feito de nós, então? Existe socorro para mim em minha pecaminosidade? Sim! Esse é o cerne da mensagem que João traz, da mesma forma como todos os demais apóstolos. Existe um meio de nos libertar do pecado. **“O sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado.”** Novamente João não analisa nem explica nada, porém o apresenta como fato fundamental, esperando que cada ser humano que tenha relação com “pecado” preste atenção a essa mensagem. Confia em cada leitor que ele próprio pondere o que esse sangue significa para ele. É capaz de realizar o que nenhuma ciência, técnica, arte e poder do mundo jamais alcançarão: é capaz de purificar do pecado. Isso, no entanto, é o que todo ser humano necessita com maior urgência do que tudo o mais. Aqui se explicita o valor inconfundível e totalmente insubstituível da mensagem de Jesus. Obviamente por isso aquilo que nos está sendo oferecido como meio “para a purificação do nosso pecado” também representa em si algo surpreendente e incompreensível: é **“o sangue do Filho de Deus”**. Como alguém que é o “Filho de Deus” pode derramar seu sangue por meio da morte violenta? Como esse sangue consegue me purificar hoje? Como poderá “purificar-me” de forma que eu possa apresentar-me alvo e imaculado diante do Deus que é luz? João não trata dessas perguntas. Experimente o poder real desse sangue! Isso é decisivo. João salienta que ele purifica de **“todo pecado”**, não apenas de alguns pecados ou de pecados leves. Cada pessoa pode permitir que todo pecado, por mais odioso e mau que seja, venha a ser manifesto na luz de Deus e depois encontre a purificação no sangue de Jesus. Que mensagem! Unicamente por meio dela realmente podemos ter “comunhão com o Pai e seu Filho Jesus Cristo” e, nela, “vida eônica”.

Agora se torna compreensível por que João afirma que nesse andar na luz também se obtém a **“comunhão uns com os outros”**. A princípio, de fato o oposto parece ser verdade. Será que não nos refugiamos na escuridão justamente para que os outros não se assustem com nossos pecados e nos repudiem? Acaso não se rompe a comunhão quando o pecado vem à luz? No entanto, quando ocultamos a verdade de nossa vida, a comunhão já *está* destruída. Estamos separados dos outros por temor e constrangimento, sensíveis e desconfiados em nossa conduta. Em contrapartida, quando temos a coragem de mostrar nossa vida sob luz total pode despertar em outros uma maravilhosa confiança. No entanto, notemos também que não se trata de exibir o pecado em si, mas de testemunhar da experiência do perdão purificador de Deus! Essa experiência abre corações e conduz para um convívio franco, livre e alegre.

- 8 Ressoa um segundo **“Se dizemos”**. João sabe que o coração humano resiste a essa mensagem de “pecado” e “purificação”. Isso se mostrava com particular clareza nos grupos gnósticos, porém pode ter-se mostrado igualmente no seio da própria igreja. A palavra apostólica a respeito do “pecado” é realmente desafiadora e atinge o ser humano em seu orgulho mais íntimo. Ao mesmo tempo o ser humano é por natureza cego acerca de si mesmo e de sua verdadeira condição, precisamente a razão pela qual resiste ao cerne desta mensagem. Obviamente João experimentara que essa defesa se intensifica até a explicação: **“Pecado nós não temos.”** Já fora assim em Corinto: o casamento com a madrasta, a briga com o irmão perante tribunais gentílicos, a relação com a prostituta sacral – para os “pneumáticos”, os portadores do Espírito, nada disso era “pecado”. Desenrolava-se no mundo da vida exterior, material e não afetava a existência espiritual. Por isso certos grupos em Corinto também rejeitavam o arrependimento por “impureza, prostituição e lascívia” (2Co 12.21). Parece que, também nesse caso, se argumentava contra o chamado do apóstolo ao arrependimento com a convicção: **“Pecado nós não temos.”**

João somente consegue constatar: **“Se dizemos: pecado nós não temos, a nós mesmos levamos ao erro. E a verdade não está em nós.”** Ninguém pode estar verdadeiramente convicto de não ter pecado. Aqui as pessoas conduzem a si mesmas ativamente para longe da verdade em direção ao erro. A igreja, porém, não deve se deixar arrastar para esse caminho inverídico.

9 Demanda-se o contrário dessa “negação” do pecado, a saber, a “confissão” franca. Isso é coroado por uma maravilhosa promessa: **“Se confessamos nossos pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.”** “Confessar” aparece aqui como contraste fundamental em relação à negação e minimização do pecado. Por isso nada é dito acerca da forma desta “confissão”. Não sabemos se na opinião do apóstolo deve acontecer perante Deus ou também de pessoas, em momento reservado ou publicamente. Pelo jeito isso não é importante para João. Decisivo é o reconhecimento de que “temos pecado”. Trata-se de admitirmos nossos pecados com franqueza, sem atenuantes.

João não se contenta em nos assegurar que este confessar acarreta o perdão de Deus, como já experimentara o autor do Salmo 32 (v. 5). Ele formula de forma surpreendente: **“Deus é fiel e justo, para nos perdoar os pecados.”** Nós costumamos atribuir o perdão dos pecados preferencialmente à misericórdia de Deus, pensando que assim se prescinde da “justiça”. No entanto, poderia Deus, o Soberano e Juiz do mundo, deixar de lado sua justiça em benefício de uma misericórdia difusa? E se isso ocorresse, porventura o culpado algum dia chegaria a uma certeza real do perdão? Será que a “misericórdia” alcança o ponto de também abarcar meus pecados graves e constantemente repetidos? No meu caso, será que em última análise prevalecerá a justiça distributiva? A fim de que haja certeza de salvação para mim, é preciso que minha questão, a questão do meu pecado, seja decidida com “justiça” a favor da minha salvação. Por isso João destaca: Deus é **“fiel e justo”** em perdoar. É **“fiel”** porque se atém a suas promessas expressas. Todas essas promessas “têm em Jesus o sim” (2Co 1.20), inclusive suas promessas de perdão. Quando confio nessas promessas, não sou soberbo nem equivocadamente seguro, mas honro a fidelidade de Deus. Essa sua “fidelidade” é subjacente, como característica abrangente da natureza de Deus, a cada um dos cumprimentos de uma promessa. Como, porém, Deus pode ser **“justo”** ao apagar o pecado? Jamais poderíamos imaginar ou experimentar isso se o perdão apenas consistisse de um “dito” de Deus. Contudo ele reside em uma ação de seriedade absoluta e suprema justiça. “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.” (2Co 5.21). Todo pecado foi julgado e punido no Cabeça da humanidade, o Cristo, representante de todos os humanos. Deus é “justo” ao não vingar o pecado pela segunda vez em nós quando aceitamos Jesus como nosso substituto pela fé. Agora João consegue expressar de forma inversa que é justamente de nossas “injustiças” que essa “justiça de Deus” nos purifica. Purificar de injustiça: de fato isso constitui uma gloriosa ação da justiça de Deus! Nenhuma injustiça de nossa parte, embora realmente seja “injustiça, ofensa”, nos exclui da purificação, desde que nos achemos à luz de Deus e confessemos nossos pecados. Contudo nessa grande certeza, que a tudo abrange, não nos esqueceremos do enorme preço sem o qual esse milagre não poderia ter sido comprado para nós: o sangue do Filho de Deus.

10 Entretanto, por ser assim que Deus nos redime de nossos pecados com esse sacrifício extremo, vale também: **“Se dizemos: não pecamos, em mentiroso o transformamos, e sua palavra não está em nós.”** Nesse caso transformamos Deus em **“mentiroso”** não apenas em sua “palavra”, mas em seu feito na cruz! Deus entrega o Filho porque não podíamos ser salvos de maneira diferente e menos custosa. Nós, porém, declaramos que isso é desnecessário, visto que não teríamos cometido pecado. Os novos mestres que tentam conquistar a igreja põem de lado a mensagem da cruz. A igreja precisa compreender que isso não é coisa insignificante, não é mera diferença de teologia e de “opiniões”, mas que aqui **“Deus é transformado em mentiroso”**. Pela entrega de seu Filho, Deus afirma: tão grave é teu pecado! Nós afirmamos: Não, isso não é verdade! O Filho de Deus não precisava sangrar e morrer por nós, as coisas não são tão terríveis e desesperadoras no meu caso. Notemos a intensificação! Agora não “mentimos” apenas nós mesmos; não apenas “conduzimos ao erro”. Agora apresentamos como **“mentiroso”** aquele que “é luz” e no qual “não há trevas”! Aqui acontece uma blasfêmia que praticamente não ousamos pronunciar. Quem, no entanto, fala levemente do pecado e nega sua gravidade, deve ter clareza de que incorre nessa blasfêmia. Então fica explícito: **“Sua palavra não está em nós.”** Não encontrou em nós nenhum lugar em que se fixar, ela não se prende a nós, não a acolhemos, ela não governa todo o nosso pensamento sobre nós mesmos e sobre Deus. A palavra de Deus **“não está em nós”**. Ainda que saibamos interpretar lindamente palavras bíblicas aprendidas.

2.1 Quando é proclamada a soberana graça de Deus, da anulação total de toda culpa, aproxima-se de nós um outro perigo. Sendo assim, porventura o pecado perde sua gravidade funesta? Será que podemos nos expor tranqüilamente ao seu contágio, porque, afinal, o meio de salvação já

está de prontidão? João sabe que o trato leviano com o pecado por parte dos cristãos por causa do perdão pleno, “justo” não representa mero perigo teórico. Por isso agora ele assevera enfaticamente: **“Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis.”** João não explica isso em detalhes. Evidentemente espera que “seus filhinhos” o entendam por si. Quem encontra o “perdão justo” de Deus exclusivamente na cruz e no sangue do Filho de Deus, de forma alguma pode pensar: logo, pecar não é tão grave, posso tranqüilamente continuar a pecar. Então jamais teria compreendido o que o perdão de seus pecados custou. De qualquer modo o apóstolo deseja constatar expressamente que a finalidade de sua mensagem é a rejeição séria e resoluta do pecado. Também a palavra da certeza da salvação por meio da obra consumada de redenção na cruz visa ajudar a igreja a não pecar e usar a purificação de toda injustiça para uma negação cabal do pecado.

Porventura a igreja se torna, então, “sem pecado”? Essa “não-pecaminosidade” não seria para o apóstolo o alvo obrigatório? Nas afirmações de 1Jo 3.6,9 retornaremos a essa indagação. Tanto mais importante é dar ouvidos à palavra do apóstolo, com a qual prossegue aqui – segundo seu estilo, sem qualquer explicação mais precisa: **“Se, todavia, alguém pecar...”** Ou seja, é algo que obviamente acontece apesar do resolutivo “não” ao pecado. Será que agora tudo acabou? Porventura devemos condenar esse “alguém” como ocorre em 1Jo 3.8: “Aquele que pratica o pecado procede do diabo?” João afirma algo bem diferente: **“Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo.”** É evidente que nesse caso Jesus não precisa ser novamente crucificado por esses novos pecados. Mas ele torna a interceder hoje por nós junto ao Pai, como nosso **“Defensor”** ou **“Advogado”**. Pode fazê-lo, possui autorização para isso porque é **“o Justo”**. Nessa função ele não é “servo do pecado” (Gl 2.17). Sua intercessão é ouvida pelo Pai. Nós, porém, temos de ponderar muito bem que nosso pecado torna necessária a nova intervenção de nosso Redentor. Mesmo como redimidos e crentes não somos capazes de nos perdoar por eventuais novos pecados. Não podemos ignorá-los como irrelevantes. É preciso que novamente confessemos nosso pecado e busquemos e invoquemos nosso Advogado junto do Pai. Verdade é que em João não há a menor dúvida de que a intervenção de Jesus em nosso favor de fato acontece. Não diz absolutamente nada a respeito da possibilidade de que isso nos seja negado.

- 2 Essa intervenção em nosso favor se fundamenta naquilo que o próprio Jesus **“é”**. João acolhe aqui um entendimento decisivo que ele testemunha enfaticamente em seu evangelho. Todo **“fazer”** resulta de um **“ser”** essencial. Com toda a certeza Jesus consumou a reconciliação. Ela é **“obra”** dele, porém essa obra não pode ser dissociada de sua pessoa. Não paira como produto isolado ao seu lado. Não, **“ele mesmo é a reconciliação por nossos pecados, não apenas pelos nossos, mas também pelo mundo inteiro”**. Em toda a sua pessoa ele mesmo é **“a reconciliação por nossos pecados”**. Quando o descobrimos, encontramos-lo inteiramente como **“nossa reconciliação”**. Não foi **“reconciliação”** meramente no passado, na cruz. Ele o **“é”** também agora e em todo tempo.

E João, que sabe tão bem como tudo é concedido unicamente aos que crêem, salienta-o, apesar disso, com ênfase: Jesus é a reconciliação não apenas pelos nossos pecados, **“mas também pelo mundo inteiro”**. João sabe que agarrar com fé a reconciliação por nossos pecados nos seria imediatamente impossível se não soubéssemos que a reconciliação está à disposição do **“mundo inteiro”**. Quem verdadeiramente reconhece e sente seu pecado sempre terá a impressão de ser o pior de todos os pecadores (1Tm 1.15). Por que o meu pecado seria afastado se a reconciliação não valesse **“para o mundo inteiro”**? O que propiciaria qualquer privilégio a mim? Ao mesmo tempo possui decisiva relevância para toda proclamação que ela possa acontecer com essa certeza: a salvação está à disposição **“para o mundo inteiro”**. Isso veda à igreja qualquer separação sectária, qualquer isolamento em seu próprio grupo. Esta palavra **“para o mundo inteiro”** concede e impõe amplitude universal à igreja. Aquilo que ela mesma recebeu, aquilo que, para ela, significa certeza e louvor a Deus, a envia para fora, **“para o mundo inteiro”**. Não precisamos recuar, com incerteza, diante de nenhum ser humano, seja ele quem for. Podemos declarar que a reconciliação vale para cada um com quem nos encontramos, sem exceção. E nós mesmos podemos saber: se Jesus Cristo é a reconciliação pelo mundo inteiro e seu imenso fardo de pecados, então também os meus pecados cabem nesse fardo, por mais graves que possam ser. Não serei prejudicado nessa vigência universal da reconciliação em Jesus, mas encontro nisso um fortalecimento indispensável de minha certeza pessoal de salvação. Sempre terei o maior proveito do desinteressado e admirado júbilo pela magnitude e amplitude da reconciliação.

**VERDADEIRO CONHECIMENTO DE DEUS LEVA A OBSERVAR SEUS MANDAMENTOS –
1Jo 2.3-6**

- 3 – Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos.**
- 4 – Aquele que diz: Eu o conheço e não guarda os seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade.**
- 5 – Aquele, entretanto, que guarda a sua palavra, nele, verdadeiramente, tem sido aperfeiçoado o amor de Deus. Nisto sabemos que estamos nele:**
- 6 – aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou.**

3 Ao lermos o novo bloco notamos mais uma vez a diferença em relação a Paulo. João não se importa com a continuidade visível de seu tema. Tampouco é conduzido diretamente por perguntas específicas da igreja. Sem dúvida, acolhe o termo central do “gnosticismo”: *egnokamen* = “nós temos conhecido”. Trata-se de uma afirmação que se reveste de um significado singular diante do pano de fundo das controvérsias em que se encontravam as igrejas. As igrejas eram questionadas: vocês apenas “crêem”, porém nós, no movimento gnóstico, “temos conhecido”! Como as igrejas devem se posicionar diante disso? Será mesmo que eram inferiores à nova tendência? Faltava-lhes o “conhecimento”? A isso se somava a grande importância que o “conhecer” possuía também no judaísmo, com o qual a jovem igreja de Jesus tinha de se confrontar. “Em uma comunidade em que há décadas já estava estabelecido o veredito: a pessoa indouta não é avessa ao pecado, e uma sem estudo não é verdadeiramente devota; da qual saíram sentenças como: não se deve ter compaixão de alguém que não possui conhecimento, ou: se tens conhecimento, de que mais precisas?; se careces de saber, que possuis?; era imperioso que uma espiritualidade tão fortemente divergente da dominante desaparecesse ou demonstrasse sua força superior de percepção na luta intelectual. Aqui o conhecimento era objeto e patrimônio da vida religiosa, não apenas algo que pudesse aleatoriamente ser acrescentado à vida religiosa ou também faltar.” João, portanto, propõe primeiramente à igreja um fato: também nós e justamente nós **“conhecemos que o temos conhecido”**. Desde já o “conhecer” é assegurado de dupla maneira à igreja: ela “conhece a Deus” e conhece seu “ter conhecido”. Não estamos em desvantagem em relação aos gnósticos! Pelo contrário, temos o conhecimento genuíno e verdadeiro. Há um indício seguro disso. Contudo não se trata do exame crítico de um sistema de idéias religiosas. Para nossa surpresa a marca da verdade de nosso reconhecer é bem diferente: **“E nisto reconhecemos que temos reconhecido, que guardamos seus mandamentos.”** O “e” de ligação no começo da frase é muito peculiar. Há pouco se falou de perdão, reconciliação, do Advogado junto do Pai. Porventura a inserção de **“guardar os mandamentos”** não seria algo totalmente diverso? Não seria algo como mandar de volta para a lei? “Guardar os mandamentos”: não era esse um lema determinante dos “fariseus e escribas”?

Na verdade João exerce aqui uma profunda crítica ao “gnosticismo”. O que ele “reconheceu” é sistema abrangente de idéias sobre Deus e o mundo. As igrejas, porém, “o” haviam reconhecido, a “ele”, que é, como pessoa viva, nosso Redentor e Senhor. Ele é a reconciliação por nossos pecados, sim, dos pecados do mundo inteiro. Nesta reconciliação se destaca sua poderosa determinação amorosa. Essa determinação de amor nos atrai à sua comunhão e para dentro da sua vida. Expressa-se em seus “mandamentos”, que conforme os v. 7ss no fundo são um único mandamento, o mandamento do amor. **“Seus mandamentos”** são as instruções que brotam na natureza de Jesus, mostrando-nos como nossa vida real coincidirá com a conduta de Jesus (v. 6!). Não se trata da “lei”; muito menos se trata de cumprimento da lei para obtenção da justiça própria diante de Deus. Trata-se do relacionamento pessoal com aquele no qual a própria vida foi manifesta. Como poderíamos “reconhecê-lo” se não **“guardássemos seus mandamentos”** como expressão de sua mais profunda essência? Como israelita, João tem em mente um “conhecer” que é tudo menos um saber intelectual. “Conhecer” – como mostra Gn 4.1 – é uma função da comunhão. Por isso o “conhecer” de João nunca se refere a coisas ou meras “verdades”. Sempre se trata de conhecer pessoas. Uma pessoa, porém, nunca pode se tornar mero “objeto” do qual alguém se apodera pelo ato de conhecer. Pessoas somente podem se “encontrar”, e seu conhecimento constitui abertura para a comunhão mútua. Por isso o conhecimento, nessa situação, sempre inclui o posicionamento diante da pessoa do outro. Notamos o nexo intrínseco em que se insere a presente passagem, com tudo o que foi escrito por João

até agora. As novas frases apenas expressam de maneira diferente o que já fora dito, especialmente em 1Jo 1.5-7.

- 4 João chega às conclusões de seu entendimento do verdadeiro “conhecer”. **“Quem diz: ‘Eu o conheci’, e não guarda os mandamentos dele, mentiroso é, e nesse não está a verdade.”** Novamente trata-se daquele “dizer”, com o qual já nos deparamos em 1Jo 1.6,8,10. É aquele soberbo “afirmar” com que nos sobrepomos mentirosamente à realidade e por fim transformamos até mesmo Deus em “mentiroso”. **“Quem diz”** – o apóstolo não cita nomes e não acusa expressamente o “gnosticismo”. Mas concede às igrejas a ferramenta para que sejam capazes de examinar com seriedade objetiva a orgulhosa reivindicação do novo movimento. Será que os gnósticos guardam os mandamentos de Jesus, seu mandamento de amor? Nesta carta nos depararemos repetidamente com o fato de que João via nesse ponto o grave fracasso do novo movimento, que transformava em “mentira” a suposta grandeza e superioridade sobre o cristianismo apostólico. Por mais que se gloriem de seu sublime “conhecimento”, neles **“não está a verdade”**. As igrejas não devem se deixar seduzir por eles.

No entanto a formulação abrangente do apóstolo **“Quem diz...”** evidencia a retidão sincera de seu escrito. Não se trata de uma crítica unilateral a respeito dos “outros”. O gloriar-se do próprio conhecimento de Jesus sem “guardar seus mandamentos” com sinceridade pode, a qualquer momento, ocorrer também nas igrejas interpeladas e, conseqüentemente, também em nós. João não tem interesse nenhum na pessoa daquele que “diz” e se enaltece com seu conhecimento. Independentemente de quem for, se “disser” isso, será atingido pela sentença “mentiroso”, ainda que não esteja entre os gnósticos, mas na igreja apostólica.

- 5 A grandiosa e audaciosa frase que João contrapõe a um gnosticismo inverídico mostra que ele não pensa de forma alguma em novo “legalismo”: **“Quem, porém, guarda a palavra dele, verdadeiramente foi aperfeiçoado nele o amor de Deus.”** Em vez de “mandamento” foi escolhida agora a expressão “palavra”, mais abrangente. Na **“palavra”** uma pessoa expressa a si mesma. Na **“palavra”** de Jesus temos consolo, promessa e mandamento em conexão intrínseca, porém de tal maneira que o recém-dado destaque ao “mandamento” não é eliminado. Contudo, assim como em Jesus “a vida” foi manifesta e presenteada a nós, assim o amor de Deus está subjacente às frases a respeito de “guardar os mandamentos”. A vontade do Senhor que nos dá ordens está unida à sua vontade de amor que tem seu *telos*, seu “alvo final” conosco e nos leva até esse alvo final. “Guardar a palavra” é algo que somente ocorre quando a ouvimos e acolhemos como proveniente desse amor, permitindo por isso que o mandamento do amor permeie todo nosso pensar, falar e fazer. Naquele que ama dessa maneira o amor de Deus chega ao alvo final, é “aperfeiçoado” nele. A voz passiva “foi aperfeiçoado” explicita o quanto João considera esse amor de Deus como fator realmente ativo. Não somos nós que “aperfeiçoamos” algo! No entanto, nem por isso devemos nos restringir apenas a frágeis tentativas. O amor de Deus é capaz de atingir seu *telos* “em verdade”, “realmente”. Apesar disso não cabe falar de “perfeccionismo”. O amor de Deus continua sendo um poder vivo que agora sem dúvida possui espaço pleno de atuação e realização em um ser humano que guarda a palavra de Jesus. Porém sua atuação jamais estará concluída de modo perfeccionista. No entanto, o “alvo” do amor de Deus conosco é este: pessoas que são transformadas em sua imagem pela palavra atuante de Jesus. Dessa maneira inicia-se o “cumprimento” da instrução de Deus que segundo a palavra de Paulo em Rm 8.29 vigora sobre nossa vida.

Ou, acompanhando muitos intérpretes, entenderemos neste versículo o **“amor de Deus”** como “o amor a Deus”? Gramaticalmente isso certamente é possível. Nesse caso João estaria pensando naquilo que o próprio Jesus disse por ocasião de sua última reunião com os discípulos: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14.15). Amor a Deus, amor a Jesus não se esgota nem em entendimentos teológicos corretos nem em sentimentos comovidos, mas se “aperfeiçoa” na obediência à vontade de Deus em Cristo, no “guardar” da palavra e dos mandamentos de Jesus. Quem realmente “guarda” a palavra de Jesus, deixando-a viver e agir em si, tem “amor perfeito” a Deus. Mesmo nessa interpretação da frase a palavra “perfeito” não deveria ter conotação perfeccionista, mas apenas garantir que o amor a Deus já não é algo incerto ou parcial, mas algo que preenche e determina cabalmente um ser humano.

João acrescenta: **“Nisso conhecemos que estamos nele.”** Assim como para Paulo “crer” se torna, contra todos os equívocos intelectualistas, “crer em Jesus” (Cl 1.4, texto grego), naquele *syn Christo* = “junto com Cristo” que determina toda a existência de uma pessoa (Rm 6.1-11), assim João

acrescenta aqui o “**estar nele**” ao “tê-lo conhecido”. Não permanecemos longe “dele”, não “o conhecemos” da maneira como pesquisadores constataam certas estruturas do mundo com seus equipamentos. Aqui em Cristo nos é oferecido algo diferente: um “estar” naquilo que foi reconhecido. No final da carta João tornará a salientar isso: “Reconhecemos o Verdadeiro e estamos no Verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo” (1Jo 5.20).

- 6 Quando o “estar nele” se torna permanente, como corresponde à sua essência, isso passa a ser um “permanecer nele”. O conceito do “permanecer” revestiu-se de particular relevância para João. No evangelho de João “**permanecer**” ocorre quarenta e uma vezes, na presente carta vinte e duas vezes, em 2Jo três vezes. Em todos os demais escritos do NT somados ele consta apenas cinqüenta e duas vezes. Agora, porém, a busca pela verdade dirige-se novamente aos que reivindicam para si esse “permanecer nele”. **“Quem afirma que permanece nele, é devedor de também andar pessoalmente assim como ele andou.”** Outra vez deparamo-nos com uma dessas asserções singelas de João que são incontestavelmente verdadeiras e por isso nos desafiam. Nada nessa frase é difícil de entender nem carece de explicação. É impossível “permanecer” em Cristo e ao mesmo tempo andar caminhos completamente diferentes daqueles que ele andou. Assim andaríamos para fora dele, afastando-nos cada vez mais dele. Nessa questão não se trata apenas do “exemplo” de Jesus. Trata-se de “participar” dele e de sua vida, atuação e sofrimento, necessariamente decorrentes de um “permanecer nele”. João não afirma nada além daquilo que Paulo aplica a si mesmo em Fp 3.8-11. Se nada disso pudesse ser notado na vida de alguém, a afirmação “permaneço nele” seria uma palavra vazia.

Contudo no presente versículo vemos ao mesmo tempo que para João “guardar seus mandamentos” não possui absolutamente nenhuma conotação “legalista”. Afinal, o próprio Jesus não “andou” como um escriba e fariseu, mas como o Filho cuja alegria era cumprir os mandamentos do Pai no amor ao Pai (Jo 4.34; 15.10) e nessa obediência do amor também trilhar a trajetória até a cruz (Jo 14.31). Por estar em consonância com isso, nossa obediência a Jesus no amor a ele nos inclui na obediência de Jesus ao Pai. Novamente foi o apóstolo Paulo que em Ef 5.1 apresentou todos esses fatos em concordância com João: “Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados.” Essa é a melhor explicação para o presente versículo.

Adquirimos, assim, compreensão do trecho de 1Jo 2.3-6, no qual permanecem válidas diante de nós as declarações de 1Co 1.7,9; 2.1s. Aquele que determina nossa conduta e cujos mandamentos observamos é aquele cujo sangue nos purifica de todo pecado, que também se coloca diante do Pai como Advogado em favor do cristão pecador, que é a reconciliação para todo o mundo! Unicamente por Jesus ser e continuar sendo tudo isso, somos capazes de “**permanecer nele**”.

Por fim voltemos ao comentário da importante palavra “**conhecer**” e prestemos atenção na curiosa formulação que João emprega duas vezes nesses versículos: “Nisso conhecemos que temos conhecido”, e “nisto conhecemos que estamos nele.” Ou seja, existe para nós um conhecer duplo com um direcionamento duplo. Conhecemos a Deus com tanta certeza que podemos falar de um “ter conhecido”. Mas esse “ter conhecido” por sua vez precisa ser novamente “conhecido” como o “estar nele”, por meio de certos sinais. Esses sinais estão em nossa própria existência! Para João, em nossa vida real esta interligação entre o conhecimento de Deus e a certeza de nosso estar em Cristo precisa ser absolutamente pleno, ao contrário de todo gnosticismo. O “conhecimento” dissociado de nossa configuração real da vida é impossível perante Deus. Nisso as igrejas possuem um parâmetro crítico, que, no entanto, também precisam aplicar a si mesmas!

O AMOR PARA COM O IRMÃO – 1Jo 2.7-11

- 7 – Amados, não vos escrevo mandamento novo, senão mandamento antigo, o qual, desde o princípio, tivestes. Esse mandamento antigo é a palavra que ouvistes.
- 8 – Todavia, vos escrevo novo mandamento, aquilo que é verdadeiro nele e em vós, porque as trevas se vão dissipando, e a verdadeira luz já brilha.
- 9 – Aquele que diz estar na luz e odeia a seu irmão, até agora, está nas trevas.
- 10 – Aquele que ama a seu irmão permanece na luz, e nele não há nenhum tropeço.
- 11 – Aquele, porém, que odeia a seu irmão está nas trevas, e anda nas trevas, e não sabe para onde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos.

7 Sobre “guardar os mandamentos” João falou com muita seriedade nos v. 3s. Sem dúvida a igreja tinha o direito de indagar: A que “mandamentos” você se refere? Porventura aos Dez Mandamentos? Ou você está pensando em novas prescrições apostólicas que foram dadas ou devem ser dadas às igrejas? As novas tendências traziam novas instruções para o correto conhecimento de Deus, novas regras para uma nova vida espiritual, em parte duras exigências ascéticas. Como o apóstolo João se posiciona diante disso?

Ele responde com resoluta firmeza à igreja, penetrando em todas as novas tendências: **“Amados, não um novo mandamento vos escrevo, senão um mandamento antigo, que tivestes desde o princípio.”** Para o pensamento bíblico nem sempre “antigo” tem conotação negativa. Pelo contrário, para nossa alegria e nosso consolo, ao longo das transformações e mudanças dos séculos Deus continua o “Deus antigo”, o Deus que conhecemos, no qual podemos confiar, assim como os pais outrora confiaram nele. Por essa razão sua vontade também é sólida e constante Sempre e desde os primórdios Deus, que é amor (1Jo 4.8,15), demandou de nós o amor. Em decorrência, o que ele exige da igreja é um “mandamento antigo”. Diante da palavra do apóstolo a igreja não precisa estremecer, como se agora repentinamente lhe fossem apresentadas exigências das quais não tinha se dado conta. Não, **“não um mandamento novo vos escrevo, senão um mandamento antigo, que tivestes desde o princípio”**. A igreja apenas precisava fazer uma reflexão: **“O mandamento antigo é a palavra que ouvistes.”** Nunca existiu um evangelho para a igreja no qual a vontade de Deus não lhe tivesse sido apresentada com clareza. Na pessoa de Jesus a igreja sempre teve diante de si o Senhor, que como Filho honrou a “antiga” vontade do Pai e também esperava que fosse praticada por sua igreja. Conseqüentemente, esse “mandamento antigo” está sempre inseparavelmente ligado à **“palavra que ouvistes”**.

É relevante que neste ponto o apóstolo interpele os destinatários pela primeira vez como **“amados”**. O **“mandamento antigo”** não se dirige à igreja como se fosse um poder duro e oneroso, mas interpela-os como “amados”, amados de Deus, que como tais estão abertos para seu “mandamento antigo”.

No entanto, porventura o próprio Jesus não falou do “novo mandamento” que deu a seus discípulos (Jo 13.34)? E não estamos na “nova aliança”, que pela proclamação de Deus através de Jeremias (Jr 31.31-34) haveria de trazer algo totalmente novo, inclusive no posicionamento diante da lei de Deus? Não a dissolução da lei, mas seu cumprimento?

8 É exatamente isso que também João vê, explicitando-o à sua igreja. Declara-lhe: **“Todavia é também um novo mandamento que vos escrevo.”** Como assim? Não é novo em seu conteúdo, como se a vontade de Deus tivesse se alterado e tornasse necessário um “novo mandamento”. Tampouco Jeremias previu uma nova legislação, e sim um lugar completamente novo para o “mandamento antigo”, o lugar em nossos corações, que nesta nova maneira torna o mandamento antigo eficaz e verdadeiro. Como Paulo, João conhece toda a “inverdade” e “artificialidade” da vida sob a lei, tudo o que Paulo expôs em Rm 7. É nesse ponto que ocorreu a reviravolta na igreja de Jesus. O que o mandamento de Deus requer é **“mostra-se verdadeiro nele e em vós”**. Também aqui a palavra “verdadeiro” representa toda a “realidade”. O mandamento já não paira como mera exigência sobre os seres humanos. Tornou-se “verdadeiro”, realidade viva, “nele”, em Jesus. E se a igreja agora “permanece” e vive “nele”, no Senhor vivo, participando de sua natureza e atuação (v. 6), então o mandamento “antigo” se torna realidade completamente “nova” também “em vós”, nos membros da igreja. Isso é possível e realmente acontece porque no envio de Jesus a situação passou a ser completamente diferente para nós. **“As trevas se dissipam e a verdadeira luz já brilha.”** João Batista já havia anunciado essa reviravolta da situação: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mt 3.2). Jesus declarou apoio expresso a essa mensagem (Mc 1.14s). Na vida, luta, sofrimento, morte e vitória de Jesus o antigo poder do pecado e da morte foi fundamentalmente superado. O esplendoroso dia de Deus já teve início. “Vai alta a noite, e vem chegando o dia”, diz Paulo em plena concordância com João (Rm 13.12). A noite ainda paira sobre o mundo. Contudo as trevas estão cedendo. Existem agora “filhos do dia e filhos da luz” (1Ts 5.5; Ef 5.8), por isso “a verdadeira luz já brilha”. Em contraposição, como a verdadeira luz já resplandece para dentro do mundo a partir de Jesus, existem esses “filhos do dia e filhos da luz”. Esta é a “novidade” no “novo mandamento”, que ele, com seu conteúdo antigo agora já não é mero “mandamento”, mas acontece de fato como configuração da vida. Isso corresponde exatamente ao prenúncio de Deus através de Jeremias em sua palavra sobre a nova aliança (Jr 31.21ss).

João é enfático porque no crescente gnosticismo também se falava muito de “**luz**”: trata-se da luz “verdadeira”, da luz genuína. Em que se reconhece, pois, essa luz “verdadeira” e “luz” genuína? Com essa pergunta e sua resposta João chega ao tema que ao longo de toda a carta se reveste de singular relevância para ele e ao mesmo tempo nos explica qual é, afinal, em termos de conteúdo, o mandamento “antigo” que se torna o mandamento novo e real na reviravolta da situação do mundo.

- 9 Como em 1Jo 1.6,8,10; 2.4,6, fala-se de novo acerca de um “dizer” e um “asseverar”, que contradiz a realidade da vida de fato vivida. **“Quem assevera estar na luz e (nisso) odeia seu irmão, nas trevas está até a presente hora.”** Diante dessa frase de João temos de esclarecer desde já terminologicamente que tanto aqui quanto em outras passagens da Bíblia a palavra “odiar” possui uma acepção muito mais ampla do que nós lhe atribuímos hoje. P. ex., quando lemos no NT a descrição de Mt 6.24 e no AT a exposição de Dt 21.15-17, rapidamente descobrimos que se trata daquilo que classificamos como “ódio”. Por isso a edição alemã revista de Lutero fala em Dt 21, da mulher “amada” e da mulher “não-amada”. Em consonância, “odiar o irmão” já acontece em qualquer forma de “desamor” que temos para com ele: na frieza e indiferença que não se interessa por sua situação, na aversão e rejeição que mesmo sob o manto da cordialidade não deixa de erguer, no íntimo, um muro contra ele. Para João, tudo isso pode ser resumido na palavra “ódio”, assim como para Jesus o ódio já representava, na explicação do 5º mandamento, “matar” o irmão. João viu com clareza: no relacionamento com o “irmão” não há neutralidade. A “neutralidade” em si já seria negação do amor e nesse sentido já constitui “ódio” ao irmão, uma negativa de fraternidade. Ninguém, portanto, pode se esquivar da palavra de João alegando que, afinal, de forma alguma estaria “odiando” seu irmão.

Não se faz um julgamento moral sobre quem, dessa forma, “odeia seu irmão”. Nem mesmo ocorre a palavra “mentira”, “mentiroso”, como em 1Jo 1.6; 2.4. Contudo constata-se que a verdadeira realidade na vida de uma pessoa assim é a seguinte: **“nas trevas está até a presente hora”**. “Trevas”, “noite”, são metáforas abrangentes e devem continuar sendo. Há muitas coisas que são “tenebrosas” e “sombrias” no mundo. Mas a palavra bíblica não tem em vista primeiramente a escuridão exterior com seu sofrimento e a aflição. **“Odiar o irmão”** é a essência central das “trevas”, assim como “amar” faz parte essencial da “luz” brilhante.

- 10 Por isso João prossegue: **“Quem ama o irmão permanece na luz, e não há nele impulso para a queda.”** A vida de uma pessoa assim pode ser bastante sombria, uma vida de preocupações e dores, miséria e carências. Apesar disso o ser humano **“permanece na luz”**. A breve frase acrescentada por João: “E não há nele impulso para a queda”, pode ser entendida de várias maneiras, dependendo de como interpretamos o “nele”. Quando relacionamos “nele” com aquele que ama seu irmão, João afirma que uma pessoa que ama dessa forma não se torna motivo de queda. O “nele”, porém, igualmente pode se referir à “luz”. Nesse caso João diria ao que ama que nesse caminho não é preciso temer qualquer “armadilha” ou “queda”. Talvez devamos preferir essa versão, porque também a frase subsequente fala da experiência daquele “que anda”.
- 11 **“Quem no entanto odeia o irmão, nas trevas está e nas trevas anda, e não sabe para onde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos.”** É significativo para a mensagem de João que novamente não haja condenação moral nem ameaças de castigos futuros. Com objetividade, que por isso possui grande força de impacto, mostra-se ao ser humano o aspecto que sua vida possui aqui e agora. Viver no desamor é viver nas trevas. João sublinha a gravidade da situação por meio de uma expressão dupla: **“Nas trevas está e nas trevas anda.”** Nessa realidade terrível não há nenhum discurso autocomplacente. Uma pessoa assim **“não sabe para onde vai”**. Vagueia pela vida. Onde acabará um dia com essa sua vida? Obviamente é difícil ajudá-la **“porque as trevas lhe cegaram os olhos”**. Quem deixou de amar não consegue mais “ver”. Está cego para a realidade. Por isso tampouco consegue conceber que exista outra vida, uma vida na luz. Considera normal sua vida sombria, fria, sem rumo, ainda mais que está rodeado de pessoas igualmente cegas. A igreja, porém, precisa saber que existem tais pessoas cegas pelas trevas do ódio, também em meio àqueles que se gloriam de forma singular do **“estar na luz”** e possuir a luz de “conhecimentos” sublimes. Existe uma pedra-de-toque incorruptível em que a verdade se revela: há amor ao irmão?

- 12 – Filhinhos, eu vos escrevo, porque (que) os vossos pecados são perdoados, por causa do seu nome.
- 13 – Pais, eu vos escrevo, porque (que) conheceis aquele que existe desde o princípio. Jovens, eu vos escrevo, porque tendes vencido o Maligno.
- 14 – Filhinhos, eu vos escrevi, porque (que) conheceis o Pai. Pais, eu vos escrevi, porque (que) conheceis aquele que existe desde o princípio. Jovens, eu vos escrevi, porque (que) sois fortes, e a palavra de Deus permanece em vós, e tendes vencido o Maligno.
- 15 – Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele.
- 16 – Porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo.
- 17 – Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente.

João novamente dá continuidade à carta da maneira que lhe é peculiar. Apresenta à igreja o que tem importância para ele, sem explicitar a ligação com os blocos anteriores. Essa ligação poderia eventualmente estar no termo “amar”. O próprio texto da carta, porém, não fala dessas considerações. Será melhor simplesmente ler o novo trecho duplo como mais uma palavra fundamental do apóstolo, entendendo-o dentro de seus próprios contornos.

De qualquer modo, as poderosas exortações dos v. 15-17 constituem o alvo real de todo o bloco. Ainda que possamos demonstrar uma ligação especial com as exposições anteriores do apóstolo apenas de forma relativamente artificial, certamente está clara a ligação para a frente, rumo ao alvo das afirmações. O que o apóstolo proclama à igreja nos v. 12-14, a referência à maravilhosa riqueza que ela possui, é o sólido alicerce a partir do qual a igreja se torna capaz de cumprir a imensa exigência que o apóstolo lhe propõe. A partir dele poderá processar a mudança completa de toda a sua atitude de vida: não mais amar o mundo, mas praticar a vontade de Deus.

- 12 Mais uma vez o perdão dos pecados é citado por em primeiro lugar como o bem decisivo da igreja. **“Escrevo-vos, filhinhos, porque (que) os pecados vos estão perdoados por causa do seu nome.”** A designação “filhinhos” não interpela especialmente o grupo das crianças propriamente ditas da igreja. A palavra refere-se a toda a igreja, assim como em 1Jo 2.28; 3.7; 5.21. Obviamente o apóstolo gosta de conferir essa conotação cordial, paternal às suas exortações. Ao escrever esta carta talvez já esteja em idade avançada. Controvertido é, tanto nessa primeira frase quanto nas declarações subseqüentes, o sentido do grego *hoti*, que pode significar tanto “porque” quanto “que”. Será que João escreve à igreja “porque” lhe foram perdoados os pecados ou ele lhe anuncia “que” tem esse tesouro do perdão dos pecados? Ambas as interpretações são possíveis e aparecem nas diferentes traduções. A diferença entre as duas interpretações, porém, torna-se substancialmente pequena quando vemos o verdadeiro alvo do trecho nos v. 15-17. O grande patrimônio da igreja é o firme fundamento para a exigência decisiva do apóstolo: ele escreve “porque” os fatos espirituais estão presentes na igreja. Ao mesmo tempo, porém, um “patrimônio espiritual” nunca é uma ocorrência garantida, à qual basta fazer referência. A igreja precisa ser fortalecida nesse patrimônio se o objetivo for alicerçar toda a conduta da igreja sobre ele. Por isso as frases do apóstolo podem ser entendidas, por seu turno, também como “anúncio” e, em consonância, o *hoti* como “que”.

O perdão dos pecados é algo que nunca temos de forma “natural”, sendo uma maravilhosa dádiva da qual precisamos ser constantemente afiançados. Vai contra qualquer pensamento natural o conceito de que nós temos o direito de comparecer diante do santo Deus purificados de toda a nossa culpa. Nossa certeza a esse respeito não pode ser apoiada em nossos sentimentos nem obtida de deduções intelectuais. É a palavra credenciada que precisa nos anunciar essa maravilhosa dádiva. Esse é o serviço que o apóstolo presta aqui à igreja. Nisso, remete ao “nome” de Jesus. No âmbito bíblico o “nome” não é algo exterior ou mera construção verbal. O “nome” contém toda a natureza e obra daquele que o carrega. **“Por causa de seu nome”**, ou seja, por causa de toda a obra de Jesus ao se encarnar, sofrer, morrer e ressuscitar, os pecados nos são perdoados. É isso que João pode nos anunciar com toda a certeza.

- 13 Como muitas vezes no NT, o apóstolo vê diante de si os dois grupos naturais da igreja, os “mais idosos” e os “mais jovens”. Vê os “mais idosos”, que ele passa a chamar “pais” da igreja. Vivenciaram e experimentaram muitas coisas. Isso, no entanto, não é decisivo. Não podem viver

apenas de recordações, por mais preciosas que sejam. Em decorrência, João anuncia-lhes algo muito diferente: **“Escrevo-vos, pais, porque (que) o conhecestes desde o princípio.”** Voltemos o olhar para o que liamos de início na primeira frase da carta e explicitávamos sobre a expressão “o que era desde o princípio”. Agora não se trata de um “o que”, mas de “quem”. O fato de os pais reconhecerem **“aquele que era desde o princípio”** em sua vida transitória, vertiginosamente direcionada para a morte, representa para um patrimônio imperdível e enriquecedor. Novamente cumpre recordar tudo o que já foi dito acerca da natureza do “conhecer” segundo o entendimento bíblico e joanino. Os “pais” na igreja não possuem, como os gnósticos, um sistema de idéias religiosas e de visão de mundo a respeito daquele **“que era desde o princípio”**. Encontram-se em uma ligação viva e pessoal e, a partir dela, “conhecem-no” em sua essência e com amor.

Ao lado dos “pais” aparecem os “homens jovens” da igreja. Encontram-se bem no meio da vida e da luta pela sobrevivência em um mundo cheio de tensões e tentações. A eles o apóstolo assegura algo grandioso para sua realidade: **“Escrevo-vos, homens jovens, porque (que) vencestes o maligno.”** Como Paulo, João sabe que Satanás, “o maligno”, é o príncipe e deus desta era sobre a terra. Conhece o poder e a artimanha do maligno. Mas os homens jovens já o derrotaram. Que palavra ousada! João não apenas deseja que eles possam vencê-lo. Não desafia a igreja para a luta e o engajamento, para que quiçá obtenha a vitória. Ele fala no pretérito: **“que vencestes o maligno”**. Como pode fazer isso? Esses homens jovens estão “em Cristo” e têm “comunhão” com ele. Portanto são partícipes da vitória que Jesus conquistou sobre todos os poderes das trevas ao morrer na cruz. Essa “participação” é vista por João de forma tão séria e real que ele pode asseverar aos homens jovens que possuem a vitória sobre o maligno como fato consumado.

14 Mais uma vez o apóstolo traz sua asserção, reiterando-a de forma vivamente modificada. Nisso se percebe o quanto essa asserção lhe é cara. João emprega agora a forma do pretérito: **“Eu vos escrevi...”** Será que está se referindo à frase recém-anotada? Isso seria estranho. Ou será que faz menção de uma carta anterior, na qual já apresentou a mesma certeza? Não sabemos nada acerca de tal carta. E por que faria esta referência restringindo-se apenas a essas poucas frases, de resto deixando de mencioná-la? Simplesmente deve se tratar do conhecido estilo epistolar da Antigüidade, no qual o autor se transporta à situação dos destinatários ao lerem a carta. Para os leitores, porém, o que autor está dizendo ou fazendo agora já é passado. Ou seja, ao reiterar sua asserção João simplesmente muda de estilo. Agora os **“filhos”** são interpelados de tal maneira que o apóstolo de fato poderia ter em vista as crianças da igreja. **“Filhos”** buscam o **“pai”** e precisam dele. As crianças da igreja, porém, têm o privilégio de conhecer o **“Pai”**, “de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra” (Ef 3.15). **“Eu vos escrevi, filhos, porque (que) conhecestes o Pai.”** Aos “pais” é simplesmente dada mais uma vez a asserção do versículo anterior. Contudo aos numerosos homens jovens – o termo grego tem em vista a idade de 24 a 40 anos – João passa a dizer expressamente algo mais preciso acerca da vitória que possuem. **“Eu vos escrevi, homens jovens, porque (que) estais fortes e a palavra de Deus permanece em vós e derrotastes o maligno.”** Esses homens são “fortes”. Obviamente a força natural de nada serve diante do maligno. Por isso carecem de outra força para vencer. E têm essa força quando e porque **“a palavra de Deus permanece neles”**. Importa que esses homens não apenas “ouçam” a palavra de Deus, mas que a palavra ouvida “permaneça”, desenvolvendo neles seu poder vital. Cumpre considerar, neste ponto, que os membros da igreja daquele tempo não tinham uma “Bíblia”! Para que a palavra do Cristo agisse neles, ela precisava ser acolhida e guardada firmemente na memória, e constantemente ser trabalhada no íntimo. Quando a palavra de Deus **“permanece”** desse modo com sua força em seres humanos, **“eles venceram o maligno”**. Recordamos que até mesmo Jesus, o Filho de Deus, na luta decisiva, conquistou a vitória sobre Satanás não a partir de si mesmo, mas com o apoio da palavra de Deus (Mt 4.1-11).

15 Na seqüência, novamente sem transição, sem indicar o rumo do pensamento, acontece a poderosa exortação: **“Não ameis o mundo e tampouco aquilo que está no mundo. Quando alguém ama o mundo, o amor do Pai não habita nele.”** De nossa parte podemos estabelecer a ligação com a frase anterior e dizer de forma explicativa: vocês, que são essas crianças, pais e homens, com esse maravilhoso patrimônio, devem e podem realizar uma separação nítida do mundo: **“Não ameis o mundo.”** Para a igreja essas palavras de separação devem ter soado com dureza, tanto naquele tempo quanto hoje. Contudo, hoje temos de levar em conta ao ler que com o passar do tempo palavras e conceitos sofrem transformações de conteúdo, podendo significar algo muito diferente. Quando

falamos hoje de “mundo”, temos em vista simplesmente o fato da unidade abrangente da terra. Falamos do comércio mundial, da política mundial, da paz no mundo. Nesse caso, o termo “mundo” não contém nenhum tipo de juízo de valor. Ou vemos o “mundo” como “natureza” e nos alegramos com razão por causa do “belo e vasto mundo”. Ao usar o termo “mundo” as testemunhas do NT pensam na humanidade separada de Deus, determinada pelo **“desejar da carne”**, pelo **“desejar dos olhos e soberba da conduta da vida”**. É o que o próprio João nos explicará em seguida (v. 16). Também aquele que ainda vive longe de Deus no mundo se depara com a deturpação, contaminação e perdição da vida em todos os setores da humanidade, conhecendo o que Paulo relata em Rm 1.28-32. Com quanto maior clareza a pessoa de Deus que está reconciliada com ele e vive na límpida luz divina (1Jo 1.5) terá de perceber isso. Diante de João descerra-se todo o contraste entre “Deus” e “mundo”. É essencialmente impossível “amar” a Deus e ao mundo ao mesmo tempo. Aqui é necessário fazer uma escolha. Quem de fato ama a Deus em sua glória, sublimidade e limpidez, dirá não ao “mundo” do fundo do coração, e vice-versa: **“Quando alguém ama o mundo, o amor do Pai não habita nele.”** Nessa afirmação Deus é chamado expressamente de “Pai”. Não se trata de um “Deus” cujo conceito poderíamos ajeitar para nós, mas daquele Deus que Jesus, o Filho, chamou de “Pai santo”, de “Pai justo” (Jo 17.11,25). A ele o mundo não “conhece” (Jo 17.25). Como haveremos de conhecê-lo e “amá-lo”, se nosso coração pertence ao “mundo”? Porém, o próprio Deus não ama o mundo? Não é esse o grande evangelho de Jo 3.16? Pois bem, Deus pode arriscar coisas que nós jamais devemos ousar! Acima de tudo, porém, não devemos esquecer, na afirmação de Jo 3.16, do “assim” que encabeça a frase, marcando e determinando toda a sentença. Não se trata de um amor geral e incondicional de Deus pelo mundo. Não, Deus só é capaz de amar o mundo de uma maneira muito peculiar, “assim”, sacrificando o único Filho, “assim”, fazendo seu amor passar por dor, sangue e morte.

Em seguida, fiel à sua maneira, João nos confronta novamente com um fato irrefutável, sem qualquer discussão ou justificativa: **“Porque tudo no mundo: o desejar da carne e o desejar dos olhos e a soberba da conduta da vida, não procede do Pai, mas do mundo.”** Aqui não há necessidade de “justificativa”, essa verdade é clara em si mesma. Por isso também é impossível qualquer discussão. Cabe a cada um de nós verificar: de que vive o mundo dos humanos? O que preenche sua vida? O que a impulsiona e agita? É a **“carne”**, a condição natural egoísta, que renasce em cada nova criança. Essa nossa natureza egocêntrica é desde a infância um feixe de **“desejos”**: eu quero..., eu gostaria..., eu exijo... Todo trabalho, empenho e luta, tanto nas coisas grandes como nas pequenas, destina-se ao cumprimento desse **“desejar”**. Nisso os **“olhos”** desempenham uma função muito relevante. A queda no pecado começa com o “ver” de Eva, com o “agrado do olhar” pela árvore proibida (Gn 3.6). Também a grave queda de Davi começa pelo “ver” (2Sm 11.2). Mesmo em nós tudo começa sempre pelo **“desejar dos olhos”**. Então toda a maneira de ser do “mundo” se consolida na **“soberba da conduta da vida”**, na jactância daquilo que temos e podemos consumir, na ânsia de superar os outros em posses e conduta da vida.

16 João não faz nenhuma menção ao surgimento de toda essa distorção da natureza e vida humanas e de onde se origina todo esse **“desejar da carne e dos olhos”**. De nada adiantaria um conhecimento teórico a este respeito; pelo contrário, ele nos desviaria facilmente da perigosa realidade de que por natureza tudo isso vive também dentro de nós mesmos e nos domina. Ademais, é significativo para João que ele tampouco traz quaisquer definições mais específicas sobre o que ele considera **“desejar da carne”**. Porventura já se trata de fato de **“mundo”** perigoso quando meu olhar repousa com alegria sobre uma bela peça de mobília e busco adquiri-la? Será **“soberba da conduta da vida”** quando apresento com satisfação a conhecidos o carro que estou em condições de possuir? Onde está a linha divisória, onde começa aquele apego ao **“mundo”** que é incompatível com o amor ao Pai? João provavelmente responderia a tais perguntas: você mesmo o sabe melhor! Contudo, você precisa estar muito alerta nesta questão, e precisamente por isso escrevi a primeira frase de modo tão brusco à igreja. Como filho de Deus você sabe muito bem fazer a distinção entre o que **“vem do Pai”**, com alegria singela e grata pela dádiva de Deus, e o que vem **“do mundo”** e exhibe os traços sedutores do “mundo”. Nesse assunto não há regras exteriores pelas quais pudéssemos nos guiar confortavelmente. Afinal, uma pessoa pode fruir alegremente o que para outros seria uma danosa rendição ao mundo. Aqui cada qual cai ou se mantém de pé por responsabilidade própria.

17 Nas afirmações de João poderemos sempre notar como elas são livres de toda “moral”. João não sentenciar aqueles que se deixam influenciar pelo “mundo”. Apenas os confronta com isto

reiteradamente e com grande seriedade: **“E o mundo passa com seu desejar. Quem, no entanto, pratica a vontade de Deus, permanece em eternidade.”** Quem passa atentamente pela vida vê em todos os lugares o “passar” do mundo. O que acontecerá com tudo aquilo que adquirimos e conquistamos tão zelosamente? Com que facilidade poderemos ser decepcionados quando tivermos obtido isto, e com que rapidez escapa de nossas mãos! É verdade, não apenas **“o mundo passa”**, mas passa também **“seu desejar”**. Isso não acontece apenas quando falecemos. Depois de poucos anos já poderá ser incompreensível para nós que desejemos isso ou aquilo com tanta paixão. E é possível experimentarmos de forma assustadora que o desejo saciado de forma alguma é silenciado, mas fica sedento por novas conquistas. Inquieta e insatisfeita torna-se nossa vida enquanto estivermos sujeitos ao mundo e a suas cobiças. Finalmente, ao morrermos somos privados de tudo o que tínhamos no mundo. Na morte todo o mundo é aniquilado para nós. Apesar disso o ser humano por natureza permanece amarrado ao mundo e, não obstante as decepções, apega-se constantemente a ele. Entretanto, para aquele que veio até Jesus, que dele obteve o perdão dos pecados e a reconciliação com Deus, tornando-se um filho de Deus, essa amarração ao mundo foi rompida. Já não se apega ao mundo, mas está livre para Deus e para fazer a vontade dele.

Mas porventura nossa vida não ficará vazia e sem conteúdo quando nos desprendemos do mundo e nos afastamos de seu desejar? Nos v. 12-14 o apóstolo já havia explicitado que isso de forma alguma acontece, bem como a riqueza que todos os membros da igreja têm na vida. Agora ele ainda aponta para outra coisa: **“Quem, porém, pratica a vontade de Deus.”** Que inesgotável conteúdo de vida, praticar a vontade de Deus! Isso envolve todas as nossas forças! Que plenitude de experiências nos é propiciada! A que aventuras somos levados e como nossa vida se torna interessante, em incumbências sempre novas! Certamente nos damos conta disso quando João nos assegura tão expressamente: quem vive assim **“permanece em eternidade”**, para ele não haverá apenas uma esperança vaga de um dia qualquer, mais tarde, obter uma existência eterna. Não, desde já ele vive uma vida que na prática da vontade de Deus se reveste de um caráter de eternidade e obtém participação naquilo que por natureza não pode ser transitório. A vontade de Deus se eleva acima de tudo que é temporal, ainda que vise ser praticado aqui na imanência e conduza a aflições, dores e sacrifícios temporais. Apesar disso tudo que é vontade de Deus resplandece em luz eterna. E quem pratica essa vontade de Deus **“permanece em eternidade”**.

A igreja de Jesus e cada um de seus membros não possuem somente alguns pensamentos e sentimentos religiosos a mais além da vida vivida por todas as pessoas. A igreja e cada um de seus membros vivem uma vida radicalmente diferente com um direcionamento totalmente diverso e um conteúdo completamente diferente. Sua vida não é mais determinada “pelo desejar da carne e dos olhos”, mas pela “prática da vontade de Deus”, a partir do amor ao Pai. No entanto essa postura de vida não nos domina simplesmente por si mesma tão logo nos tornamos cristãos. Está permanentemente ameaçada por nosso entrelaçamento com o mundo e por parte das tentações dele. Por isso a igreja precisa ser sempre proclamada novamente: **“Não ameis o mundo e tampouco o que está no mundo.”** Conseqüentemente, João considera parte essencial de seu serviço à igreja declarar-lhe isso e inserir em sua carta este bloco dos v. 12-17.

RISCO E ARMADURA DA IGREJA NA “HORA FINAL” – 1Jo 2.18-27

- 18 – Filhinhos, já é a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também, agora, muitos anticristos têm surgido; pelo que conhecemos que é a última hora.**
- 19 – Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos.**
- 20 – E vós possuíis unção que vem do Santo e todos tendes conhecimento (ou: e sabeis tudo).**
- 21 – Não vos escrevi porque não saibais a verdade; antes, porque a sabeis, e porque mentira alguma jamais procede da verdade.**
- 22 – Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo, o que nega o Pai e o Filho.**
- 23 – Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai; aquele que confessa o Filho tem igualmente o Pai.**

- 24 – **Permaneça em vós o que ouvistes desde o princípio. Se em vós permanecer o que desde o princípio ouvistes, também permaneceréis vós no Filho e no Pai.**
- 25 – **E esta é a promessa que ele mesmo nos fez, a vida eterna.**
- 26 – **Isto que vos acabo de escrever é acerca dos que vos procuram enganar.**
- 27 – **Quanto a vós, a unção que dele recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permanecei nele, como também ela vos ensinou.**

Quem pratica a vontade de Deus permanece em eternidade. João não diz nada mais exato acerca dessa “eternidade”. A rigor ela já está presente na prática da vontade de Deus. Será que aqui se trata daquela “desmitologização” e “atualização existencialista” da escatologia que se pretendeu constatar em João? Será que as linhas do grande evento futuro foram diluídas porque, afinal, aquele que creu em Jesus e cumpriu a vontade de Deus já passou para a vida eterna? Não, novamente sem salientar uma ligação com o anterior, segue-se um novo bloco da carta que se encaminha à proclamação da parusia em 1Jo 2.28-3.3 e, por sua vez, acolhe também a asserção escatológica do primeiro cristianismo.

- 18 **“Filhinhos, já é a última hora; e, como ouvistes que vem (o) anticristo, também, agora, muitos anticristos têm surgido; pelo que conhecemos que é a última hora.”** O tempo histórico não é – ao contrário do tempo físico – decurso homogêneo, mas possui momentos históricos de particular relevância e desemboca em uma **“última hora”**. Nela também são tomadas decisões últimas, irrevogáveis. Só é possível que seja a **“última hora”** porque o Redentor do mundo veio e porque só a parusia ainda resta dos grandes eventos de salvação, e todo o resto **“está consumado”**. A **“última hora”**, porém, se caracteriza sobretudo pela reação das trevas contra o Redentor presenteado por Deus, por uma última tentativa de derrotá-lo e eliminá-lo. É por isso que a proclamação do primeiro cristianismo falava do **“anticristo”**, conforme **“ouviram”** os destinatários da carta. Não surgirão apenas **“falsos profetas”** e não apenas numerosos **“falsos cristos”** (Mt 24.24). O **“anticristo”** é mais que isso. Ele é o adversário direto do Cristo, aquele que tenta eliminar o Cristo de Deus, assumir o lugar dele, arrancando definitivamente o mundo e a humanidade de Deus e apoderando-se deles. À sua maneira, porém, João não traz nenhum detalhe a este respeito. Atém-se à singela certeza da igreja: o anticristo vem.

Entretanto, com seu olhar desperto, guiado pelo Espírito de Deus, ele percebeu algo que também as igrejas precisam ver incondicionalmente para compreender bem os eventos de seu tempo, essa **“última hora”**, e munir-se de lúcida vigilância. Deus cumpre a profecia do anticristo de tal maneira que **“agora, muitos anticristos têm surgido”**. Será que nesses **“anticristos”** João vê precursores do verdadeiro e grande soberano universal anticristão? Ou será que o anticristo esperado já se concretizou nos muitos **“anticristos”**? A formulação do texto não fornece resposta inequívoca a essas indagações. Na substância, porém, é inverossímil que no aparecimento de falsos mestre que negavam a Jesus o apóstolo tenha visto o cumprimento pleno daquilo que era esperado segundo 2Ts 2 e Ap 13. O verdadeiro **“anticristo”** detém poder, e até mesmo poder mundial. Não é apenas **“falso mestre”** que nega a Jesus na teoria, tentando expurgá-lo da fé da igreja, mas o soberano universal que dissipa a igreja de Jesus com terror e sangue e tenta aniquilar toda recordação de Jesus, para externa e internamente manter a humanidade sob seu próprio e total controle.

- 19 Não poderemos responder em definitivo a pergunta sobre a relação entre **“anticristo”** e **“anticristos”**. Contudo temos de reconhecer isto como essencial no versículo: o apóstolo pretende advertir a igreja para que não olhe erroneamente para o futuro, e por isso entenda mal a atualidade. A igreja não deve aguardar apenas o grande anticristo, que por enquanto nem mesmo é visível, ignorando em vista disso os perigosos **“anticristos”**, que estão pondo a igreja em risco aqui e agora. Essas pessoas precisam ser levadas tão a sério que se possa constatar **“que é última hora”**. Aqui teve início uma hostilidade contra Jesus que não tem mais nada a ver com mera divergência de opiniões teológicas, mas é um ataque escatológico contra Jesus e sua posição na história da salvação. Isso é **“anticristão”**. Como João caracteriza esses **“anticristos”**? Aponta inicialmente para uma circunstância importante: **“Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos. Porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco.”** O aspecto perigoso dessas pessoas é que não chegam de fora e atacam como perseguidores judaicos ou gentílicos. Não, **“saíram de nosso meio”**. Saíram das fileiras da própria igreja. Devem até mesmo ter argumentado com esse fato: ora, somos

do meio de vocês! Conhecemos muito bem esse seu cristianismo. Agora, porém, encontramos algo maior e melhor e queremos trazê-lo a vocês para substituir essa sua estreita e precária fé em Jesus!

O apóstolo ilumina essa asserção com a luz de uma verdade singela: **“Porque se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco.”** Já naquele tempo, quando aquelas pessoas ainda conviviam com a igreja, estavam separadas da igreja nas raízes ocultas de seu pensamento e sua existência. Não estavam de fato convictas de toda a sua perdição. Por isso não consideravam Jesus e seu sangue como única redenção possível. Se tivessem partilhado essa experiência básica da igreja, jamais teriam sido capazes de se separar da igreja, mas **“teriam permanecido conosco”**. De algum modo já existiam neles pensamentos e anseios muito diferentes, para que se deixassem envolver e arrastar pela correnteza do gnosticismo até a negação do verdadeiro evangelho.

Que processo avassalador: pessoas que no passado estiveram inseridas na igreja, possivelmente até mesmo como pregadores e mestres, combatem a Jesus como Redentor, ainda assim pretendendo ser cristãos em um sentido “superior”! Como os membros da igreja compreenderão isso? E como pode Deus permitir algo assim? João percebe nesse episódio um grave sentido divino, do mesmo modo como Paulo o percebeu nas confusões em Corinto (1Co 11.19). **“Todavia serão manifestos, de que não são todos de nosso meio.”** As separações não permanecerão ocultas. O Deus da verdade submeterá à luz o que não está enraizado na igreja. Constitui juízo divino, separação feita por Deus, que acontece aqui na “última hora”.

- 20 Estaria a igreja refém dos acontecimentos consternadores? De forma alguma. Novamente o apóstolo lhe assevera o que ela possui como riqueza: **“Possuís óleo de unção vindo do Santo e todos juntos sois sabedores (ou: e sabeis tudo).”** Abandonada ao seu próprio conhecimento e discernimento, a igreja poderia ficar insegura. Mas ela tem *chrisma* = **“óleo de unção”**, porque pertence ao Ungido, ao *“Christos,”* e foi por ele unguida e selada com o Espírito Santo (2Co 1.21). Eles possuem esse **“óleo de unção”** proveniente **“do Santo”**, daquele Santo que não tolera nenhuma aparência ilusória e nenhuma mentira e por isso municia sua igreja para que reconheça a verdade. O texto da frase não é inequívoco. Uma parte dos manuscritos traz **“sabeis todos”**, outra parte, **“sabeis tudo”**. A documentação tem peso bastante equivalente. **“Sabeis todos”** é incômodo pela ausência de um objeto. Por isso reproduzimo-lo na tradução como **“sois sabedores todos juntos”**. A outra afirmação, de que a igreja sabe **“tudo”** por meio do Espírito Santo, não deveria nos causar incômodo: afinal, foi-lhe prometido expressamente que será conduzida **“a toda a verdade”** (Jo 16.13), e esse **“tudo”** retorna no v. 27. Não obstante, talvez justamente por isso a variante **“todos”**, um pouco mais complicada no v. 20, seja a original. Insere-se bem melhor na correlação do texto. No risco a que está exposta pelos **“anticristos”** não importa tanto que a igreja **“saiba tudo”**. Importa que **“todos”** os seus membros estejam preparados pelo óleo de unção para desmascarar o anticristianismo.
- 21 No entanto, sendo eles **“sabedores todos juntos”** **“no Espírito Santo”**, não seria desnecessária a carta do apóstolo? Mas eles não devem entender a carta como se João os considerasse ignorantes, tendo de instruí-los nas coisas básicas. **“Não vos escrevi porque não sabeis a verdade.”** Pelo contrário: o apóstolo escreve **“porque a sabeis”**. Afinal, a verdade, inclusive aquela transmitida pelo Espírito de Deus, não é uma posse despreocupada, inquestionável. A igreja carece de permanente fortalecimento e esclarecimento. Precisamente nesta situação ela precisa deles para superar o choque de ver pessoas conhecidas, que no passado faziam parte da igreja, agora a convidam a se distanciar de Jesus para um pretenso cristianismo **“superior”** e mais rico. Quando **“sabem a verdade”**, podem pessoalmente desmascarar as novas doutrinas e refutá-las com toda a clareza, **“porque toda mentira não procede da verdade”**. É a esse singelo fato que eles precisam se agarrar: a verdade sempre poderá gerar somente **“verdade”**. Os falsos mestres gnósticos dizem à igreja que, afinal, saíram dela e apenas desenvolveram a verdade primitiva e demasiado estreita, levando-a a uma verdade superior. A igreja, porém, precisa e pode reconhecer que aqui não se trata de **“desenvolvimento superior”**, mas do esvaziamento e da dissolução da verdadeira e redentora verdade de Deus, ou seja, de **“mentira”**. Mas a **“mentira”** tentará em vão traçar sua árvore genealógica até a **“verdade”**.
- 22 Todavia, seriam **“mentirosos”** esses representantes de um novo e superior cristianismo, de um gnosticismo cristão? Porventura não são totalmente honestos em suas intenções? Não estão convictos de sua causa? Somos muito rápidos em ter disposição para respeitar e reconhecer tudo o que aparece como **“convicção honesta”**. Para os mensageiros autorizados da verdade de Deus isso é diferente. Ao falar da **“verdade”** importa-lhes a **“realidade”** que o próprio Deus mostrou. Essa sua realidade não pode ser encoberta, deturpada e destruída. Quem nega ou falsifica a realidade de Deus é

objetivamente um “**mentiroso**”, ainda que subjetivamente fale e atue por “convicção honesta”. Isso é plenamente real na revelação e apresentação suprema e definitiva da verdade de Deus em Jesus.

“Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo?”

A confissão originária fundamental do cristianismo está sintetizada nessa breve frase que nos parece ser meramente um nome: “Jesus Cristo.” Na língua hebraica e aramaica na realidade se trata de uma frase completa, podendo sê-lo também no grego: “Jesus é o Cristo.” Acontece que agora “o Cristo” = “o Ungido” já não significa, como originalmente, “o Messias de Israel”. Com toda a certeza Jesus é isso também! Porém há muito a mensagem de Jesus chegara às nações, e o título do Cristo havia se revestido do sentido abrangente que os samaritanos já haviam entendido quando chamaram Jesus de “Salvador do mundo” (Jo 4.42). “**Jesus Cristo**” não é expressão diferente daquele *Kýrios Iesous* que Paulo apresenta em 1Co 12.3 como confissão elementar do verdadeiro cristão, gerada pelo Espírito de Deus: “Senhor é Jesus!” Agora, porém, essa confissão elementar está sendo negada! Nega-se “**que Jesus é o Cristo**”. “Negar” é, como “confessar”, não mero imaginar e opinar, mas proferir e testemunhar expressamente. Aqui não se indaga nem se reflete, aqui algo é proclamado em alto e bom som para certos grupos “cristãos”: Jesus não é o Cristo! Conseqüentemente já não importa que lugar se atribui a Jesus e que nome lhe é conferido. Segundo o veredicto de João, o cristianismo como tal é anulado pela afirmação “Jesus não é o Cristo”. Ao se contrapor ao cerne da mensagem de Cristo, essa doutrina se torna “anticristianismo”. Aqui o anticristo desloca o Cristo de Deus. “**É o anticristo aquele que nega o Pai e o Filho.**”

- 23** João deseja que a igreja veja: não está em jogo um ponto doutrinário isolado, uma opinião teológica divergente, sobre a qual se poderia discutir. Aqui se nega “o Filho”, i. é, toda a natureza de Jesus e seu envio como Revelador do Pai e como dádiva de seu amor reconciliador. Em decorrência, desconhece-se também o próprio “**Pai**”. A igreja deve se deixar seduzir pelo fato de que os novos ensinamentos evidentemente também falam de “Deus” e alegam captar a “Deus” de maneira muito mais profunda, sublime e pura do que seria percebido no retrógrado cristianismo apostólico. De qualquer forma esse “Deus” não é mais o “Pai de Jesus Cristo”, o Deus verdadeiro e vivo! “**Todo aquele que nega o Filho tampouco tem o Pai**”. Nada pode ser dissociado nessa questão. Foi o que Jesus declarou fundamentalmente a Filipe, que pediu a Jesus: “Mostra-nos o Pai, isso nos basta.” O “Pai” não pode ser encontrado e “mostrado” em um lugar qualquer. O Pai pode ser visto somente em um único lugar: em Jesus, no Filho. “Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai” (Jo 14.9). É equivocada a objeção de sempre falar apenas de Jesus, depreciando assim a Deus, o Pai. Essa objeção ignora que Jesus somente é “**Filho**” porque pertence ao “**Pai**”, e que por isso todo olhar sério para o Filho vê simultaneamente o Pai que o enviou e para o qual o Filho vive.
- 24** Por meio da anteposição e do destaque de “**vós**”, o apóstolo destaca a igreja dos falsos mestres, acrescentando sua exortação a esse “vós” convocador: “**Vós, o que ouvistes desde o princípio permaneça em vós.**” Exatamente como no “mandamento” em 1Jo 2.7 remete-se ao “princípio” de sua existência cristã. Também aqui a palavra “princípio” não significa mero começo cronológico em si. O “**princípio**” da vida cristã não é mero “começo”, mas um acontecimento poderoso e criador por parte de Deus, como o “princípio” da criação (cf. 2Co 4.6). Nesse acontecimento eles foram atingidos e vencidos pela verdade de Deus, reconheceram seu pecado e sua perdição, viram a Jesus, o Filho, em sua glória como a reconciliação por nossos pecados (e até mesmo pelo mundo inteiro), tornando-se propriedade de Jesus. É por isso que precisa “**permanecer**” neles aquilo que “**ouviram desde o princípio**”. Porque, “**se permanecer em vós o que ouvistes desde o princípio, também vós mesmos permaneceréis no Filho e no Pai**”. Notemos bem essa formulação! João não exorta simplesmente os membros da igreja a “permanecer” com certas opiniões e doutrinas, nem defende um “tradicionalismo” qualquer. Não fala como pessoa idosa que tenta conservar a igreja em trilhos desgastados. Não, é a mensagem ouvida desde o começo que deve “permanecer” neles. Ela é um fator independente, vivo, com força de ação própria. Ela é a “palavra da vida”, a única capaz de nos conceder a vida verdadeira, preservando-nos assim, segundo a asserção de 1Jo 1.3, na comunhão com o Pai e o Filho. Perderemos a vida se o evangelho ouvido desde o princípio não permanecer em nós. Tão decisivo é “ouvir” a mensagem e permitir que “permanença” em nós.
- 25** Em razão disso João acrescenta mais uma breve frase: “**E essa é a promessa que ele próprio assegurou: a vida eterna.**” Os gnósticos também prometeram “vida eterna” às pessoas. Contudo por que haveremos de deixar que novas doutrinas nos prometam aquilo que “**ele próprio**” há muito nos

prometeu, “ele próprio”, a quem conhecemos, em quem confiamos, que derramou seu sangue para nos purificar do grande empecilho da vida eterna, de nossos pecados?

26s João sintetiza: **“Isto que vos escrevo é acerca dos que vos desencaminham.”** As pessoas da nova tendência tentam soltar a igreja de todo seu tesouro anterior. Para onde conduzem a igreja? João somente consegue afirmar: para o descaminho! Contudo, não será isso mera afirmação? Será que a igreja deve se curvar simplesmente à palavra do velho apóstolo? Não. João está ciente de que sua situação diante da igreja é bem diferente. Não precisa se preservar com mera autoridade formal. A igreja possui pessoalmente em si, no coração, o “Mestre” verdadeiro, que convence no íntimo. Afinal, o Espírito Santo entrou na igreja junto com a palavra que ouviram no princípio. “Palavra” e “Espírito” estão diretamente ligados entre si. Unicamente a palavra formulada e credenciada pelo Espírito convence e leva à fé. Por seu turno, ouvindo a palavra com fé, somos selados com o Espírito Santo. Para os apóstolos a posse do Espírito pela igreja não representava “problema”, ou uma questão duvidosa que tivesse de ser sempre pedida novamente e, conseqüentemente, provavelmente sem um atendimento claro. A igreja possui o “óleo de unção”, como já asseverou o v. 20. João concorda integralmente com o testemunho de alguém como Paulo. Novamente ele destaca no início o “E vós”, e em seguida confirma à igreja: **“E vós, o óleo da unção, que recebestes dele, permanece em vós.”** O “óleo de unção” não é novamente retirado. O Espírito não desaparece da igreja, para ser concedido outra vez mediante reiteradas preces. O **“óleo de unção”** prometido **“permanece em vós”**. Por isso João passa a reiterar o que afirmou no v. 21. Não escreve porque a igreja seja ignorante e indefesa. Declara expressamente: **“E vós não tendes necessidade de que alguém vos ensine.”** Porém João também sabe acerca do mistério da ligação do Espírito com a palavra apostólica. O Espírito age e ensina na igreja. Contudo não ensina e age separado da mensagem apostólica e muito menos além dela, mas nela e junto com ela. **“Pelo contrário, assim como seu óleo de unção vos ensina acerca de tudo, assim ela é também verdadeira e não é mentira.”** Pelo fato de o apóstolo escrever à igreja, acontece que o óleo da unção os **“ensina acerca de tudo”**. Quando a igreja ouve a leitura dessa carta, o espírito da verdade lhe dá seu testemunho, e ela sabe com alegria: **“Assim ela é verdadeira e não é mentira.”** Também aqui não se trata da sinceridade humana do apóstolo e de sua veracidade subjetiva. O Espírito de Deus atesta a realidade objetiva, ensinada “desde o princípio” com clareza na mensagem apostólica e na qual a igreja deve “permanecer” face a todas as “mentiras” espirituais. **“Assim como ele (o óleo da unção) vos ensinou, assim permaneci nele.”** Ao contrário do v. 24, demanda-se agora não o permanecer no que foi ouvido na igreja, mas o permanecer da igreja na mensagem ouvida. A atuação divina sempre está na frente, como fator decisivo, conforme ocorre no v. 24. Contudo essa atuação divina nunca desiste de nossa participação real. O que ouvimos desde o princípio não “permanece” mecanicamente em nós, mas unicamente quando cedemos espaço à atuação do Espírito de Deus e pessoalmente “permanecemos” por vontade própria sob sua soberania. Tão certo como o Deus vivo é o Deus triúno, eles permanecem “nele”, no Pai e no Filho, quando permanecem no Espírito e em seu ensino.

A EXPECTATIVA PELA PARUSIA DE JESUS – 1JO 2.28-3.3

28 – Filhinhos, agora, pois, permaneci nele, para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança e dele não nos afastemos envergonhados na sua vinda (parusia).

29 – Se sabeis que ele é justo, reconhecei também que todo aquele que pratica a justiça é nascido (ou; gerado) dele.

3.1 – Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. Por essa razão, o mundo não nos conhece, porquanto não o conheceu a ele mesmo.

2 – Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é.

3 – E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro.

28 A convocação de “permanecer nele” encerrou o trecho anterior. Olhava-se para a atualidade, na qual o Espírito Santo ensina com poder e confirma a verdade. A igreja não deve permitir que doutrinas ilusórias a afastem dessa verdade que em última análise “é” o próprio Jesus. O novo bloco

da carta reitera essa insistente exortação: **“Permanecei nele.”** Mas o olhar da igreja é agora dirigido outra vez para o grande futuro ao qual se encaminha. **“E agora, filhinhos, permanecei nele, para que, quando ele for revelado, tenhamos livre ousadia e não sejamos envergonhados para longe dele em sua parusia.”** João, que gosta de usar sua própria linguagem, novamente mostra que apesar de tudo se ateve plenamente ao pensamento do primeiro cristianismo. Como ele, emprega o termo **“parusia”** para a nova revelação de Jesus. Ou seja, não “desmitologizou” a expectativa futura do primeiro cristianismo nem colocou um acontecimento atual qualquer no lugar da **“parusia”**, mediante uma reinterpretação existencialista. Não, o curso do mundo não continuará assim para sempre. Terá um fim na nova revelação de Jesus, **“em sua parusia”**. Então, porém, decide-se nosso próprio “futuro eterno”. Essa decisão é essencialmente a coisa mais importante que pode existir para nós. Nossa eternidade está em jogo nela. Por isso a nova exortação do apóstolo com a cordial interpelação **“filhinhos”**. **“Ele”**, em torno do qual agora ocorre a disputa, o próprio Jesus, será revelado com glória. Como **“nós”**, então, nos apresentaremos? Nessa questão João não dirige nosso olhar para nossas qualidades morais. Trata-se de uma só coisa: será que **“permanecemos nele”**? Resistimos às seduções que querem nos afastar dele? Encontramos nele a vida e o único Redentor de nossos pecados? Será que desmascaramos a fraude nas doutrinas de salvação que nos prometem eterna salvação sem Jesus e sua obra de reconciliação? Quando Jesus se manifestar com poder e glória, terão **“livre ousadia”** todos os que buscam no sangue dele a purificação de seus pecados e unicamente em sua cruz a justiça. Não **“serão envergonhados”**. Pelo contrário, diante do Salvador não mais oculto, porém manifesto, resplandece com total limpidez o fato de que eles se alicerçam sobre a rocha e que em Jesus possuem com visível glória tudo aquilo que confiantemente esperaram dele. Agora não há mais dúvida. Quem, no entanto, se deixou afastar de Jesus será **“envergonhado para longe dele em sua parusia”**. Não quis “permanecer nele”, mas procurou a salvação em outra coisa. Agora é obrigado a ter plenamente aquilo que quis e estar **“longe dele”**, daquele que agora foi revelado como a única salvação e como a vida eterna. Experimenta uma decepção arrasadora: precisa reconhecer que esteve refém da mentira, perdendo a verdade e a vida. **“Será envergonhado”**.

29 Não obstante, João quer solidificar a grande esperança futura por meio do olhar para a transformação da existência que se nos apresenta no fato de sermos filhos de Deus. Faz essa transição com a frase: **“Se sabeis que ele é justo, reconheceis que também todo aquele que pratica a justiça é nascido (ou: gerado) dele.”** João usa aqui, como Paulo repete sem cessar, a expressão **“justo”**. O grego pretendia ver o ser humano como “belo” e “bom”, perfeito em si mesmo. João, porém, vê o ser humano posicionado diante de Deus e sob a vontade e exigência de Deus, à qual lhe cabe fazer “justiça”. Jesus foi **“justo”**: todos aqueles que realmente o conhecem sabem disso. Podia afirmar a respeito de si mesmo que cumpria os mandamentos de seu Pai e permanecia no amor dele (Jo 15.10). Com alegria cumpriu “toda a justiça” (Mt 3.15). É assim que também nossa vida pode e deve estar configurada. Mas ninguém tem isso por si mesmo. Ninguém realiza isso por meio de seu próprio esforço. Muitos podem sonhar com a justiça. Certamente é coisa nossa considerar a “justiça” algo belo e necessário. Temos “prazer na lei de Deus segundo o ser humano interior” (Rm 7.22). No entanto, como João afirma aqui, está em jogo o “praticar”: **“todo o que pratica a justiça”**. É aí que se situa nossa miséria natural: “Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço.” (Rm 7.19). Isso somente mudará por meio de um acontecimento radical que João classifica como “ser nascido dele”.

3.1 Haverá realmente pessoas assim? João responde: **“Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, o somos.”** Existem filhos de Deus! E existem não apenas em um lugar qualquer entre outras pessoas. Agora João não fala mais de “todo aquele que...”, mas fala de **“nós”**. **“Nós”** somos chamados filhos de Deus, e **“nós”** o somos! Quem não tem coragem de se juntar a esse “nós” precisa examinar sua situação com seriedade e analisar como, conseqüentemente, está posicionado perante Deus. Não se trata de nossa devoção e excelência com que poderíamos ou deveríamos fazer de nós mesmos filhos de Deus. Nesse caso evidentemente jamais poderíamos nos inserir no “nós” de que João fala. Na realidade, porém, a situação é bem diferente. Podemos vir a Jesus assim como somos e nos entregar a ele. Então o Pai de Jesus Cristo nos “chama” instantaneamente seus filhos, dando-nos em Jesus e por causa de Jesus seu amor e dizendo-nos que agora somos seus filhos amados.

João exclama com razão: **“Vede que grande amor nos tem concedido o Pai”!** A expressão **“que grande amor”** não significa mera “magnitude”. Certamente significa também isso. A expressão

aponta – do mesmo modo como o “assim” em Jo 3.16 – para a peculiaridade desse amor. **“Chamar”** a nós, inimigos de Deus, de seus filhos, nós, que somos pessoas degeneradas e maculadas, disso somente um amor que sofre, sustenta e sangra é capaz. **“Que grande amor”** é esse? Inicialmente acontece aqui uma “adoção”. Por natureza ainda não somos absolutamente filhos de Deus. Mas uma adoção real nos concede plena filiação, todo o direito de filhos. Quando **“somos chamados”** por Deus de seus filhos, não recebemos apenas uma etiqueta com um nome vazio. Por essa razão João acrescenta: **“E o somos.”** Nossa certeza disso não vem do que nós mesmos podemos observar e constatar em nós, mas da noção de que por necessidade intrínseca o dizer e nomear de Deus é uma atuação criadora. “Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir” (Sl 33.9).

Contudo, será que não precisa ser possível perceber isso de alguma forma “real”? João responde afirmativamente e acrescenta uma prova peculiar. **“Por essa razão, o mundo não nos conhece, porquanto não conheceu a ele.”** Quando contemplamos e analisamos a nós mesmos, talvez encontremos muito pouco da filiação divina em nós e dificilmente veremos uma diferença em relação a outras pessoas. Contudo é curioso: **“o mundo”** sente imediatamente em nós o que lhe é alheio e diferente! Ele **“não nos conhece”** em nosso ser. Aqui, assim como em todas as passagens da Bíblia, **“conhecer”** significa mais que mero entendimento intelectual. Trata-se de estar aberto para o outro e de compreendê-lo com amor. Por isso o contrário, um “não conhecer”, não apenas significa falta de entendimento, mas fechar-se para o outro, uma rejeição interior que pode escalar até a inimizade. O que para nós representa a coisa mais preciosa e essencial da vida irrita e repele o **“mundo”**. Com frequência isso é bastante duro para nós. Mas João nos diz: alegrem-se com isso! Aqui vocês têm uma prova objetiva, não inventada por vocês mesmos, de que são “diferentes”, nascidos de Deus e determinados por ele. O mundo não pode nos **“conhecer”**, nem compreender nem valorizar, **“porque não conheceu a ele”**. No “conhecer” a Deus torna-se perfeitamente claro que não se trata de conhecimento intelectual sobre Deus, de “demonstrações da existência de Deus” ou coisa semelhante. Deus é “conhecido” somente quando revela a si mesmo de maneira viva e nós nos abrimos e nos entregamos a essa revelação em Jesus. Por isso João enfatizou repetidamente que esse “não-conhecer” a Deus se deve a um secreto não-querer, a uma rejeição de sua luz e de seu amor, constituindo “culpa”. Quem se fecha para a revelação de Deus não consegue reconhecer os traços da filiação divina nas pessoas, ou melhor, esses traços se transformam em tropeço para ele.

- 2 No entanto, tudo isso não se resume a essa luz refletida, a essa filiação divina imperfeita. Ainda paira outro mistério sobre nossa vida. É dele que João passa a escrever à igreja: **“Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não foi revelado o que haveremos de ser. Sabemos que, quando isso (ou: ele) for manifesto, seremos semelhantes a ele, porque o veremos como ele é.”** João escrevera sobre o amor incompreensível de Deus, apontando para ele com um “Vede!”. Por isso interpela agora os destinatários da carta como **“amados”**. Ele reforça: **“Amados, agora somos filhos de Deus.”** Mesmo que a pequena frase do v. 1 “e o somos” não seja original, vemos aqui que João não pensou em um mero “nome” fictício de filiação em Deus. Entretanto, também João está ciente daquele “já e ainda não” que confere peculiaridade a todas as declarações do NT acerca de nós cristãos. Nenhum mensageiro divino do NT pensa de maneira “perfeccionista”; nenhum deles pensa que a igreja já seja “perfeita”, “consumada”. Cada um sabe de quantas exortações os “santos” carecem para realmente viverem como “santos”. E Paulo mostra em Rm 8.23 e 8.10s com abrupta clareza os intransponíveis limites de nossa renovação em nossa existência atual. Em função disso a “escatologia”, a proclamação do futuro e a espera visionária pelos atos de Deus que a tudo consumarão são determinantes para todas as afirmações do NT. João adere plenamente a isso, ainda que enfatize de forma especial o “ter” da vida eterna, a “transição havida da morte para a vida” (1Jo 3.14; Jo 5.24). Apesar disso ele sabe: ainda não somos o que **“haveremos de ser”**. Ainda não o somos, e isso nem mesmo foi manifesto! Talvez com essa frase João novamente dirija contra o gnosticismo, que pretendia saber com excessiva precisão como será nosso estado de perfeição.

Ou seja, somos incapazes de dizer algo a respeito? Porventura isso não se tornará um mistério atormentador ou também algo de pouco significado para nossa vida atual? Não, sabemos de algo muito fundamental e seguramente tangível para nós! É verdade que não obtemos um quadro concreto de um mundo que se rege por leis de existência completamente diferentes e que por isso permanece inconcebível para nós. Porém sabemos algo a respeito de nosso próprio futuro. **“Sabemos que, quando isso (ou: ele) for manifesto, seremos semelhantes a ele, porque o veremos como ele é.”** No texto grego não há como distinguir se João tem em mente um **“quando isso...”** ou **“quando**

ele...” for manifesto. Essa diferença é irrelevante na questão que está sendo considerada. Quando “isso” for manifesto, a nova revelação “dele” também estará incluída. E quando “ele” vier com glória, será manifesto “isso”, o que haveremos de ser. Mas gramaticalmente não deixa de ser mais plausível referir o “ser manifesto”, ora anunciado, ao “ainda não foi manifesto” e preferir a tradução “**quando isso for manifesto**”. No entanto, o que será limpidamente visível em nós quando “isso” ou “ele” for manifesto? “**Que seremos semelhantes a ele.**” Se traduzirmos *homoios* por “iguais”, algo sem dúvida possível, ainda assim não está sendo afirmada uma igualdade no sentido estrito. Por isso deveremos preferir a tradução com “**semelhante**”. Nem mesmo na consumação podemos esperar uma absoluta “igualdade com Deus”. *Homoousios to patri*, “igual ao Pai na essência” é somente o Único, o filho, Jesus.

Obviamente, não deixa de ser importante para o entendimento da passagem a quem se refere o “ele”, ao qual seremos “semelhantes” quando “o” virmos como ele é: o próprio Deus ou Jesus? Será que finalmente se cumprirá aqui o antigo anseio pela contemplação direta de Deus (Êx 33.18-23)? Ou estará também aqui o Filho no centro, ele, cuja parusia aguardamos, ao qual veremos então em toda a sua realidade desvelada? Então a expectativa de João seria realmente idêntica à de Paulo em Rm 8.29. E o cumprimento da promessa na bem-aventurança de Mt 5.8 aconteceria de tal forma que a glória do Pai se torna visível no Filho.

Independentemente de como, porém, entendermos a frase de João, o que nos é mostrado como nosso futuro e como alvo de nossa vida é, de qualquer forma, inconcebilmente grandioso. Haveremos de ser “**semelhantes a ele**”! Quando olhamos para nós mesmos, mesmo após anos de vida na fé e na santificação, não conseguimos compreendê-lo nem considerá-lo possível. Em que os apóstolos baseiam essa certeza, apesar de tudo? Paulo vê em Rm 8.29 uma “destinação prévia” e um “ordenamento” de Deus. Isto precisa ser incondicionalmente cumprido. João, porém, fundamenta sua expectativa com a frase: “**Porque o veremos como ele é.**” Desde já, quando “vemos” a Jesus apenas em figura terrena, podemos experimentar que esse “ver”, esse convívio com Jesus não nos deixa imutáveis. Paulo descreveu isso em 2Co 3.18. João nos dirá de modo muito direto que permanecer em Jesus é nossa separação de todos os pecados. E quando, pois, Jesus não mais estiver diante de nós apenas na “palavra”, e sim em plena realidade, “**como ele é**”, quando vivermos diretamente em sua presença, segregados para sempre de todas as influências do mundo e das trevas, certamente continuaremos sendo “nós mesmos”. Contudo nossa natureza criada à imagem de Deus refletirá essa “figura de Deus” na semelhança com o Filho, a verdadeira “imagem de Deus”. Esse “saber” do “céu”, da natureza da consumação da vida eterna, realmente basta! Afinal, todas as demais descrições figuradas do Apocalipse de João também se alinham em torno desse centro: “Os seus servos o servirão, contemplarão a sua face, e na sua frente está o nome dele.” (Ap 22.4s). A partir daqui o futuro eterno se torna “palpável”, porque conhecemos e amamos aquele a quem seremos semelhantes.

- 3 Porventura não deveríamos nos alegrar muito mais com isso? Essa alegria é vista agora por João como a “**esperança**” de nossa vida. Sem “esperança” ninguém consegue viver. Mas todas as esperanças terrenas, por mais que possam estimular-nos e preencher-nos durante certo tempo, não deixam de ser natimortas. Nós temos uma “viva esperança” (1Pe 1.3), uma esperança que não desaparece com todo o resto de nossa vida e que por isso também torna nossa velhice translúcida e digna de viver. É a “esperança” que o crente “**nele deposita**”. Essa esperança não pode iludir, porque Aquele em quem a depositamos não ilude. Não acaba na morte, porque Ele, ao qual aguardamos, é aquele que superou a morte, que ressuscitou. Contudo também essa esperança – e justamente ela – passará a determinar com eficácia a realidade de nossa vida.

É característica básica nas afirmações bíblicas acerca do futuro que elas nunca servem ao mero interesse do conhecimento ou do desfrute da felicidade pessoal. Sempre agem com poder como estímulo para nossa vida atual. É esse também o caso de João. Ele assevera: “**E todo aquele que deposita nele essa esperança se purifica, assim como aquele é puro.**” Prestemos atenção na formulação! João não diz à igreja: quem vive nessa esperança “precisa” se purificar ou “deve” se purificar. João está convicto de que isso acontece por necessidade intrínseca. Também neste ponto chama atenção a liberação de toda “moral” e da mera “lei”. No entanto, como acontece, então, esse “purificar”? João declara: ele “**se purifica, assim como aquele é puro**”. “Assim como” possui no grego não apenas um sentido comparativo, mas também uma conotação justificativa. Sobre nossa “esperança” nele, que é puro, está alicerçada uma “prática” que brota constantemente de nossa

esperança, como se brotasse de uma fonte viva: precisamente esse “purificar” de nossa vida aqui e agora. Se de fato o pensamento “Eu serei semelhante a ele” estiver diante de nós em sua magnitude, então desde já não posso mais tolerar nada em mim que, sendo sujo, sombrio e antidivino, não combine com a pureza de Deus. Novamente João nos confronta com uma de suas frases sucintas tão singelas e, não obstante, tão desafiadoras. Quem reconhece que não está se “**purificando**” em sua vida cristã precisa se questionar seriamente se de fato tem “**essa esperança**”. Sim, a rigor já fica evidenciado como alguém que não a tem ou a tem de modo insuficiente. De nada lhe servem tentativas forçadas de purificação que rapidamente definharão. Ajuda-o unicamente ouvir a palavra que anuncia o futuro, e agarrar essa palavra pela fé. Então também acontecerá nele: ele “**se purifica, assim como aquele é puro**”.

A IMPOSSIBILIDADE DE CONCILIAR O PECADO COM O PERTENCIMENTO A JESUS E A DEUS – 1Jo 3.4-10

- 4 – Todo aquele que pratica o pecado também transgredir a lei (ou: rebela-se contra a lei), porque o pecado é a transgressão da lei (ou: a rebeldia contra a lei).**
- 5 – Sabeis também que ele se manifestou para tirar os (ou: nossos) pecados, e nele não existe pecado.**
- 6 – Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu.**
- 7 – Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém; aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo.**
- 8 – Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo.**
- 9 – Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido (ou: gerado) de Deus.**
- 10 – Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo aquele que não pratica justiça não procede de Deus, nem aquele que não ama a seu irmão.**

Nesses versículos deparamo-nos com o trecho mais difícil e radical da presente carta. Agora é particularmente necessário ler com atenção, repensar e compreender. Para isso precisamos de predisposição para ouvir a palavra de João, ainda que possa atingir de maneira dolorosa a nós “crentes”, conduzindo-nos a um profundo arrependimento.

- 4** Nesse ouvir obviamente não devemos esquecer que se trata de uma autêntica carta, que se refere a uma determinada situação que não conhecemos exatamente, mas que a princípio precisamos depreender das declarações da carta. Isso vale especialmente para a primeira frase do trecho. “**Todo aquele que pratica o pecado pratica também a anomia** (ou: a rebeldia contra a lei).” Por que o apóstolo enfatiza com tanta força que o “**pecado**” é também sempre “**anomia**”, “**ausência de lei**”, “**rebeldia contra a lei**”? No helenismo daquele tempo, após a decadência das antigas religiões, o ser humano era, em grande medida, auto-suficiente e considerado responsável unicamente perante si mesmo. Disso resultou uma falta de laços do ser humano, que desejava ser “livre” e autocrático em tudo. Poderia haver nos grupos sob influência gnóstica aqueles que pensavam nesses moldes “gregos”, e a partir daí davam pouca importância ao pecado por ser “questão pessoal” do ser humano.

Fará bem traçarmos para nós um quadro disso para a época apostólica. A situação se torna muito tangível nas cartas do apóstolo Paulo aos coríntios. A igreja de Corinto tinha orgulho da plenitude do Espírito e dos dons espirituais que possuía. Porém precisamente essa igreja estava dilacerada por inveja e discórdias (1Co 1.11s; 3.3; 4.6). Não dá importância a que um homem de seu meio se case com a madrasta (1Co 5.1s). Irmãos processam um ao outro perante juízes gentílicos (1Co 6.1s). Relações sexuais extraconjugais pareciam ser naturais para certos grupos na igreja, fazendo parte da “liberdade cristã” (1Co 6.12-20). Sem escrúpulos, membros da igreja participavam de banquetes em templos gentílicos (1Co 8.10); e nas refeições noturnas da igreja os abastados viviam em opulência, sem se dar conta de como constrangiam assim aos pobres (1Co 11.21s). Uma parcela dos

representantes dessa liberdade irrestrita afirmava seu direito contra todas as advertências de Paulo, negando-se ao arrependimento pela impureza, incontinência e devassidão que havia praticado. Também grassam na igreja a discussão, inveja, ira, briga e maledicência (2Co 12.20s). Todos esses pecados acontecem em uma igreja apostólica, surgida de uma conversão clara e que parecia ser especialmente plena do Espírito. João deve ter visto algo análogo nas igrejas às quais escreve.

João, porém, vê o ser humano diante de Deus. E Deus manifestou sua santa e válida vontade mediante seus mandamentos, na “lei”. Por isso “pecado” não é questão particular do ser humano, mas transgressão dos mandamentos de Deus, rebeldia contra a vontade de Deus, “anomia”, “ausência de lei”. Tamanha é a gravidade que a igreja deve atribuir ao pecado! Com muita clareza ela precisa perceber aqui a verdade real e desmascarar o engodo dos grupos gnósticos. É assim que devemos compreender a primeira frase de João no presente trecho. Ademais, o “**todo**” nessa frase é enfático. Sua afirmação vale para “cada um”. Não se toleram exceções – p. ex., para importantes portadores do Espírito ou membros da igreja influenciados pelo gnosticismo.

- 5 Já na frase subsequente João dirige o olhar integralmente para Jesus. Existe um contraste nítido, não apenas entre “lei” e “pecado”, mas muito mais profundo e extremo entre Jesus e o pecado! “**E sabeis que aquele foi revelado para que levasse embora os** (ou: nossos) **pecados; e pecado não há nele.**” Todo aquele que é, de fato, cristão “sabe” disso. Em toda a magnitude de seu amor Jesus não veio para ignorar o pecado, desculpá-lo e considerá-lo inócuo, mas para “levá-lo embora”. Era esse o alvo total e único de seu envio e sua revelação. E cada pessoa na igreja também sabia o que significava “levar embora”, que preço foi pago por isso. Jesus abriu mão de sua glória celestial, tornando-se “o Cordeiro de Deus que levou embora o pecado do mundo” ao longo de toda a sua vida até sangrar e morrer no madeiro maldito. Da mesma forma como é terrível o pecado, tão necessárias são nossa libertação e purificação dele. Contudo, se nessa seriedade sangrenta Jesus entregou tudo para “levar embora” nossos pecados, seria correto querer mantê-los? Se o pecado demandou do Pai a entrega do Filho, do Filho a morte na cruz para que fosse dissolvido, então podemos nós considerá-lo inócuo e desculpável? Isso é impossível! Para João, realmente aterrorizante não é a rebeldia contra a lei, mas o desprezo da preciosa ação redentora de Deus em Jesus. Isso acontece quando se dá pouca importância ao pecado. Com vistas à obra de Jesus ele quer que “cada um” na igreja veja o pecado em toda a sua gravidade.

“**E pecado não há nele**”, em Jesus. Também Paulo atesta que Jesus “não conheceu o pecado”. Só assim ele pôde “ser feito pecado em prol de nós” (2Co 5.21). Unicamente por isso seu sangue nos purifica de todo o pecado.

- 6 No entanto, não havendo pecado em Jesus, fica claro: “Jesus” e “pecado” são contrastes perfeitos. Por definição, “Jesus” e “pecado” jamais podem estar juntos! Disso resulta obrigatoriamente: “**Todo o que permanece nele não peca.**” De forma singular essa é uma daquelas frases de João que são tão “simples” que não carecem de explicação e elucidação, e simultaneamente tão desafiadoras que no íntimo nos rebelamos contra ela. Existe um meio simples para detectar pessoalmente a incontestável verdade da frase desafiadora. Tentemos inverter a frase: “Todo o que permanece em Jesus peca.” Imediatamente vemos que isso é impossível! Quem permanece em Jesus está separado do pecado. Ninguém pode ficar ao mesmo tempo em Jesus e no pecado.

Será, pois, que João ensina de fato que todos os verdadeiros cristãos não pecam? Sim e não. Não, pois ele mesmo salientou com grande seriedade que ninguém pode afirmar: “Não temos pecado” (1Jo 1.8). Falou expressamente sobre “confessar o pecado” (1Jo 1.9). E em 1Jo 2.1 ele conta com a possibilidade de que “alguém peca”. O fato de que isso ocorre constantemente deve-se à circunstância de que não “permanecemos nele” da maneira como deveríamos e poderíamos. Inadvertidamente recaímos em nossa independência; e então pecamos. Também Paulo, que em Rm 6.11 nos considera mortos para o pecado, prevê em Gl 6.1 que um cristão é colhido por uma queda. Não, “sem pecado” não são nem mesmo os crentes que se entregaram a Jesus e se tornaram propriedade dele comprada por alto preço. Mas então acontece que seu pecado fica insuportável para eles, percebem com dor a incompatibilidade entre “pecado” e “Jesus” e então confessam o pecado de acordo com a palavra de João, experimentando novamente o perdão e a purificação de todos os pecados pelo sangue do Filho de Deus. Então serão “sem pecado”, porque o perdão através de Jesus, aquele que carrega os pecados do mundo, purifica de todos os pecados (1Jo 1.7) e nós nos tornamos nele “justiça de Deus” (2Co 5.21).

Contudo, por isso a conclusão a que João chega na segunda parte da frase é simples e literalmente “verdadeira”: **“Todo o que peca não o viu nem tampouco o reconheceu.”** Todo aquele que peca, i. é, todo aquele que permanece e vive no pecado, todo aquele que não pratica a palavra em 1Jo 1.9 e 2.1, que considera seu pecado irrelevante e pensa poder ser propriedade de Jesus mesmo associado ao pecado, esse “não viu a Jesus”. Até agora jamais viu realmente diante de si como ele morreu lá na cruz a morte maldita do abandono de Deus em prol de nossos pecados. E **“tampouco o reconheceu”** o Puro e Santo que padece o juízo sobre nossos pecados. Se tivesse “visto” Jesus dessa forma e o tivesse “reconhecido”, o pecado lhe seria insuportável, e não poderia simplesmente continuar a “pecar”. Em função disso, porém, repreensões, intimidações e ameaças tampouco ajudam os que ainda não levam o pecado a sério. Isso não os libertaria realmente do pecado. Temos de ajudá-los a realmente “ver” e “reconhecer” a Jesus e sua cruz. O olhar real para Jesus, para sua pureza, seu amor que padece e sangra por nós é capaz de gerar o estremecimento diante do pecado e gerar uma rejeição completa a este em nossos corações. Então se realiza a verdade: quem permanece em Jesus não permanece no pecado, porém “anda na luz, como ele mesmo está na luz, e o sangue de Jesus o purifica de todo pecado”.

7-8a É esse posicionamento perante o pecado que importa ao apóstolo. Por isso ele exorta e suplica da forma mais cordial: **“Filhinhos, ninguém vos desencaminhe.”** Cabe à igreja resistir a todos que tentam tornar o pecado inócuo e compatível com o pertencimento a Jesus. Talvez se costumava dizer na igreja: Ora, se fomos redimidos por Jesus e recebemos o Espírito com seus dons, nossos pecados não nos prejudicarão tanto. Um paulinismo erroneamente compreendido, contra o qual também Tiago se dirige em sua carta (Tg 2.14ss) poderia contribuir para isso. Porventura não somos justos perante Deus “unicamente mediante a fé”? Não, diz João, nossa “fé” jamais poderá servir para encobrir pecados que foram preservados! Nesse caso já não seria fé em Jesus! Não, **“quem pratica a justiça é justo, assim como aquele é justo”**. Acontece que até mesmo confessar pecados praticados e purificar-se de toda injustiça estão incluídos nessa “prática da justiça”.

Nessa afirmação João combate uma compreensão puramente individualista do “pecado” e da “justiça”. Não existimos sozinhos para nós mesmos. Sempre estamos incorporados em grandes correlações e somos determinados por um poder que nos governa. A origem do pecado, a rebeldia contra a vontade de Deus, reside no diabo. **“Quem pratica o pecado é do diabo, porque desde o início o diabo peca”**. Cada pecado, cada pensamento impuro ou palavra inverídica nos faz sucumbir à influência do diabo e assim participamos da rebeldia dele contra Deus. E quando não apenas “pecamos”, mas **“praticamos o pecado”**, quando não apenas somos “colhidos por ele”, mas o exercemos conscientemente e nele permanecemos, então não apenas sucumbimos a uma tentação momentânea, mas “somos do diabo” e fomos essencialmente arrastados para dentro da rebeldia dele contra Deus. Todo aquele que tenta considerar o pecado inócuo precisa saber disso. Inversamente, a situação é que quem permanece em Jesus, sendo determinado e guiado por ele, não apenas “não peca”. Não podemos permanecer nessa constatação negativa, porque nossa vida é um **“praticar”** contínuo. O que nós “praticamos” como propriedade de Jesus? **“Praticamos a justiça.”** Agora vale a frase: **“Quem pratica a justiça é justo, assim como aquele é justo.”** Também aqui o grego “assim como” não expressa apenas uma comparação, mas traz em si uma conotação de justificativa. Jesus é **“justo”**; é o que João havia salientado na questão do perdão e da redenção em 1Jo 2.1s. Quando pertencemos a ele, ao Justo, então nossa “prática” também parte dele e passa a ser uma “prática da justiça”.

8b Aqui, no entanto, emerge mais uma vez a pergunta: será que isso de fato é realidade em nossa vida? Nossa “carne”, nosso egoísmo não permanecem em nós enquanto vivemos, e não se avoluma constantemente em nós “o desejo da carne”, algo que mesmo Paulo conhecia muito bem, conforme Gl 5.16? Não acontecem em nós volta e meia pecados dolorosos, que são igualmente “obras da carne” (Gl 5.19) e “obras do diabo”? Sim. Contudo imediatamente João nos mostra mais uma vez a poderosa ajuda: **“Para isso foi revelado o Filho de Deus, para que dissolva as obras do diabo.”** Como é maravilhoso que isso exista: “dissolver” das obras do diabo e seu poder amarrador e avassalador.

Apoiamo-nos nessa palavra especialmente quando se trata de soltar pessoas das sombrias amarras da superstição. E fazemos bem. Temos o privilégio de experimentar sempre a plena realidade de que Jesus “dissolve” essas obras especiais do diabo no poder de sua vitória na cruz, libertando e renovando os amarrados. Porém não faremos justiça à frase desse texto se a restringirmos a essa área.

Graças a Deus essa frase é muito abrangente. Assim como todo pecado é uma “obra do diabo”, assim Jesus, o Filho de Deus, foi revelado para que “dissolva” todos os pecados, tornando-os ineficazes e eliminando-os. Nesse “dissolver” reside aquele “libertar” dos servos do pecado do qual o próprio Jesus falou conforme Jo 8.34-36. Em todas as esferas da vida percebemos a “lei do pecado” (Rm 8.2), aquela “outra lei em meus membros que me torna cativo da lei do pecado” (Rm 7.23). Por isso não precisamos de uma “solução” apenas nos casos em que o ônus é gerado por pecados de superstição. O “perdão” genuíno não é mera palavra consoladora, mas um acontecimento real, uma libertação de amarras do pecado. Nossos pecados são “dissolvidos”, somos livres.

- 9 O tema todo é tão importante para o apóstolo em vista dos descaminhos na igreja que ele volta a dizer uma frase a esse respeito. Novamente trata-se de uma frase radical que João coloca diante de nós. **“Todo o que é nascido (ou: gerado) de Deus não pratica pecado, porque sua semente permanece nele; e ele não pode pecar, porque é nascido (ou: gerado) de Deus.”**
- 10 Novamente tentaremos nos rebelar contra essa frase, que de forma intolerável parece afirmar a total ausência de pecado em todo autêntico filho de Deus, questionando assim de forma assustadora nossa própria filiação e redenção divinas. Contudo, mais uma vez podemos fazer a prova da veracidade da frase quando tentamos invertê-la: “Todo o que é nascido de Deus pratica o pecado.” Agora diremos com razão: “Impossível!”, confirmando assim a verdade daquilo que João escreve.

Entretanto, leiamos aqui com muita precisão e cuidado. João não fala de todo “cristão” em sentido geral. Ele pressupõe que algo poderoso aconteceu com uma pessoa, aquilo que Jesus expôs a Nicodemos: ser gerado do alto, ser nascido de Deus (Jo 3.3-5). Dessa maneira uma pessoa recebeu “semente” divina, o Espírito vindo de Deus. E essa semente “**permanece nele**”, impedindo a “prática” do pecado. Em Gl 5.16 o apóstolo Paulo descreveu exatamente a mesma coisa. Sem dúvida o desejo da carne permanece em nós e se move com força intensa; contudo quem “anda no Espírito” “não consumará” o desejo da carne. Ele há de “mortificar os negócios da carne por intermédio do Espírito” (Rm 8.13).

João torna a aguçar sua afirmação: “**e ele não pode pecar, porque é nascido (ou: gerado) de Deus.**” Também isso é irrefutavelmente claro e certo. O que se origina da natureza santa de Deus está absolutamente separado do pecado e não “**pode**” pecar, assim como não existem trevas em Deus (1Jo 1.5). Por essa razão João havia constatado logo no início da carta: “Deus é luz, e nele não há trevas” (sobre isso, cf. o comentário à p. 314).

Contudo, será que nesse caso essas frases não acabam nos levando ao desespero? Porventura é possível que alguém de nós ainda creia em seu nascimento gerado por Deus? Na verdade ainda “posso” pecar e tão-somente posso confessar, fazendo coro com a explicação de Martinho Lutero acerca da quinta prece do Pai Nosso, “que pecamos muito diariamente e deveras merecemos castigo”.

Não podemos isolar as frases de João na presente passagem, mas agora precisamos justapor a elas suas afirmações de 1Jo 1.7,9; 2.2. Se ao ler o presente trecho ficamos profundamente estarecidos com nossa vida, precisamente com nossa “vida cristã”, então o apóstolo alcançou o que pretendia. Na igreja não pode prevalecer a fria constatação: “obviamente também pecamos como cristãos e filhos de Deus”. A rigor seria “óbvio” que na igreja dos renascidos não se peque mais. Se a situação em nós e nossa igreja ou grupo de comunhão é outra, isso de fato é motivo para nos deixar estarecidos. Então já não diremos levemente: “Ora, somos assim mesmo”, mas veremos com dor que praticamos algo que, como nascidos de Deus, a rigor nem “poderíamos” fazer e de qualquer modo já não “teríamos” de fazer. A “semente” de Deus que “**permanece**” em nós nos impele ao arrependimento e nos empurra com nossos pecados até Jesus, aquele que possui a prerrogativa de perdoar, de purificar por meio de seu sangue, e que dissolve as obras do diabo. Esse é o “purificar-se” de que João falou em vista do grandioso futuro em 1Jo 3.3. As frases radicais do apóstolo revestem-se de verdade para nós no fato de que o pecado já não pertence como outrora à nossa natureza, mas tornou-se “corpo estranho” contra o qual se rebela nossa nova natureza gerada por Deus.

Novamente toda a gravidade se articula na frase final: “**Nisso são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo. Todo o que não pratica a justiça não é de Deus, nem o que não ama seu irmão.**” Notemos bem: João profere essa frase para a igreja! Não quer dizer: aqui na igreja estão os filhos de Deus e lá fora, no mundo, estão os filhos do diabo. João estava presente quando Jesus disse aos judeus devotos e fiéis à lei, com todas as suas realizações religiosas e morais: “Tendes por pai o

diabo e pretendeis agir de acordo com as volúpias de vosso pai” (Jo 8.44a). Por isso tem a preocupação de que também na igreja cristã possa haver “**filhos do diabo**”. Em que eles podem ser reconhecidos e discernidos? Convivem na igreja, ouvem a palavra com ela, entoam os mesmos hinos, dominam bem o linguajar cristão e bíblico. Jesus chega a pensar em pessoas que podem se vangloriar: “Senhor, Senhor, acaso não profetizamos em teu nome? Acaso não expelimos maus espíritos em teu nome? Não realizamos muitos prodígios em teu nome?” Jesus não contesta que de fato tenham realizado tudo isso. Nesse caso, não seriam eles membros proeminentes de sua igreja? Não, Jesus lhes responde: “Nunca vos conheci, vós praticantes da iniquidade” (Mt 7.22s). Da mesma maneira João também constata. “**Todo o que não pratica a justiça não é de Deus, nem o que não ama seu irmão.**” Neste ponto cabe notar, como também em 1Jo 4.8, a diferença entre os termos de negação no grego. “**Não é de Deus**”; aqui é usado o “não” da simples negação real. Em contraposição, na frase “que não pratica a justiça e que não ama seu irmão” João emprega a palavra de negação *mè*, na qual ecoa uma “vontade” negativa. Não se trata apenas de que esses “**filhos do diabo**” realmente não praticam a justiça e realmente não amam o irmão, mas de que não “desejam” ambas as coisas, sua vontade não está direcionada para isso. “Outros e sublimes “efeitos do Espírito” são mais importantes para eles do que simplesmente “praticar a justiça” e “amar o irmão”. Paulo tinha isso claramente diante de si em Corinto. João deve tê-lo visto da mesma maneira nas igrejas que lhe foram confiadas.

Por meio das palavras finais “**nem o que não ama seu irmão**” somos remetidos também ao trecho anterior (1Jo 2.9-11) e aos versículos subseqüentes (1Jo 3.14s). Está em jogo o amor! Ele constitui a essência de Deus (1Jo 4.16). Por isso é “nascido de Deus” aquele que sabe amar (1Jo 4.7). Em última análise o “mandamento” sempre é o mandamento do amor (Jo 13.34; 15.12; 15.17). Por isso a natureza do “pecado” consiste em negar o amor, em “odiar” o irmão. Em 1Jo 3.15 nos será dito: “Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino.” Portanto, aplica-se a ele a mesma palavra com que Jesus classifica o diabo em Jo 8.44, com a diferença de que este é “desde o início, desde a origem”. Quem, no entanto, “**não ama**” o irmão e, portanto, o “odeia” é nisso um “**filho do diabo**”. A “**justiça**” que quer ser “praticada” não se diferencia essencialmente do “amar”. Uma “justiça” fria e sem amor não é o que João tem em mente. Somente fará “justiça” ao amor de Deus em Jesus aquele que amar o irmão, da mesma forma e pelo fato de que ele mesmo experimentou o amor de Deus.

Nesse aspecto não se deve desconsiderar que o comportamento “justo” em relação aos outros sempre constitui a primeira e fundamental atitude do “amor”. Meu amor precisa se evidenciar primeiro no fato de que concedo ao outro seu “direito”, de coração e com alegria, e lhe entrego com disposição aquilo a que tem “direito”. Não posso esquivar-me daquilo que o outro espera com razão e cujo cumprimento por algum motivo é difícil para mim, substituindo isso por toda sorte de grandiosas “demonstrações de amor”, que realizo com tanto prazer.

João está convicto de que não somos desconhecedores de nosso amor e da capacidade de amar. Há de registrá-lo já no trecho seguinte de sua carta: “Sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos.” É verdade que aquele que ama perceberá com pesar sua falta de amor e saberá que no amor sempre permanecemos “devedores”. Reconhecerá suas múltiplas “injustiças”, seu fracasso, seu pecado e por isso se chegará tanto mais à cruz de Jesus, para ali obter perdão e nova vida. Ele não considerará de forma leviana nenhum pecado, inveja, impureza ou palavra má. Notará intensamente que com cada um de tais pecados entrará no âmbito das trevas. Para ele a redenção está no evangelho do Filho de Deus revelado “para que dissolva as obras do diabo”. E com consentimento total entenderá a frase de que todo aquele que permanecer nesse Filho de Deus não pecará e que o amor que obteve ao ser nascido de Deus não “pode” pecar, não “pode” odiar.

SOMENTE “AMOR” É “VIDA” – 1JO 3.11-18

11 – Porque a mensagem que ouvistes desde o princípio é esta: que nos amemos uns aos outros.

12 – não segundo Caim, que era do maligno e assassinou a seu irmão; e por que o assassinou?

Porque as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas.

13 – Irmãos, não vos maravilheis se o mundo vos odeia.

14 – Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; aquele que não ama permanece na morte.

- 15 – Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino; ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si.**
- 16 – Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos.**
- 17 – Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?**
- 18 – Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade.**

- 11** O “porque” conecta as novas frases às recém-lidas. Sim, esse “porque” transforma as novas frases em fundamentação para as anteriores. **“Porque essa é a notícia que ouvistes desde o início, que devemos nos amar uns aos outros.”** Dessa maneira o próprio João confirma que estamos no caminho certo na compreensão das declarações radicais do apóstolo. Realmente se trata do amor! Observamos a formulação paralela da frase aqui e em 1Jo 1.5. Em ambas as frases trata-se da **“notícia”** fundamental que determina a existência cristã. Essa “notícia” nos mostra Deus como luz cristalina e nos remete à trajetória do amor.
- 12** Em razão disso o olhar do apóstolo se volta imediatamente para Caim. Caim é “do maligno”, ou seja, um “filho do diabo” (1Jo 3.10). Isso se evidencia no ódio pelo irmão, que conduz ao fratricídio. Portanto a igreja é exortada: **“Não como Caim era do maligno e assassinou o irmão. E por que razão o assassinou? Porque suas obras eram más, mas as de seu irmão, justas.”** Sobre “odiar” já fizemos comentários ao tratar de 1Jo 2.9-11. Recordamos que o próprio Jesus já colocara os inícios aparentemente “inócuos” desse “odiar” sob o quinto mandamento, explicitando a ligação entre “odiar” e “assassinar” (Mt 5.21s). É o que João nos dirá igualmente em seguida no v. 14: **“Todo o que odeia o irmão é um assassino.”** Na vida de Caim isso se evidencia de maneira terrível. E ele serve de exemplo para mostrar de que motivos terríveis pode surgir “o ódio”. Em vista do fratricídio de Caim João levanta expressamente a pergunta: **“E por que motivo o assassinou?”** Abel não fez nada contra Caim. Tampouco havia o atrativo de um ganho material com o assassinato do irmão. Não, Caim odeia e mata **“porque suas obras eram más, mas as de seu irmão, justas”**. Isso se tornou particularmente manifesto quando Deus acolheu a oferenda de Abel e rejeitou a de Caim. Contudo, mesmo a vida e o caráter de Abel já devem ter sido um constante espinho no coração de Caim. O “ódio contra o irmão” surge – também na igreja de Jesus! – muitas vezes do fato de que a vida, o serviço e o engajamento do irmão se transformam em censura, em acusação no íntimo. Então não suportamos ver o irmão (ou a irmã) e tentamos tirá-los do caminho. Isso é “assassinato”, ainda que formalmente não levantemos a mão contra o outro. Por isso o apóstolo exclama às igrejas a ele confiadas: **“Não como Caim!”**, ainda que na igreja ninguém mate o outro de verdade.
- 13** Entretanto, Caim torna mais uma coisa compreensível para as igrejas: **“Não vos admireis, irmãos, quando o mundo vos odeia.”** Nos autos dos processos dos mártires e nos escritos dos apologistas do início do cristianismo e dos pais da igreja antiga constantemente é salientado o doloroso espanto: por que, afinal, vocês nos odeiam? Vivemos castos, pacatos e disciplinados. Não fazemos nada de especial, ajudamos os pobres e enfermos, oramos pelos governantes – por que vocês nos entregam à morte cruel? João pensa no ódio de Caim contra Abel e exclama: **“Não vos admireis!”** Justamente por vivermos desta forma somos um espinho e uma censura ao “mundo”. No mundo somos “estrangeiros”, diz Pedro em sua primeira carta (1Pe 1.1; 2.11). E Jesus deixa claro a seus discípulos: **“Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que é seu. No entanto, por não serdes do mundo, mas porque vos escolhi do mundo, por isso o mundo vos odeia”** (Jo 15.19).
- 14** Afinal, em *nós* – e no grego a palavra é destacada com ênfase – aconteceu uma reviravolta radical. Demos um passo inaudito: o passo da morte para a vida! É isso que nós **“sabemos”!** Temos acerca disso uma certeza clara e inabalável. **“Sabemos que passamos da morte para a vida.”** Em que se fundamenta essa certeza? Em uma experiência perturbadora qualquer pela qual passamos? Em sentimentos que nos preenchem? Em forças e dons espirituais admiráveis que possuímos? O apóstolo João o sabe e diz de outra maneira: sabemos disso **“porque amamos os irmãos”**. Esse é o verdadeiro milagre e a transformação decisiva de nossa vida: nós, pessoas naturais egoístas, conseguimos “amar” e de fato “amamos”. Em 1Co 13.1-3 Paulo forneceu a poderosa interpretação dessa breve e singela frase de João.
- 15** E na seqüência João junta **“viver”** e **“amar”** de forma tão estreita que acaba por constatar novamente segundo seu modo de pronunciar frases breves e incisivas sem qualquer discussão:

“**Quem não ama permanece na morte.**” Novamente o apóstolo está longe de trazer exortações “morais” e quaisquer ameaças em vista daqueles que “**não amam**”. Não tem necessidades delas. Explicita com profunda seriedade qual é a condição daqueles que “**não amam**”. Estão “**na morte**”, por mais viva que sua existência possa parecer e por melhor que possa parecer sua vida. Dessa maneira temos uma percepção do “pecado” que, isenta de qualquer moralismo, é muito radical e deixa claro que o ser humano é refém da morte. Quando pessoas permitem que essa palavra as alcance e começam a pressentir que da maneira como são “permanecem na morte”, tanto agora na terra como futuramente na eternidade, então começarão a indagar como podem passar da morte para a vida. Então se abrirão para a mensagem de Jesus.

Não nos causa surpresa que grande número de manuscritos acrescente aqui ao mero “**amar**” sem objeto, “ao irmão”. Contudo, justamente por ser uma inclusão tão plausível no fluxo da frase precedente, é inexplicável que manuscritos anteriores tenham cortado a palavra se realmente tivesse sido escrita aqui pelo apóstolo. Não, João quer salientar agora o amar em si, sem pensar mais concretamente no objeto do amor.

Reside aqui a resposta a uma pergunta que se impunha necessariamente a partir de todas as demais formulações da carta. Será que o apóstolo está preocupado apenas com o “amor fraterno”? É fato que ao tratarmos de 1Jo 2.9 (acima, nota 66) ficou claro para nós o que significa ter verdadeiros irmãos e amá-los no relacionamento estreito com eles. O “amor fraterno” é a maneira primeira, concreta, de amar, que nos é ordenada e presenteada, e na qual por isso também reconhecemos o passo da morte para a vida. Porém o amar “sem objeto” no presente versículo nos mostra que amor genuíno nunca é amor “criado”, produzido a partir de seu objeto, mas amor “que jorra de fonte própria”, que não pode diferente senão “amar” (cf. nota 22). Vive porque é “amor”. Ama ao “próximo” e ama também aos “inimigos”. Foi isso que João ouviu dos lábios de seu Senhor e viu que ele estava na cruz. No entanto, assim como Paulo tinha todos os motivos para exortar ao amor na igreja em vista da realidade aflitiva em Corinto, assim também João deve ter notado muitas dolorosas carências de amor fraterno nas igrejas a que se dirige através desta carta. Assim como em Corinto (1Co 8.9-12) os grupos eram deficitários no amor aos irmãos “fracos” e pareciam a si mesmos singularmente fortes e espiritualmente sublimes, assim também na Ásia os membros da igreja sob influência gnóstica devem ter sido soberbos, esquecendo-se, ou até mesmo menosprezando, face a seu “conhecimento” espiritual, o amor aos irmãos.

Já vimos no comentário sobre 1Jo 2.9-11 que não existe atitude “neutra” perante o irmão, mas unicamente a alternativa de “amar” ou “odiar”. Por isso aquele que “**não ama**” não apenas permanece pessoalmente na morte, mas se torna “**assassino**”, como Caim. Se não “ama”, então ele “odeia”, naquelas múltiplas formas que o “odiar” pode assumir. Ele “assassina” o irmão, privando-se assim pessoalmente da vida. “**Todo aquele que odeia o irmão é um homicida, e sabeis que nenhum homicida tem duradouramente dentro de si vida eterna.**” Aqui não existe discussão, aqui não há o que analisar e demonstrar. Vocês “sabem” que é assim, diz João à igreja.

- 16 Contudo, o que afinal significa “amar”? Em que se reconhece aquilo de que consiste o amor? Temos de perguntar assim de forma especial porque entre nós “amor” se tornou uma palavra ambígua. Inúmeras coisas são chamadas de “amor”! Nos escritos do NT a palavra é *agapân* – que obviamente também existe na literatura secular daquele tempo – um termo definido de antemão com nitidez, por ser usado sobretudo para o amor de Deus. Quando “amar” ao próximo é definido pela mesma palavra, o verdadeiro amor ao próximo é assim submetido à luz do amor divino, assim como o próprio Jesus o expressou na estreita combinação dos dois mandamentos do amor em Mt 22.37-40. Por isso João também nos fornece, pela referência a Jesus, resposta à pergunta sobre o verdadeiro “amor”. Nem mesmo conseguiríamos saber realmente o que é “amor” por nós mesmos. “**Nisso temos conhecido o amor, em que aquele empenhou a alma por nós.**” Somente “naquele”, em Jesus – que aqui e também em 1Jo 3.5 é chamado de “aquele” por reverência – vemos o amor, e o vemos de tal modo que somos pessoalmente cativados por ele.

A tradução literal foi proposital: Jesus “**empenhou a alma**” em favor de nós. João, afinal, emprega aqui a expressão *psychè*, que em certas ocasiões seguramente também pode designar a “vida”. Para “vida”, porém, o idioma grego possui expressões próprias. A formulação “deixar a vida”, conhecida a partir da tradução alemã de Lutero, de imediato nos faz recordar o “morrer”. Sem dúvida é correto no caso de Jesus que ele “deixou a vida por nós” também nesse sentido. Desse modo, porém, limitamos seu amar a seu morrer por nós. E isso leva a equívocos! Jesus “**empenhou a**

alma por nós” já no instante em que não se apegou à sua glória divina, mas a largou e viveu entre nós como verdadeiro ser humano em “figura de servo” (Fp 2.5s). Por isso, ao ser visto pela primeira vez por João Batista, ele já era “o Cordeiro de Deus que carrega o pecado do mundo” (Jo 1.29). Todo seu viver, ensinar, curar, consertar, libertar e acolher para com o pecador foi “empenhar a alma”. E mesmo na cruz não foi o morrer (nesse sentido de “deixar a vida”) que constituiu a cruz para a nossa salvação, mas o “sacrifício”, o “empenho de toda a sua alma” nesse morrer por amor ao Pai e por amor a nós. “Empenhou a alma “em favor do Pai, da honra dele e de seu sagrado direito. Éramos reféns do juízo e merecíamos a morte eterna na separação de Deus. Jesus respeitou a ira de Deus sobre nós. Porém “empenhou a alma por nós” e submeteu-se ao juízo de Deus em nosso lugar, entregando-se à nossa separação de Deus e à nossa morte de maldição. Na construção da frase do versículo, o “**por nós**” não foi enfaticamente anteposto à toa. Até Paulo sabia que “por amor do bem” alguém talvez arriscasse a vida (Rm 5.7). Contudo reconhecemos o amor de Deus quando “**aquele**”, aquele santo e justo, empenhou a alma “**por nós**”, ou seja, em favor de pessoas sem Deus, pecadores e inimigos (Rm 5.6,8,10). Quanto mais completamente conhecermos a nós mesmos, tanto mais profundamente esse “**por nós**” nos atingirá: ele empenhou a alma, toda a sua santa vida por pessoas iguais a mim!

Acontece que com base nisso – não somente a partir da lei e do mandamento! – incide sobre nós um “dever”. “**E também nós somos devedores de empenhar a alma pelos irmãos.**” O amor recebido nos torna devedores de amor aos irmãos. Agora não há mais como selecionar os irmãos, procurando somente os “dignos” de amor. Reconhecemos o amor no fato de que “aquele” empenhou a alma em prol dos que são como nós, pessoas totalmente indignas e imerecedoras. Como ainda poderia haver agora um limite para nosso amar, mesmo quando João novamente menciona aqui apenas os “irmãos”?

E aqui se torna rigorosamente necessário traduzir de maneira literal: “empenhar a alma”. “Entregar a vida em favor dos irmãos”, essa se torna uma daquelas formulações perigosas que pronunciamos facilmente e cujo cumprimento nem sequer cogitamos e em geral tampouco podemos imaginar. Na seqüência ouvimos com alegria e comoção acerca daquelas exceções em que um cristão de fato aceitou morrer em prol de outros. Quando, porém, isso realmente se aproxima de nós? Contudo “**empenhar a alma**” é algo que podemos fazer diariamente. E fazer isso durante anos de vida cotidiana pode ser muito mais difícil do que sofrer morte rápida em prol de outros por ocasião de extremo perigo. Esse “empenho da alma” possui também um alvo muito maior e mais difícil, quando visa ser determinado pelo agir de Jesus. Sem dúvida trata-se seriamente também de toda ajuda material de que um ser humano precisa. O próprio João falará sobre isso na seqüência. Contudo, assim como Jesus veio para nos redimir e nos trazer vida eterna, assim também nosso engajamento em favor dos irmãos em última análise aponta para sua redenção interior e sua vida eterna. No íntimo nos colocaremos sob a culpa e aflição dos outros, e não “julgaremos” mas “carregaremos” as deformidades e máculas de sua vida, encontrando nisso aquela “comunhão com os seus padecimentos” pela qual ansiava Paulo (Fp 3.10). É isso que diferencia o amor no âmbito do evangelho de todo o amor altruísta que também existe no mundo em geral. Com razão foi formulado: “A alma da misericórdia é a misericórdia com a alma”.

- 17 Tanto mais surpreendente é que João traz agora uma aplicação prática de suas grandiosas frases, citando algo bem primário. “**Quem, p. ex, possui o sustento do mundo e vê o irmão sofrer necessidades e fecha o íntimo diante dele, como o amor de Deus permanecerá nele?**” Isso ainda tem alguma relação com o amor que se tornou visível na cruz? A ajuda de alguém com poses a uma pessoa faminta não é um dever humano de caráter óbvio, no qual nem sequer se fazia necessário dizer uma palavra do “amor de Deus”? Leiamos com toda a atenção! O apóstolo não diz: quem, p. ex., possui o sustento do mundo e agora ajuda o irmão necessitado cumpre assim a tarefa de empenhar a alma em favor dos irmãos. Afinal, trata-se de uma carta que se pronuncia acerca de eventos concretos, que certamente eram do conhecimento dos destinatários da carta. Não seria possível que nas igrejas interpeladas por João tivesse acontecido a mesma coisa que em Corinto por ocasião das refeições da igreja: “Um está com fome, outro embriagado” (1Co 11.21)? Ou seria possível constatar, em outras ocasiões, que cristãos abastados “fechavam o íntimo” diante da carência dos irmãos? Novamente não se lê na seqüência nenhuma palavra de “moral cristã” ou mera indignação. Pelo contrário, João confronta esse membro com uma pergunta séria: “**Como o amor de Deus permanecerá nele?**” Afinal, trata-se de um membro da igreja, uma pessoa que abraçou a fé e

experimentou o amor de Deus em Jesus, possuindo esse amor de Deus a partir de então. Mas essa propriedade sumamente preciosa não “permanece nele” quando ele mesmo fecha o coração diante da miséria do irmão. Intencionalmente usou-se como exemplo aqui – infelizmente um exemplo necessário – o empenho mais simples e primário da alma, a participação aberta, auxiliadora na necessidade material do irmão. Se não existir nem mesmo esse “empenho”, **“como permanecerá nele o amor de Deus?”** Quem não ama, permanece na morte!

- 18** A partir desse exemplo real forma-se a exortação geral no final do bloco: **“Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas em obra e verdade.”** Desde o começo da carta João atentou para aquele grande perigo que destruiu Israel e que pode acarretar a destruição também em nós. “Esse povo me honra com os lábios”, lamentava Deus sobre Israel (Is 29.13). Também nosso ser cristão facilmente pode esgotar-se em palavras e no movimento de nossa língua. Contudo nossa realidade contradiz radicalmente o que nossa língua afirma. Líamos, por isso, em 1Jo 1.6,8,10; 2.4,9 aquele “Se dissermos...” ou “Quem assevera...” que se torna a “mentira” de uma palavra vazia. Aquela atitude de considerar o pecado insignificante e inócua, contra a qual se voltava a passagem de 1Jo 3.4-10, de fato constitui igualmente um recurso apenas verbal à condição cristã e ao pertencimento a Deus e a Jesus, em seguida refutado pela vida prática no pecado sem arrependimento nem purificação. Por isso também entre cristãos pode-se falar e fantasiar muito a respeito do “amor”, mas a vida real continua determinada pela pulsão natural da autopreservação. Em decorrência, “amase” apenas **“com palavras e com a língua”**. Isso é algo miserável e mentiroso. Não, somente podemos “amar” **“em obra e verdade”**. Também aqui a “verdade” se refere novamente a toda a realidade. Sem dúvida, o amor começa ocultamente no coração. Porém então ele se manifesta e “empenha a alma” **“em obra e verdade”**.

NOSSA POSIÇÃO PERANTE DEUS – 1Jo 3.19-24

- 19 – E nisto conheceremos que somos da verdade, bem como, perante ele, tranquilizaremos (ou: convenceremos) o nosso coração,**
- 20 – pois, se (ou: no que porventura) o nosso coração nos acusar, certamente, (ou: porque) Deus é maior do que o nosso coração e conhece todas as coisas.**
- 21 – Amados, se o coração não nos acusar, temos confiança diante de Deus,**
- 22 – e aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável.**
- 23 – Ora, o seu mandamento é este: que creiamos em o nome de seu Filho, Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o mandamento que nos ordenou.**
- 24 – E aquele que guarda os seus mandamentos permanece em Deus, e Deus, nele. E nisto conhecemos que ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu.**

Novamente nos deparamos com um trecho que apresenta dificuldades lingüísticas e de conteúdo e que por isso é entendido de maneiras diversas pelos intérpretes – inclusive intérpretes tão famosos como Agostinho, Lutero e Calvino. Em termos gramaticais, a dificuldade está no v. 20, pela seqüência direta de duas frases com *hóti* = “que”. Na tradução alemã o segundo “que” não é empecilho porque o sentimos sem problemas como repetição e retomada do primeiro “que”. Mas João não usa essa repetição em nenhuma outra passagem – p. ex., nem mesmo na frase de construção análoga em 1Jo 3.2. Em razão disso, foi sugerido tomar o primeiro *hóti* como neutro do pronome relativo e inserir o *ean* = “em”. Então resulta a tradução proposta para escolha: **“Aquietaremos o coração diante dele, no que nos condenaria o coração, porque Deus...”**. Não há como chegar a uma conclusão inequívoca. Por que João não deveria ter repetido desta vez o primeiro *hóti*, porque o tinha em vista desde o começo quando inseriu a frase **“se nos condenar o coração”**?

Essas questões gramaticais não geram grandes conseqüências para a compreensão do conteúdo da passagem. Muito mais importante e de fato decisiva para nossa vida de fé é a compreensão interior da frase. É dela que cuidaremos agora no comentário.

- 19a** Desta vez João estabelece um nexos expresso com o que acaba de afirmar nos v. 11-18. **“Nisso reconheceremos que somos da verdade.”** “Nisso”, no grego ainda mais definido “neste”, a saber, no verdadeiro amor que empenha a alma em prol dos irmãos em obra e verdade, haveremos de

reconhecer que somos da verdade. “Ser da verdade” é algo bem diferente que mera “retidão” subjetiva. “**A verdade**” é a realidade última, fundamental, é Deus em Cristo, em contraste com todo o mundo de aparências que tantas vezes consideramos “realidade”. “Ser da verdade”, viver e ser determinado a partir da “verdade”: em termos de conteúdo isso nada mais é que “ter transitado da morte para a vida” ou “ser nascido (ou: gerado) de Deus”, conforme os v. 14 e 19. Também esse passo da morte para a vida se torna perceptível para nós no fato de “que amamos os irmãos”.

19s Agora, porém, notamos na continuação da frase que as sentenças do apóstolo nos v. 6 e 9 leva muito em conta aquela realidade de nossa vida que tentávamos inicialmente contrapor às suas frases. João asseverava: “Todo o que permanece em Jesus não peca”, sim, “ele não pode pecar porque é nascido de Deus”. Será que João não sabe nada a respeito dos pecados factuais até mesmo de crentes, de filhos de Deus? Remetíamos imediatamente a 1Jo 1.7,9; 2.2. Agora o próprio João o expressa por um “nós”, unindo-se conosco: “**Se nosso coração nos condena.**” É isso, pois, que ocorre em “**nós**”, os crentes: nosso próprio coração nos acusa, argüindo-nos de nossos pecados e nosso desamor. O que será nesse caso? João responde: “**Convenceremos (ou: aquietaremos) diante dele nosso coração.**” Cuidemos novamente do teor das palavras. O convencimento de “nosso coração” não acontece simplesmente em nossa intimidade pessoal, mas “**diante dele**”, diante de Deus. E também se fundamenta sobre um traço essencial de Deus. Convencemos nosso coração de “**que Deus é maior que nosso coração e reconhece a tudo**”. O que agora significa isso? Calvino entendeu que a frase fala do juízo de Deus. Ele pensa que o apóstolo se dirige contra todas as tentativas de confiança em si mesmo e de hipocrisia. Não tentamos apaziguar nosso coração acusador, mas antes “**convenceremos**” nosso coração de que em sua onisciência Deus vê nossos pecados com muito mais clareza. Mas nessa interpretação da passagem o termo grego *peisomen* não deve ser traduzido para “**aquietar**”. Pelo contrário, obtemos agora uma constatação grave e assustadora, de que nosso coração traz uma inquietude – embora salutar.

No entanto, será que o apóstolo pode abandonar os ouvintes da carta, que se encontram sob o peso da acusação em seus corações depois de uma afirmação dessas? Não deveria ele, então, dizer, recorrendo a 1Jo 1.9: não tranqüilize pessoalmente seu coração e sua consciência acusadores? Afinal, Deus conhece tudo, mas venha e confesse seus pecados e busque e encontre o perdão. Não há nada disso no presente texto.

Em razão disso, Lutero fez exatamente o contrário: relacionou a frase do v. 20b com a magnitude e liberdade da graça perdoadora. Vale a pena ouvir o próprio Lutero.

Podemos recordar nesse contexto a palavra de Pedro a Jesus em Jo 21.17: “Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo.” Também aqui Pedro apela à onisciência de Jesus, porque busca a graça de Jesus. No âmbito do texto da presente carta evidentemente não se trata, como no caso de Pedro, diretamente de nosso amor ao Senhor. Contudo a afirmação de João olha em retrospecto o enorme passo da morte para a vida, documentado no fato de que conseguimos amar. Por mais que nosso coração nos acuse por causa de toda a precariedade do amor e por causa do desamor, podemos, como Pedro, “aquietar” nosso coração na certeza de que Deus conhece todas as coisas e vê em nós esse passo decisivo da morte para a vida, com cuja execução ele próprio nos presenteou. Como Pedro também nós nos lançamos sobre a graça de Deus que agiu em nós e que também agora não nos deixa cair quando o próprio coração – e o acusador em nosso coração – nos confronta com nossos pecados. Apesar disso somos oriundos “**da verdade**”, nascidos de Deus e não rejeitados por ele. Não obstante todas as mazelas e falhas, temos o privilégio de afirmar com Pedro: “Senhor, tu sabes todas as coisas, sabes que amamos os irmãos e somos da verdade.” A partir daí seguiremos as declarações de 1Jo 1.9 e 2.1s, confessaremos os pecados e nos agarraremos a nosso Advogado junto ao Pai.

Igualmente poderemos nos recordar de que Deus “**reconhece tudo**”, ou seja, também os entraves inatos ou adquiridos na história de nossa vida, os desânimos e a suscetibilidade a tentações. Nosso coração também pode ser estreito e ignorante na auto-avaliação. Mas Deus é “maior” que esse pequeno coração e nos conhece muito mais profundamente do que jamais poderemos nos conhecer pessoalmente.

A frase do apóstolo só nos trará um consolo falso e leviano contra as acusações de nosso coração se isolarmos dela a afirmação “**Deus é maior que nosso coração**”. Então acreditaremos, olhando superficialmente para o presente texto, depreender dele que Deus é tão “condescendente” que gosta de ignorar nossos pecados como “bagatelas”. Não, Deus “**reconhece tudo**”, e nós estamos diante dele como pessoas que desejam viver em luz plena e que justamente por isso também são acusadas

por seu coração. Não nos desviamos dessa acusação. Damos-lhe razão. Porém então temos o privilégio de olhar para a “grandeza” de Deus como fez Lutero antes de nós. O amor de Deus, porém, que é tão grande, revela sua “grandeza” dando seu Filho unigênito e fazendo com que “aquele empenhasse a alma por nós”. Então qualquer leviandade se torna impossível para nós. E – como nos disse o conjunto de todo o texto – somente aquele que também “amar os irmãos” e praticar pessoalmente o perdão cordial poderá perseverar na fé nesse amor de Deus contra qualquer acusações de seu coração. Ou será que assim é dada excessiva importância ao amor em detrimento da fé justificadora? Contudo, porventura Paulo, o apóstolo da justificação mediante a fé, afirma algo diferente em 1Co 13 e Gl 5.6?

- 21 **“Amados, se o coração não condena, temos ousadia para com Deus.”** Haveria de fato uma condição assim? A partir do pensamento da Reforma diríamos de forma mais incisiva: “pode” de fato haver essa condição? Não se trataria de uma perigosa ilusão pelo entorpecimento de nossa consciência? Não deveríamos nos sentir sempre acusados e condenados por nosso coração? Recordamos a interpretação dada por Lutero acerca da quinta oração do Pai Nosso: “Porque pecamos muito diariamente e deveras merecemos o castigo.” Preliminarmente podemos constatar que João evidentemente considera possível que nosso coração **“não (nos) condena”**. Tampouco esqueceremos como um conhecedor tão profundo do pecado como Paulo foi capaz de apesar disso escrever frases em suas cartas que atestam – pelo menos para certas situações e épocas – essa “consciência limpa”. Fica bem patente que o coração não o “condena”. A pergunta se isso é verdade também acerca de nós é a pergunta que cada um deve decidir por si. Em função disso João iniciou a frase com um “se”. Obviamente não se referiu à falsa satisfação pessoal devido a um coração cego. Escreve a igrejas que foram despertadas e estão acordadas e “andam na luz como ele está na luz”.

Isso se evidencia tão logo ouvimos de João a consequência do **“se o coração não condena”**: **“Temos ousadia para com Deus.”** O “coração que não condena”, da mesma forma como anteriormente aquele que condena, não é visto isoladamente e preocupado somente consigo próprio. Está “perante Deus”, e decisiva é sua relação para com Deus. **“Ousadia para com Deus”** é algo totalmente diferente do que satisfação consigo próprio e orgulho! Poderíamos lembrar novamente Gn 4 e a palavra de Deus a Caim: “Não é assim? Se fores devoto poderás levantar livremente o olhar” (v. 7). Esse “livre levantar do olhar para Deus” é precisamente o que João quer dizer. Mostra-nos imediatamente como essa ousadia é absolutamente necessária. Como se fosse algo muito natural, ele passa logo a falar da oração. **“E tudo o que pedirmos receberemos dele.”** Contudo, como conseguiríamos orar sinceramente se não pudéssemos erguer livremente o olhar até Deus? Ou seja, essa condição em que “o coração não condena” não é vista por João como exceção em momentos particularmente felizes, mas como condição necessária para que a oração possa ser atendida. Precisamos constantemente de **“ousadia para com Deus”** se quisermos “orar sem cessar”, segundo instrução apostólica. Nesse caso, porém, o v. 21 não pode ser uma simples contraposição ao v. 20, de sorte que as condições dos v. 20 e v. 21 ocorrem alternadamente em nós. É a partir do v. 20 que chegaremos à **“ousadia para com Deus”**, na qual **“o coração não condena”**, quando tivermos “aquietado” o coração e novamente nos convencido do milagre do perdão e da purificação.

- 22 Agora não vale mais a constatação que Deus já anunciara a Israel por meio de seu mensageiro Isaías: “Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça.” (Is 59.2). Agora existe a oração verdadeira que pode ser atendida e à qual João não impõe limites, conforme aprendeu de seu próprio Senhor. **“Tudo o que suplicamos nós o recebemos dele.”** Foi isso que o próprio Jesus havia prometido (Jo 14.13; 15.7; 16.23). Agora João pode confessar como experiência aquilo que fora prometido por Jesus. Quantas coisas o apóstolo deve ter passado em oração, experimentando atendimento de suas preces!
- 23 Sem dúvida, esse tipo de oração e atendimento tão pleno estão vinculados a uma condição clara. Oramos de maneira que podemos ser atendidos **“porque observamos seus mandamentos e praticamos o que é agradável diante dele”**. Será que desse modo novamente somos remetidos à justiça por obras? Será que os fariseus e mestres judeus não formulariam exatamente isto: Deus atende nossa oração se e porque nós **“observamos seus mandamentos e praticamos o que é agradável diante dele”**? Ora, quais são, afinal, seus mandamentos? E o que é **“agradável diante de Deus”**? O apóstolo no-lo diz simultaneamente: **“E esse é seu mandamento que creiamos ao nome de seu Filho Jesus Cristo e amemos uns aos outros, como ele nos deu um mandamento.”** Como já no ensino do próprio Jesus e anteriormente nesta carta, em 1Jo 2.3,7,8, o plural “mandamentos”

muda para o singular: o mandamento. Essa mudança não é por acaso ou desatenção. Com toda a certeza Deus deseja muitas coisas de nós. Conseqüentemente, existem no detalhe muitos mandamentos e incumbências para nós e nosso serviço. Contudo todos eles brotam do único mandamento que aqui se nos apresenta, exatamente como em Mt 22.36-40: como mandamento duplo.

A primeira coisa que Deus quer e que é agradável ao Pai é algo que os eruditos da lei e fariseus jamais teriam reconhecido como mandamento de Deus. Deus quer que “**creiamos ao nome de seu Filho Jesus Cristo**”. Não consta aqui, ao contrário de outras passagens, “crer no nome de seu Filho”, mas emprega-se o simples dativo, de modo que poderíamos traduzir: “que confiemos ao nome de seu Filho Jesus Cristo.” A circunstância de que aqui o “**nome**” de Jesus é chamado fundamento e alvo de nossa “fé” precisa nos fazer lembrar o significado que o “nome” possui em toda a Sagrada Escritura. Um nome freqüente como “Josué / Jeshua / Jesus” pode dessa forma tornar-se uma classificação essencial: “...e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles.” (Mt 1.21). Portanto, “dar crédito” a este seu nome significa depositar toda a confiança em que ele de fato é o Filho de Deus e, como tal, Redentor de pecados. “Nome” e “título” ainda estão muito próximos. Por isso nossa “confiança” também vale para o fato de que Jesus é “o Cristo”, o Messias que foi prometido e agora chegou. E também “Filho de Deus” constitui um “nome” que não representa “estampido e fumaça”, não mero “nome”, mas o nome que nos declara quem Jesus é em sua essência mais profunda. Ou seja, toda a plenitude do significado acerca da natureza e obra de Jesus reside em seu “nome”. Realmente “**cremos**” nele quando vemos Jesus de tal modo em sua natureza e obra e por isso depositamos nele toda a nossa confiança no tempo e na eternidade. Isso é algo completamente diferente do que devoção legalista. No entanto, é com esse “**crer**” que cumprimos o mandamento de Deus e desfrutamos do agrado dele.

Esse confiar em Jesus, porém, não pode existir de modo vivo sem que surja o “**amar uns aos outros**”. Mais tarde na carta João nos dará uma explicação simples para isso: “todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido.” (1Jo 5.1). Também Paulo considera a fé verdadeira diretamente como aquela “que atua por meio do amor”, ou literalmente “torna-se atuante pelo amor” (Gl 5.6). Através de Jesus esse amor se tornou “**mandamento**”, o novo mandamento plenamente suficiente (Jo 13.34; 15.12,17). Por isso João aqui acrescenta expressamente: “**Como ele nos deu um mandamento.**”

“Confiança” ou “amor” não podem “ser ordenados” no sentido de um comando a ser obedecido mediante uma resolução volitiva. Um confiar ou amar forçado seria algo morto, com que ninguém conseguiria se alegrar e que fracassaria no primeiro teste sério. Mas o “mandamento” que nos é mostrado por João não constitui uma “exigência” arbitrária. Sendo de fato assim que o Filho de Deus vem ao mundo, presenteado a nós pelo amor de Deus, e que empenha a alma em favor de nós até morrer vicariamente na cruz, então “crer” nele, entregar-se integralmente a ele representa uma necessidade intrínseca. A fé no nome do Filho de Deus não é algo como uma predileção religiosa que pode ser praticada ou não. É algo “mandado” no sentido precípua do termo. Somente ele, esse único, merece toda a nossa confiança. Se a depositarmos em alguma coisa diferente, “falharemos” na verdade e praticaremos “o pecado” (Jo 16.9). Por isso é sensato e necessário aqui, e unicamente aqui, o “mandamento” de “crer”, ainda que possa ser cumprido não “por comando”, mas tão somente em um processo abrangente de recepção de si mesmo e de Jesus. É evidente que nenhuma indagação ou pesquisa poderão reconhecer Jesus como o Filho de Deus e como Redentor de nossa perdição. Esse reconhecimento é produzido unicamente pelo Espírito Santo. É o que o apóstolo Paulo afirma com toda a clareza em 1Co 2.6-16. Porém o mesmo apóstolo também diz em Rm 10.17 que “a fé vem do ouvir”. O cumprimento do “**mandamento de crer no nome de seu Filho Jesus Cristo**” começa pelo ouvir consciencioso da mensagem de Jesus. Em nossa indagação e pesquisa por meio da oração o Espírito Santo produz a “fé em seu nome” e, nessa fé, o “amar uns aos outros”. O “amor” representa o fruto fundamental do Espírito (Gl 5.22). Também ele “tem de” brotar com imperiosidade intrínseca onde o amor de Deus é derramado em nossos corações por meio do Espírito Santo (Rm 5.5b). Nesse sentido ele também é, por essência, um “mandamento”.

- 24 É por essa razão que o apóstolo João remete ao Espírito na última frase do presente bloco. Inicialmente ele nos dá a promessa: “**E quem observa os mandamentos dele permanece nele**”. Nessa promessa fica singularmente claro que nossa fé não é mera questão intelectual e nosso amor não é nossa própria realização. Quem “crê” assim e “ama” da forma como nos é “ordenado” chega a

uma nova existência, a uma unificação essencial com Deus. Essa unificação com Deus consiste em um duplo “permanecer”. Agora o ser humano “**permanece nele**”, em Deus ou “em Cristo”, como Paulo gosta de dizer tantas vezes. Contudo, por seu turno também Deus, o próprio Jesus “**permanece**” no ser humano. Logicamente essas asserções são difíceis de unificar; mas nossa lógica usual não vigora mais no viver divino. Em Gl 2.20 também Paulo é capaz de justapor ao “eu em Cristo” o “Cristo em mim”, como descrição de idêntico valor para a nova existência. No presente versículo João igualmente unifica as duas realidades de forma tão simples que a frase conseqüentemente se torna quase desajeitada em termos lingüísticos.

“**Ele**”, o próprio Deus em Cristo, “**permanece nele**”, naquele que crê e ama. Será isso verdadeiro: o Deus eterno, ao qual todos os céus não podem conter (1Rs 8.27), “permanece” em um pequeno coração humano? Como isso pode acontecer? Como verificamos a veracidade dessa frase? João responde imediatamente: “**E nisso reconhecemos que ele permanece em nós, no Espírito que ele nos concedeu.**” João escreve a cristãos, aos quais não precisa dar explicações acerca do Espírito de Deus. Já no trecho de 1Jo 2.18-27 ele havia mencionado o “óleo da unção” que a igreja possui permanentemente. Ela foi “ungida” com o Espírito Santo. Mas em decorrência disso o Espírito não é simplesmente uma “coisa”, mera “força” de Deus, tampouco uma “emanação” ou um “eflúvio” da divindade, como diziam os gnósticos. Ele é “pessoa”, a terceira pessoa da Trindade de Deus. Por isso o próprio Deus habita e “**permanece**” em nós por meio dele. Evidentemente isso representa algo incrível! Não podemos ler isso superficialmente. Contudo, o próprio Jesus no-lo prometeu: “Viremos para ele e faremos nele morada” (Jo 14.23). A serena e nítida certeza, porém, de que o Espírito de Deus é “concedido” à igreja de Jesus e a cada membro da igreja individualmente, perpassa todo o testemunho apostólico dado às igrejas. Se sou presenteado com o Espírito e experimento sua atuação em minha vida, então posso reconhecer nisso que o Senhor permanece em mim.

O ESPÍRITO DA VERDADE E O ESPÍRITO DO DESENCAMINHAMENTO – 1Jo 4.1-6

- 1 – Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas (pseudoprofetas) têm saído pelo mundo fora.**
- 2 – Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus.**
- 3 – e todo espírito que não confessa a Jesus (ou: que dissolve a Jesus) não procede de Deus; pelo contrário, este é o (espírito) do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo.**
- 4 – Filhinhos, vós sois de Deus e tendes vencido os falsos profetas, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo.**
- 5 – Eles procedem do mundo; por essa razão, falam da parte do mundo, e o mundo os ouve.**
- 6 – Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus nos ouve; aquele que não é da parte de Deus não nos ouve. Nisto reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro.**

Deus nos concedeu o Espírito. Nessa posse do Espírito reconhecemos que Deus permanece em vós. Era o que João havia atestado às igrejas. Precisamos nos conscientizar de quanto isso era a convicção fundamental do primeiro cristianismo e que importância tinha a posse do Espírito para todo seu pensar e viver. Atualmente deveríamos revisitar pelo menos passagens tão centrais como 1Co 2.6-16; Rm 8.1-10; Gl 5.16-22; 1Co 12-14, não desconsiderando que também para Paulo o Espírito Santo constitui o “selo” da verdadeira condição cristã: 2Co 1.22; Ef 1.13s; Gl 3.2. É necessário que fique bem claro para nós essa convicção geral do cristianismo primitivo, porque ela se tornou estranha para nós. Em geral, os membros de nossas igrejas dificilmente têm algo a dizer acerca do agir do Espírito. Quando lermos as passagens referidas veremos que no primeiro cristianismo isso era completamente diferente. O Espírito de Deus e sua atuação eram tão conhecidos das igrejas que o apóstolo João pode se limitar a apontar para eles com uma frase muito breve.

- 1** É comovente o fato de que o novo cristianismo precisou experimentar que não havia nesse caso qualquer “segurança” absoluta. João acrescenta imediatamente uma exortação à frase a respeito da certificação da filiação divina pela dádiva do Espírito Santo: “**Amados, não a qualquer espírito deis crédito, mas examinai os espíritos, se são de Deus, porque muitos pseudoprofetas partiram para o mundo.**” Inicialmente, nossa atenção pode ser despertada pelo plural “espíritos”. Contudo ele

ocorre também em Paulo quando os coríntios são chamados de “zelosos de *pneumata*”, zelosos de “espíritos” em 1Co 14.12, quando ele fala dos “espíritos dos profetas” em 1Co 14.32. Na formulação, Paulo tem em mente as diferentes realizações do Espírito e a ação do Espírito em muitas pessoas, falando por isso do Espírito no plural. Mas igualmente existem “espíritos” de uma categoria muito diferente, que nos evangelhos são classificados como espíritos “imundos” ou “maus” (Mt 8.16; 12.43; Lc 6.18; 7.21; 8.2).

Já nos encontramos, assim, diante da situação que afligia as igrejas. Existem palavras cheias de ardor e poder de fascínio, e essas palavras também são “atestadas” por meio de feitos e efeitos admiráveis, que têm aparência de poder de Deus e apesar disso não “**são de Deus**”. Especialmente o falar profético demandava da igreja audição e fé, porque afiançava ser infundido por Deus e constituir palavra de Deus. Contudo existem “**pseudoprofetas**”, i. é, pessoas que parecem ser profetas, falam “profeticamente” e apesar disso na verdade não são “profetas”, ou seja, não são pessoas incumbidas por Deus e plenas do Espírito de Deus. Isso é um fato que realmente podia abalar e confundir uma igreja! Se não era mais possível “**acreditar**” simplesmente em “**qualquer espírito**”, nem aceitar como verdade norteadora qualquer palavra dita em nome de Deus, como então obter certeza?

Na mais antiga carta de Paulo que nos foi preservada há a solicitação de não “desprezar” as “profecias”, os “vaticínios”, e sim “examiná-los” (1Ts 5.19-21; de forma análoga também em 1Co 14.29). A igreja precisa e pode fazê-lo porque, como igreja crente em Jesus, possui pessoalmente o Espírito e por isso não está indefesa diante daqueles que alegam falar no Espírito. No caso de Paulo, porém, a situação ainda se limita à análise da palavra dos profetas, e não sua pessoa nem seu caráter profético em si. Paulo considera a possibilidade de que o profeta se equivoque, que ele pense falar uma palavra de Deus enquanto na realidade enuncia apenas pensamentos próprios. A princípio o apóstolo Paulo ainda não cogita do surgimento de “pseudoprofetas” propriamente ditos. Na verdade ele conhece o dom especial do discernimento dos espíritos (1Co 12.10). Aparentemente trata-se da mesma questão abordada por João: trata-se da pessoa e não apenas da palavra dos que falam “no Espírito”. Nesse caso surge a possibilidade – já caracterizada no AT – de que um profeta não apenas misture ou confunda coisas próprias e divinas, mas que nem mesmo seja convocado, incumbido e plenificado por Deus, tendo recebido sua palavra, seu ardor, seu poder de eficácia de uma fonte completamente diferente, do “mundo” (v. 5!) e, em decorrência, também do príncipe do mundo, do diabo. É um “**pseudoprofeta**” na raiz de seu ser e de seu envio.

João tem a experiência de que existem “**muitos**” desses pseudoprofetas que “**têm saído para o mundo**”. A expressão “**têm saído**” remete ao fato de que os falsos mestres destacavam enfaticamente seu “envio” que os impelia para atuar mundo afora. O aspecto sedutor desses homens era o fato de se apresentarem com essa consciência de envio, demandando “fé” e obediência. Talvez utilizassem a fórmula introdutória dos profetas do AT “Assim diz o Senhor”, ou rotulassem seus discursos e ditos como inspirados pelo Espírito, e talvez até mesmo se credenciassem “por meio de sinais e prodígios”. Como se torna difícil, então, “examinar”? Será que nesse caso de fato podemos questionar e examinar? Não cumpre simplesmente curvar-se e crer? Da maneira mais clara possível o apóstolo João afirma que não, expressamente desafiando as igrejas a não crer em qualquer espírito, mas “**examinar os espíritos se são vindos de Deus**”.

- 2s Nesse caso, porém, o apóstolo precisa ajudar as igrejas a “examinar” e mostrar-lhes marcas identificadoras em que se evidencia se um profeta é “de Deus” ou não. É o que João também passa a fazer já na frase seguinte. “**Nisto reconhecéis o Espírito de Deus: Cada espírito que confessa Jesus Cristo como vindo na carne é de Deus.**” Como isso é notável para nós: não é para manifestações de poder de qualquer tipo, ou para capacidades e forças prodigiosas que o apóstolo remete como característica determinante para a autenticidade de um profeta! Importa-lhe unicamente o conteúdo de sua mensagem. Entretanto, de que forma peculiar se fala, nesse caso, do conteúdo central da proclamação! Novamente precisamos reconhecer que se trata de uma “carta” autêntica que – ao contrário de um tratado teológico genérico – fala a pessoas concretas em uma situação concreta, que a princípio não precisa ser igual à nossa. Inicialmente teremos pouco uso para a frase de João. Mas a igreja daquele tempo imediatamente prestou atenção! Estava sendo afligida por propagandistas de um “gnosticismo cristão”. Os grandes sistemas religiosos deles evidentemente também falavam de “Cristo”. Atestava-se que um Cristo celestial teria vindo do mundo da luz para conduzir as almas humanas de volta da perdição nas trevas e na morte, rumo ao reino da luz. Contudo esse “Cristo”

havia se conectado apenas temporariamente com o homem histórico Jesus e vestia essa configuração humana apenas como traje exterior. Quem padeceu e sangrou foi apenas o ser humano Jesus; somente ele morreu. Afinal, sofrer, sangrar e morrer jamais seria possível para o ser celestial “Cristo”. Por isso a redenção tampouco acontece através do sofrer, sangrar e falecer, mas através da *gnosis*, do “conhecimento”, ainda que ele não seja intelectual, mas místico-religioso. Para o gnosticismo cristão a afirmação de que “o Verbo” não apenas se “revestiu” de carne, mas “veio a ser carne”, “**veio na carne**”, era completamente absurda, e até mesmo blasfema. Para a mensagem apostólica, porém, toda a importância residia justamente no rebaixamento do Filho de Deus, em sua verdadeira humanização, em ter vindo “**na carne**”. Porque somente assim era possível que acontecesse a única coisa que redime o ser humano que resistia a Deus, culpado e perdido diante dele: o sofrimento e a morte no madeiro maldito da cruz. Aqui os caminhos das igrejas apostólicas e do gnosticismo cristão divergiam radicalmente.

Agora fica claro para nós o quanto a frase de João, apesar de seu foco histórico, é uma frase decisiva, e por isso também divisora, para qualquer época, inclusive a nossa. De diferentes formas o ser humano sempre tenta ter um Cristo imponente, um Cristo “ajustado ao moderno”, que ele possa recomendar a qualquer pessoa. Tenta não precisar “se envergonhar” do evangelho. Tanto hoje como outrora o Cristo que sofre, sangra e morre na cruz é “uma loucura” ou “um escândalo” (1Co 1.23).

Subjacente a isso, porém, está algo mais profundo. Nessa questão estamos em jogo nós mesmos e nossa auto-apreciação. O Filho de Deus teve de “vir na carne”, habitar no mundo sem esplendor e poder e morrer tão terrivelmente no madeiro maldito por causa de nossos pecados. Ou seja, quem adora o verdadeiro “Cristo”, o único Redentor de pessoas perdidas, na pessoa de Jesus, que foi expulso pelos humanos, entregue por Deus ao juízo e morto na cruz, precisa considerar a si mesmo uma pessoa condenada, cuja culpa miserável não lhe concede saída perante Deus e que só pode ser redimido a esse custo. É contra isso que nosso orgulho se rebela! É a essa condenação que resistimos. É em razão disso que queremos ter outro Cristo: um Cristo nobre e magnífico, junto ao qual nós mesmos podemos ser “magníficos”, um “Cristo” que é o “exemplo” que nos impele a ações próprias de melhoramento do mundo. “Crer como Jesus”, “amar como Jesus”, assumir a cruz como fez Jesus, isso passa a ser o caminho para a salvação. Quem, no entanto, não tem no centro de sua confissão o Jesus Cristo que “**veio na carne**” e seu morrer em nosso favor, evidencia-se assim como cego que ainda não experimentou sua real perdição. Aqui abre-se o abismo que separa vários tipos de cristianismos e teologias da mensagem apostólica.

Por essa razão João prossegue: “**E todo espírito que não confessa a Jesus não é a partir de Deus.**” É assim que o NT grego de Nestle apresenta o texto. Se João realmente escreveu assim, ele pretendia dizer: quem fala somente de um Cristo celestial e não confessa de fato “**o Jesus**” e, conseqüentemente, a verdadeira encarnação do Redentor (com todo o padecimento e morte, em função dos quais ela aconteceu), esse “**não é a partir de Deus**”. Passa longe da verdadeira revelação de Deus, conduzindo a igreja ao engano. Os manuscritos da *koiné* e o Códice Sinaítico também acrescentam aqui a expressão “como vindo na carne”. Então a frase negativa é totalmente paralela à frase positiva anterior. Mas isso caracteriza uma adequação posterior.

Lemos a respeito dos pais da igreja Ireneo (178, bispo de Lyon), Orígenes (nasc. 185/186) e Clemente de Alexandria (por volta do ano 200) que os manuscritos de 1Jo utilizados por eles continham a seguinte frase na presente passagem: “**e todo espírito que dissolve a Jesus não é a partir de Deus**”. Essa variante possui grande peso. Em primeiro lugar porque os manuscritos de que esses homens dispunham no final do séc. II eram muito mais antigos que os primeiros manuscritos disponíveis para nós. Trata-se de uma atestação mais antiga. Em segundo lugar é totalmente inexplicável como um copista teria inserido essa curiosa expressão “que dissolve o Jesus” no texto se a versão original tivesse trazido o confortável “que não confessa”. Em contraposição é fácil imaginar que os copistas posteriores não sabiam o que fazer com a expressão “dissolver Jesus”, adequando a formulação negativa à precedente positiva. “Quem confessa” – “quem não confessa”, era um raciocínio quase automático. Para nós, porém, a expressão “**dissolver a Jesus**” explicita com exatidão o que João imputava com apaixonada seriedade aos novos mestres: “dissolveis” ao Jesus que os apóstolos testemunham, colocando no lugar dele vossa própria construção mental de “Cristo”. Desse modo dissolveis “o que era desde o início, o que ouvimos e vimos com os olhos, o que contemplamos e apalpamos com as mãos, a palavra da vida” (1Jo 1.1s). Assim não tendes uma

teologia um pouco diferente, mais moderna, sobre a qual se possa discutir, mas dissolveis e descartais todo o fundamento de fé e toda a certeza de salvação da igreja.

A igreja precisa ver isso e proferir um não radical a esses novos mestres. Sendo “**dissolvido Jesus**”, o Cristo feito ser humano, entregue em favor de nós na cruz para a sentença mortal de Deus, e ressuscitado por Deus, então fica aniquilada toda a salvação para pecadores perdidos. A igreja não deve considerar as novas teorias como sendo interessantes; não deve pensar que, afinal, é preciso ocupar-se delas, não as condenando de antemão. Não, a igreja precisa reconhecer: “**E esse é o (espírito) do anticristo, do qual ouvistes que ele virá, e que agora ele já está no mundo.**” Esse cristianismo novo supostamente superior e mais puro é, pelo contrário, “anticristianismo”. Aqui opera “**o espírito do anticristo**”, não o Espírito de Deus. A advertência “não a partir de Deus” é agora positivamente aguçada. A igreja ouviu a proclamação de que o anticristo “virá”. Contudo não deve perder, diante desse olhar correto para o futuro, o olhar lúcido para a atualidade. Precisa reconhecer que o “**espírito**” do anticristo “**virá**” não apenas em um momento posterior, mas que “**já está no mundo**”, e precisamente na hora em que lhe é apresentado um novo “cristianismo”! O soberano anticristão do mundo um dia tentará “dissolver” a Jesus e sua igreja com toda a força brutal. Porém a igreja deve notar: essa “dissolução” já se inicia agora de maneira sutil sob a aparência de um melhoramento do cristianismo.

- 4 A igreja que se fundamenta “sobre o alicerce dos apóstolos e profetas” (Ef 2.20) e que recebeu o Espírito a partir de Deus não precisa ficar perplexa e desalentada quando percebe as profundezas do perigo que a ameaça da parte de pessoas de suas próprias fileiras. João a encoraja: “**Vós sois a partir de Deus, filhinhos, e os vencestes porque maior é aquele em vós que aquele no mundo.**” Com certeza não eram cristãos “sem pecado” e “perfeitos”. Mas o enfático “vós” do profeta em contraposição às multidões do novo movimento lhes assegura: “**Vós sois a partir de Deus, filhinhos.**”

Entretanto, João não havia escrito em 1Jo 3.9 que todo o nascido de Deus “não pratica o pecado”, que nem mesmo “poderia” pecar por “ser a partir de Deus”? Isso não diz respeito aos membros da igreja a que João agora se dirige com tanta alegria? Talvez, também pelo retrospecto a 1Jo 3.9, devamos conceituar a palavra “pecado” com aquela determinação límpida com que o próprio Jesus caracterizou como “o pecado” o fato de não crer nele (Jo 16.9). Afinal, o mais grave extremo do pecado é quando “dissolvemos Jesus”. É precisamente esse “pecado” que esses “**filhinhos**” não podem cometer, porque realmente são “**a partir de Deus**” e não seguiram aos sedutores que estão em suas próprias fileiras. Pelo contrário, eles “**os venceram**”. A palavra sobre os homens jovens “terem vencido o maligno” (1Jo 2.13-15) é aplicada agora determinadamente à igreja inteira. Vemos agora uma linha clara que o apóstolo provavelmente já tinha diante de si ao escrever 1Jo 2.13s. O “maligno” tenta e conseguirá erigir seu domínio na terra por intermédio do anticristo. O espírito “**já está agora no mundo**”. A igreja esteve exposta ao seu poder sedutor, em especial os homens jovens. Contudo a igreja permaneceu firme com Jesus e o evangelho apostólico, também nas fileiras de seus homens jovens. Essa é a vitória sobre o maligno. Obviamente não venceram por sua própria força e inteligência. Afinal, são “**filhinhos**”. Venceram “**porque maior é aquele em vós que aquele no mundo**”. Podem regozijar-se pela vitória. Mas ainda estão diante de muitas tribulações e lutas. O inimigo de Deus com todos os seus auxiliares poderosos e ardilosos pode parecer “grande” para o pequeno grupo impotente! Contudo não se contrapõem a ele sozinhos. O Deus vivo, infinitamente “**maior**” que o inimigo, não apenas está com eles, não, ele está “neles” (1Jo 3.24). A mais necessária armadura para todas as lutas e a força para repetidas vitórias está em saber que: o próprio Senhor está “em nós” pelo Espírito Santo. Porque agora é verdadeiro, representando a canção de vitória em todas as tribulações e aflições: “**Maior é aquele em nós que aquele no mundo.**”

- 5 Será que a vitória que o apóstolo asseverou à igreja significa que o movimento do “gnosticismo”, de amplas ramificações, foi destruído pela igreja apostólica? Porventura a igreja aparece triunfante como “vencedora” diante da opinião pública? De certo modo isso é verdade. Quem hoje ainda sabe algo sobre o “gnosticismo”? Quem ainda conhece nomes de seus líderes? Vimos na Introdução como é penoso traçar um quadro correto do movimento gnóstico. A mensagem apostólica no NT, porém, percorre o mundo inteiro até hoje! Contudo naquele tempo João de forma alguma podia ver essa “vitória”, e também não entende o “vencer” da igreja de Jesus dessa forma. Seria oposto a tudo o que o próprio Jesus declarou acerca da trajetória de sua igreja autêntica. Ele, crucificado e desprezado, anteviu para os seus no mundo a cruz, assumida por amor a ele, bem como o ódio e o desprezo do

mundo, que precisava ser suportado (Jo 15.18-21). Por essa razão seu discípulo João também prossegue após a palavra da vitória: **“Eles são a partir do mundo; por isso falam a partir do mundo, e o mundo os ouve.”** É verdade que os novos mestres falavam de coisas grandiosas que segundo sua opinião seriam verdadeiramente divinas e celestiais. Sentiam-se muito superiores ao mundo e pensavam que justamente por isso teriam a liberdade para uma vida abundante no mundo e com o mundo. Dessa maneira, porém, mostraram que **“são a partir do mundo”**, determinados pelas pulsões e seduções do mundo, e **“falam a partir do mundo”**. Por mais engenhosos, multiformes e “religiosos” que sejam seus sistemas teológicos, trazem tão-somente seus próprios pensamentos ou seguem influências de religiões estranhas, passando ao largo da verdadeira revelação de Deus em Jesus Cristo, o Crucificado. Em toda a depreciação da cruz e da redenção ali consumada no sangue de Jesus eles explicitam o quanto **“falam a partir do mundo”**. Por isso **“o mundo os ouve”**. Ao que se sabe, o movimento gnóstico era amplamente bem-sucedido. Suas palestras espirituais, apoiadas em conhecidos filósofos e acolhedoras de toda espécie de religiões, tinham boa audiência e aceitação. Em contraposição, a mensagem da cruz era, como diz Paulo, “escândalo” ou “loucura” para os humanos. O mundo não gosta de ouvir essa mensagem.

- 6 Contrapondo-se a isso, João diz enfaticamente: **“Nós somos a partir de Deus.”** Isso não é arrogância? Isso não é “farisaico”? Contudo, o próprio Jesus já dissera: se negasse sua origem a partir de Deus, então se tornaria um “mentiroso” (Jo 8.55). Conseqüentemente, tampouco nós podemos ou devemos negar o que recebemos de Deus. Temos de testemunhar: **“Nós somos a partir de Deus.”** Isso não tem nada a ver com arrogância, mas é simples constatação de uma realidade em favor da qual nós mesmos não somos capazes de fazer nada. A formulação **“a partir de Deus”** deixa isso claro. Não fomos nós que nos alçamos até Deus, mas Deus se inclinou a nós por amor incompreensível e nos fez renascer a partir desse amor em Jesus, tornando-nos seus filhos. Arrogante é precisamente aquele que pensa ter um relacionamento filial com Deus sem Jesus e sua cruz. Em nossos corações ecoa constantemente a palavra de adoração: “Vede que amor nos mostrou o Pai, para que sejamos chamados filhos de Deus; e de fato o somos” (1Jo 3.1). João igualmente ouviu dos lábios de seu Senhor: “Quem é de Deus ouve as palavras de Deus; por isso não ouvis, porque não sois de Deus” (Jo 8.47). Também nesse ponto os discípulos experimentam e sofrem a mesma coisa que o Cabeça: **“Quem reconhece a Deus nos ouve. Quem não é a partir de Deus não nos ouve.”**

Evidentemente gostaríamos de ser “bem-sucedidos” com nossa proclamação. Queremos ser “ouvidos” e produzir evidências da verdade na conquista de grandes multidões. Nas igrejas a que João escreve muitos talvez tenham estado abatidos por causa do grande sucesso dos oradores gnósticos. Isso não representava uma vitória para eles? Contudo o apóstolo sabe que a verdade não é evidenciada pelo número de adeptos. Também a igreja deve lembrar que ainda pouco antes da Sexta-Feira Santa alguém dissera acerca de Jesus no Sinédrio: “Vede que nada aproveitais! Eis aí vai o mundo após ele.” (Jo 12.19). Poucos dias depois “todo o mundo” gritou: “Crucifica-o!” Porém nessa Sexta-Feira Santa Jesus foi “a testemunha em prol da verdade” (Jo 18.37), perante Pilatos e perante todo o mundo, muito embora fosse o único contra “todo o mundo”.

Quando a proclamação não traz “sucesso”, imediatamente indagamos pelos erros que cometemos. Procuramos por “novos caminhos”, por “nova linguagem”, por mais plasticidade. É certo que podemos e devemos fazê-lo. Contudo nessa questão jamais devemos esquecer aquele “limite” do “ouvir” que João explicita e que nunca haveremos de eliminar nem tampouco deslocar. **“Quem reconhece a Deus nos ouve. Quem não é a partir de Deus não nos ouve.”** Novamente não devemos esquecer que estas frases foram ditas dentro do contexto de uma carta direcionada a uma situação determinada. João não tem em vista primordialmente a proclamação do evangelho a pessoas afastadas e incrédulas. Pelo contrário, trata-se, tanto aqui como em toda a carta, da luta no seio das igrejas e em especial da validade dos apóstolos e de sua mensagem apostólica. Isso fica evidente na palavra **“nos”**, que aqui não deve ser entendida de forma diferente do “nós” na primeira frase da carta. João novamente deve ter especialmente em vista pessoas que vêm da igreja e agora se separaram dela, seguindo a novos mestres (1Jo 2.19). Por que o apóstolo não era capaz de reconquistá-los? Por que não lhe davam ouvidos? Quem **“não é a partir de Deus”**, quem não se reconhece como pecador sob a luz do santo Deus, mas ainda tem a si mesmo em alta consideração e configura sua “religião” ou sua cosmovisão religiosa de acordo com suas próprias idéias, esse **“não nos ouve”**. Tenta sobrepor-se à “palavra da cruz”. Parece-lhe primitiva, tola, despropositada, e talvez até mesmo repulsiva diante daquilo que acredita encontrar nos mestres sob influência gnóstica. Aqui

surge um divisor de águas no seio da igreja. A igreja não deve se admirar nem se assustar quando seu apóstolo – o velho apóstolo João – simplesmente não é “ouvido” por determinados grupos. Isso precisa ser assim. **“Nisso reconhecemos o Espírito da verdade e o espírito do desencaminhamento.”** A igreja não deve se assustar, porém tampouco deve considerar inócua a contrariedade. Não se trata de uma diferença de “tendências” teológicas que possa ser tolerada, de “opiniões” divergentes que possam ser discutidas. Aqui se trata de um “espírito” contrário, que possui caráter e origem radicalmente diversos. Do outro lado está o Espírito de Deus, o **“Espírito da verdade”**. Novamente não se está atentando para a honestidade subjetiva. Novamente **“verdade”** significa, pelo contrário, a realidade última atestada por esse Espírito. A ele se contrapõe o **“espírito do desencaminhamento”**. João não investe contra “erros”. É possível dialogar com pessoas que apenas “erram”; ainda poderiam ser corrigidas. Mas na verdade esse “espírito” é o “espírito do anticristo” (v. 2), ou seja, em última análise um espírito de inspiração satânica, contra o qual somente resta declarar um duro e decidido não. É para esse “não” necessário que o apóstolo tenta fortalecer as igrejas.

A REVELAÇÃO DO AMOR DE DEUS – 1JO 4.7-10

(Confira a esse respeito o excuro à p. 445)

- 7 – **Amados, amemo-nos (ou: amamo-nos) uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus.**
- 8 – **Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor.**
- 9 – **Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele.**
- 10 – **Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.**

Com profunda seriedade e plena determinação João rechaçou as influências sedutoras do gnosticismo. Mas sua carta não constitui uma “polêmica teológica”. Nenhum nome é mencionado. Nenhuma doutrina ou opinião específica é tratada. Não existe discussão. O tema de fato nessa carta é sempre a vida da igreja. Foi a ela que o apóstolo dirigiu os testemunhos e as exortações. Aos adversários profere-se um não radical: por parte da própria igreja, derrotando assim os adversários, e por parte do apóstolo, fortalecendo a igreja. Como vimos, também isso aconteceu por “amor”. Por isso não há contraste estranho com a dureza do bloco anterior pelo fato de que agora João escreve sobre o amor, que é o centro determinante de toda a existência cristã. É nisso que se evidencia o contraste positivo com os movimentos desencaminhadores que tinham alvos e ideais bem diferentes, menosprezando o amor, tanto o amor sofredor de Deus como o amor fraternal na igreja.

A resistência da igreja à sedução e ao desencaminhamento, e sua “vitória” ainda não representam a causa última em jogo. Pelo contrário, muito mais importantes são a essência de Deus e a essência de uma vida condizente com Deus. Esse vasto campo, pois, descortina-se diante de nós no bloco subsequente. Com ele chegamos ao ponto alto da carta.

- 7 **“Amados, amemo-nos (ou: amamo-nos) uns aos outros, porque o amor é a partir de Deus.”** Assim como no v. 1, “amados” é interpelação à igreja e seus membros. Será que isso corresponde à interpelação de Paulo aos tessalonicenses: “Irmãos, amados de Deus” (1Ts 1.4)? Contudo João não escreve como Paulo e deve expressar sua posição pessoal aos ouvintes da carta por meio dessa interpelação. A mesma coisa Paulo pode estar fazendo em relação aos tessalonicenses. Para Paulo e seus colaboradores eles se haviam tornado “amados” (1Ts 2.8). Em ambos os apóstolos isso não constitui uma fórmula piegas. João carrega o amor pessoalmente dentro de si, e desafia a igreja a tê-lo também. Será o *agapōmen* um subjuntivo de estímulo: **“Amemo-nos uns aos outros”** ou a constatação de uma realidade: **“Nós nos amamos uns aos outros”**? Isso não pode ser compreendido da forma da palavra em si. No v. 19 deve ser um indicativo, motivo pelo qual Schlatter igualmente o entende como afirmação no presente versículo. Com toda a clareza foi assim em 1Jo 3.14. Contudo, aqui caberia muito bem imaginar um incentivo. A constatação fundamentadora **“porque o amor é a partir de Deus”** combina mais com uma exortação dessas. E logo em seguida, no v. 11, fala-se de nossa “dívida” de nos amarmos uns aos outros. É evidente que não se trata de uma solicitação para

que finalmente começemos a amar! Com ênfase e plena certeza João havia constatado em 1Jo 3.14: “Nós amamos os irmãos.” No entanto, agora ele estimula a dar prosseguimento ao amor e a intensificar esse amor que segundo 1Jo 3.14 vive na igreja. O “**nós amamos**” e o “**amemos**” formam uma unidade, assim como uma realidade presenteada e uma insistente exortação sempre correspondem uma à outra no NT.

Entretanto, na solicitação do apóstolo não se trata de algo simples que pudéssemos realizar facilmente. No âmbito cristão tendemos a considerar as exortações ao amor dessa forma. É contra isso que se dirige a sentença breve, porém poderosa, do apóstolo: “**Porque o amor é a partir de Deus**”. Novamente cumpre ponderar como é desgastada e multifacetada nossa palavra “amor”. No NT não está em jogo uma mera atitude humanitária, uma ajuda mútua cordial. O mundo também é capaz disso, isso ainda não tem a ver diretamente com Deus. Temos de lembrar de tudo o que já explicitamos em relação a 1Jo 3.14-18. “Amor” é um modo de existência totalmente novo que se origina “**a partir de Deus**” e possui a natureza de Deus. É desse *agápè* que se está falando, ainda que se fale do amor recíproco no seio da igreja. É o amor no qual “damos nossa vida em favor dos irmãos” (1Jo 3.16).

Pelo fato de o amor ser “**a partir de Deus**” segue necessariamente a frase: “**e todo o que ama, de Deus ele é nascido e reconhece a Deus.**” Novamente João constata: o verdadeiro “amor” não é uma possibilidade humana! Somente é capaz de “amar” a pessoa em cuja existência aconteceu uma transformação completa, um “nascimento a partir de Deus”. Como em 1Jo 3.16, João empregou novamente o “amar” sem objeto, precisamente por se tratar, essencial e plenamente, de uma modalidade de existência nova, nascida de Deus. Unicamente quem “ama” com base nesse nascimento a partir de Deus “**reconhece a Deus**”. Trata-se daquele “conhecer” bíblico que não consiste de idéias corretas sobre Deus, mas que só consegue se concretizar através de uma comunhão vivencial e essencial com ele.

Se isso não for levado em conta, essa frase de João pode ser perigosamente mal-entendida. Se cada pessoa que “ama” é nascida a partir de Deus e conhece a Deus, para que, então, toda a dogmática cristã? Para que a mensagem do Filho de Deus que teve de dar o sangue em prol de nossa redenção? Para que o penoso “crer”? Simplesmente podemos ser amorosos uns com os outros e assim tudo estará bem. Assim somos “nascidos a partir de Deus e conhecemos a Deus”, sem que tenhamos de nos defrontar com as complexas afirmações da doutrina cristã. Porventura não é isso que o v. 16 torna a enfatizar: “Quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele”? João, que escreveu a frase do v. 7 inequivocamente não pensa assim. Todas as suas elaborações subsequentes demonstram isso, assim como tudo o que até agora foi escrito na carta. João defende de maneira exatamente oposta que é preciso ser nascido de Deus para verdadeiramente poder amar.

- 8 É por isso que agora também vale: “**Quem não ama não reconheceu a Deus; porque Deus é amor.**” A princípio trata-se apenas da conseqüência negativa do versículo anterior. Mas para João e os destinatários de sua carta havia muito mais nessa frase. João emprega aqui uma forma da palavra “reconhecer” que no grego é *egnō*. Isso imediatamente leva os ouvintes a recordar o termo “gnosticismo”, a palavra que se havia tornado a arrogante autodesignação do movimento tão seriamente combatido pelo apóstolo. Esse movimento imputava às igrejas: ora, vocês apenas “crêem” no que os apóstolos vos dizem; nós, porém, “reconhecemos” pessoalmente a Deus. No caminho do “conhecimento” filosófico ou místico-religioso nós avançamos até Deus e “reconhecemos a Deus” em nossos grandes sistemas doutrinários. João não se envolve em um exame desses sistemas nem em um debate com todas as afirmações deles. Levanta uma só pergunta: como é entre vocês o “amor”? Por mais convicto e esplendoroso que possa soar o discurso deles sobre seu “conhecimento”, não vivem no amor. Em razão disso essas pessoas orgulhosas de seu conhecimento na verdade nem sequer “conheceram” a Deus. Todas as suas especulações passam longe da verdadeira essência dele. “**Porque Deus é amor.**”

Na frase de João são usados lado a lado os dois termos gregos de negação *ou* e *mè* (cf. acima, p. 353). Em “não reconheceu a Deus” consta *ou*, a simples negação real. Em “quem não ama” assinala-se com um *mè* a circunstância de que aqui não apenas falta de fato o amor, mas que ele a rigor nem mesmo é buscado e valorizado. Por trás do “não-amar” está uma orientação de vida, que busca o engrandecimento pessoal no conhecer e por isso passa longe do amor, menosprezando-o. Aqui a pessoa nem sequer “deseja” amar. Seu “não-amar” não é simplesmente um acidente pessoal, está coberto de culpa. Ao mesmo tempo revela que aqui um ser humano ainda não foi transportado,

através de um “nascimento a partir de Deus”, para uma nova existência. É por isso que não “quer” amar.

Cumpra agora retornar à breve e vigorosa sentença que finaliza o presente versículo: **“Porque Deus é amor.”** Essa declaração é repetida no v. 16. Ela é tudo menos simples e óbvia! As pessoas que passaram a conhecer a Deus, porque ele próprio se revelou a elas, afirmaram muitas coisas sobre Deus na Bíblia. Falam da “justiça” de Deus, de sua “fidelidade”, de seu “poder”, de sua “sabedoria” e – também no NT! – de sua “ira”. Isso é verdadeiro e correto. Mas tudo isso não passa de “adjetivos” de Deus que se salientam em seu agir e sua atuação. Isso não expressa sua essência, o fundamento original de sua existência do qual estes atributos emanam. Em razão disso, em passagem alguma um mensageiro de Deus ousou dizer: “Deus é poder”, ou “Deus é justiça”, ou até mesmo “Deus é ira”. Deus ama justiça, Deus revela seu poder, Deus demonstra também sua ira. Mas ele **“é”** amor. Sem dúvida, o próprio Jesus declarou: “Deus é Espírito.” E João escreveu no início da carta: “Deus é luz”. No entanto, ele é essa “luz” radiante como “amor”. Também a afirmação “Deus é Espírito” recebe uma nitidez inconfundível somente pela sentença fundamental: **“Deus é amor.”** “Amar” não é um impulso ou uma atividade isolada de Deus, que ele pudesse alternar com outros impulsos. A natureza mais íntima e eterna de Deus é “amor”. Dele emana também sua “justiça”, que desde o AT e plenamente no NT (Rm 1.17) é justiça auxiliadora, justificadora em virtude do amor. Também o “poder” de Deus não é mera arbitrariedade onipotente, mas suprema e extremamente aquele poder que por amor é capaz de tornar-se “fraqueza” (1Co 1.25) e desse modo realiza aquela conquista mais íntima de seres humanos que jamais seria alcançada por mero “poderio”. Sim, também sua “ira” brota de seu “amor”. Essa ira não é indignação egoísta. É a resposta de Deus à forma como pervertemos nosso relacionamento com ele (Rm 1.18ss). E essa resposta é dada por Deus somente porque ele se importa tanto conosco, pois nos criou por amor para sermos “imagem” dele e para a “filiação”, e agora nos autodestruímos ao participar da rebelião satânica contra Deus.

“Deus é amor” – constitui afirmação ímpar do evangelho, não encontrada em nenhuma filosofia e nenhuma religião do mundo. O povo da aliança, eleito por amor, já conhece algo desse amor (cf., p. ex., Dt 7.7s). Tanto Oséias como Jeremias reconhecem que esse amor padece em vista da infidelidade do povo da aliança e pode ser levado à fúria consumidora em vista da natureza adúltera do povo. Contudo nenhum profeta ousou afirmar que **“Deus é amor”**. Precisamos ter clareza disso para nos mantermos conscientes de que tipo de declaração se trata!

Por isso tão somente resta lamentar que no mundo moderno pessoas sérias e retas se rebelem contra essa frase do evangelho, perguntando-nos: de acordo com tudo o que a ciência natural nos mostra acerca do caráter funesto e cruel da natureza, de acordo com tudo o que experimentamos de aflição, medo e tortura humanos, de aniquilamento de massas, de sofrimento inominável de inocentes, vocês cristãos ainda têm coragem de afirmar: **“Deus é amor”**? Entretanto o apóstolo João de forma alguma pretende dizer que o amor de Deus pode ser facilmente percebido em todo lugar! Aponta enfaticamente para o fato de que primeiro é preciso que algo aconteça em nós mesmos antes que possamos compreender Deus como amor. Reiterando: “Quem não ama, quem não é nascido de Deus, não reconhece a Deus.” A. Schlatter explicitou-o de forma insuperável: “O que dizemos e pensamos acerca de Deus necessariamente assume nossa própria coloração, e essa é uma cor falsa que o deforma e torna nossas idéias sobre ele inverídicas se antes não fomos convencidos para o amor e libertos do enclausuramento em nosso eu pessoal e oco. Quem está aprisionado em seu egoísmo vazio e nulo igualmente imagina o mundo vazio como uma bolha oca, formada a partir de si mesma; ou se ele colocar Deus em pé de igualdade com o mundo, torna-o tão inanimado, inútil, morto, vazio e duro como a si mesmo. Cria para si um mundo e um Deus que não interferem em seu egoísmo, mas lhe servem, e por isso também está cego em relação a todos os testemunhos por meio dos quais a graça de Deus fala a nós e atua entre nós.”

- 9 Schlatter diz: “antes de termos sido convencidos para o amor e libertos do enclausuramento em nosso eu pessoal e oco”. Mas como acontece precisamente essa libertação? E se a frase “Deus é amor” parece contrariar diametralmente nossa experiência natural, onde e como reconhecemos, então, esse amor? João nos fornece uma resposta clara. **“Nisto se manifestou o amor de Deus entre nós: em haver Deus enviado o seu Filho, o único, ao mundo, para que obtivéssemos a vida por meio dele.”** O amor de Deus “se manifestou” em nosso meio, na história da humanidade, em determinado momento histórico e em um lugar histórico específico. Essa asserção constitui novamente um contraste total com o gnosticismo, inclusive com todos os esforços similares de

encontrar Deus a partir de nós mesmos em processos de reflexão ou experiências místicas. Se Deus “é” amor, então foi amor desde sempre e desde a eternidade. Mesmo entre os gentios era possível pressentir algo desse amor, e muito mais no povo da aliança. Contudo “**manifesto entre nós**” ele foi apenas no único ato: “**em haver Deus enviado o seu Filho, o único, ao mundo.**”

Novamente precisamos nos deter na leitura e meditar sobre essa frase, para que não a tomemos por costumeira palavra devota ou a descartemos rapidamente como mera “mitologia”. Não, aqui cada palavra tem de ser entendida literalmente e captada em toda a sua magnitude, na proporção em que somos capazes disso. “Amor” se reconhece no “dar”. Grande amor doa coisas grandes, doa o melhor e o preferido. Deus deu “**seu Filho, o único**”. Obviamente surgirão agora as perguntas: afinal, Deus tem um “Filho”? Como imaginaremos isso? Deparamo-nos com o mistério da Trindade de Deus. Talvez não sejamos capazes de conceber isto, talvez fiquemos perplexos, porém precisamos permitir que nos seja afirmado como fato: Deus não possui apenas “criaturas”. Mesmo tendo anjos supremos, Deus anunciou seu mais íntimo coração e essência na “palavra” única que ele coloca a seu lado. E esse “Verbo”, essencialmente ligado a Deus, é em si “Deus segundo a espécie” e assim é “o Filho”. Antes de toda a criação esse Filho está com o Pai no mais profundo vínculo de amor por meio do Espírito Santo. Será que pressentimos algo da preciosidade e alegria que esse “Filho” representa para o Pai?

Foi esse mais precioso e amado que Deus “**enviou ao mundo**”. A palavra “mundo” já ocorreu diversas vezes na carta. Vimos acerca de 1Jo 2.15 que nesse termo João não pensa no “belo e vasto mundo”, a natureza em si, em tudo o que apesar de toda a deformação ainda continua sendo “criação de Deus”. “Mundo” é o mundo humano, assim como é governado e determinado pelo “príncipe deste mundo”, o mundo da inimizade contra Deus e por isso o mundo do pecado e da morte, do qual também o Israel “devoto” faz parte. E para esse “mundo” Deus envia o “único”, o amado Filho, entregando-o à mercê deste “mundo”. Ele “não poupou o próprio Filho, mas entregou-o por nós todos” (Rm 8.32). Deus sabe o que faremos com seu Filho. Deus anteviu o fim do Amado na cruz. E não obstante Deus o envia, impondo-lhe pessoalmente esse fim para nos redimir, pois isto não podia acontecer de nenhuma outra maneira. Transformou o Inocente em pecado, o Santo em maldição, para *nos* livrar da maldição. Aí “**se manifesta entre nós**” seu amor com sua inconcebível grandeza.

E por que Deus faz isso? Pretende alcançar ou ganhar algo para si? Não, ele faz isso “**para que nós obtivéssemos a vida**”, nós, seus inimigos e que o odiamos, nós, que estamos condenados e perdidos em seu justo julgamento. Novamente, como no começo da carta, João cita “a vida” como o grande bem que recebemos sob o evangelho de Deus. Recordemo-nos do que foi exposto acerca de 1Jo 1.2. Contudo na presente passagem é extremamente significativo que a “vida” seja mais uma vez definida como o alvo claro do ato divino de amor. Na afirmação de 1Jo 3.14: “Quem não ama permanece na morte” reconhecíamos que “amar” e “vida” formam uma unidade. Corresponde à essência do amor o fato de ele desejar trazer os outros da morte para a verdadeira vida. A mera existência natural, por mais rica e culturalmente elevada que seja, não basta. Ainda está infinitamente afastada da vida “eterna”, “divina”! Nela somos e continuamos sendo pessoas perdidas na morte. Somente quando estamos libertos para amar pessoalmente obtemos no amor a vida verdadeira. Por isso todo o presente trecho constitui uma permanente convergência da descrição do amor de Deus e do estímulo ao amor pessoal. O amor de Deus, com seu imenso sacrifício, nos leva àquela “**vida**” que como tal igualmente é “amar”.

- 10 Que, dizer, porém, desse “amor”? Onde “está” ele? Em que consiste e persiste? Já sabemos disso a partir de tudo o que foi lido até aqui. Porém importa ao apóstolo constatar mais uma vez inequivocamente: “**Nisso é (consiste) o amor: não em que de nossa parte tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como (meio de) expiação por nossos pecados.**” Não somos nós que amamos a Deus, não somos nós que cumprimos o grande mandamento do amor a Deus. Nisso consiste nosso pecado essencial, do qual decorrem todos os pecados específicos. É nesse pecado essencial da inveja e do desamor que vivemos. Nenhum reconhecimento da razão do mandamento do amor, nenhum esforço para amar a Deus consegue nos ajudar a sair disso. Esse pecado fundamental nos separa da essência da vida com que Deus deseja nos presentear pelo envio de seu Filho. Como somos libertos desse nosso pecado? – É essa a questão decisiva tanto para João como para Paulo. Ele já nos forneceu a resposta em 1Jo 1.7 e 2.1s. Agora ele a reitera de maneira nova diante do novo questionamento.

O amor não “**consiste**”, existe ou aponta para nosso amor a Deus. Seu fundamento, sua “consistência” estão unicamente em Deus. Disto decorrem duas coisas. Como Deus é amor, nós, em nosso desamor, somos pessoas perdidas e separadas dele. Contudo por Deus ser amor, ele realiza o feito inaudito de amar a nós, pessoas sem amor. Novamente isso é evidenciado pelo “envio” de seu Filho. No entanto, o envio do Filho é mostrado agora em sua real profundidade. Jesus não pode simplesmente nos entregar a dádiva da vida em mãos, como poderia parecer segundo o versículo anterior. Não, precisa deixar-se enviar e entregar pelo Pai “**como (meio de) expiação por nosso pecado**”. Recebemos dele “o amar” unicamente por sua mão perfurada e ensangüentada.

Todos nós sentimos que uma injustiça grave precisa ser “expiada”. Contudo igualmente percebemos o mistério que paira sobre o termo “**expição**”. Se um homicida é detido em prisão perpétua, como isso “expia” seu delito? Perante humanos isso talvez satisfaça a justiça. Entretanto, será que isso apaga o feito diante de Deus? Poderá o assassino morrer em paz? Quanto mais o ser humano participa dolosamente do ato em seu íntimo, tanto menos será possível “expiar” o feito através de realizações e sofrimentos pessoais. Nossa consciência não encontrará paz desse modo.

Agora, porém, o fato misterioso, comprovado nas situações extremas de nossa vida é: o Filho de Deus, ao vir a nós, viver, amar, sofrer e morrer no madeiro maldito, é o “**meio de expiação**” que verdadeiramente aquietou nossa consciência e nos alivia do fardo de nossa culpa. Isso não permite “explicação”. As afirmações – acerca do castigo sofrido em nosso lugar, da culpa paga em nosso favor, do sangue purificador – de fato conseguem ser unicamente testemunhos, não “explicações”. Mas o próprio fato pode ser agarrado e experimentado por nós por meio da fé. Aqui o santo Filho de Deus entregue em nosso favor expiou a nossa culpa, de forma que o “**meio de expiação**” passou a existir para nós. Diante dele o inimigo tem de silenciar quando nos acusa em nossa aflição derradeira. Aqui nosso pecado foi levado para longe, lançado ao mar. Mistério salvador insondável! Nisso, e unicamente nisso, o amor possui sua consistência eternamente sólida e inabalável. O verdadeiro amor pode conhecer somente quem contemplou o amor de Deus na cruz do Filho.

Essa mensagem é radicalmente oposta a todas as demais teologias do “gnosticismo” antigo e novo. Somente ela apreende verdadeiramente a Deus em seu amor e de fato reconhece o ser humano em sua perdição.

CONSEQÜÊNCIAS PRÁTICAS DA EXPERIÊNCIA DO AMOR DE DEUS – 1JO 4.11-16A

- 11 – Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros.
- 12 – Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado.
- 13 – Nisto conhecemos que permanecemos nele, e ele, em nós: em que nos deu do seu Espírito.
- 14 – E nós temos visto e testemunhamos que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo.
- 15 – Aquele que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele, em Deus.
- 16a – E nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem por (literalmente: em) nós.

- 11 Para todo pensamento verdadeiramente “cristão” é essencial que dádiva e incumbência, indicativo e imperativo estejam indissolúvelmente ligados. É isso que o apóstolo João expressou de modo singular. Mesmo que para “gnósticos” a atitude prática na vida seja independente de sua enaltecida experiência de Deus, a igreja redimida pelo amor abnegado de Deus deve admitir objetivamente: “**Amados, se Deus nos amou dessa maneira, também de nossa parte somos devedores de amar uns aos outros.**”

Na interpelação “**amados**” deve repercutir especialmente a dimensão de ser amado por Deus. Da mesma forma, em Jo 3.16 o *houtōs* não é reproduzido de maneira satisfatória com mero “assim”, nem sequer com um “tanto”. O “eis” da antiga tradução de Lutero era mais condizente com o sentido. “Eis”, *houtōs*, significa “dessa maneira”. Trata-se do amor de Deus que não apenas existe de forma genérica e não apenas revela grandeza divina, mas que possui sua qualidade única na entrega do mais amado e precioso como meio de expiação para ímpios, pecadores e inimigos (Rm 5.5). Quem realmente experimenta e aceita “esse” amor não “pode” agir de outro modo senão igualmente “amar”. É “devedor” do amor de Deus que experimentou. Infelizmente, porém, constantemente “podemos” agir com desamor e carecemos da insistente lembrança de nossa “dívida”, assim como João a traz aqui às igrejas. Nisso nosso amor mútuo terá algo do jeito peculiar do amor de Deus e

forçosamente será amor que suporta, perdoa, se compadece e auxilia corretivamente. É esse tipo de amor que “devemos” ao outro se e porque nós o recebemos pessoalmente de Deus. Amar dessa forma não é uma “realização” peculiar. Não merecemos nenhum elogio especial por isso. Por mais que venhamos a amar, seremos sempre e sempre cada vez mais devedores do outro no que tange ao amor e nisso jamais chegaremos ao final (Rm 13.8).

- 12 Também a frase seguinte do apóstolo é tipicamente “cristã”. **“Ninguém jamais viu a Deus. Quando amamos uns aos outros, Deus permanece em nós, e seu amor é aperfeiçoado em nós.”** “Ninguém jamais viu a Deus” é sobretudo uma realidade para a qual apontam também Jo 1.18; 5.37; 6.46. Nem mesmo a Moisés foi permitido “ver” a Deus, por ser isto algo impossível: “porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá.”, diz-lhe o próprio Deus (Êx 33.15-20). É assim e deve ser assim desde a queda no pecado: **“Ninguém jamais viu a Deus.”** Nesta carta, porém, a frase ainda pode ter um significado especial. Em muitos cultos helenistas orientais a “contemplação” da divindade era anunciada como alvo alcançável para os verdadeiros iniciados. Em consonância, também nas igrejas a que João escreveu é possível que pessoas do novo movimento tenham preconizado sua visão de Deus na “viagem celestial da alma”. Nesse caso a frase do apóstolo, de validade geral, se dirige particularmente contra essa pretensa “visão de Deus”. **“Ninguém”**, portanto nem mesmo alguém do novo movimento realmente **“viu a Deus”**.

Porque o entrelaçamento com Deus, o verdadeiro “conhecimento” de Deus, a certeza real sobre Deus se processam de maneira bem diferente. **“Quando amamos uns aos outros, Deus permanece em nós, e seu amor é aperfeiçoado em nós.”** Não “contemplamos” a Deus. Isso nos será concedido somente na consumação (1Jo 3.2; Mt 5.8). Contudo podemos ter certeza de que Deus **“permanece em nós”** e que **“seu amor é aperfeiçoado em nós”**. Quando temos isso? Quando nós mesmos nos **“amamos uns aos outros”** e assim vivemos naquele amor que constitui a natureza de Deus. Cabe, porém, precaver-nos contra um mal-entendido que deturparia tudo. Não é de nossa parte que nos esforçamos para amar aos outros, de forma que Deus permanecesse em nós como que para recompensar nosso feito. O “quando” na presente frase de João não apresenta uma condição a ser cumprida por nós e que depois tem como consequência a permanência de Deus em nós. Pelo contrário, o “quando” constata uma base para o conhecimento, na qual podemos notar que Deus permanece em nós como fonte desse amor e nos acompanha até o alvo de seu amor em nós.

Entretanto, o apóstolo não incorre no “perfeccionismo”, muito criticado, ao considerar o amor de Deus **“aperfeiçoado em nós”**? Cabe inicialmente ponderar que o predicado “aperfeiçoado” não é usado para nosso amor mútuo, mas para o “seu”, ou seja, para o amor de Deus. O que impediria Deus de permitir por sua livre graça que seu amor habite **“aperfeiçoado”**, “perfeito” em nós? Ou será que pretendemos culpar também a Deus de “perfeccionismo”? O termo grego “aperfeiçoado” contém, como no idioma alemão, a palavra “fim” ou “alvo” (em grego: *télos*). Quando nos amamos uns aos outros e vivemos no amor, o amor de Deus atingiu “o alvo pleno” em nós. Afinal, foi esse amor que enviou o Filho, o único, ao mundo, para que nós obtivéssemos vida (v. 9). Essa “vida”, como vimos, é “amar”. Quando amamos uns aos outros, então recebemos a vida e então a finalidade do envio e da entrega do Filho de Deus foi alcançada.

- 13 João não se limita a meras afirmações. Podemos detectar em certas características nossa permanência em Deus e a permanência de Deus em nós: **“Nisso reconhecemos que permanecemos nele e ele em nós, em que ele nos deu de seu Espírito.”** O apóstolo repete com ênfase o que já escreveu em 1Jo 3.24. Obviamente podemos redargüir imediatamente: e em que notamos o recebimento dessa dádiva do Espírito Santo? Será que agora, apesar de tudo, volta a se abrir uma brecha para experiências místicas e forças sobrenaturais? João não entra nessa questão. Porém certamente concordaria com seu colega, o apóstolo Paulo, respondendo a nós desta forma: ora, vejam o “fruto do Espírito” em contraste com todas as “obras da carne” (Gl 5.19-22)! O primeiro e fundamental fruto é o amor. E precisamente ele é o que é verdadeiramente “sobrenatural” e essencialmente divino. Quando Deus nos presenteia **“a partir de seu Espírito”**, como consta literalmente no texto, ele nos infunde o amor no coração.

Evidentemente agora podemos acusar o apóstolo de nos ter feito andar em círculos. Quando Deus permanece em nós? Quando nos amamos uns aos outros. Como reconhecemos a permanência de Deus em nós? Em seu Espírito, do qual ele nos concedeu. E em que notamos a realidade desse dom de Deus? Em seu fruto, o amor. Ou seja, acaba no “amor mútuo”, do qual partiu. Entretanto esse “círculo” é necessário. É a única forma pela qual podemos descrever o ciclo da vida. Apenas pelo

fato de que nosso amor não é nossa própria produção, e sim fruto do Espírito de Deus, é possível emitir a grandiosa declaração de que Deus permanece em nós quando nos amamos uns aos outros. Nossa permanência em Deus e a permanência de Deus em nós se documenta pelo habitar do Espírito de Deus em nós. Esse Espírito, porém, o Espírito de Deus, se explicita fundamentalmente em seu precioso fruto, que corresponde à natureza de Deus: o amor. Unicamente mediante tal círculo de afirmações somos capazes de falar do milagre da existência cristã.

- 14 João, porém, está de acordo com Paulo também na função cognitiva do Espírito que nos foi concedido (cf. 1Co 2.6-16). Paulo diz: “Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente.” (1Co 2.12). Do mesmo modo João acrescenta à palavra de que o Espírito Santo nos foi concedido a palavra acerca do reconhecimento cristão central. O que nos foi dado por Deus por meio da dádiva do Espírito? João responde: **“E nós vimos e testemunhamos que o Pai enviou o Filho como Redentor do mundo.”** Essa é a constatação cristã fundamental mais singela; e não obstante ela é ao mesmo tempo tão tremenda que experimentamos nela a ação inegável do Espírito. Portanto, a posse autêntica do Espírito por uma pessoa não precisa ser reconhecida e medida em “dons” notáveis. “Ninguém é capaz de chamar Jesus de *Kýrios*, de Senhor, senão por meio do Espírito Santo” (1Co 12.3). Quem está plenamente convicto de estar diante do Filho de Deus enviado como Redentor do mundo na pessoa de Jesus pode ter a certeza de ter o Espírito a partir de Deus! Assim como o “nós” no v. 16, o “nós” enfático desta vez deve reunir o apóstolo com todas as igrejas. A multidão do “nós”, que “viram” e “atestam” o envio do Filho pelo Pai como **“Redentor do mundo”**, evidentemente tem por raiz principal os apóstolos. Eles podem reclamar particularmente para si a palavra do **“ver e testemunhar”** (1Jo 1.1-3). Contudo passaram a ser “testemunhas” igualmente por intermédio do Espírito Santo a partir da festa do Pentecostes. Em virtude de sua atuação existem “igrejas”, às quais foi concedido ver o ato salvador divino em Jesus e testemunhar acerca dele. Contudo, somente por intermédio do Espírito Santo elas de fato conseguem **“ver”** e **“testemunhar”**.

Sotèr, “Redentor”, “Salvador” – trata-se de um termo muito usado na época, que de forma alguma, como tendemos a imaginar, era de antemão um termo “cristão”. Havia divindades das quais se esperava especialmente a cura de enfermos e a ajuda em aflições e que por isso costumavam ser chamadas de *sotèr*, “restaurador”. Mas desde a Antigüidade também pessoas beneméritas recebiam o título honorífico *sotèr*. Mais significativo ainda é o título dado ao soberano divinizado como *sotèr*. O imperador romano era enaltecido como “portador da salvação”, como *sotèr*, tolerando isso com predileção. Era assim que se conhecia a palavra “Redentor” na época do jovem cristianismo. O fato de o apóstolo aplicá-la aqui a Jesus, a esse judeu executado na cruz, vindo da recôndita Palestina, constitui uma provocação sem paralelo. Isso ainda é reforçado pela circunstância de ele classificar Jesus não apenas como “Redentor”, mas **“o Redentor do mundo”**. Afirma assim que na verdade esse título complete unicamente a Jesus e de um modo universalmente abrangente. Ainda que se costume enaltecer deuses, soberanos e pessoas beneméritas como “Redentores”, somente Jesus, o Filho que o Pai enviou para a salvação do mundo inteiro é de fato e essencialmente **“Redentor”**, **“Redentor do mundo”**.

- 15 Esse reconhecimento torna a pessoa cristã. No entanto – como também em Jo 4.42 – trata-se de “Jesus”, não de um ente espiritual celestial, mas do Filho de Deus “vindo na carne”. Por essa razão João continua: **“Quem de fato confessar que Jesus é o Filho de Deus, nele permanece Deus, e ele, em Deus.”** Cumpre notar o rigoroso paralelo que o apóstolo estabelece aqui entre fé e amor. “Quando nos amamos uns aos outros Deus permanece em nós”, constava no v. 12. Agora é dito que Deus “permanece” em cada um que “confessar que Jesus é o Filho de Deus”. Será que João não entra em contradição? Será que agora, não obstante, a “dogmática”, a “doutrina correta” assume o lugar do “amor”? Não, para João as duas coisas formam uma unidade inseparável. Afinal, o amor se forma em nós apenas a partir do amor de Deus por nós. E o fogo desse amor virá ao nosso encontro somente quando tivermos reconhecido em Jesus o Filho de Deus ao qual Deus enviou ao mundo como meio de expiação por nossos pecados. Em contraposição, uma confissão a Jesus que não incendeia nosso coração para o amor se evidencia como inautêntica e como intelectualidade vazia. Ao empregar a palavra “confessar” nesse versículo, João se refere à confissão pública a Jesus, que naquele mundo e naquela época não era isenta de riscos, mas conduzia a múltiplos sofrimentos por causa do ódio do mundo. Portanto, naquele tempo não era fácil dar um testemunho superficial apenas da boca para

fora. Quem, porém, padecia por causa de sua confissão, podia consolar-se com isto: **“Nele permanece Deus, e ele, em Deus.”**

16a Quem **“confessa que Jesus é o Filho de Deus”** não enuncia uma fórmula vazia. Por meio dessa confissão faz parte daqueles dos quais João afirma: **“E nós reconhecemos e cremos no amor que Deus tem a (literalmente: em) nós.”** **“Nós”** é o cristianismo inteiro, é a igreja com seu apóstolo. **“Nós reconhecemos.”** Ou seja, *gnosis*, “conhecimento” não constitui propriedade apenas dos gnósticos, que enaltecem seu entendimento. Cada cristão singelo, desprezado pelos gnósticos, “reconheceu”. Descobriu a coisa mais sublime, grandiosa e importante que existe: o amor de Deus a nós. Ao acrescentar: nós reconhecemos **“e cremos”**, o apóstolo João expõe de forma duplamente correta o processo que nos transforma em “cristãos”. **“Fé”** não é, como os gnósticos imputavam às igrejas apostólicas, mera repetição de doutrinas de cunho compulsório. Fé genuína repousa sobre “reconhecimento”. Posso “crer” verdadeiramente em Jesus apenas quando “reconheço” a Jesus como o Filho de Deus em sua essência e em sua obra redentora, porque reconheci a mim mesmo como pessoa perdida e culpada perante Deus. No entanto, igualmente importa que meu “reconhecer” leve ao “crer”, à real “aceitação” do amor de Deus que vem ao nosso encontro em Jesus e sua cruz, e por isso à entrega pessoal a esse amor. Os gnósticos falavam com desprezo de “mera fé”, contrapondo-lhe seu “reconhecer”. Já nós afirmamos: o “mero reconhecer” nos deixa frios e mortos se não levar ao “crer”! Então a “fé” obviamente será algo diferente do que muitos pensam até os dias atuais. Não a acolhida de doutrinas e idéias, nem que sejam ensinamentos apostólicos, mas agarrar de coração a verdade de Deus. “Reconhecer” não é um estágio superior acima da simples “fé”, mas determinará de fato toda a nossa vida somente quando o apreendermos mediante um “sim” integral e confiante, tornando-o assim eficaz para nossa vida. Precisamente isso é “crer”.

A partir dessas considerações, talvez realmente se deva levar a sério a formatação da palavra do **“amor que Deus tem em nós”**. Já em termos meramente lingüísticos isso é assim. No grego daquele tempo na realidade o *en* = “em” é freqüentemente substituído por um *eis* = “para”. Mas é muito raro encontrar o oposto, que um *en* seja colocado em lugar de um *eis*. Aqui João pode ter usado intencionalmente o “em nós”. O amor de Deus não permanece fora de nós como algo que vemos como “objeto” de nossa cognição. Ele vem a nós entrando em nosso íntimo. Afinal, Deus “permanece” em nós, como João formula repetidamente. Deus nos ama tão intensa e realmente que seu amor penetra em nós, habitando e atuando em nós. É esse amor “penetrante” de Deus, o amor de Deus **“em nós”** em que **“temos reconhecido e crido”**. Essa é a renovação fundamental de nossa vida.

O AMOR LIBERTA DO MEDO – 1JO 4.16B-21

16b – Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele.

17 – Nisto é em nós (ou; conosco) aperfeiçoado o amor, para que, no Dia do Juízo, mantenhamos confiança; pois, segundo ele é, também nós somos neste mundo.

18 – No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor.

19 – Nós amamos (ou: amemos) porque ele nos amou primeiro.

20 – Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama (ou: não quer amar) a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.

21 – Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão.

16b Novamente é proferida a verdade fundamental e singular: **“Deus é amor.”** Chega-se à límpida conclusão: **“e o que permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele.”** A frase jamais deve ser invertida: **“O amor é Deus.”** Não podemos proclamar o amor como “deus”, partindo daquilo que nós entendemos por “amor”. Não, unicamente Deus é “amor”, explicitando para nós primariamente o que na verdade vem a ser “amor”. E somente quem pessoalmente “ama” assim como Deus nos revelou a essência do verdadeiro amor (1Jo 3.16) tem o privilégio de saber que alguém **“que permanece no amor”** por natureza **“permanece em Deus”**. Contudo, vale igualmente o oposto: **“e Deus permanece nele.”** O Deus cuja essência é “amor” gera na pessoa na qual habita pelo Espírito Santo a permanência naquele amor que “tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo

suporta” (1Co 13.7 [TEB]). Nessa condição não podemos descartar a mensagem do amor de Deus que em Jesus nos presenteia com o meio de expiação por nossos pecados como “dogma” supérfluo, uma vez que “amamos” e, portanto, sem impedimentos permanecemos em Deus e Deus permanece em nós. Somente seremos capazes de “amar” de verdade e “permanecer no amor” quando tivermos experimentado e experimentarmos a cada momento o amor redentor de Deus mediante ruína de nosso orgulho. Nesse ponto tudo está inseparavelmente interligado, constituindo um único processo vivencial, o qual entretanto conseguimos descrever unicamente em partes isoladas.

17 João falou do tempo presente. Agora seu olhar se dirige, como em 1Jo 2.28, para o futuro. Virá a parusia de Jesus e com ela **“o dia do juízo”**. O que acontecerá, então, conosco? A alegre convicção com que João nos encheu não precisa ser encoberta agora pela sombra do medo: “Todo o que ama permanece em Deus”? João poderia simplesmente responder agora: ora, leve a sério o que acabei de escrever-lhe! Se como uma pessoa que ama você “permanecer em Deus, e Deus em você”, então a situação não poderá ser outra no dia do juízo. O que haveria para temer no juízo de Deus para quem está “em Deus” e “no qual” Deus habita? Contudo, o apóstolo não responde de forma tão simples, porque no caso do “amor” não se trata de algo tão simples. Sua resposta, porém, é: **“Nisto é perfeito o amor conosco (junto de nós), em termos livre confiança no dia do juízo, porque de modo igual como aquele, também estamos neste mundo.”** “Nós”, realmente nós mesmos (e não apenas personagens ideais imaginários) podemos ter **“livre confiança”** “em sua parusia” (1Jo 2.28) e no **“dia do juízo”**. Ambos os aspectos estão interligados da forma mais estreita. Em razão disso cita-se a mesma “livre confiança” tanto aqui quanto em 1Jo 2.28. No entanto, será que possuímos uma confiança assim? Nós a temos quando **“o amor é perfeito conosco”**. Perguntamos: João, que amor tens em mente aqui? O amor de Deus por nós? Nosso amor a Deus? Nosso amor mútuo? Diante dessas perguntas o apóstolo responderia: Vocês não entenderam que tudo que foi dito até aqui forma uma unidade inseparável? Vocês não possuem um amor extra em relação aos irmãos e ao lado dele adicionalmente o olhar para o amor de Deus por vocês! Assim que o amor de Deus por vocês atinge seus corações, acorda o amor de gratidão e entrega a Deus e dele, por sua vez, brota o amor aos irmãos. Por isso João não mencionou um objeto específico para o “amor” nem no v. 16 nem no v. 17. Somente na estranha expressão “o amor *conosco*” o apóstolo consegue assinalar, em retrospecto para a frase anterior no v. 16a, que o amor de Deus é a base de sustentação e o manancial permanente de todo amor. Esse amor é **“perfeito”**, “alcançou o alvo final”, em **“que temos livre confiança no dia do juízo”**. Sem dúvida, pelo fato de que esse amor de Deus, como já vimos, visa nossa verdadeira “vida” e de que essa vida consiste em “amar”, Deus também precisa ter chegado ao alvo com essa nossa vida para que a livre confiança esteja em nós no dia do juízo. Em função disso, já no versículo seguinte, João fala do “perfeito amor”, momento em que pode se referir a nosso próprio amar.

E também no presente versículo vem imediatamente a nosso encontro a constatação: **“porque do mesmo modo como aquele está, também nós estamos neste mundo.”** Trata-se de um aspecto fundamental em toda a carta, que o apóstolo demanda a correlação entre nossa vida e conduta e a natureza de Deus ou de Jesus, ou que até mesmo a ateste como realidade dada. “Se andamos na luz, como ele próprio é luz” (1Jo 1.7). “Quem afirma permanecer nele é devedor de, assim como aquele andou, também andar pessoalmente assim” (1Jo 2.6). “Todo o que deposita nele essa esperança se purifica assim como aquele é puro” (1Jo 3.3). “Quem pratica a justiça é justo, tal como aquele é justo” (1Jo 3.7). “Nisso temos reconhecido o amor, em que aquele empenhou sua alma; e também nós somos devedores de empenhar a alma em prol dos irmãos” (1Jo 3.16). “Se dessa maneira Deus nos amou, então nós de nossa parte temos a obrigação de amar uns aos outros” (1Jo 4.11). Em todas essas frases consta o “assim como” ou “da maneira como” que estabelece uma relação entre nossa conduta e a atitude de Deus e de Jesus. No modo e no direcionamento ela tem de corresponder ao agir de Jesus. No entanto, conforme já vimos, o termo grego *kathōs* = “assim como” também possui a conotação de justificativa. Nosso viver e amar, nossa justiça e pureza se fundamentam sobre aquilo e decorrem daquilo que Deus realizou em nós e nos concedeu em Jesus. No v. 19 isso é expresso da forma mais sucinta: “Amamos porque ele nos amou primeiro.” É assim que também entendemos o sinal de igualdade entre Jesus e nós no presente v. 17. Não somos nós que nos igualamos a Jesus nem alcançamos com nossos esforços próprios determinada igualdade com ele, mas pelo fato de ele nos ter incluído entre os seus por meio de seu amor, por nos ter purificado de todos os pecados mediante seu sangue e por nos ter presenteado com o Espírito de Deus, por isso nosso ser obteve dele sua configuração. **“Tal como aquele, também nós estamos neste mundo.”**

Que significará, então, “**neste mundo**”? Trata-se de uma limitação? Será que “**nós**” somos como “**aquele**” evidentemente apenas na medida em que é viável o “neste mundo” e uma vida a ser vivida neste mundo? Para João este tipo de atenuação não é provável. Ou será que, pelo contrário, se trata de um destaque dado à magnitude da vida cristã? Pois até mesmo em meio a “este mundo” com suas tentações e tribulações somos assim como aquele é. Talvez tenha sido acrescentado apenas porque “aquele” agora está junto do Pai na glória. Somos “como ele”, porém ao contrário “daquele” ainda estamos “**neste mundo**”. Ao mesmo tempo chama atenção que na expressão “**assim como aquele está**” fica preservado que “Jesus Cristo é o mesmo ontem e hoje e também na eternidade”, como declara Hb 13.8. Também o Exaltado e Glorificado continua inteiramente o mesmo que ele era quando esteve visivelmente entre nós como Jesus de Nazaré. Conseqüentemente, importa realmente com toda a seriedade que assim como “aquele andou, também nós mesmos andemos” (1Jo 2.6). João expressa a seriedade porque agora não fala na forma de uma exortação, mas coloca diante de nós como afirmação da verdadeira condição cristã: “**Tal como aquele está, também nós estamos neste mundo.**” Não se trata de um “ideal” ao qual tentamos perseguir com maior ou menor êxito, mas de um fato que vale para todos aqueles que estão incluídos no “nós”, que também aqui é novamente enfatizado. Unicamente a partir dessa realidade existe de fato a “**livre confiança no dia do juízo**”.

Será isso possível? Não se trata novamente de perfeccionismo questionável? Contudo João não tem em mente nossa capacidade de realização, mas o fato de que somos nascidos a partir de Deus e recebemos como presente seu Espírito Santo, sendo levados pessoalmente a amar depois de experimentar maravilhosamente o amor de Deus. Ou seja, vigora de fato em nós algo que se diferencia fundamentalmente da natureza do mundo e que corresponde à natureza de Deus. João também sabe que isso sempre está em vias de formar-se. Porque a semelhança plena com Jesus é aguardada também por ele somente a partir do futuro, quando “o veremos como ele é”. No entanto, o apóstolo leva muito a sério o “purificar-se” com base nessa esperança (1Jo 3.3), o “amar” e o “empenho da alma em prol dos irmãos”, assim como isso também foi levado a sério por Paulo, apesar de sua intensa proclamação da salvação por graça soberana. João presta à igreja o grande serviço de explicitar, em contraposição consciente e resoluta a todo cristianismo gnóstico, a indissolúvel ligação de fé e conduta, amor recebido e amor transmitido.

Quem “se purifica” assim de forma constante e se deixa purificar pelo sangue de Jesus Cristo, quem a cada momento se abre para o amor de Deus e permite que atinja o alvo de constituir aquela “vida” verdadeira que consiste em “amar” em sua vida, possui “**livre confiança no dia do juízo**”. Uma formulação mais precisa seria: ele a terá quando vier o dia do juízo. Não obstante, para João a certeza é tão límpida que ele é capaz de afirmar desde já: “Nós temos” essa confiança; ela será evidenciada no dia do juízo.

- 18 É em razão disso que ele prossegue: “**Medo não existe no amor, porém o perfeito amor expelle o medo, porque o medo tem a ver com castigo. Quem tem medo não é perfeito no amor.**” Notemos de imediato que João não afirma que não há medo em nosso coração, mas que sua afirmação é feita acerca do amor. Novamente estamos diante de uma daquelas frases primorosas do apóstolo que ele coloca sem discussão e que são simplesmente verdadeiras em si. De fato não há espaço para “medo” no amor verdadeiro. “**Medo**” é um corpo estranho para o amor genuíno, ao qual ele “**expele**”. Obviamente ele o faz e pode fazê-lo somente onde existe o “**perfeito amor**”. “Perfeito” não significa aqui – assim como também em 1Co 2.6 e Fp 3.15 – uma “consumação” perfeccionista. Em Fp 3.15 isso é excluído pela afirmação de Fp 3.12. A expressão significa totalidade e determinação. Quando prevalece um amor integral e decidido, ele expelle todo o medo. Isso vale inicialmente de modo bem geral, da maneira como foi pronunciado aqui. Vale desde já em nossa vida. Todos nós temos nossas experiências nessa questão. No amor libertador, no “empenho da alma” em prol de outros podemos ser tomados por uma admirável ousadia. O amor desvia completamente o olhar de nós, dirigindo-o de maneira plena para aquele que necessita; simplesmente não resta lugar para o “medo”.

No entanto, João ainda se encontra no olhar para o dia do juízo vindouro. Por que temos medo dele? “**O medo tem a ver com castigo.**” A palavra *kolasis* = “castigo” ocorre no NT apenas também em Mt 25.46. Lá se tem em vista o conteúdo do castigo, o “eterno tormento”, como diz acertadamente a tradução de Lutero. O “medo” defronta-se com a lembrança de um “castigo” desse tipo quando ainda habita em nosso coração. Será que ainda estamos inseguros em relação ao juízo vindouro? Porventura ainda temos medo de sermos colhidos pelo “castigo eterno”? Nesse caso vale

para nós: **“aquele que tem medo não é perfeito no amor.”** No início do bloco João havia constatado: “Quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele.” Será que aquele que “permanece” em Deus deveria temer condenação e “castigo”? Mais uma vez cumpre lembrar que para João “amar” é o verdadeiro conteúdo da “vida eterna”. Por isso aquele que “ama” “passou da morte para a vida” (1Jo 3.7,14) e também “sabe” disso. Desse modo já se eximiu do “castigo” da “segunda morte”. É isso que ele deveria preservar com plena confiança a fim de “expelir o medo”.

Entretanto, não é fato que muitos cristãos têm medo? O próprio João disse que “nosso coração nos condena”. Porventura não vemos assustados nosso fracasso no amor, os numerosos sinais de desamor em pensamentos, palavras e atos que vêm a nós antes que os notemos? Será que, nesse caso, o medo não entra com razão em nosso coração? Isso ocorre porque agora não éramos **“perfeitos no amor”**. Contudo o apóstolo nos mostrou muitíssimas vezes em sua carta onde, então, existe socorro para nós. Podemos confessar, obter perdão, ser purificados. Nessas experiências o amor de Deus atinge seu alvo conosco. Essa certeza de sermos amados por Deus faz despertar novo amor em nós, e então esse amor expulsa o medo. Esse termo mostra que João conta com o fato de que não andamos permanentemente nos apogeu do destemor, mas somos afligidos pelo medo. Por isso ele não escreve que nosso coração superou o medo de uma vez por todas e já não o conhece. Constantemente ocorre a “expulsão” do medo pelo amor que, perfeito, “enche nosso coração”. Também nesse ponto cabe perceber que João usa a palavra “amor” de modo abrangente e ao mesmo tempo se refere ao amor de Deus a nós e ao amor a Deus gerado por ele em nós, bem como ao amor para com os irmãos.

- 19 A frase subsequente fala de imediato dessas inseparáveis correlações na vida e no agir do amor. Isso transparece de forma peculiarmente nítida quando entendemos *agapōmen* como indicativo: **“Amamos porque ele nos amou primeiro.”** Amar não é invenção nossa nem arte nossa. Pelo contrário, somente somos capazes de amar porque fomos atingidos pelo amor insondável de Deus. Na criação e na redenção Deus é fundamentalmente o **“primeiro”** a amar, porque ele é “amor”. Em analogia, também em nossa vida pessoal, por ocasião de nossa redenção, ele é o **“primeiro”** que amou e que transformou “incrédulos, pecadores, inimigos” em filhos amados. Em nossa trajetória de vida como cristãos ele é sempre aquele que chega primeiro com seu amor, inclusive quando nosso coração nos condena. Concede-nos o novo amor e concede-o de tal maneira que ele “expele o medo”.
- 20 O apóstolo João nos diz isso com toda a audácia da confiança. Contudo mantém o olhar nítido para a realidade da igreja. Debaixo das influências gnósticas e místicas havia naquele tempo, como em todas as épocas até hoje, pessoas que falavam entusiasmadas de seu amor a Deus e ao mesmo tempo agiam com desamor em relação ao irmão. Delas João volta a falar no tom agudo que já conhecemos de vários momentos dele: **“Se alguém diz: amo a Deus, e odeia o irmão, um mentiroso é ele.”** Reencontramos a fórmula que já caracterizara o primeiro capítulo: **“Se alguém diz.”** João ouviu esse “dizer” nas igrejas. Mas trata-se apenas de um “dizer” sem “realidade” e por isso uma “mentira”. Na crítica da “mentira” não se altera nada, mesmo que subjetivamente o “dizer” seja muito intenso e entusiasmado. O “amor a Deus”, do qual se “diz” aqui, nem mesmo existe de fato quando ao mesmo tempo se “odeia” o irmão. Tampouco nós podemos nos esquivar da palavra de João pela alegação: ora, de forma alguma “odiamos” o irmão! Neste ponto precisamos reler o que foi explicitado sobre o significado do termo “odiar” na Bíblia, no comentário sobre 1Jo 2.9.

Entretanto, não seria possível existir amor genuíno a Deus, ainda que o coração seja indiferente ou desaprovador em relação ao irmão? Será que o alegado amor a Deus precisa ser sempre uma “mentira”? João responde a essa objeção, fundamentando sua frase dura: **“Porque quem não ama (ou: não deseja amar) o irmão a quem vê, não é capaz de amar a Deus, a quem não vê.”** Trata-se de uma inferência do menor ao maior, do mais fácil ao mais difícil. Aquele nem sequer consegue amar o irmão, visível diante dele, como poderá amar ao Deus invisível? É verdade que à primeira vista a conclusão não parece ser certa. Porventura não é realmente “mais fácil” retribuir com gratidão o amor de Deus, que nos ama maravilhosamente, do que o irmão, que com suas falhas e suas facetas complicadas está tão “visível” diante de nós? Não obstante, João tem razão. Um amor a Deus obviamente é mais fácil de “asseverar”, porque não pode ser verificado por causa da invisibilidade de Deus. É fácil falar entusiasmadamente dele. Mas é fantasia, sugestão subjetiva quando não estiver documentado pelo amor ao irmão. Novamente compreendemos com que acerto João falou de forma muito genérica de “amor”, sem definir seu objeto. “Amor”, existindo e estando vivo, tão somente consegue “amar”, independentemente do “objeto” com que se depara! Não pode “amar” em uma

direção e “odiar” em outra. Já explicitamos acima (p. 358) que “amor” é uma condição e um direcionamento de todo o nosso pensar que, se de fato existe, tem de se mostrar visivelmente em relação ao “irmão visível”. Do contrário será mero “sentimento” sem realidade e se torna “mentira”, ainda que seja declarado como existente.

Como sentença epistolar para dentro da realidade eclesial trata-se inicialmente de um ataque a “gnósticos” que fantasiavam de seu amor sublime, totalmente devotado a Deus, e nesse entusiasmo não tinham nenhuma consideração pelo irmão, introduzindo confusão e discórdia na igreja. Contudo essa tendência por um amor interesseiro a Deus e a Jesus, e que não se importa com o irmão visível e suas aflições e dificuldades palpáveis, pode ser constantemente encontrada no cristianismo. Lemos novamente a frase de 1Jo 3.17: “O amor de Deus” não pode “permanecer” naquele que nega o auxílio concreto na miséria visível do irmão.

21 Finalizando, o apóstolo acrescenta uma frase que poderia causar surpresa depois de sentenças tão tremendas sobre o ser e o querer do amor: **“E temos dele este mandamento, de que quem ama a Deus ame também o irmão.”** Ora, agora ainda será necessário um “mandamento”, depois que o apóstolo nos confrontou com a relação essencial intrínseca entre o amor a Deus e o amor aos irmãos? Porventura um “mandamento” será capaz de nos ajudar? É como se João ouvisse no íntimo que há objeções sendo levantadas contra sua frase breve e dura no v. 20. Afinal, essa seria apenas a opinião do apóstolo, nesse ponto também se poderia pensar de outro modo. Sim, até mesmo teríamos de separar o amor a Deus, muito mais importante, do amor ao irmão. Então João destaca: tudo o que escrevi não é apenas minha opinião. Estou seguindo um mandamento claro de Deus. Com minhas exposições vocês poderiam iniciar um debate, apresentando suas opiniões divergentes. Mas toda a discussão acaba quando nos defrontamos com o **mandamento** de nosso Senhor.

O trecho todo possui uma enorme relevância prática para a igreja de todos os tempos, também para nós hoje. Como chegamos à *parrèsia*, à livre confiança em Deus, mesmo que nosso olhar se volte para o juízo vindouro? Como superamos o medo, o “medo da morte”, que de algum modo é medo do “castigo”? Também poderíamos formular: como alcançaremos a certeza da salvação que resiste em qualquer circunstância?

Estamos acostumados a remeter-nos à fé com base em Paulo. Quem não olha para si mesmo, quem não conta mais em absoluto com as próprias obras, quem não contempla nada mais além da cruz e da salvação ali consumada, tem certeza da salvação. Isso é correto, e João não o negaria. Afinal, testemunhou pessoalmente que o sangue do Filho de Deus nos purifica de todo pecado e que Jesus é a reconciliação por nossos pecados, e até mesmo pelos do mundo inteiro.

No entanto, assim como Tiago via o risco de uma “fé sem obras”, que “é morta em si mesma” (Tg 2.17), assim João teme todo o “dizer” que se torna “mentira” porque nenhuma realidade está por trás dela. A doutrina da justificação pode levar a um calculismo frio, que maneja todas as suas fórmulas de maneira sumamente ortodoxa e na realidade não contém nada. Sim, pode tornar-se um posicionamento em que nos escudamos contra a intervenção de Deus e nos protegemos contra sua interpelação. Já para Paulo importa em Rm 6 (e em muitas outras passagens!) combater a mera lógica da mensagem de justificação que “tenta perseverar no pecado”, para que “a graça seja tanto mais poderosa”. Em contraposição a isso ele descreve a verdadeira realidade da fé, que nos une com aquele em quem cremos e que por isso nos conduz a uma “novidade de vida” (Rm 6.4 no texto grego). Desde o início João situa tudo em sua carta sob o aspecto da “vida” e, por isso, do “amor”, que constitui a essência da verdadeira vida. Do amor de Deus provém em Jesus a redenção, a reconciliação, a vida para nós (1Jo 4.9s). Porém esse amor doador, sacrificador, sofredor não pode ser recebido de fato sem que pessoalmente sejamos levados a amar. Para “amar” somos nascidos a partir de Deus, e somente no “amar” reconhecemos a Deus (1Jo 4.7). Apenas quem ama permanece em Deus, e Deus permanece nele (1Jo 4.16b). Mas isso se configura agora como realidade plena. E onde essa realidade existe e é vivida o amor aperfeiçoado expele o medo, e aparecem a “certeza da salvação” e a livre confiança em Deus (1Jo 4.17). Já em 1Jo 2.28 foi possível falar da permanência em Jesus como fundamento da “livre confiança”. O que lemos no presente bloco de 1Jo 4.7-21 é somente uma elaboração mais exaustiva e um aprofundamento daquela singela palavra da permanência em Jesus.

Cabe, porém, trazer mais uma palavra acerca da frase: **“O perfeito amor expele o medo.”** Em outras passagens do NT o temor não é considerado muito positivamente e tido em alto conceito? Em At 2.43 é dito: “Em cada alma havia temor” a respeito daqueles que permaneceram constantes no

ensino dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e na oração. E depois que passou a tempestade da primeira grande perseguição por Saulo e a igreja desfrutava de paz, ela “se edificou e andava no temor do Senhor” (At 9.31). Isso era errado? Será que “o temor do Senhor” não é mais “o princípio da sabedoria” (Sl 111.10)? Acaso Paulo se equivocou quando instruiu os filipenses a buscarem sua bem-aventurança com temor e tremor (Fp 2.12)? Será que Lutero não deveria ter dito na explicação ao primeiro mandamento: “Devemos temer e amar a Deus sobre todas as coisas e confiar nele?”, mas apenas: “Devemos amar a Deus...”? Agora tornamos a ver como é necessário ler a Bíblia com muita atenção e não simplesmente recortar uma palavra isolada dela. Vimos acima, à p. ... [104], que a realidade viva frequentemente pode ser formulada somente em afirmações aparentemente contraditórias que apesar de sua “contradição” são simultaneamente verdadeiras. Todas as afirmações bíblicas sobre o “temor a Deus” continuam plenamente válidas. João não contesta isso. Não estimula a igreja: “Lancem fora todo o medo! Não é mais necessário temer. Pois, afinal, Deus é amor!” Tão somente constata: “O perfeito amor expelle o medo.” Nessa constatação não se trata do santo respeito e da reverência que sempre se associará com o amor diante de Deus. João fala do “dia do juízo” e diz expressamente que se refere ao “**temor**” que tem a ver “**com castigo**” e que tem medo do castigo no dia do juízo. Também acerca desse “medo” ele não declara que obviamente teria passado para nós. A santa e pura luz de Deus foi testemunhada por João logo no início da carta. Será que tudo o que é sombrio, impuro e pecaminoso não precisa e deve “temer” essa luz? Deus é amor, como João afirma tão inequivocamente como nenhum outro apóstolo. Porém essa frase não representa o juízo sobre toda a falta de amor, e ela não nos leva por isso ao “medo” em vista de tanta carência de amor entre nós e em vista do que João chama de “ódio” ao irmão? Todo esse “**medo**” é muito justificado e muito necessário. Ai de nós se desaparecesse de nossos corações! É justamente ele que nos impele até aquele cujo sangue purifica de todo pecado, ao Deus que por amor enviou seu Filho como meio de expiação por nosso pecado. No entanto, se verdadeiramente compreendemos esse amor de Deus, não por mera doutrina, mas como realidade integral e viva, que entregou por nós aquilo que lhe era mais precioso, será que então *esse* “medo” não precisa de fato desaparecer? Porventura alguém que se vê amado desse modo ainda pode ter medo? Simplesmente é verdade que no amor não há mais “medo de castigo”, muito menos quando o amor é “perfeito” e alcançou seu alvo. Quem ainda teme não deve tentar desacreditar esse medo nem reprimi-lo artificialmente. Deve admiti-lo para si e indagar simplesmente pelo fundamento de seu medo. Então perceberá pessoalmente que o motivo é que ele não é “perfeito no amor”. Nesse caso, porém, ao longo de toda a carta lhe está sendo mostrado o caminho à “perfeição do amor”. Pode e deve acolher integralmente dentro de si o amor de Deus e deixar encher seu próprio coração com amor ao irmão. Então experimentará que o perfeito amor de fato expelle o medo. João não afirmou que considera isso um estado permanente que o cristão pode atingir para sempre. Em suas numerosas exortações e incentivos na carta ele evidentemente conta com a possibilidade de que também os membros da igreja autêntica precisem constantemente avançar até o perfeito amor. Nesse sentido também ele poderia exortar as igrejas de comum acordo com Paulo a buscarem sua beatitude “com temor e tremor”.

A VITÓRIA SOBRE O MUNDO – 1Jo 5.1-5

- 1 – Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido.**
- 2 – Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e praticamos os seus mandamentos.**
- 3 – Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos.**
- 4 – porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé.**
- 5 – Quem é o que vence o mundo, senão aquele que crê ser Jesus o Filho de Deus?**

- 1** Novamente constatamos a maneira própria de João escrever sua carta. Não liga expressamente cada um dos blocos, nem nos ajuda desenvolvendo seus pensamentos de forma sistemática. Líamos em 1Jo 2.29: “Todo aquele que pratica a justiça é nascido dele”, e em 1Jo 4.7 “Todo aquele que ama é

nascido a partir de Deus”. Agora nos é dito: **“Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo, é nascido de Deus.”** Somos tentados a perguntar ao apóstolo: O que, afinal, vale de fato e definitivamente? Somos tanto mais impelidos a essa pergunta porque, ao iniciar as três frases com **“todo aquele”**, João revestiu cada uma delas de validade absoluta. Por isso não podemos distribuir as três afirmações em grupos humanos distintos. As três valem para “cada um”. Logo precisam estar essencialmente interligadas, ainda que João não seja um teólogo sistemático que nos explicita essa correlação intrínseca. Nesta carta João descreve toda a existência cristã viva, e para isso todas as três frases são igualmente verdadeiras e importantes. Dissociadas uma da outra e transformadas em princípio, levam facilmente a perigosos mal-entendidos.

“Crer” “que Jesus é o Cristo”: para João isso não é mera concordância com um “dogma”. Fé real é uma convicção interior que me preenche e envolve integralmente. Não posso “produzir” uma convicção assim nem elaborá-la mediante mero trabalho intelectual. Isso fica particularmente evidente quando não olhamos apenas superficialmente aquilo que João apresenta aqui como conteúdo da convicção de fé. **“Jesus é o Cristo”**, isso significa: esse homem, Jesus de Nazaré, que no início da presente vivia no pequeno lugarejo da Palestina, que padeceu e morreu na cruz como criminoso, é o Rei da eternidade, o Senhor de minha vida e o Consumador do mundo! Quem consegue “crer” isso? Nenhum ser humano “racional”. No entanto, é crido ao longo de todos os séculos, em todos os povos e todos os quadrantes da terra! É crido de tal maneira que pessoas empenham a vida por essa fé. João afirma que aconteceu algo tremendo a essas pessoas, por mais insignificantes que possam parecer: são **“nascidas a partir de Deus”**. Unicamente por isso podem “crer” e crêem.

João declarou com razão: precisamente por isso também “amam”, porque uma pessoa nascida de Deus traz em si a natureza de Deus (1Jo 4.7). E está claro: quem ama não pratica nada injusto, mas realiza a justiça (1Jo 2.29). Por isso cada uma dessas afirmações vale para todo aquele que evidencia possuir uma delas. Por isso, logo depois de sua frase acerca da fé, o apóstolo torna a falar do amor ao irmão. Evidencia o indispensável nexos interior entre “fé” e “amor”. Quem experimentou a transformação de sua existência pelo nascimento a partir de Deus e agora está apegado a Jesus mediante uma fé viva, esse **“ama o que gerou”** essa nova vida. Contudo imediatamente constata com profunda alegria que não “crê” sozinho e solitário, mas que faz parte de uma multidão de “irmãos” que experimentaram o mesmo nascimento a partir de Deus. Quem se alegra com admiração e gratidão por seu próprio nascimento a partir de Deus, terá a mesma alegre gratidão e admiração por aqueles que experimentaram o mesmo milagre de Deus. **“Todo aquele que ama o que o gerou, ama também ao que dele foi gerado.”** Somos “filhos do Pai”.

- 2 Inverter a afirmação de uma frase na subsequente é uma característica autenticamente joanina: **“Nisto reconhecemos que amamos os filhos de Deus sempre que amamos a Deus e cumprimos os seus mandamentos.”** Até agora não ouvimos uma formulação inversa: o amor visível ao irmão visível era o sinal de reconhecimento do amor ao Deus invisível (1Jo 4.7; 4.12, 19s), algo que, em geral, não pode ser inequivocamente constatado? Mas também na frase anterior o apóstolo deriva o amor aos irmãos como segundo elemento a partir do amor a Deus. Já explicitamos como a palavra “amor” tem múltiplos significados quando a usamos para nosso relacionamento com outras pessoas. Jesus fazia diferença entre o verdadeiro amor desejado por ele e a cordialidade mútua que existe também entre os “publicanos” e “gentios” (Mt 5.46-48). Somente quando nosso amor tem a característica de Deus ele será “amor” no sentido dado por Jesus. É isso que também importa ao apóstolo. Ele deve ter observado que na igreja, no “grupo crente”, pode se alastrar uma cordialidade dócil, confundida com “amor”, uma cordialidade e benevolência que não prestam mais ao irmão o verdadeiro serviço do amor na luta contra seu pecado e contra seus erros. Unicamente quando **“amamos a Deus e cumprimos os seus mandamentos”**, quando temos diante de nós a natureza pura e santa de Deus e quando seus mandamentos nos servem de marcos irremovíveis de rumos e limites, então **“amamos”** aos irmãos de maneira como são amados, como **“filhos”** desse **“Deus”** santo e vivo, freqüentemente necessitando de um amor corretivo de severidade implacável.
- 3 Novamente os mandamentos tornam-se relevantes. Já lemos a esse respeito em 1Jo 2.3s e vimos que isso não é uma recaída em algum tipo de legalismo ou justiça por obras. Agora o apóstolo diz mais uma vez, com total seriedade: **“Porque este é o amor a Deus, que guardamos os seus mandamentos; e seus mandamentos não são difíceis.”** Foi o que João aprendeu pessoalmente de seu Senhor. Jesus enunciou este ensinamento ainda na última noite: “Se guardardes os meus

mandamentos, permaneceréis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço.” (Jo 15.10). Nesse ponto Jesus acrescenta: “Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo.” (Jo 15.11). De modo algum se trata de um penoso cumprimento da lei, que constrói uma justiça própria perante Deus. Estão em jogo o amor e a alegria! No entanto, novamente importa ao apóstolo, assim como a seu Senhor, que não transformemos o “amor” em uma questão sentimental inerte. Em 1Jo 2.17 vimos: o próprio Deus é “vontade”, justamente por ser verdadeiramente “amor”. Assim também o nosso amor, sendo genuíno, é uma vontade que pratica a vontade de Deus, e por isso perdura eternamente (1Jo 2.17). A boa e salutar vontade de Deus, no entanto, está manifesta em seus “**mandamentos**”. Nós os “**guardamos**” porque queremos “amar” e persistir no amor de Deus. Nós os “**guardamos**” como fez Jesus, o Filho. Fazemo-lo porque somos “nascidos de Deus” e, por conseguinte, “filhos no Filho”.

Em vista disso João assevera expressamente: “**E seus mandamentos não são difíceis.**” Porém, será isso verdade? Não aprendemos exatamente o contrário, que eles são sumamente difíceis, e até mesmo completamente inexecutáveis? Porventura Paulo não o ilustrou assim: “Sobrevindo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri. E o mandamento que me fora para vida, verifiquei que este mesmo se me tornou para morte” (Rm 7.9s)? Entretanto, esse ser humano que “morre” sob o mandamento não é o “nascido de Deus” que João vê diante de si, não é aquele que, amado por Deus, “ama” pessoalmente e de verdade. Também Paulo fala de forma muito diferente acerca da pessoa renovada a partir do Espírito de Deus, em Rm 8, e ele sabe e atesta que “o amor é o cumprimento da lei” (Rm 13.10). Para o amor “**não é difícil**” cumprir os mandamentos. Para ele isto constitui uma “alegria”, assim como o alimento do Filho de Deus era realizar a vontade daquele que o enviou (Jo 4.34).

- 4 Por que, no entanto, os mandamentos de Deus sempre nos parecem “difíceis”? Isso se deve ao fato de que nos cabe viver “neste mundo” (1Jo 4.17). O “mundo”, porém, não apenas constitui a moldura exterior de nossa existência, um mero cenário em que transcorre nossa vida. Em 1Jo 2.16 João descreveu o que caracteriza e preenche este mundo: “A concupiscência da carne e o apetite dos olhos e a soberba da conduta.” Dentro de nós, esse mundo se rebela contra a vontade de Deus expressa em seus mandamentos. A “concupiscência da carne” não desapareceu com nosso renascimento; mesmo depois de nascer a partir de Deus ainda vivemos “na carne”. Por isso, se quisermos guardar os mandamentos de Deus, temos de “**vencer**” o mundo, inclusive o mundo dentro de nós mesmos. Isso só acontece por meio de uma luta que pode ser muito dura. Então os mandamentos de Deus nos parecem “difíceis”. Em vista disso, também o apóstolo João vê os cristãos em luta. No entanto o desfecho não é incerto, e sim fundamentalmente definido. “**Porque tudo o que é nascido de Deus vence o mundo.**” Em 1Jo 4.4 ele já afiançara: “Maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo.” A vitória está alicerçada no nascimento a partir de Deus. Ela não resulta de nossos esforços próprios, por mais que o empenho total da pessoa faça parte do processo, conforme evidenciam todas as exortações de João, bem como de todo o NT.

Como, porém, esse engajamento pessoal combina com a vitoriosa obra de Deus? A “vitória sobre o mundo” não precisa ser exclusivamente por mérito de Deus ou por mérito nosso? Existe uma ação sinérgica entre Deus e ser humano? Sim. Essa “ação conjunta” acontece no mistério da fé. João escreve: “**E esta é a vitória que venceu a mundo: nossa fé.**”

Para João, a “**fé**” é uma vitória sobre o mundo que já foi ganha e que já “**venceu**” o mundo. Novamente João não explica isso nem fornece qualquer justificativa. Simplesmente constata que é assim. A igreja deve ter esta certeza sólida e permanecer nela, tanto a igreja de todos os tempos como também a igreja de Jesus hoje. Nessa afirmação João dirige o foco para a última palavra que seu Senhor dirigiu aos discípulos na despedida: “Tende bom ânimo, eu venci o mundo” (Jo 16.33). Na cruz e na ressurreição de Jesus essa vitória está presente e foi presenteada aos discípulos como fato grandioso. “**Nossa fé**”, porém, se apropria desse fato e conta inabalavelmente com ele. Desse modo ela participa da vitória já consagrada de seu Senhor, contra todas as aparências, em todas as tribulações e em todas as “derrotas”. Por isso também ela já “**venceu o mundo**”. Fica evidente com que inteireza consistente João concebe a fé. “**Fé**” não é ponderação de possibilidades, não é esperança indefinida de algo desejado, mas apropriar-se incondicionalmente daquilo que Deus oferece. “João fala sobre o poder da fé de uma forma totalmente confiante” (A. Schlatter). A vitória sobre o mundo, porém, é propiciada unicamente a esse tipo de “**fé**”. Qualquer outro meio de luta fracassa. Como o pequeno e frágil ser humano haveria de “**vencer o mundo**” com todo o seu poder de sedução?

- 5 João conclui com uma frase de confirmação e sumariamente esclarecedora. **“Quem é aquele que vence o mundo senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus?”** Outra vez parece prevalecer a “dogmática” correta. O ser humano questionador de hoje nega: portanto, se me obrigo a crer no complicado dogma da filiação divina de Jesus, hei de vencer assim o mundo? Contudo, se a forma de interrogação da frase de João enfatiza esta verdade – só quem crê no Filho de Deus tem a vitória sobre o mundo, e há de tê-la com toda a certeza – em tom tão triunfante, fica claro que ele não tem em mente qualquer tipo de “fé” artificial. Reconhecer verdadeiramente o Filho de Deus em Jesus e por isso confiar-se a ele com toda a sua vida é algo completamente diferente. É a convicção mais intrínseca, livremente gerada, que definitivamente pode surgir apenas mediante um “nascimento a partir de Deus”, mediante uma ação de nova criação por Deus (sobre isso, cf. o v. 1). Sobre a constituição da verdadeira fé paira o mistério do poder divino. Não há como “explicar” esse mistério. Tampouco existe um “método” de levar pessoas à fé. Vemos apenas que isso acontece sempre de formas totalmente pessoais. No entanto, quem de fato “crê”, quem de fato está imbuído e pleno de que Jesus, seu Redentor e Senhor, é o Filho de Deus, esse realmente é vitorioso sobre o mundo. Pela fé pertence inseparavelmente àquele que antes de todo o mundo esteve com Deus, que derrotou todos os poderes do pecado, do diabo e da morte e que agora está entronizado à direita do Pai, “acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir, não só no presente século, mas também no vindouro.” (Ef 1.21). Conseqüentemente, aquele que crê tem pessoalmente a vitória nesse Vencedor. Compreendemos agora a certeza triunfante de João?

O TESTEMUNHO EM FAVOR DE JESUS – 1Jo 5.6-12

- 6 – **Este é aquele que veio por meio de água e sangue, Jesus Cristo; não somente com água, mas também com a água e com o sangue. E o Espírito é o que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade.**
- 7 – **Pois há três que dão testemunho no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um.**
- 8 – **E três são os que testificam na terra: o Espírito, a água e o sangue, e os três são unânimes num só propósito**
- 9 – **Se admitimos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; ora, este é o testemunho de Deus, que ele dá (ou: deu) acerca do seu Filho.**
- 10 – **Aquele que crê no Filho de Deus tem, em si (ou: nele), o testemunho. Aquele que não dá crédito (ou: não quer crer) a Deus o faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca do seu Filho.**
- 11 – **E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho.**
- 12 – **Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem (ou: não deseja ter) o Filho de Deus não tem a vida.**

Tendo lido esse bloco, ele inicialmente nos parece estranho e incompreensível. Aqui realmente há necessidade primordial de explicação histórica. A carta do apóstolo fala referindo-se a uma realidade específica da igreja, e está relacionada a doutrinas e opiniões conhecidas na igreja. Por isso as palavras do apóstolo são de fácil entendimento para ela. Se levarmos isso em conta, não nos perderemos em explicações místicas que parecem ser propostas por tais palavras sucintas e aparentemente misteriosas.

- 6 João falava da “fé” como vitória sobre o mundo. Contudo não se trata de uma fé qualquer ou indefinida. João tampouco diz que a fé constitui, como função nossa, uma força vitoriosa sobre mundo. Essa força está localizada no conteúdo de nossa fé, na natureza e pessoa daquele em quem confiamos. Por isso agora João continua falando de Jesus, mostrando, em contraposição às opiniões gnósticas, a que Jesus ele se refere. **“Esse é aquele que veio por água e sangue, Jesus Cristo; não na água somente, mas na água e no sangue.”** O simples fato de Jesus “ter vindo” já constitui uma verdade decisiva. “Eu vim...”, quantas vezes o próprio Jesus afirmou isso! Contudo também os gnósticos falavam da “vinda” de um Redentor. Mas tinham diante de si um personagem bem diferente do Jesus Cristo anunciado pelos apóstolos. Em razão disso é preciso explicar com toda a clareza para quem ele “veio” e como aconteceu sua vinda. João destaca duas características decisivas: Jesus veio **“por água”** e **“por sangue”**. O que significa isso?

Com essas expressões o apóstolo remete a dois acontecimentos na vida de Jesus: o batismo e a cruz. No cristianismo olhamos de forma totalmente unilateral para o nascimento do Redentor, transformando-o em fundamento da primeira grande festa do ano litúrgico. É verdade que também João atribui importância decisiva ao fato de que o Cristo nasceu inteiramente como verdadeiro ser humano e que veio “na carne” (1Jo 4.2). Porém possui enorme relevância para ele também o batismo de Jesus, ao qual nós damos pouca importância. Deveríamos levar em conta o quanto o próprio Deus o considerou! Após o batismo de Jesus ocorre o grande testemunho de Deus. “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.” (Mt 3.17; Lc 3.22; Mc 1.11). E os quatro evangelhos nos relatam que no batismo de Jesus o Espírito pousou como uma pomba do céu e se sentou sobre Jesus como preparação especial para sua obra. Por que isso tudo aconteceu justamente quando o Filho de Deus veio “**pela água**” e se deixou batizar? Porventura era algo tão especial que entre os milhares que vinham até João também Jesus se submetesse ao batismo?

O batismo de João é pronunciadamente um “batismo com água para o arrependimento” (Mt 3.11). Vale para pessoas que se descobriram como pecadores perdidos diante do santo Deus. Agora o único verdadeiramente puro, o Filho de Deus, se coloca no meio desses culpados, descendo à água e deixando-se batizar como eles! Dessa maneira declara-se inconfundivelmente solidário com os pecadores, e dessa forma obteve o beneplácito do santo Deus. Aqui o Filho manifestou que havia entendido seu envio e estava à disposição da vontade salvadora de Deus, em total obediência. Por isso o Pai expressou neste momento todo o seu agrado com ele.

Parece que grupos gnósticos também celebravam o batismo de Jesus como significativo. Obviamente não porque nele Jesus se posicionou entre os pecadores, mas porque o céu se abriu e o Espírito desceu sobre ele. O gnóstico Querinto, por exemplo, que viveu na mesma época de João, ensinava que o Cristo espiritual, sobrenatural, entrou em forma de pomba no ser humano Jesus por ocasião do batismo, mas que o abandonou antes da morte, de modo que somente o ser humano Jesus teria morrido. Nesse caso o Cristo de fato teria vindo apenas “**por água**”. O evento do batismo seria o realmente decisivo, enquanto a morte na cruz, o “**sangue**”, diria respeito apenas ao ser humano Jesus e não teria tido significado de salvação. Assim deturpou-se completamente o sentido fundamental do batismo de Jesus, que já apontava para sua morte no meio de dois criminosos na cruz. Por isso João salienta tão enfaticamente: “**Não na água apenas, mas na água e no sangue.**” Porque é somente “**no sangue**” que se consuma o que foi começado por Jesus “**na água**”. Aqui já não se trata de documentar a solidariedade intrínseca com os pecadores, mas de suportar o pecado fisicamente no sacrifício sangrento. João via o batismo de seu Senhor de forma totalmente diferente dos gnósticos, aliás, ele via tudo de maneira diferente deles: o ser humano é culpado e a salvação para o ser humano está no sofrimento vicário do Filho de Deus e no abraçar da salvação pela fé nesse Redentor entregue por nós. Por isso para ele a “**água**” tem uma importância diferente do que para os gnósticos. E por isso a “**água**” não pode ser suficiente, é preciso acrescentar-lhe o “**sangue**” que “purifica de todo pecado” (1Jo 1.7).

Como, porém, se chega ao verdadeiro entendimento da “**água**” e do “**sangue**”? João sabe “que não posso crer por própria razão ou força em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele” [M. Lutero, Catecismo Menor, explicação do 3º Artigo do Credo]. Por isso ele conclui a frase com a constatação: “**E o Espírito é aquele que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade.**” É importante saber que tudo o que foi dito sobre Jesus Cristo jamais poderá ser “provado”, mas apenas “testemunhado”. Tanto a “**água**” como o “**sangue**” também podem ser vistos e explicados de maneira bem diferente, conforme mostram os mestres gnósticos. De que modo obteremos certeza no emaranhado de opiniões e considerações? Não somente hoje, mas já naquele tempo a igreja se defrontava com essa pergunta. João ouviu as palavras de seu Senhor acerca do “Espírito da verdade”, que fará recordar tudo, conduzirá a toda a verdade e glorificará a Jesus (Jo 14.17,26; 15.26; 16.13s). João vivenciou o Pentecostes, a vinda do Espírito, e presenciou em Jerusalém, e mais tarde na Ásia, como o testemunho do Espírito vencia o íntimo das pessoas e edificava igrejas. Por isso, ao escrever: “**O Espírito é a verdade**”, isso não contradiz a palavra de Jesus “Eu sou a verdade”. Aqui vigora o mistério da Trindade de Deus. Paulo é capaz de proferi-lo assim: “O Senhor é o Espírito” (2Co 3.17). O Espírito é verdade em ação, assim como Jesus é a verdade na essência. Esse Espírito convence do pecado e faz com que entendamos por que Jesus veio e teve de vir “**não apenas na água, mas na água e no sangue**”.

7s É por isso que João escreve imediatamente a seguir: **“Porque três são os que dão testemunho, o Espírito e a água e o sangue, e os três são concordes.”** É de “dar testemunho” que o apóstolo fala. Ele fala como “israelita”. O grego “raciocinava” e buscava “provas” por meio do intelecto. Para Israel, perante pessoas e perante Deus importava a “atestação” de fatos. Conseqüentemente, em Israel um trâmite processual é constituído essencialmente de “inquirição de testemunhas”. São necessárias duas ou três “testemunhas”, concordando no testemunho; unicamente dessa forma uma causa fica consubstanciada (Dt 17.6; 19.15).

Por isso também importa ao israelita João a “prova testemunhal” para sua mensagem sobre Jesus, em contraposição aos ensinamentos dos adversários acerca do Cristo espiritual e transcendente. Em conformidade com a lei ele confronta a igreja com três testemunhas e enfatiza com toda a convicção: **“Porque três são os que dão testemunho.”** Então ele convoca essas três testemunhas: **“O Espírito, a água e o sangue”** e constata como conclusão: **“E os três são concordes.”** Desta vez João cita primeiro o Espírito. Afinal, o Espírito Santo faz com que ouçamos e entendamos bem o testemunho da “água” e principalmente o testemunho do “sangue”. Por isso ele também pôde classificá-lo como testemunha única na frase anterior.

Muitos pensam que neste versículo a “água” se refere ao sacramento do batismo e o “sangue”, à santa ceia. Entretanto, que indício haveria no próprio texto para que agora subitamente as palavras **“água”** e **“sangue”** devessem ser entendidas de outra maneira do que no v. 6? O próprio batismo de Jesus e seu sangue vertido na cruz são os que nos “dão testemunho” sob a condução do Espírito de Deus acerca do verdadeiro Jesus Cristo como Redentor do mundo. Outra coisa é que o batismo realizado em nós e a ceia do Senhor celebrada reiteradamente se tornam para nós um “testemunho” sobre o Jesus Cristo que veio a nós “na água e no sangue”. Porém a presente passagem da carta não fala de nenhuma destas duas coisas.

A menção de “água e sangue” também foi associada a Jo 19.34, e esse versículo do evangelho igualmente foi relacionado ao batismo e à santa ceia que Jesus teria legado à sua igreja. Isso leva a descaminhos, porque nesse texto o próprio evangelista explica expressamente, nos versículos subseqüentes, por que o golpe de lança e o vazamento de sangue e água eram tão importantes para ele: o intuito é atestar o fato da morte tão surpreendentemente rápida de Jesus (Mc 15.44) e o cumprimento de determinadas palavras da Escritura, demonstrando-se assim que Jesus é o verdadeiro Cordeiro de Deus.

Após o v. 8 ainda consta em alguns manuscritos o chamado *“Comma Johanneum”*, isto é, a frase: “Três são os que dão testemunho no céu: o Pai, a palavra e o Espírito Santo, e esses três são concordes.” A transmissão grega do texto, como um todo, não conhece o *“Comma Johanneum”*. Mas ele também falta na Ítala e na Vulgata mais antiga. Logo, trata-se de um adendo acrescentado apenas mais tarde na igreja ocidental, sem que possamos acompanhar com exatidão seu surgimento nem a história de sua inclusão. De forma alguma se encaixa no encadeamento do presente texto.

9 João prossegue com um trecho que gera dificuldades para a exegese e por isso também é entendido de diversas maneiras pelos comentaristas. Evidentemente o começo do versículo é simples e claro: **“Se aceitamos o testemunho das pessoas, o testemunho de Deus é maior.”** De fato, durante a vida aceitamos inúmeros “testemunhos das pessoas”, confiando no que elas nos dizem! A parte que conseguimos conferir pessoalmente é mínima. Mesmo em assuntos muito importantes “cremos” no que pessoas nos dizem. Acerca de Jesus também ouvimos inicialmente por meio de pessoas. Para a maioria de nós, Jesus deve ter sido apresentado pela primeira vez por intermédio de outras pessoas, que nos testemunharam o que Jesus significa na vida delas e como chegaram a ele. Entretanto, nesse aspecto, quando estão em jogo nossa vida e morte e nossa eternidade, o testemunho humano em si não pode ser suficiente. **“O testemunho de Deus é maior”**, tem maior peso, e em última análise é o único que importa. Afinal, trata-se do Filho de Deus, acerca do qual o próprio Jesus declarou: “Ninguém conhece o Filho exceto o Pai” (Mt 11.27). Somente o próprio Pai é capaz de testemunhar o Filho de forma verdadeira.

Em que, porém, consiste esse **“testemunho de Deus”**? **“Porque o testemunho de Deus é que ele deu testemunho sobre seu Filho (ou: é aquele que ele testemunhou sobre seu Filho).”** A dificuldade começa com a forma textual. Será que João pretendia afirmar que o testemunho de Deus consiste no fato de Deus realmente ter dado testemunho de seu Filho? Nesse caso acompanhamos a forma textual mais difícil que traz um *hóti* = “que”. Isso significa que o apóstolo não pensa em diferentes “testemunhos” de Deus, mas assinala, como em todo o envio de Jesus, em seu ensinar,

curar, padecer, morrer e ressuscitar, que Deus constantemente “deu testemunho de seu Filho.” Em Jo 8.18 o próprio Jesus fala disso sem maiores detalhes: “O Pai que me enviou também dá testemunho de mim.” Análoga é sua palavra em Jo 5.37. E no versículo anterior João remete, da mesma forma como em Jo 10.25, genericamente para “as obras” que ele “realiza em nome de seu Pai” e que dão testemunho em favor dele.

Outros exegetas dão preferência à versão mais fácil da *koiné*, que traz no v. 9b não *hóti*, mas um pronome relativo que se refere ao termo “testemunho”: **“Porque esse é o testemunho de Deus que ele deu sobre seu Filho.”** Nesse caso João estaria contemplando as três testemunhas referidas, dizendo à igreja: “Nestes três acontecimentos, o batismo, a cruz e o envio do Espírito, vocês têm diante de si o testemunho do próprio Deus”. Tudo isso nos foi relatado por pessoas. O próprio João deu uma alegre declaração no início da carta a favor de seu ministério de testemunha apostólica, o qual permanece imprescindível para a igreja de todos os tempos. Precisamos do testemunho daqueles que “ouviram, viram e tocaram com as mãos” a palavra da vida. No entanto, agora, no final do escrito, o apóstolo estaria enunciando a certeza de que apesar de tudo esse “testemunho humano” é confirmado por Deus como seu próprio testemunho aos corações dos crentes. Isso aconteceria por intermédio do “testemunho do Espírito Santo” e seria tão verdadeiramente “o testemunho de Deus” como o Espírito Santo é essencialmente o Espírito do próprio Deus. E esse “testemunho de Deus” na realidade é “maior”, ainda que nos seja proporcionado apenas na “aceitação” do testemunho apostólico-humano.

- 10 Com essa interpretação o conteúdo da divergência textual deixa de ser relevante. Seja como for, o testemunho de Deus não é uma garantia formal que nos exime de crer! Por isso o apóstolo prossegue: **“Quem crê no Filho de Deus tem o testemunho nele** (ou: em si).” As duas variantes enfatizam dois aspectos da mesma realidade e por isso estão estreitamente ligadas. Precisamente no surgimento de sua fé o “crente” carrega **“o testemunho de Deus em si”**; o testemunho de Deus a respeito de seu Filho age em nossos corações de tal maneira que não reconhecemos a Jesus com base em uma autoridade formal, mas dentro de nós mesmos. Quando Simão Pedro, questionado por Jesus, chega à confissão: “Tu és Cristo, o Filho do Deus vivo”, Jesus lhe responde: “Carne e sangue não te revelaram isso, mas meu Pai nos céus” (Mt 16.16s). Em seu testemunho de Cristo o testemunho de Deus revelou-se como sua propriedade interior. É o que nossos pais chamavam doutrinariamente de “testemunho interior do Espírito Santo”. No entanto, esse testemunho do Espírito Santo não é formado por ocorrências etéreas e místicas em nossa alma. Afinal, constitui-se fé no Filho de Deus. Reconhecemos a Jesus em sua realidade plena. Jesus afirmou o seguinte sobre o Espírito Santo: “Ele próprio há de me glorificar” (Jo 16.14). Não se trata de nós, mas inteiramente de Jesus, o Filho de Deus. Por isso não temos “em nós” o testemunho de Deus, mas “nele”, no próprio Jesus. Em todo o envio de Jesus, no batismo, em seu ensinar, curar, ajudar, em seu sangue na cruz, vemos o próprio Deus operando, e assim temos o testemunho de Deus, que é inerente à pessoa de Jesus e que se efetiva em nossa fé nele.

No entanto, é justamente por não constituir uma certeza mística de nosso próprio íntimo, mas por ser e continuar sendo o testemunho de Deus, que nossa posição diante desse testemunho é tão cheia de responsabilidade e conseqüências. Quem – como Simão Pedro – aceita o testemunho de Deus e atesta Jesus como o Cristo e o Filho de Deus pela confissão pessoal, precisa ser declarado ditoso (Mt 16.17). Mas **“quem não crê** (não quer crer) **em Deus, mentiroso o tornou, porque não creu no testemunho que Deus prestou sobre seu Filho”**. Novamente a presente frase traz na negação do fato a palavra *ou* e, junto dela, na negação intencional, *mè*. **“Não creu”**, isso é um fato nítido que pode ser constatado na vida de uma pessoa. Contudo “não crer”, em si, jamais será mero fato, uma particularidade verificável no ser humano, pela qual ele não seria responsável. Nesse caso jamais seria possível argumentar que dessa forma Deus é transformado em mentiroso. Entretanto, se as próprias pessoas esperam com razão que acreditemos nelas, é com sagrada necessidade que o santo Deus demanda que creiamos no testemunho dele a respeito de seu Filho. Também nós nos sentiríamos expostos como mentirosos se outra pessoa replicasse à primeira palavra que dizemos: “Não acredito no que você diz.” E agora um ser humano ousa desprezar a palavra do Deus vivo, comunicada a nós através de seu Filho e nosso único Salvador! Desse modo trata Deus como um mentiroso. Também o faz quando tenta descartar criticamente o testemunho ou depreciá-lo como mitologia. Quem transforma Deus em mentiroso está na área de influência do “mentiroso desde os

primórdios”, que tem o maior interesse em despertar a desconfiança contra Deus (Gn 3.3-5) e tornar a realidade de Deus irreal para o ser humano.

11 Repete-se uma referência àquilo de que consiste “o testemunho de Deus” e de como ele nos alcança. Usando a mesma formulação do v. 9, porém com um novo conteúdo, o apóstolo escreve: “**E este é o testemunho: vida eterna Deus nos presenteou, e essa vida está em seu Filho.**” João retorna ao grande tema de sua carta, com o qual iniciou o escrito, em júbilo maravilhado: a vida se tornou manifesta, a “eterna”, que é vida “originária” e “divina”. Enquanto no início apenas disse que essa vida foi “manifesta”, agora ela está vinculada a nós de forma ainda mais estreita: essa vida não apenas foi manifesta, mas nos foi “**presenteada**”. Não somente a vemos diante de nós, ela se tornou propriedade nossa como presente de Deus. Com certeza não de tal maneira que simplesmente se torne um objeto independente! O apóstolo imediatamente acrescenta de forma enfática, contradizendo tais equívocos que poderiam levar diretamente ao gnosticismo: “**Essa vida está em seu Filho.**” Graças a Deus que é assim! Com muita rapidez essa vida seria maculada e danificada se tivesse se tornado inteiramente uma vida em nós mesmos! Em contrapartida, temos de levar a sério a afirmação de que Deus “**nos presenteou**” com a vida eterna. Um presente torna-se nossa propriedade, a qual “temos”, apalpamos, sentimos. Nas frases decisivas de 1Jo 3.14s João nos disse com muita clareza por que temos a plena convicção da passagem da morte para essa vida: “Porque amamos os irmãos.” Vida “eônica”, divina, é amor, porque amor é a natureza de Deus. Nisso se confirma o que João escreve logo no início deste bloco: “O Espírito é que dá testemunho.” O “amor” é o primeiro fruto fundamental do Espírito (Gl 5.22), e por meio disso é o Espírito “que vivifica em Cristo Jesus”, tendo-nos “tornado livres da lei do pecado e da morte” (Rm 8.2). Logo, sendo presente palpável, perceptível, a vida no amor se torna um “testemunho” de Deus. Deus atesta seu amor e sua atuação em nós ao nos vivificar para o amor, fazendo isso constantemente pela nossa comunhão com seu Filho.

12 Como, porém, coadunar estas duas verdades: que “essa vida está em seu Filho” e que apesar disso de fato se torna “nossa”, “presenteada” de forma tão real e vivencial que já “transitamos da morte para a vida”? João responde com a frase final: “**Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem (não deseja ter) o Filho de Deus, não tem a vida.**” O viver e o amar estão e permanecem no Filho, em Jesus. Agora, porém, podemos “ter” pessoalmente esse Filho. Enquanto o apóstolo geralmente fala da “fé no Filho”, ele escolhe aqui a palavra “ter”. Um presente genuíno não é apenas mostrado à distância, não carece apenas de “fé”, um presente nos é “dado”, tornado nossa propriedade. Nós o “temos”. Deus presenteou-nos a vida que “está em seu Filho”. Agora também é preciso “**ter**” esse Filho. O apóstolo atesta isto de maneira totalmente convicta: “**Quem tem o Filho de Deus...**” Isso contraria todos os equívocos intelectualistas da “fé” que aparentemente eram tão plausíveis naquele tempo, assim como são amplamente disseminados nos dias de hoje. “Fé” na acepção bíblica não é ter sentenças doutrinárias por verdadeiras. “Fé” é um vínculo vivo de pessoa para pessoa, tão real que se pode “ter” aquilo em que se “crê”. A raiz do termo alemão *glauben* [crer] – lamentavelmente tão submetido a equívocos e abusos – está relacionada com palavras como *geloben* [prometer] e *sich verloben* [noivar]. Quem “se torna noivo” “tem” a outra pessoa, ainda que esta ao mesmo tempo continue sendo pessoa independente. Para todos nós a questão decisiva é se realmente “temos” o Filho Jesus Cristo ou se apenas nos ocupamos dele em pensamento, concordando com as frases bíblicas sobre ele. Aqui está em jogo nossa vida! “**Quem não tem o Filho de Deus não tem a vida.**” Também nessa frase tornam a aparecer lado a lado as duas negações gregas. Representa um fato nu e cru que longe de Jesus “não temos” a vida. Mas que alguém “**não tenha o Filho**” não constitui uma circunstância igualmente inalterável. Afinal, poderia tê-lo! Foi oferecido pelo próprio Deus a cada pessoa. Cada qual pode agarrar, tomar e “ter”. Se não “tem”, sua vontade deliberada está envolvida nisso. Não “**tem**” porque em última análise “**não deseja tê-lo**”.

“**Quem tem o Filho tem a vida**”, aquela vida que consiste em “amar” e conforme 1Jo 4.16b nos faz “permanecer” em Deus e Deus, em nós. Isso é assim porque o amor de Deus em Jesus nos liberta de nossa prisão no eu e nos faz amar. Aqui tudo está indissociavelmente conectado. Por isso João usa aparentes “contradições” nesta carta, fazendo com que tudo dependa ora de nosso “crer”, ora de nosso “amar”. Em tais “contradições” fica claro que o milagre da existência cristã somente pode ser descrito por meio dessa unidade entre as mais divergentes afirmações.

**ENCERRAMENTO DA CARTA:
A CERTEZA DE NOSSA ORAÇÃO E NOSSA POSIÇÃO DE FÉ – 1Jo 5.13-21**

- 13 – Estas (coisas) vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós que credes em o nome do Filho de Deus.
- 14 – E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve.
- 15 – E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito.
- 16 – Se alguém vir a seu irmão cometer pecado não para morte, pedirá, e Deus lhe dará vida, aos que não pecam para morte. Há pecado (que leva) para morte, e por esse não digo que rogue.
- 17 – Toda injustiça é pecado, e (não obstante) há pecado não (leva) para morte.
- 18 – Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado; antes, Aquele que nasceu de Deus o (ou: se) guarda, e o Maligno não lhe toca.
- 19 – Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro jaz no (domínio do) Maligno.
- 20 – Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna.
- 21 – Filhinhos, guardai-vos dos ídolos!

13 “Essas (coisas) escrevi a vós para que saibais que tendes vida como eterna, (a vós) que credes no nome do Filho de Deus.” O apóstolo relaciona a expressão “essas coisas” à primeira pergunta. Será que pensa apenas em suas últimas considerações nos v. 6-12 ou encaminha-se conscientemente para o final da carta, relacionando “essas coisas” com todo conteúdo de seu escrito? A comparação com o primeiro final do evangelho em Jo 20.31 reforça a segunda possibilidade, sem que seja possível decidir inteiramente a questão. Uma parte dos comentaristas vê o v. 13 como conclusão do exposto em 1Jo 5.6ss. Entretanto, uma vez que em 1Jo 1.2 o apóstolo colocou a mensagem da “vida” no topo de sua carta, é fácil entender que ele agora queira inculcar à igreja que a posse dessa vida como objetivo de toda a sua carta.

Para ele, em todo o trecho final está em jogo a “certeza”! A palavra “saber” ocorre seis vezes nesses poucos versículos. A “vida” é a profunda saudade que todas as pessoas têm em comum. “Viver” é o que todas elas almejam, mais precisamente viver com veracidade, autenticidade e plenitude. A igreja de Jesus, porém, não apenas anseia por vida, e tampouco somente a aguarda para o futuro ou além, mas ela a “tem”, a saber, como “eônica”, como “eterna”. Que posse! Importa para o apóstolo que a igreja “saiba” disso com toda a convicção. A finalidade de seu escrito se cumprirá se, nesse “saber”, a igreja se envolver no júbilo e louvor que perpassaram as primeiras frases da carta de seu apóstolo. Será que aquele que tem “vida eterna” ainda pode viver em preocupação e medo, mesmo que tenha de suportar o ódio do mundo com considerável sofrimento (1Jo 3.13)?

Quem, no entanto, “tem” uma vida assim? A quem o apóstolo pode dar certeza dessa posse? Ele diz expressamente: “A vós que credes no nome do Filho de Deus.” Já tratamos da importância do “nome” às p. 331 e 364. E diversas vezes explicitamos que “crer” não é coisa intelectual, nem mera sujeição a um dogma. Mas quem foi convencido no íntimo que Jesus traz em verdade e com razão o “nome do Filho de Deus”, quem reconheceu e aceitou pessoalmente a glória de Deus, o amor redentor de Deus em Jesus, pode “saber” que tem a vida eterna, divina e plena. A morte ameaça até mesmo as coisas mais belas e grandiosas que pessoas possam possuir. Contudo aquilo que aqueles que crêem deste modo no Filho de Deus têm não pode ser violado pela morte. Com essa maravilhosa certeza o crente caminha para o fim de sua existência na terra. Era nessa convicção que o apóstolo desejava fortalecer as igrejas. Em especial, como revela a frase acrescentada com ênfase, fortalecê-la no saber de que não há necessidade de uma “viagem celestial da alma”, de experiências místicas. Para ela basta a singela fé em Jesus.

Os manuscritos da *koiné* ainda acrescentam: “e para que creiais no nome do Filho de Deus”. Entretanto, depois que foi dito que o apóstolo escreveu tudo isso “a vós, que credes no nome do Filho de Deus”, esse adendo não cabe aqui. Deve ter sido adaptado da frase de Jo 20.31.

14 Na seqüência constam frases sobre a oração, estreitamente ligadas às afirmações em 1Jo 3.21s. **“Esta é a livre confiança que temos para com ele: Quando pedimos algo segundo sua vontade ele nos ouve.”** Novamente se fala da *parrèsia*, da “livre confiança” nele. Em quem temos essa confiança? A quem se refere o “**nele**”: a Jesus ou ao próprio Deus? Nem sequer será possível distinguir isso. Ao orar, como mostrará a continuação, temos a ver com Deus, de acordo com cuja vontade suplicamos. Temos a ousada confiança de orar a Deus na certeza de sermos atendidos. Contudo, ao mesmo tempo trata-se também da confiança em Jesus, que torna nossa oração tão passível de atendimento e “em cujo nome” devemos e podemos, por isso, orar segundo sua própria instrução em Jo 16.23s. Na **“livre confiança”** temos a convicção: **“Quando pedimos algo segundo sua vontade ele nos ouve.”** Nesse **“ouvir-nos”** está incluído o “atender”, que é consequência do “ouvir” sincero de nossas preces. No contexto bíblico “ouvir” é sempre uma questão essencial. Profetas, apóstolos e o próprio Jesus demandavam do ser humano o verdadeiro “ouvir”, afinal, ele tem “ouvidos para ouvir”. Quanto mais será o “ouvir” daquele que “implantou o ouvido” e cujo coração está repleto do amor divino! Em 1Jo 3.22 a convicção de ser atendido estava alicerçada sobre “guardar seus mandamentos” e sobre “praticar o que é agradável diante dele”. Agora a súplica está direcionada **“segundo sua vontade”**. Isso caracteriza lindamente a essência da oração. Ao comentar o Pai Nosso Lutero salientou, no Catecismo Menor: “A boa e misericordiosa vontade de Deus acontece sem nossa oração.” Será que perguntaremos impacientes: para quê, então, deveria eu ainda orar? Quem entende Deus como amor (1Jo 4.8,16) e está certo de que Deus possui unicamente a verdadeira “boa e misericordiosa vontade” não tentará obter do Pai, pela oração, algo contra a sua vontade, visando impor os próprios desejos. Pelo contrário, reconhecerá com alegre surpresa como o amor de Deus nos leva a participar na realização da sua vontade. Como Deus nos ama e nos considera seriamente como seus filhos, ele não deseja que sua vontade aconteça “sem nossa oração”. Gostaria de nos incluir na sua atuação, por meio de nossa oração. Veremos os feitos de Deus de forma muito diferente, alegremente maravilhados e vivamente agradecidos, quando tivermos suplicado por eles em oração e então reconhecermos neles o atendimento de nossa oração! Corresponde à natureza de Deus tornar-nos partícipes de sua atuação, com total liberdade, e a oração representa uma peça essencial dessa participação. Logo uma límpida certeza acerca da vontade de Deus representa uma premissa necessária da oração autêntica! Portanto, ao orarmos deve existir espaço necessário para ouvirmos a Deus. Assim, orar torna-se um verdadeiro diálogo com Deus. Somente assim nossa oração também se tornará uma oração **“segundo sua vontade”**. Então, porém, também se descortina para essa oração um espaço vasto.

15 A incondicionalidade da confiança, a certeza de ser atendido recebe agora uma magnífica formulação do apóstolo. **“E se sabemos que ele nos ouve, independentemente do que pedirmos, sabemos que possuímos os pedidos que dele temos suplicado.”** Quem ora não apenas se levanta dos joelhos com uma esperança de que Deus responda de algum modo à sua oração e quiçá também conceda o que foi pedido. Não, ele já é proprietário do que foi pedido, ainda que não veja nada disso! Já o **“tem”** e pode agradecer por isso com toda a convicção. É assim que vemos Jesus parado diante da sepultura de Lázaro (Jo 11.41-44). Muitas vezes a pessoa que ora terá de aguardar por certo tempo até que de fato aconteça o que pediu de Deus. Porém não esperará com impaciência e preocupação. Esperará com plena certeza, ainda que quando o pedido for atendido mal possa acreditar, de tanta alegria, como aconteceu com os que oraram pela libertação de Pedro em At 12.5,12-17. Subjacentes às frases do apóstolo estão nitidamente as poderosas palavras do próprio Jesus acerca da oração com fé e “convicta” (Lc 11.5-10; Jo 15.7,16; 16.23s). Particularmente importante parece ser para João o que ele ouvira na última noite, nos “discursos de despedida” de seu Senhor. Agora ele inclui os membros da igreja em sua certeza pessoal por meio de um “nós”. Aposta nas igrejas que conhecem e praticam esse tipo de oração.

Os dois versículos seguintes permitem notar que por uma razão especial o apóstolo retoma a questão da oração. Não se trata “de oração” em geral. João não escreve um tratado teológico. Escreve uma carta que responde a questões concretas da igreja. Aparentemente havia falta de clareza na igreja acerca da validade e dos limites da intercessão em prol de membros pecadores da igreja. Talvez o foco especial da discussão fosse o relacionamento com os irmãos que haviam aderido ao movimento gnóstico.

16 É sempre uma experiência penosa ver um irmão **“cometer um pecado”**. É algo tanto mais difícil diante do fato de reconhecermos claramente, conforme 1Jo 3.4-10, a incompatibilidade do pecado

com o pertencimento a Jesus e com a filiação divina. Apesar disso não nos cabe simplesmente condenar e rejeitar o irmão. Aqui inicia a oração como empenho de intercessão em favor do irmão culpado. E na visão do apóstolo também essa intercessão tem a certeza de ser atendida. Afirma a esse respeito: **“Quando alguém vê o irmão cometer um pecado (que) não (leva) para a morte, há de pedir, e ele há de dar-lhe vida.”** A frase encerra uma tensão peculiar. No caso do irmão trata-se de um **“pecado que não leva à morte”**, e apesar disso é preciso **“dar-lhe vida”**. Isso é terminologicamente uma contradição. Mas contradição explícita a gravidade do pecado. A rigor qualquer pecado em si acarreta a morte. Agora, porém, um irmão pode interceder pelo culpado, e a vida lhe é presenteada novamente. O texto refere-se à vida “eterna” na comunhão com Deus, que o irmão corria o risco de perder devido ao seu pecado. **“Ele”** lhe dará a vida. Isso somente pode se referir a Deus, que faz e que é capaz de fazer isso. No entanto, uma vez que Deus insere nosso suplicar em seu agir, o “ele” também pode se referir à pessoa que ora, como na verdade demanda a construção da frase. Quem se põe a interceder com sinceridade tem o privilégio de saber que com isso **“ele”** está dando a vida ao irmão, porque também aqui **“tem o pedido”** (v. 15) levado ao Deus que atende.

Ao mesmo tempo, porém, João expôs com sua frase uma restrição que nos assusta. Precisa tratar-se de um pecado que **“não leva à morte”**. Enfatiza essa restrição ao acrescentar novamente no final da frase, de forma expressa: **“aos que pecam não para a morte”**. Ele assegura: **“Existe pecado que leva para a morte”**, pecado em que essa trajetória rumo à morte já não pode ser impedida. Haveremos de levar em conta que quem fala tão duramente é João, o “apóstolo do amor”. Faz isso porque **“existe”** tal pecado e porque esse fato não poderá ser anulado por nenhuma docilidade e cordialidade de nosso coração. Ao longo de toda a carta João levou o pecado muito a sério. Recordamos as declarações radicais: **“todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu.”** (1Jo 3.6b). O pecado nos segrega do santo e vivo Deus, e isso é “morte” no verdadeiro sentido. Por isso é lógico: **“Existe pecado que leva para a morte.”**

Como, porém, falou anteriormente também de pecado que **“não leva para a morte”**, surge imediatamente em nós a pergunta: quais são, afinal, os pecados que **“levam para a morte”**, e que pecados não possuem esse terrível desfecho? João não diz! Não estabelece uma lista da qual possamos depreender contra quais pecados precisamos nos precaver por serem “fatais” e quais podemos considerar mais brandamente. Ora, ao formular desse modo a questão percebemos imediatamente por que o apóstolo não deu uma lista desse tipo às igrejas! É justamente esta situação, de considerarmos certos pecados com mais brandura, por não levarem “para a morte”, que não deve existir! A diferença nas conseqüências não reside na qualidade “mais grave” ou “mais leve” do pecado em si. Ela reside em toda a história de uma vida humana. Nossa responsabilidade cresce de acordo com o grau de nossa compreensão e com a plenitude da graça experimentada. Assim pode suceder uma queda que leva irremediavelmente à morte. O apóstolo obviamente não concede nem à igreja como um todo nem a certos membros da igreja a tarefa ou tampouco o direito de proferir uma sentença definitiva por si mesmos. Afirma apenas de maneira muito reservada: **“Não digo em relação a eles que ele deve pedir.”** Para uma oração que possa ser atendida há necessidade de clareza e certeza acerca da vontade de Deus; era isso que o apóstolo afirmara. Quando, diante de um irmão que incorreu em culpa, não consigo mais ter certeza de que seu pecado não leva à morte, o fundamento firme de minha intercessão fica destruído. Então, apesar da ausência de nossa intercessão, Deus evidentemente poderá redimir um irmão que já considerávamos perdido. Isso será exclusivamente da alçada dele.

- 17 Mais uma vez João deseja consolidar a avaliação grave de qualquer pecado na igreja. Por isso ele escreve: **“Toda injustiça é pecado; e (não obstante) existe pecado, (que) não (leva) para a morte.”** Será que na presente frase deveríamos cortar o “não”, acompanhando alguns manuscritos latinos e Tertuliano? Nesse caso João estaria exortando a igreja muito seriamente: lembrem-se de que de fato existe pecado que leva irremediavelmente para a morte, porque separa de Deus. Isso, no entanto, ele já fez no v. 16 com as mesmas palavras. Porventura faria uma repetição proposital? E será que não salienta muito mais a gravidade fatal do pecado quando mostra à igreja que **“toda injustiça”** praticada por nós **“é pecado”**, ou seja, é dirigida contra Deus e separa de Deus? Toda injustiça por si só já merece a morte. É maravilhoso e digno de especial destaque que apesar disso nem todos os pecados levem à morte, mas que existam pecados perdoáveis e laváveis.

Entretanto é importante para a compreensão da presente passagem que o capítulo 10 da carta aos Hebreus descreva o “pecado intencional” na nova aliança assim, depois do v. 29: “De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calçou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?” Na passagem em análise também é possível pensar em “pecado” nesse sentido específico, como já ponderamos no exposto sobre 1Jo 4.4 (p. ...[112]) e como também explicita a conhecida passagem em Hb 6.4-8. Em toda a carta a igreja é advertida contra as influências gnósticas, logo, estas devem ter atuado. João havia alertado contra “anticristos” e “pseudopropetas” que “dissolvem a Jesus” (1Jo 4.3). Portanto, pode ser que para João o “pecado que leva para a morte” acontecesse quando um irmão se rendia a essas influências. Sem dúvida, recair no judaísmo ao rejeitar a Jesus representa algo diferente, pois “torna a crucificar o Filho de Deus” e o transforma em escárnio (Hb 6.6). No entanto, quem “dissolve a Jesus”, certamente também está calcando aos pés o Filho de Deus e, ao negar sua encarnação, despreza sua cruz e seu sangue a ponto de morrer “em seus pecados” (Jo 8.28 e Hb 10.29). É possível que nessas frases da carta João trate de perguntas que haviam eclodido na igreja. Será nosso dever de amor continuar a orar também por aqueles irmãos que de acordo com 1Jo 2.19 se separaram de nós e passaram para o novo movimento? Ou será que neste ponto acaba a possibilidade da intercessão? Nesse caso o apóstolo advertiria de maneira muito concreta, ao limitar a intercessão em prol de irmãos pecadores, contra uma oração em favor daqueles membros da igreja que se abriram ao “espírito do anticristo” (1Jo 4.3) e assim se tornaram reféns dele.

De qualquer modo, ambas as coisas valem ao mesmo tempo: que a autoridade e possibilidade de atendimento da oração são ilimitadas (v. 15) e limitadas (v. 14 e 17). Ambos os aspectos fazem parte da natureza da oração, que não é “feitiço”, mas “orar” genuíno, falar autêntico com o santo Pai, com o Deus vivo. Para a onipotência de Deus nada é grande e difícil demais. Contudo Deus continua sendo o Senhor, cuja vontade deve determinar nossa oração. Grande ousadia filial e humildade desinteressada, submissa a Deus, caracterizam concomitantemente a oração. Justamente por isso, porém, João não fornece nenhuma constatação definida acerca do “pecado para a morte”. Unicamente no diálogo com o Pai poderei obter clareza nesse aspecto em vista do irmão pecador. Deus pode me conceder confiança para a intercessão também no caso de “decaídos”. No entanto, se eu não obtiver essa confiança, o apóstolo desaconselha a intercessão. Afinal, submete qualquer oração ao ponto de vista da “alegre confiança”.

- 18 Neste âmbito torna-se novamente relevante para o apóstolo que o pecado não seja tolerado como ocorrência praticamente normal na vida dos cristãos. Em 1Jo 2.1 ouvimos que até mesmo a grandiosa palavra sobre o perdão depois de uma inequívoca confissão foi escrita “para que não pequeis”. Agora João reitera a frase radical de 1Jo 3.9: “**Sabemos que todo o que é nascido a partir de Deus não peca, mas aquele que é nascido de Deus o (ou: se) preserva, e o maligno não toca nele.**” “**Sabemos**”, escreve João. Logo, as palavras aqui proferidas constituem uma certeza reconhecida na igreja e não brotam de seu radicalismo pessoal. Em 1Jo 3.5 a justificativa dada para tal foi a “semente” que Deus deita no ser humano na ocasião do nascimento e que permanece nele. A justificativa na presente passagem é entendida de formas muito diferentes. Isto começa já na divergência do texto nos manuscritos. A *koiné* e o Códice Sinaítico lêem aqui *heautón*: **ele preserva “a si mesmo**”. Porém, se em 1Jo 3.9 não era o próprio cristão, mas a “semente” de Deus que tornava impossível o pecado, será que o apóstolo conheceria aqui um “**preservar-se**” a si mesmo? Se entendermos a frase do apóstolo de outro modo, aderindo à versão *autón* = “a ele”, evidentemente é preciso ter a coragem de relacionar a expressão “**o nascido a partir de Deus**” com Jesus que “**preserva**” a cada pessoa “**nascida a partir de Deus**”. Esse uso duplo do “ser nascido de Deus” com uma acepção totalmente diversa não é simples, ainda mais que no geral não ocorre a designação de Jesus como o “**nascido a partir de Deus**”.

Decisiva também para a versão adotada por Nestle, “aquele nascido de Deus o preserva”, é a continuação da frase: “**e o maligno não toca nele.**” Será que uma pessoa, mesmo que renascida, é capaz de se preservar a si mesma, a ponto de Satanás não a tocar? Quando acompanhamos o texto original apresentado por Nestle, a frase é o cumprimento experimentado daquilo que João ouviu dos lábios de seu Senhor. Porque o Bom Pastor deixa a vida em prol das ovelhas, o “lobo” não pode roubá-las. O Bom Pastor as “preserva”; ninguém é capaz de arrancá-las de sua mão, nem mesmo Satanás (Jo 10.28). Conseqüentemente, “não pecar” não representa uma realização do próprio

renascido, mas o fruto da graça preservadora de Jesus em virtude de seu sacrifício por nós na cruz. Também 1Jo 3.8 se cumpre aqui.

19 Novamente se afirma, em seqüência à frase precedente, um “saber”, uma plena certeza, que é incrível nos dois aspectos da declaração. Trata-se de mais uma frase autêntica de João: sucinta, simples, sem discussão nem explicação, a constatação de uma realidade. **“Sabemos que somos a partir de Deus e que o mundo como um todo jaz no (âmbito de poder do) maligno”**. O apóstolo havia falado diversas vezes dos nascidos de Deus. No entanto, será que um ser humano pode ousar declarar algo assim a respeito de si mesmo? Não se trata de uma soberba irresponsável? Será que uma afirmação dessas não deveria ser feita no máximo em uma tímida pergunta? João julga de modo diferente. Fato e experiência do nascimento a partir de Deus não podem ser ignorados principalmente da parte do próprio renascido. O apóstolo tem certeza de que os membros da igreja concordam com ele nisto: **“Sabemos”**. Não há soberba nisso. Afinal, a certeza não se refere a algo que nós mesmos produzimos, mas ao que Deus realizou conosco e nos presenteou. A metáfora do “gerar” ou do “nascimento” a partir de Deus é bastante condizente com isso. Sei com total certeza que sou “nascido”. Contudo, ao falar disso atesto o que aconteceu comigo sem minha vontade e sem minha cooperação. João testemunhou o amor e a soberana graça de Deus em seu agir conosco (1Jo 4.10), de sorte que mantém o “saber” de nosso nascimento a partir de Deus isento de todo orgulho farisaico e deixa prevalecer unicamente uma exaltação de Deus. Essa exaltação, no entanto, é plena de certeza, porque Deus não realiza nada incerto e impreciso. Por isso os verdadeiros cristãos de todos os tempos se somam com gratidão ao louvor: **“Sabemos que somos a partir de Deus.”**

Inaudita em sua totalidade radical é também a segunda parte da afirmação com sua sentença sobre o “mundo”. **“Sabemos que o mundo como um todo jaz no (âmbito de poder do) maligno”**. O “mundo” já foi mencionado diversas vezes. 1Jo 2.15-17 caracterizou seu modo de ser. Somente agora, porém, se evidencia qual é sua verdadeira condição: encontra-se no **“âmbito de poder do maligno”**, o diabo é seu soberano e dominador, e até mesmo “seu deus” (Jo 12.31; 14.30; 16.11; 2Co 4.4), ele “está deitado nele”, é praticamente abraçado pelos braços dele. **“O mundo como um todo”**, disse o apóstolo. Nesse caso, porém, faz parte dele toda pessoa nascida no mundo! Por natureza cada um está sob o poder das trevas, como diz Paulo em Cl 1.13, vivendo “segundo o curso do mundo e segundo o príncipe que domina nos ares, de acordo com o espírito que neste tempo opera nos filhos da descrença” (Ef 2.2s). Paulo confirma isso expressamente dizendo “todos nós”. É somente através dessa percepção que se torna evidente a verdadeira perdição de cada ser humano. Por isso Deus somente foi capaz de amar o “mundo” “de tal maneira” que trouxe o sacrifício de seu Filho para que todo o que nele crê seja redimido dessa perdição e obtenha a vida (Jo 3.16). Por isso em Cl 1.13 Paulo caracteriza nossa transformação em cristãos como “ser redimidos do poder das trevas e ser transportados para o reino do Filho amado”. Em razão disso João reuniu as duas afirmações do presente versículo com um “e” para formar um “saber” interligado. Somente quem é **“a partir de Deus”** consegue perceber que o mundo como um todo **“jaz no maligno”**. Em razão disso a pessoa não nascida de Deus tem tantas dificuldades para compreender que existe o maligno, e por isso responsabiliza a Deus pela realidade deste mundo, p.ex., pelas guerras.

Tanto para nossa autocompreensão como para nossa avaliação de mundo e para todo o serviço de proclamação reveste-se da maior importância que não consideremos a declaração do apóstolo “mitologia” ou expressão de um humor pessimista, mas que através dela tenhamos por fundamento um “saber” inequívoco e lúcido acerca dessa “condição” do mundo.

20 Por que em “nós” a situação se tornou diferente da de outras pessoas? João responde: **“Sabemos, porém, que o Filho de Deus veio e nos deu entendimento para que reconheçamos o Verdadeiro.”** O Filho de Deus **“veio”**. A “vinda” de alguém também pode ser relevante em nossa vida natural, p. ex., quando o médico “vem” a um enfermo, trazendo-lhe socorro. Na Bíblia a “vinda”, quando parte de Deus, é sempre um evento de revelação e salvação. Por exemplo, dá-se grande importância ao relato da “vinda” de João Batista (Mt 11.18; Jo 1.7). O próprio Jesus reiteradamente fundamenta sua obra no fato de ter “vindo” (Mt 18.11; 20.28). Em “vir” ou “ter vindo” está encerrada a revelação de Deus e a salvação plena. Em consonância, também aqui o “saber” fundamental para o apóstolo é que a esse mundo, que “jaz no maligno”, **“veio o Filho de Deus”**. Aquilo que ele passa a realizar em sua vinda pode ser descrito de formas bem variadas. Aqui João diz: ele nos **“deu entendimento para que reconheçamos o Verdadeiro”**. O termo traduzido para “entendimento” refere-se à “capacidade de entender, de reconhecer”. Jesus não nos transmite

apenas idéias corretas acerca de Deus, mas torna-nos capazes de perceber pessoalmente a Deus de maneira viva. “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14.9). Em sua obra redentora ele nos torna filhos de Deus. Por isso obtemos também em nosso coração o espírito filial que clama: “*Abba*, amado Pai” (Gl 4.6).

Aqui Deus é chamado o “**Verdadeiro**”. Recordamos que no NT “verdade” não significa sinceridade subjetiva, mas realidade objetiva. Sem dúvida, Deus também é “verdadeiro” no sentido de não nos enganar, de podermos confiar absolutamente em sua palavra. Aqui, porém, ele é chamado o “**Verdadeiro**” porque é o Deus real e, assim, a única realidade de fato verdadeira e eterna. É a esse “**Verdadeiro**” que “**reconhecemos**” em sua real natureza, porque vemos e captamos tudo o que João afirmou em 1Jo 4.7-10. Em seu “vir”, em seu viver, amar, agir, padecer e morrer Jesus nos presenteou com a capacidade dessa percepção.

João acrescenta: “**E estamos no Verdadeiro em seu Filho Jesus Cristo.**” É viável relacionar esse adendo ainda com o “para que” da frase anterior: “**Para que... reconheçamos e estejamos no Verdadeiro.**” Novamente importa ao apóstolo que não entendamos mal o “reconhecer”, interpretando-o de forma cerebral e teórica. Afinal, ele escreve a cristãos que vinham do mundo grego com seu intelectualismo. Refere-se a um “reconhecer” que se processa na comunhão pessoal com o Reconhecido, em ser amado por ele e no decorrente amar a si mesmo. Essa comunhão de amor é tão séria e poderosa que somos inseridos em Deus com nossa vida e existência. Foi o que João já dissera em 1Jo 4.11-16. Agora ele volta a salientar: “Nós estamos no Verdadeiro.”

João adiciona: estamos no Verdadeiro “**em seu Filho Jesus Cristo**”. Não devemos separar essas palavras das anteriores por meio de vírgula. Pois então se tornariam um acréscimo explicativo: “Estamos no Verdadeiro, a saber, no Filho de Deus Jesus Cristo.” Em decorrência, Jesus seria “o Verdadeiro”. Porém a frase unicamente pode se referir ao próprio Deus, como evidencia a continuação “em seu Filho”. Sem vírgula o acréscimo diz: estamos no Verdadeiro, no Deus vivo, quando ou enquanto estamos em seu Filho Jesus Cristo. Não existe uma imersão direta em Deus, como acreditavam todas as gerações de místicos e também os movimentos gnósticos, razão pela qual “dissolviam” a Jesus, declarando-o desnecessário. Unicamente por meio do sacrifício de Jesus e em Jesus, o Filho, podemos estar “**no Verdadeiro**”, no próprio Deus. Isso representa a contrapartida do fato de que também podermos “ver” a Deus apenas em Jesus, mas que em Jesus também o “vemos” de fato (Jo 14.9). Também todas as afirmações anteriores do apóstolo acerca de nosso “estar em Deus” (1Jo 3.24; 4.12; 4.16) precisam ser entendidas dessa forma. Ninguém pode asseverar, recorrendo a essas afirmações, que está diretamente “em Deus” e que por isso não precisaria de Jesus como Mediador.

Será benéfico notar o grande mistério que se expressa com essa pequena palavra “**em**”. Posso estar “em” um quarto, “em” uma floresta, e também “em” determinada condição. Contudo, poderia eu estar “em” uma pessoa? Esta condição não deve ser de forma nenhuma entendida como se eu me dissolvesse nessa pessoa, como um rio se derrama para dentro do mar. Para João, como em todo o NT, não se trata da “dissolução” do ser humano na divindade. Ser humano e Deus continuam sendo pessoas distintas. O ser humano obedece a Deus, serve a Deus, é responsável perante Deus. Apesar disso o apóstolo Paulo afirma várias vezes que ele pensa, sente e age “em Cristo”, e João fala de estar “no” Verdadeiro, de permanecer “em” Deus e de Deus permanecer “em” nós. É realidade insondável que não pode ser explicada, porém inequivocamente experimentada, o fato de que aqui pessoas podem estar uma “na” outra e apesar disso continuar sendo pessoas autônomas. Também o Espírito Santo, para o qual é totalmente essencial que esteja e habite “em” nós, não é mera “energia”, mas “pessoa”.

Na seqüência o apóstolo testemunha: “**Esse é o Deus verdadeiro e vida eterna.**” A quem se refere aqui a palavra “**esse**”? Em termos puramente gramaticais ela já remete à menção imediatamente anterior de Jesus Cristo como o Filho de Deus. “**Esse**”, a saber, Jesus Cristo, “**é o Deus verdadeiro e a vida eterna**”. Contudo, inclusive por razões de conteúdo, é recomendável entender dessa maneira a passagem. Se relacionássemos o “**esse**” com “o Verdadeiro”, o testemunho do apóstolo seria mera repetição da declaração já enunciada acerca de Deus. Chegaríamos a uma assim chamada tautologia: “o Verdadeiro” é “o verdadeiro Deus”. Ademais, em nenhuma outra passagem Deus, o Pai, é chamado de “vida eterna”. Entretanto, João acaba de escrever em 1Jo 5.11s que na realidade Deus nos presenteou com a vida eterna; mas essa vida “está em seu Filho”. “Quem tem o Filho tem a vida.”

Contudo, será que ainda assim a primeira parte da frase não constitui uma declaração grandiosa demais sobre Jesus? Pode Jesus ser designado tão diretamente como “o verdadeiro Deus”? João esteve presente quando Tomé caiu de joelhos diante de Jesus: “Meu Senhor e meu Deus.” Acerca do “Verbo”, que se tornou carne em Jesus, João afirmou logo na primeira frase de seu evangelho: “O Verbo estava com Deus e por natureza o Verbo era Deus” (Jo 1.1). Recordamos novamente Jo 14.9, onde o próprio Jesus disse a Filipe, que buscava a Deus: “Quem me vê, vê o Pai.” Podemos estar “no Verdadeiro” unicamente quando estamos “em seu Filho Jesus Cristo”. No entanto, esse Jesus Cristo precisa ser pessoalmente “o verdadeiro Deus”, para que, “estando em Cristo”, estejamos ao mesmo tempo no próprio Deus. Deparamo-nos com a totalidade do mistério da Trindade de Deus, que não se decifra intelectualmente (graças a Deus por isso!), mas que se explicita para nós nesta passagem como algo rigorosamente necessário para nossa vida de fé. Não podemos fazer de Jesus um semideus, que ficaria “ao lado” de Deus”. Toda a nossa salvação, nossa vida eterna, se alicerça sobre o fato de que Jesus era total e plenamente ser humano que, sangrando e morrendo, carregou a nossa culpa, e que ao mesmo tempo se possa dizer dele: “Esse é o verdadeiro Deus.” Pois é apenas então que Jesus tem condições de se tornar carregador e aniquilador de nossa culpa e de anular, pela maldição de sua morte, a maldição que pesa sobre nós. Um simples ser humano Jesus, por mais nobre e amável que fosse, não poderia ajudar-nos em nada. Por isso também o apóstolo Paulo atesta, em vista da reconciliação na cruz de Jesus: “Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo” [2Co 5.19]. Ninguém inferior ao “verdadeiro Deus” deve prevalecer se quisermos ter certeza absoluta da obra de nossa redenção. Conseqüentemente, entenderemos muito bem que o apóstolo, para o qual em toda a carta estava em jogo “Jesus” e “a vida”, agora no final sintetize tudo na confissão – autenticamente joanina, sucinta, colocada diante de nós sem discussão: “Esse é o verdadeiro Deus e vida eterna.”

- 21 Essa carta de João não traz nenhuma saudação final, do mesmo modo como também lhe falta a saudação inicial usada em cartas antigas. Tão-somente emite uma breve exortação às igrejas: “**Filinhos, guardai-vos dos ídolos!**” Novamente, como nas exortações de 1Jo 2.1,28; 3.7,18; 4.4, o apóstolo usa agora no final a interpelação amistosa “**filinhos**”. Fala como “o velho” (2Jo 1; 3Jo 1) e expressa cuidado amoroso para com aqueles que lhe foram confiados. Lemos a própria exortação com uma surpresa inicial. Seria a idolatria gentílica ainda um perigo sério para a igreja? Em nenhum momento desta carta falou-se dela. A luta estava voltada contra os falsos mestres que pretendiam ser absolutamente “cristãos” e “proféticos”. No entanto, não devemos subestimar o poder do mundo gentílico a partir de nossa situação atual. Os missionários nos dão conta de que pessoas convertidas de um mundo gentílico atuante são constantemente atormentadas pelo seu antigo ambiente. A religião gentílica é um poder público que perpassa todas as esferas da vida. O templo gentílico daquela época era ao mesmo tempo um tipo de “banco” do qual se emprestava dinheiro. Era a “hospedaria” em que se promoviam banquetes maiores e para a qual se convidava as pessoas nessas ocasiões. Era o lugar sedutor do relacionamento sexual, reconhecido como lícito no helenismo em geral. Se depreendermos de Ap 2.14s que havia membros na igreja de Pérgamo que tinham a ver com “oferendas a ídolos” e “prostituição”, se 2Pe 2.13-15 adverte contra descaminhos análogos e se Paulo em Corinto também precisou lidar com pessoas que na “liberdade” de sua fé participavam de refeições em santuários gentílicos (1Co 8.10s), por que a breve advertência do apóstolo João haveria de ser totalmente infundada? A séria lembrança de João quanto aos “mandamentos” revela que o movimento por ele combatido proclamava, à semelhança do novo ensinamento em Corinto, a “liberdade”. Segundo a opinião deles o cristão não precisa ser temeroso e “estreito”. Pode tranquilamente “participar” onde se sente confortável e acolhido. Haveria de separar-se radicalmente do paganismo oficial que constituía e perpassava todo o seu ambiente? Acaso os ídolos ainda eram perigosos para uma “pessoa espiritual”? João adverte de forma incisiva e sucinta: “**Filinhos, guardai-vos dos ídolos!**”

No entanto, ele pode ter entendido a advertência também de outra maneira. O termo grego para “ídolo”, “imagem da divindade”, é *eidōlon*. É a raiz desse estrangeirismo “ídolo”. “**Precavei-vos dos ídolos!**” pode ser uma exortação muito íntima. Foi-nos dada a maravilhosa capacidade para reconhecer o verdadeiro Deus vivo, e até mesmo de estar nele em Jesus Cristo. Justamente por isso tudo o que tenta nos influenciar ou determinar além de Deus se torna um “ídolo”, um “deus”. Aqui há perigos muito graves – até hoje. Quantas coisas existem que, “ao lado de Deus”, adquirem crescente influência em nossa vida, ameaçando, assim, tornar-se “ídolos”! Quando João coloca

diante dos nossos olhos toda a glória e magnitude daquilo que Deus nos concedeu em seu amor, este precisa continuar sendo o “único digno de amor e o único grande”. Compreendemos a exclamação do apóstolo que exorta mediante a interpelação cordial “filhinhos” com cuidado amoroso: “**Guardai-vos dos ídolos!**” É verdade, “ídolos” requestam, “ídolos” nos adulam, “ídolos” se apresentam inicialmente como bastante inofensivos, prometendo-nos alegria. Depois, porém, tornam-se senhores severos que nos acorrentam e destroem nossa vida verdadeira. Por isso é realmente necessário que nos guardemos diante deles e resistamos às primeiras seduções aparentemente inofensivas.

Segunda Carta de João

SAUDAÇÃO INICIAL – 2Jo 1-3

- 1 – O presbítero (literalmente: o “velho”) à senhora eleita e aos seus filhos, a quem eu amo na verdade e não somente eu, mas também todos os que conhecem a verdade,**
- 2 – por causa da verdade que permanece em nós e conosco estará para sempre.**
- 3 – A graça, a misericórdia e a paz, da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, o Filho do Pai, serão conosco em verdade e amor.**

Ao contrário de 1Jo, o presente segundo escrito se caracteriza como “carta” também pelo aspecto formal. O estilo de carta na Antigüidade coloca no topo o remetente, citando então o destinatário e combinando a ambos com uma palavra de saudação. Isso acontece em boa parte naquela breve forma que conhecemos da carta em At 23.26. Já na mais antiga epístola preservada, a primeira carta aos Tessalonicenses, o apóstolo Paulo ampliou essa abertura usual da carta, tornando-a mais cordial e viva. Em cada uma das cartas, dá a essa abertura uma configuração individual, de acordo com a peculiaridade e situação daqueles aos quais escreve. João também segue esse exemplo, embora o faça de maneira que a saudação inicial se torne tipicamente “joanina”. As palavras “amor” e “verdade”, características de seus escritos, dominam a saudação de abertura.

- 1** “O ‘velho’ (literalmente: o mais velho) à senhora eleita e seus filhos que eu mesmo amo pessoalmente em verdade, e não apenas eu, mas também todos que reconheceram a verdade.” A carta é escrita pelo “velho” (literalmente: o mais velho, *presbýteros*). A expressão “presbítero” ocorre com freqüência no NT. As jovens igrejas cristãs acolheram uma instituição familiar do judaísmo. Ao lado dos “sumo sacerdotes” e dos “estudiosos das Escrituras” há, em todos os lugares, “presbíteros” atuando como autoridades em Israel. É essa a situação que constatamos nos evangelhos (p. ex., Mt 16.21; 21.23; 26.3), bem como em Atos dos Apóstolos (At 4.5; 6.12). Assim também os apóstolos instituíram “presbíteros” nas igrejas que fundaram (At 14.23; 15.2,4; 21.18; Tt 1.5). No entanto, esses “anciãos” sempre aparecem no plural, evidentemente cooperando em colegiado. Por isso “o ancião” no singular e com artigo definido não pode ser uma “designação do cargo” do autor da carta. Se assim fosse, teria de aparecer sem artigo depois do nome, que nesse caso não poderia faltar. No entanto, podemos recordar que no grego helenista o superlativo muitas vezes não era mais entendido como tal. Então “o mais velho” pode significar o mesmo que “o velho” significa para nós. “O velho” deve ser uma pessoa publicamente conhecida por essa designação e por isso não precisava ser citada pelo nome próprio. Quando “o velho” escrevia, todos sabiam imediatamente de quem se tratava, pelo menos aqueles nas igrejas com as quais esse “velho” se relacionava. Trata-se do discípulo João, que chegou a uma idade especialmente avançada. Afinal, toda a sua maneira de escrever revela que se trata da mesma pessoa que também redigiu 1Jo e o evangelho de João. O fato de não se apresentar por nome combina plenamente com sua atitude interior, que no evangelho também oculta sua pessoa por trás da expressão “discípulo que Jesus amava” e que na carta destaca sua condição de testemunha ocular, porém não sua importância pessoal como “João”.

A quem escreve “o velho”? “À senhora eleita e seus filhos.” Deparamo-nos, portanto, com uma carta particular, dirigida a uma senhora distinta e sua família? Nesse caso, porém, a falta do nome sem dúvida seria muito estranha. Por isso tentou-se interpretar a palavra “eleita” como nome próprio: à “*Ekléktè*, a senhora”, ou mesmo *Kýria* = “senhora” como nome. Contudo o título de honra

“senhora” é conhecido até mesmo para comunidades políticas. E Tertuliano fala da *domina mater ecclesia*, da “senhora mãe igreja”. Contra a interpretação de que uma pessoa individual seria a destinatária depõe decididamente o prosseguimento da saudação: “Todos que reconheceram a verdade” a amam. Que mulher seria essa, que é tão amplamente conhecida e amada no cristianismo? Nesse caso seria singularmente necessário citá-la pelo nome. Em contraposição, é possível que João escreva a uma das igrejas conhecidas da Ásia que de fato era bem-quista e valorizada em todo o mundo cristão daquele tempo. Então seria particularmente propício o nome honorífico “senhora”.

A compreensão da “senhora eleita” como uma igreja se confirma por meio da saudação final no v. 13. Os membros da igreja que saúdam em conjunto com o apóstolo são chamados “os filhos de tua irmã, a eleita”. Seria uma coincidência curiosa se João estivesse hospedado nessa ocasião na casa de uma mulher que fosse irmã de sangue da “senhora” à qual ele dirige a carta, e cujos “filhos” seriam os que de fato a saúdam.

A igreja é uma senhora “eleita”. O que ela é não constitui mérito dela mesma, de sua devoção ou laboriosidade pessoais. O NT sempre deixa claro que sobre o tornar-se cristão paira a “eleição” de Deus. Ressalta-se assim a soberania da graça de Deus que exclui qualquer mérito de nossa parte. Portanto, quem se considera um dos “eleitos de Deus” conforme Cl 3.12, não é de forma alguma soberbo, mas atesta um presente que lhe foi concedido de modo maravilhoso e sem qualquer mérito. A igreja à qual João escreve é na realidade uma “senhora”, porém passou a ser senhora unicamente por ser “eleita”.

Nesse caso seus “filhos” – da mesma forma como em 3Jo 4 – não são filhos de sangue, mas espirituais, assim como em 1Jo João também repetidamente interpela os membros da igreja como “filhos” ou “filhinhos”. A circunstância de serem chamados aqui de “filhos da senhora” poderia ser um indício de que um número considerável deles já não foi conduzido a Jesus por João ou outro apóstolo, mas que na época do “velho” as próprias igrejas atuavam evangelisticamente, tendo o privilégio de conquistar pessoas para serem “filhas” do Deus vivo. Nesse sentido específico seriam, pois, do ponto de vista da igreja, “seus filhos”. No entanto, não é necessariamente verdade que seja esse o sentido da expressão. Se a igreja é vista por meio da figura de uma “mulher”, os membros da igreja obviamente são “seus filhos”, independentemente da pessoa por meio da qual chegaram à fé. É assim também no final da carta. Lá os “filhos de tua irmã” igualmente são membros da igreja em que o apóstolo vive.

Ou seja, o “velho” escreve a uma igreja, e conseqüentemente também aos membros da igreja que concretamente a constituem. Desde já lhes assegura seu amor: “Que eu mesmo amo pessoalmente em verdade.” O “eu” é enfaticamente ressaltado em antecipação à afirmação seguinte e por isso traduzido por “eu mesmo”. Também aqui a “verdade” designa a realidade. A igreja interpelada tem o privilégio de saber: João “realmente” a ama. Contudo ele de forma alguma ele está sozinho nesse amor. Ele ama a igreja não de forma egoísta e, por isso, ciumenta. Alegria-se em poder afirmar: “e não apenas eu, mas também todos os que reconheceram a verdade”. As palavras do apóstolo seriam tratadas de forma leviana demais se pretendêssemos reproduzi-las por “mas também todos os cristãos”. Caberia formular enfaticamente “todos os *verdadeiros* cristãos”. Como em 1Jo, trata-se nesta segunda carta de advertir contra os falsos mestres gnósticos. Não todos que se chamavam de “cristãos” (e até mesmo pretendiam conduzir o cristianismo a novas alturas), apreciavam e amavam uma igreja de orientação claramente apostólica. “Todos os que reconheceram a verdade” é uma frase escrita e enfatizada de maneira muito consciente. “A verdade” é a realidade do “Deus verdadeiro e vivo” em contraposição a todas as imagens de Deus produzidas pela sabedoria humana e invenção pessoal. E Jesus, aquele “que veio na carne”, que foi enviado por Deus ao mundo como “meio de expiação por nosso pecado”, é “a verdade” (1Jo 4.2; 4.10; Jo 14.6). Quem verdadeiramente é cristão reconheceu essa “verdade”. Consta aqui o pretérito, afinal essa percepção é concluída, valendo de uma vez por todas. Tais “cristãos” de fato olharão com amor cordial para toda igreja apostólica.

- 2 O próprio João ama essa igreja “por causa da verdade que permanece em nós”. A “verdade”, da qual acabamos de ouvir, “permanece” em nós. João tem predileção pela palavra “permanecer”, depois de tê-la ouvido de seu Senhor como sumamente importante. O “velho” contrapõe essa verdade divina, e por isso eterna e permanente, à perigosa propensão de membros da igreja de então – e de hoje! – de sempre se deixarem atrair por “novas” correntes e tendências e colocar a colorida e mutável “novidade” acima da verdade reconhecida e permanente. Nessa frase a verdade constitui uma unidade própria e viva, não objeto ou resultado de nossa inteligência. Não a temos em nossas mãos,

mas ela entrou em nosso meio e “permanece” em nós, visando a ter a *nós* em sua mão. João acrescenta com alegre certeza: “e estará conosco eternamente.” Se não a abandonarmos nem trairmos por causa de novas “verdades”, ela não somente “permanecerá em nós”, mas também há de “estar conosco”. No grego helenista as preposições não são diferenciadas com tanta nitidez, e não obstante há uma conotação especial no “estar conosco” da verdade. A “verdade” não permanece inativamente em nós; ela atua em nós, configura todo o nosso pensar, falar e agir. Não realiza isso aqui e acolá. Ela “estará conosco” “em eternidade”, literalmente “para dentro do *éon*”, ou seja, até que nos tenha levado ao alvo no novo mundo vindouro de Deus. Que condutora segura para nós é essa verdade!

A razão peculiar para João dar tanto destaque à “verdade” na primeira frase de sua carta reside na situação da igreja daquele tempo e simultaneamente não deixa de ter relevância para todos os tempos. Está em jogo o “amor” que o apóstolo assegurou à igreja. Ao lermos a primeira carta já vimos que a palavra “amor” pode ser e é mal-compreendida (cf. acima, p. 358). O “velho” de fato ama essa igreja e seus membros. Esse amor real é algo diferente de simpatia humana ou mera alegria por sua vida eclesial ativa. João ama a igreja “por causa da verdade”. Seu amor por ela se funda sobre a “verdade” e não pode ser separado dessa verdade. Quando a verdade de Deus não mais “permanece em nós” - no apóstolo e na igreja e em seus membros - o verdadeiro “amor” já não é viável. Não existe “amor” à custa da “verdade”. Ele não conseguiria “amar” uma igreja e membros da igreja que se desviassem da verdade de Deus e “dissolvessem o Jesus”, conforme João escreveu em 1Jo 4.3. Também nesta segunda carta, “amor” não é algo frouxo, uma tolerância amistosa frente a tudo. Somente podemos “amar” verdadeiramente “por causa da verdade que permanece em nós”. Conseqüentemente, nosso amor mútuo brota daquele amor de Deus que também não é um amor indistinto, mas que não consegue deixar “de tal maneira” (Jo 3.15s) a entregar o Filho amado à morte por pessoas perdidas. É justamente essa “verdade” que está em jogo – até os dias de hoje.

- 3 Segue-se agora a saudação, que não é apenas um desejo devoto, mas que verbaliza enfaticamente a certeza: “Estarão conosco graça, misericórdia, paz de Deus, o Pai, e de Jesus Cristo, o Filho do Pai, em verdade e amor.” Também os votos de bênção com que estamos familiarizados nas cartas do apóstolo Paulo não são apenas “desejos” pronunciados, mas “anúncio” da bênção que o apóstolo com certeza considera eficaz. Porém João escreve expressamente: “Estarão conosco.” O apóstolo se une inteiramente à igreja, sabendo que também ele, como apóstolo, tem necessidade de “graça, misericórdia, paz” e alegrando-se porque tudo isso estará com ele e igualmente com a igreja. Das cartas de Paulo geralmente conhecemos apenas o duplo voto de “graça e paz”. Contudo nas duas cartas a Timóteo Paulo também emprega a locução de três elementos de bênção na saudação introdutória. A inclusão da “misericórdia” destaca singularmente a inclinação do amor em direção das pessoas culpadas e sofredoras.

Por que há certeza de “graça, misericórdia, paz” para a igreja e seu apóstolo? Porque vêm “de Deus, o Pai, e de Jesus Cristo”. Também Paulo fundamenta sua certeza no voto de bênção sobre Deus, o Pai, e sobre Jesus. Mas, enquanto define Jesus Cristo como “nosso Senhor”, João o chama “o Filho do Pai”. Evidentemente João também sabe que Jesus é “nosso Senhor”. Mas – a partir do evangelho – importa-lhe a ligação única de Jesus com o Pai. Só em comunhão com o Pai, como “o Filho do Pai” é que Jesus consegue ser Doador da graça, Mediador da misericórdia, Ministrador da paz. É isso que João pretende salientar.

O adendo das palavras “em verdade e amor” causa dificuldades para a exegese. A que parte da frase pertencem e em que sentido são adicionadas ao voto de bênção? F. Büchsel propõe ligá-las às palavras precedentes sobre Jesus. Nesse caso seria preciso eliminar a vírgula antes delas. De acordo com essa concepção João destacaria que Jesus Cristo é o Filho do Pai em verdade e amor, ou “por verdade e amor”. Essa, no entanto, seria uma afirmação incomum, nunca emitida em outro texto de João sobre Jesus e sua filiação divina. Em decorrência, o adendo deve referir-se ao voto de bênção como um todo. Ele se cumpre quando vivemos em “verdade”, ou seja, na “realidade” integral de Deus, e por isso no “amor”. A. Schlatter formula isso com belas palavras: “Na iluminação do Espírito para obtenção da verdade e na purificação do coração para o amor, a graça de Deus realiza em nós sua obra, e a paz outorgada por Deus entre nós e ele passa a gerar seu fruto em nós” (*op. cit.*, p. 97). Simultaneamente o autor da epístola olha para o próximo trecho da carta, que trata de “verdade” e “amor” na vida dos membros da igreja.

VERDADE E AMOR COMO DISTINTIVOS DO CRISTÃO AUTÊNTICO – 2Jo 4-6

- 4 – Fiquei sobremodo alegre em ter encontrado dentre os teus filhos os que andam na verdade, de acordo com o mandamento que recebemos da parte do Pai.**
- 5 – E agora, senhora, peço-te, não como se escrevesse mandamento novo, senão o que tivemos desde o princípio: que nos amemos nos aos outros.**
- 6 – E o amor é este: que andemos segundo os seus mandamentos. Este mandamento, como ouvistes desde o princípio, é que andeis nesse amor.**

4 Conforme o costume da época, Paulo começa suas cartas com ações de graças. João também o faz a seu modo: salientando sua alegria pela igreja. “Para mim foi uma grande alegria que dentre teus filhos encontrei tais que andam na verdade, conforme recebemos um mandamento do Pai.” Contudo, imediatamente deparamo-nos com a dificuldade de entender corretamente uma carta quando não sabemos nada acerca dos seus destinatários e ignoramos completamente em que situação ela foi escrita. O que João pretende dizer aqui com a constatação: “encontrei”? Será que “encontrou” em algum lugar membros de uma igreja desconhecida para ele? Porventura o teriam visitado pessoalmente? Sua alegria consistia em poder reconhecê-los como cristãos verdadeiros e autênticos? Ou devemos entender “dentre teus filhos tais que...” de forma literal? Será que conhece a igreja e se preocupa com ela? O trecho subsequente contempla uma ameaça herege séria à igreja? Será que por isso ele expressa primeiro sua alegria por ter encontrado entre os membros da igreja pessoas “que andam na verdade”? Acaso diferencia-os de outros que já se desviaram da verdade? Entretanto, como então descobriu os membros da igreja com os quais se alegrou? Será que visitou recentemente a igreja endereçada? Não temos como chegar a uma conclusão segura. Contudo a continuação do escrito depõe em favor da primeira idéia. Afinal, o apóstolo imediatamente volta a interpelar a igreja como um todo com o chamado ao amor, sem apontar para algum cisma profundo em seu meio, o que seria realidade se apenas uma parcela dos membros, principalmente se fosse uma minoria, “andasse na verdade”.

A “verdade”, a realidade correta da conduta, é determinada por “um mandamento”, que “recebemos do Pai”. Não são ideais próprios, não é qualquer moral humana que torna verdadeira e certa a vida de cada cristão e a vida de uma igreja inteira. João – como todo o NT – apresenta um pensamento “teocêntrico”, relacionado com Deus. É unicamente a santa vontade de Deus que determina a “verdade” de nossa vida.

- 5 Essa vontade se tornou manifesta no mandamento do amor, porque Deus “é amor” (1Jo 4.8,16). Por isso João continua: “E agora peço-te, senhora, não como se escrevesse um novo mandamento, mas aquele que tínhamos desde o início, que amemos uns aos outros.” Porventura devemos concluir dessa frase que até este momento o apóstolo ainda não tinha ligação pessoal com a igreja à qual escreve, e que agora pede que se estabeleça um vínculo afetivo? Será que “amar uns aos outros” tem este sentido tão concreto do amor entre apóstolo e igreja? Essa interpretação, porém, certamente extrairia demais dessa frase. Dessa forma João conferiria à sua pessoa uma posição e importância que desconhecemos dele nos demais textos. Pelo contrário, João olha para a vida eclesial em si e como um todo. Faz isso também nesta carta da mesma forma como fez na primeira, repetindo por isso diante dessa igreja específica o que disse em 1Jo 2.7. Não se iguala aos mestres que tentam trazer à igreja opiniões interessantes e novas. Deseja apoiar-se enfaticamente sobre o antigo mandamento que as igrejas apostólicas “tinham desde o início”. É o mandamento de “que nos amemos uns aos outros”. Essa frase depende com certeza do “peço-te, senhora”, porém elucidada ao mesmo tempo o conteúdo do antigo e conhecido “mandamento”. Pede à igreja inteira que concretize o tempo todo esse mandamento que lhe é familiar.
- 6 De modo muito análogo a 1Jo 5.2 o apóstolo protege a pureza e verdade do “amor” contra todas as deturpações humanas. “E esse é o amor, que andemos segundo os mandamentos dele. Esse é o mandamento do qual ouvistes desde o início, para que andásseis nele.” Gostamos de construir para nós um ideal de amor do qual excluímos Deus e sua santa vontade de amarmos as pessoas. Deus, como o Senhor, como vontade incondicional e com seus mandamentos, fica entre parênteses, desde que “amemos”. Assim também não precisaremos insistir nos mandamentos de Deus diante do semelhante ao qual amamos. Por “amor” podemos nos permitir fazer o que o mandamento de Deus proíbe, e dispensá-lo do que Deus demanda em seu mandamento. João porém explica que isso não é

um amor verdadeiro. Assim separamos o próximo de Deus, conduzindo-o à perdição. Somente seremos capazes de demonstrar amor real se nosso coração permanecer voltado com toda a seriedade para Deus e considerar a Deus como a instância decisiva. Então estaremos imbuídos da consciência de que os mandamentos de Deus não estreitam e atrofiam a vida do ser humano, mas, pelo contrário, são os únicos que o levam à vida verdadeira e plena. A igreja que foi comprada para Deus por meio do sangue de Jesus jamais pôde ter dúvidas a esse respeito. “Esse é o mandamento, como ouvistes desde o início, que andásseis nele.” Desde o início de sua existência cristã eles ouviram “os mandamentos”. Na proclamação apostólica que fundou as igrejas tudo esteve direcionado de modo central para Deus, para sua vontade, seu mandamento e seu amor redentor em Jesus. Quando os membros da igreja “andarem nisso” e viverem do amor redentor de Deus, também terão o correto amor entre si, aquele que cumpre o grande mandamento do amor a Deus e aos humanos.

ADVERTÊNCIA SÉRIA CONTRA FALSA DOUTRINA – 2Jo 7-11

- 7 – **Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo fora, os quais não confessam (não querem confessar) Jesus Cristo vindo em carne; assim é o enganador e o anticristo.**
- 8 – **Acautelai-vos, para não perderdes (ou: não perdermos) aquilo que temos realizado (ou: tendes realizado) com esforço, mas para receberdes (ou: recebermos) completo galardão.**
- 9 – **Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem tanto o Pai como o Filho.**
- 10 – **Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebeis em casa, nem lhe deis as boas-vindas.**
- 11 – **Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más.**

7 Se é verdade o que foi exposto pelo bloco anterior, por que, então, isso precisa ser salientado com tanta gravidade por João? Ou seja, acabam de fato existindo dúvidas nessa atitude apostólica? Sim, **“porque muitos sedutores saíram para o mundo que não confessam (não querem confessar) Jesus Cristo como aquele que vem na carne.”** Deparamo-nos provavelmente com o motivo peculiar desta carta. O movimento intelectual e religioso que classificamos sob o denominador comum do “gnosticismo” parece avançar largamente e não sem eficácia. Ele inclui um “gnosticismo cristão”, cujos representantes vêm das próprias igrejas apostólicas (1Jo 2.19), pretendendo introduzir nas igrejas um cristianismo “superior”. Era nisso que residia sua atração e seu perigo. Para o “velho” eles são **“sedutores”**. Não são fenômenos isolados que poderiam ser ignorados; seu número é grande. O apóstolo fala de **“muitos sedutores”** que têm uma forte consciência missionária. Isso está subjacente à expressão: **“saíram para o mundo”**. Sua zelosa atividade de divulgação não se limita a uma região pequena.

Por que o apóstolo pode e precisa rejeitá-los tão duramente e alertar tão gravemente contra eles? Porventura o “amor” ao qual João conclamava não valeria também para eles? Entretanto, na abertura da carta João combinou o “amor” de forma indissociável à “verdade”. Os **“sedutores”** não possuem apenas algumas opiniões peculiares que podem ser toleradas como tais. Sua proclamação ataca o cerne da mensagem apostólica, fere mortalmente “a verdade”. **“Não confessam Jesus Cristo como aquele que vem na carne”**. Seu “Cristo intelectual” não é o Redentor do pecador por intermédio da morte sangrenta na cruz. Acreditam oferecer um Cristo maior e mais perfeito e não vêem que se equivocam em relação ao envio real e indispensável do Filho de Deus **“na carne”**. Comparamos com o que já explicitamos no comentário a 1Jo 4.1ss. Deixam de reconhecer e conseqüentemente negam o real amor de Deus, que vale definitivamente pelo fato de que Deus enviou seu Filho para a reconciliação por nossos pecados (1Jo 4.10). Desse modo também o mandamento do amor dirigido a nós perde profundidade, bem como a força para seu cumprimento. Somente por termos sido “amados primeiro” somos capazes de também amar (1Jo 4.19).

Chama a atenção que aqui João não define Jesus Cristo como aquele “que veio na carne”, mas escolhe o tempo presente: **“que vem na carne”**. Por isso Schlatter opina que o apóstolo estaria falando do retorno de Jesus, que não era importante para a doutrina da salvação gnóstica ou era entendido de maneira “intelectualizada”. Contudo, na parusia Jesus não virá mais como alguém sujeito a padecer e sofrer **“na carne”**, mas como consumidor da salvação “em glória”. O tempo presente deve ter sido escolhido porque na “vinda” de Jesus se trata de uma realidade permanente e

eficaz para a atualidade. Também é possível que tenha repercutido aqui a designação que é frequente no evangelho de João: *ho erchómenos* = “aquele que vem” (Jo 1.15; 3.31; 11.27). Jesus é “**aquele que vem**”, porém aquele que vem “**na carne**”. Isso constitui sua essência como “Redentor do mundo” (1Jo 4.14).

Quando se nega essa “vinda na carne”, João não pode considerar isso um equívoco teológico tolerável. Não, “**isso é o sedutor e o anticristo**”. Os “**muitos sedutores**” precisam ser vistos na perspectiva escatológica. Neles atua “**o sedutor**”, ou seja, o diabo, do mesmo modo como – igualmente de acordo com 1Jo 2.18 – “o anticristo” atua nos numerosos “anticristos”. Com isso João não se propõe a desmistificar a escatologia do cristianismo primitivo, dissolvendo-a em meras aparições atuais. Apenas assevera o mesmo que o apóstolo Paulo em 2Ts 2.7: “O sem lei” ainda está por vir, porém “o mistério da anomia” já está atuante. É por isso que os “sedutores” precisam ser levados tão a sério desde já.

- 8 Portanto não está em jogo uma multiplicidade de opiniões que poderiam representar riqueza teológica, mas a própria salvação, ameaçada no fim dos tempos por enganadores e anticristo – em plena correlação com as palavras do próprio Jesus em Mt 24.24. Por isso o chamado de advertência do próprio Jesus a seus discípulos em Mt 24.4 é acolhido por seu discípulo João: “**Acautelai-vos.**” Cada cristão, cada igreja está carregando aqui uma responsabilidade própria que terá efeitos muito práticos em seu destino eterno. Nesse ponto a indiferença arcará com uma grave perda: “**Para que não percais** (ou: para que nós não percamos), **o que alcançamos com esforço** (ou: o que alcançastes com esforço).” Não é fácil decidir entre as formas textuais “o que alcançamos com esforço” ou “o que alcançastes com esforço”. João pode ter em mente seu próprio trabalho apostólico, que terá sido vão se a igreja se deixar captar pela moderna sedução. João trouxe à igreja a verdadeira salvação; a igreja a perderá se seguir aos sedutores. O apóstolo também poderia pensar no “esforço” próprio da igreja. Ser igreja de Jesus neste mundo e viver como tal não é fácil, mas custa incessante esforço e trabalho sério. A igreja perderá tudo o que conquistou até então com seu trabalho se não ficar atenta e alerta às ameaças internas do fim dos tempos. Independentemente de como compreendermos o texto, sempre predomina a preocupação do apóstolo em relação aos membros da igreja, para que “**não percais, mas obtenhais recompensa plena**”. O novo movimento promete-lhes um grande “ganho” e lhes apresenta um cristianismo novo e superior, que aparentemente é sedutor e “compensador”. João adverte: não “ganhais”, porém “**perdeis**”. Sois privados da verdadeira “**recompensa plena**” da glória eterna.

O NT fala reiteradamente e sem receios da “**recompensa**”. Muitas vezes houve quem se escandalizasse com isso e falasse de uma “ética inferior de recompensa”. Afinal, é preciso praticar o bem por amor ao bem, sem buscar “recompensa”. Pois bem, não há necessidade de ensinarmos isso ao NT. Jesus rejeitou radicalmente uma falsa idéia de recompensa (Lc 17.9s). E a mensagem central do NT acerca da justiça perante Deus sem méritos, unicamente por graça (Rm 3.24), descarta fundamentalmente toda tentativa de esperar por “recompensa”. Porém faz parte da “vitalidade” e “humanidade” da mensagem bíblica que ela, em aparente contradição, também passe a falar de maneira alegre e encorajadora a respeito de “**recompensa**”. Mesmo o maior fanático por ética não recusará que lhe “agradeçam” depois de um esforço árduo e perigoso, oferecendo-lhe reconhecimento e um livre donativo. No NT a “recompensa” nunca é algo que possa ser exigido como um direito. Mas para o Deus vivo e amoroso é uma alegria “recompensar” seus servos com soberana generosidade quando se empenharam fielmente em perigos e agruras. Em decorrência, a igreja pode aguardar o dia de Deus, no qual se mostrará que ninguém serviu a Deus em vão e que toda a fidelidade no engajamento para Deus obterá “**recompensa plena**”. A igreja deve ter essa visão agora na tribulação pela sedução, para que não “perca”, mas “obtenha o alvo de sua fé” (1Pe 1.9) e receba a recompensa plena da graça.

- 9 O risco da sedução pelas idéias modernas do gnosticismo é tão grande porque nelas se oferece um cristianismo avançado, superior. Parece que os novos mestres avançam muito além, deixando atrás de si o cristianismo apostólico que, em contrapartida, se apresenta como “antiquado”, “fora de moda” e “primitivo”. Será que de fato continuará sempre a mesma mensagem de pecado e graça, do sacrifício vicário, do amor sofredor na cruz? Não existem auges intelectuais muito diferentes, sistemas grandiosos, “revelações” maravilhosas?

A igreja não se deve deixar iludir por tudo isso. “**Todo aquele que vai além e não permanece na doutrina do Cristo, não tem a Deus.**” Independentemente do que as igrejas possam “ganhar” com

os novos ensinamentos, elas perdem a Deus, o Deus real e seu verdadeiro amor redentor, que somente pode ser encontrado em Jesus Cristo, o Crucificado. Que “ganho” intelectual seria capaz de compensar essa “perda”? “Permanecer” na doutrina apostólica pode parecer retrógrado, mero apego ao antigo, um temeroso agarrar-se à tradição – não obstante prevalece que: **“Quem permanece na doutrina tem tanto o Pai como o Filho.”** Obviamente a “doutrina” pode tornar-se mera casca seca. Porém tornar-se-á assim somente se não a ouvirmos mais atentamente, com todo o seu conteúdo tremendo! Temos o conteúdo vivo unicamente pela “doutrina”, a única capaz de nos trazer e comunicar o conteúdo. A expressão “**doutrina do Cristo**” pode ser entendida como genitivo de objeto e também de sujeito. Trata-se da doutrina que tem por conteúdo Cristo como aquele que vem na carne, que foi crucificado e ressuscitou fisicamente. Contudo igualmente se trata da doutrina em que o próprio Cristo ensina e convence pessoas pelo poder do Espírito Santo. O que mais demandaríamos? A igreja possui a garantia: **“Quem permanece na doutrina tem tanto o Pai como o Filho”**. João reitera aqui o que atestou em 1Jo 2.23; 4.15 a respeito da indissociável união entre Pai e Filho. Só podemos “ter” juntos o Pai no Filho e o Filho no Pai. Não se trata de “dogmas” isolados e sentenças teológicas em que também se poderia defender “outra opinião”. Está em jogo a realidade de Deus, mais precisamente não apenas uma realidade admitida na teoria, mas uma realidade a ser “tida” vivamente.

- 10s Pelo fato de toda a salvação estar em jogo no “ter” do verdadeiro Deus vivo, a rejeição à heresia sedutora precisa ser radical. Não basta um combate teológico da falsa doutrina, mas cabe igualmente rejeitar os propagadores da heresia de forma muito concreta, mantendo-os afastados da igreja. **“Se alguém vem ter convosco e não traz essa doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis boas-vindas.”** Para nós, frases desse tipo inicialmente soam estranhas e até mesmo questionáveis e escandalosas. Estamos acostumados ao “pluralismo” e à tolerância. Por isso argumentamos imediatamente com o “amor” que, afinal, não deveria agir assim como João demanda aqui de uma igreja. Entretanto não cabe a nós ensinar a um João a respeito do amor! Sua dureza contra os sedutores emerge do amor! Para o amor está em jogo a vida do próximo. E nesse ponto está em perigo o cerne da verdadeira vida. Membros da igreja são ludibriados em sua vida quando os falsos mestres não são tão radicalmente afastados da igreja. O apóstolo não chama o poder estatal para oprimir os hereges. Não pretende levar seus defensores à prisão. Porém a igreja apostólica deve se fechar tão completamente contra eles que eles não sejam acolhidos em casa, e nem mesmo saudados. Porque a saudação já seria uma espécie de aceitação e um pouco de comunhão com eles. **“Porque quem lhe dá boas-vindas torna-se partícipe de suas obras, as más.”**

O ENCERRAMENTO – 2Jo 12s

- 12 – Ainda tinha muitas coisas que vos escrever; não quis fazê-lo com papel e tinta, pois espero ir ter convosco, e conversaremos de viva voz, para que a nossa alegria seja completa.
13 – Os filhos da tua irmã eleita te saúdam.

- 12 O apóstolo conclui aqui a carta, não porque tenha dito tudo e careça de assunto. Pelo contrário: **“Muitas coisas tenho para vos escrever.”** Não falta assunto. Contudo o apóstolo tem consciência da insuficiência da comunicação escrita. **“Mas não quis fazê-lo com papel e tinta. Pelo contrário, espero ir ter convosco e conversar boca a boca.”** Ficamos alegres com a existência de “cartas”. Não é à toa que as cartas do apóstolo constituem uma parte essencial do NT. As “cartas” também exerceram grande importância na história eclesiástica! No entanto, nunca deixam de ser mero “quebra-galho”, não podendo substituir a proclamação consistente nem o diálogo pessoal. Também Paulo, na situação aflitiva da confusão nas igrejas gálatas, sentiu muito a limitação da exortação escrita. Na presença pessoal é possível “inflectir o tom de voz” (Gl 4.20) e tratar de maneira muito diferente a situação dos ouvintes, reagindo a suas perguntas e dificuldades. Em consonância, a esperança de João é não somente se dirigir à igreja nas breves linhas da carta, mas poder falar **“boca a boca”**. Somente então **“nossa alegria será completa”**. Em vista da carta breve ainda haveria muito a indagar; diversos assuntos podem parecer à igreja um “discurso severo”. Restam imprecisões e incertezas. Porém quando o próprio João estiver presente, podendo dialogar com os membros da igreja, tudo se tornará claro e certo. Isso gerará alegria completa no coração da igreja e do apóstolo.

- 13 Como o apóstolo Paulo em numerosas epístolas, João tem saudações a entregar: **“Saúdam-te os filhos de tua irmã, a eleita.”** Envia saudações dos membros da igreja em que se encontra. Torna-se importante como **“irmã”** da igreja a que João escreve. Também ela é chamada **“a eleita”**, uma vez que sua existência como tal repousa integralmente sobre a eleição por Deus. Seus **“filhos”** são os membros da igreja, sem que isso signifique necessariamente que eles tenham sido trazidos a Jesus diretamente por essa igreja. A igreja em si tinha de existir de fato para poder conquistar outras pessoas. Ou seja, já tinha **“filhos”** antes que pudesse gerar novos filhos. Se uma igreja é apresentada como **“mulher”**, seus membros somente podem ser vistos na figura dos **“filhos”**.

Terceira Carta de João

SAUDAÇÃO INICIAL – **3Jo 1s**

- 1 – **O presbítero (literalmente: o “velho”) ao amado Gaio, a quem eu amo na verdade.**
2 – **Amado, acima de tudo, faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma.**

- 1 Neste terceiro escrito de João deparamo-nos, segundo a forma, com uma breve carta particular. É significativo que nele a forma das cartas antigas seja mantida ainda mais consistentemente que nos escritos anteriores. Isso confirma nossa suposição de que a segunda carta de João não é um escrito a uma mulher, mas se dirige a uma igreja, interpelada como **“senhora eleita”**. Contudo também o terceiro escrito não é uma carta particular no sentido estrito; embora se dirija a uma pessoa isolada, não deixa de falar dos assuntos de uma igreja.

Como na epístola anterior, o remetente é o **“velho”**. Ao apresentar-se assim também a um indivíduo, é inevitável concluir que se trata de um relacionamento amplamente conhecido e reconhecido. De forma alguma cabe pensar aqui na definição de um cargo de **“presbítero”**.

O destinatário é certo **“Gaio”**, do qual não podemos conseguir nenhuma informação mais específica além do que consta na presente carta. O nome é recorrente demais. Ele consta quatro vezes no NT: At 19.29; 20.4; Rm 16.23; 1Co 1.14. O destinatário da presente carta está afetuosamente ligado a João, sendo chamado de **“o amado”**. Lembramos Cl 4.14, onde Lucas, o médico, é designado assim por Paulo. Combinaria bem com essa designação e com a cordialidade de todo o escrito se, conforme o v. 4, Gaio foi levado à fé pelo próprio João. É verdade que na primeira carta o velho apóstolo chama todos os membros da igreja de **“filhos”** ou **“filhinhos”**, sem que por isso tivesse de ser também seu pai espiritual em sentido específico. Porém o enfático **“meus”** filhos no v. 4 certamente poderia ter aqui – como em Gl 4.19 – um sentido mais estrito.

Parece que Gaio está integrado a um grupo de amigos (v. 15), mas não detém nenhuma posição oficial na igreja. No entanto, uma vez que João acrescenta expressamente à designação **“Gaio, o amado”**: **“a quem pessoalmente amo em verdade”**, Gaio evidentemente também era amado por outros. Os v. 5-7 mostrarão por que ele estava na igreja como uma pessoa **“amada”**. Entretanto, ele pode ter certeza de que também o velho apóstolo João o ama **“em verdade”**, ou seja, de fato e genuinamente.

- 2 No próêmio da carta sentiu-se falta do costumeiro voto de bênçãos. Porém ele é acrescentado imediatamente após o v. 1, no v. 2, como frase independente. Em suas expressões ele permanece próximo da fórmula epistolar secular da época, em que era freqüente o voto de saúde para o destinatário, e que evidentemente também é plausível. **“Amado, em todos os aspectos desejo que passes bem e tenhas saúde, como, aliás, tua alma está passando bem.”** A colocação das palavras preserva também na tradução o duplo sentido da antecipação do **“em todos os aspectos”**. Liga-se diretamente ao verbo **“desejo”** e poderia ter o sentido: **“antes de todas as coisas desejo”**. Contudo deve provavelmente pertencer ao voto de bem-estar: **“Em todos os aspectos Gaio deve passar bem.”** Faz parte disso o bem-estar exterior, físico, na saúde. Isso não significa que Gaio estivesse doente, assim como nós também não saudamos com votos de **“a melhor saúde”** só a quem está enfermo. No entanto, a saúde na acepção bíblica não representa o principal. Muito mais importante é que **“a alma**

passar bem". E é esse o caso de Gaio. O apóstolo faz votos de que o bem-estar exterior de Gaio corresponda ao bem-estar de sua alma. A frase seguinte fundamentará imediatamente por que João está convicto da boa condição da vida interior em Gaio, explicitando-se também novamente a partir do v. 5.

A ATITUDE CORRETA PARA COM OS IRMÃOS EM TRÂNSITO – 3Jo 3-8

- 3 – Pois fiquei sobremaneira alegre pela vinda de irmãos e pelo seu testemunho da tua verdade, como tu andas na verdade.**
- 4 – Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam na verdade.**
- 5 – Amado, procedes fielmente naquilo que praticas para com os irmãos, e isto fazes mesmo quando são estrangeiros.**
- 6 – Os quais, perante a igreja, deram testemunho do teu amor. Bem farás encaminhando-os em sua jornada por modo digno de Deus.**
- 7 – pois por causa do Nome foi que saíram, nada recebendo dos gentios.**
- 8 – Portanto, devemos acolher esses irmãos, para nos tornarmos cooperadores da verdade.**

- 3 Assim como estamos familiarizados nas cartas de Paulo, a primeira coisa a ser expressa é a "gratidão". Contudo, isso de modo algum constitui mera "formalidade". A anteposição do agradecimento caracteriza a atitude interior do apóstolo e dos "cristãos". Seu primeiro olhar vale para o bem e o contentamento que Deus gera e concede. Aqui isso não acontece puramente em forma de ação de graças a Deus. No NT prevalece total liberdade dentro de grandes linhas mestras. João simplesmente dá vazão à alegria, que para ele é evidentemente uma alegria grata. **"Porque foi para mim grande alegria quando vieram irmãos e deram testemunho de tua verdade, de como andas em (na) verdade."** Percebemos o motivo exterior do escrito. Irmãos da igreja em que Gaio vivia vieram ao apóstolo e lhe falaram sobre ele. **"Deram testemunho de sua verdade"**. O que informaram tornou-se um testemunho a respeito de Gaio, mais precisamente, de sua **"verdade"**. Novamente isso não se refere apenas à retidão e veracidade de Gaio. É toda a "realidade" de Gaio, sua atitude interior e sua vida de fato que aparece diante de João no testemunho dos irmãos. Isso se evidencia no adendo expresso **"de como andas em (na) verdade"**. Se pelo acréscimo do artigo definido transformamos a "verdade" em algo bem específico, o apóstolo se refere aqui **"à verdade"** que é o próprio Jesus (Jo 14.6), a verdadeira realidade de Deus. Nela Gaio **"anda"**, nela Gaio **"vive"**. Ela configura seu pensamento e sua vida. Essa é a alegria do apóstolo. Pois pode assegurar:
 - 4 **"Maior alegria não tenho senão a que ouço de meus filhos, de que andam na verdade."** João não exagera. Todo anunciador do evangelho, todo pregador, todo dirigente de igreja, é capaz de testemunhar: pessoas que podemos conduzir a Jesus e que conseqüentemente são particularmente nossos "filhos espirituais" estão próximos de nosso coração. Não é algo óbvio que permaneçam na fé e que toda a sua vida seja envolvida e configurada pelo evangelho, pela verdade e realidade de Deus. Representa uma alegria de caráter único poder ouvir que de fato **"andam na verdade"**.
 - 5 Como essa "verdade" não é uma teoria, ou uma construção mental, mas uma "realidade" integral, abrangente, faz parte dela a prática da vivência, o exercício cordial do amor. Já em 1Jo foi característico do apóstolo João que a pureza da doutrina e a prática do amor eram igualmente decisivas. Assim também com Gaio: seu "andar na verdade" representa ao mesmo tempo uma vivência prática no amor. Lembramos de 1Jo 4.16b e 4.21. Para o apóstolo está em jogo o amor ao "irmão". Porém o "irmão" nunca é mero personagem imaginário. Ele está diante de mim concretamente em uma situação específica, carecendo nessa situação de minha ajuda igualmente concreta. Gaio lida com **"irmãos"** que lhe são completamente **"estrangeiros"**, porque chegam à igreja como missionários itinerantes (v. 7), necessitando de acolhida e auxílio. Gaio vê neles seus "irmãos", concedendo-lhes a ajuda de que necessitam. Com alegria o apóstolo pode lhe escrever: **"Amado, fielmente ages em tudo que fazes aos irmãos, ainda mais a irmãos estrangeiros."**
 - 6 Esses irmãos experimentaram o amor ativo de Gaio. **"Deram testemunho em prol do teu amor perante uma igreja reunida."** Certamente trata-se da igreja em que João vive no momento e a partir da qual escreve a carta. Sua declaração no presente versículo é uma continuação da informação dada no v. 3. Os irmãos ali mencionados não relataram apenas pessoalmente sobre Gaio. Prestaram um

relatório de sua viagem também na reunião da igreja, ocasião em que **“deram testemunho”** do amor de Gaio. O termo grego para **“igreja”** tem na raiz o sentido de **“assembléia”**. É verdade que pode simplesmente designar a **“comunidade”** de maneira geral. Porém faz lembrar simultaneamente que o verdadeiro encontro das pessoas faz parte da essência de uma **“comunidade”**. Refere-se à **“assembléia eclesial”**. Por isso traduzimos aqui para **“igreja reunida”**. Somente assim os irmãos podiam atestar **“perante a igreja”** como Gaio os havia tratado bem. Ao mesmo tempo fica explícito agora que os **“irmãos”** do v. 3 não **“vieram”** ao apóstolo por acaso nem apenas em caráter pessoal, mas que faziam parte do grupo de evangelistas itinerantes que também haviam visitado a igreja de Gaio.

Quando João formula: **“Bem farás se os equipares para a continuação da viagem de um modo digno de Deus”**, certamente devemos deduzir que os irmãos retornarão para a igreja de Gaio quando deixarem João, para somente então empreender um itinerário missionário maior. Provavelmente levaram consigo a carta do apóstolo até Gaio. Encontramos aqui a palavra *propémpein*, que consta também em At 15.9 e Rm 15.24. Na versão de Lutero ela é traduzida como **“acompanhar”**. Porém isso não condiz bem com o processo de que se fala aqui. Gaio não podia **“acompanhar”** os irmãos. Afinal, tinha de permanecer em sua cidade. E tampouco a tradução literal, um simples **“enviar adiante”**, satisfaz. Equipar-se para uma viagem era dispendioso. Era caro utilizar-se de um navio. Porém até mesmo para caminhadas mais longas a pé era necessário dinheiro para hospedagem e alimentação. Por isso o apóstolo pede para Gaio **“equipar”** os irmãos que acaba de conhecer para suas viagens subseqüentes. E que não o faça de forma minguada e precária, mas **“de um modo digno de Deus”**. Para os cristãos, Deus era uma realidade onipresente que determinava toda a conduta, todo fazer e deixar de fazer. Deus estava presente na hora da despedida dos irmãos. Seria indigno diante de Deus dar-lhes tão-somente o estritamente necessário. **“Digno de Deus”** só pode significar equipar os irmãos de forma generosa.

7s **“Porque foi pelo nome que saíram, sem aceitar nada dos gentios.”** Neste ponto vemos que de fato se trata de **“missionários”**. Não é preciso perguntar por qual **“nome”** eles partiram. **“O nome”** é aquele **“nome acima de todos os nomes”** (Fp 2.9) que Jesus recebeu de Deus. Acerca da importância do **“nome”** compare-se o exposto sobre 1Jo 2.12. Para o **“nome”** de Jesus como conteúdo da proclamação dos cristãos aponta também At 4.10,17; 5.40s; 8.12; 9.15. **“Pelo nome foi que saíram.”** É o **“nome de Jesus”** que pretendem divulgar, ganhando pessoas para Jesus. No caminho não pretendem **“aceitar”** nada **“dos gentios”**. Temos de lembrar que naquele tempo havia muitos pregadores itinerantes que faziam propaganda de cultos religiosos e de visões de mundo e modos de vida. Entre eles havia pessoas bastante duvidosas que gostavam de ser remuneradas por seus ouvintes, ganhando assim confortavelmente o sustento. Para os mensageiros de Jesus deve ser prioritário que não fossem confundidos com esse tipo de gente, demonstrando a total proibidade e abnegação de seu proceder. É por isso que não aceitavam donativos de seus ouvintes gentílicos. A partir daí João deriva o dever da igreja de, de sua parte, conceder aos mensageiros de Jesus todo o apoio necessário: **“Portanto, temos o dever de acolher tais pessoas, para nos tornarmos cooperadores para a verdade.”** Não é possível que todos os membros da igreja partam para o serviço itinerante em prol de Jesus, por mais premente que seja esse serviço. Contudo todos os que por motivos válidos precisam ficar em casa podem **“tornar-se cooperadores para a verdade”**, sustentando os mensageiros de Jesus. É uma bela palavra que aqui o apóstolo empregue o **“nós”** e não apenas interpele e responsabilize outros por meio de um **“vós”**. Quando nos tornamos **“cooperadores para a verdade”**, novamente **“a verdade”** não possui sentido intelectualista. Importa revelar às pessoas a **“verdade”** plena de sua vida, toda a sua perdição diante de Deus. Importa mostrar-lhes que somente ao aceitarem o amor de Deus e no amor a outros resultante disto se tornam, por sua vez, **“verdadeiros”** seres humanos.

CONTROVÉRSIA COM DIÓTREFES – 3Jo 9s

9 – Escrevi alguma coisa à igreja; mas Diótrefes, que gosta de exercer a primazia entre eles, não nos dá acolhida.

10 – Por isso, se eu for aí, far-lhe-ei lembradas as obras que ele pratica, proferindo contra nós palavras maliciosas. E, não satisfeito com estas coisas, nem ele mesmo acolhe os irmãos, como impede os que querem recebê-los e os expulsa da igreja.

Por meio dessas frases da carta obtemos uma visão viva da vida eclesial no primeiro cristianismo. Assim como os grandes centros do cristianismo, Roma e Antioquia, não surgiram através de apóstolo famosos, mas de pessoas desconhecidas. A evangelização de regiões inteiras se realizou por meio de tais “irmãos” que partiam “em prol do nome” de Jesus. O apóstolo Paulo havia realizado seu trabalho nas cidades maiores de forma planejada. As pequenas localidades adjacentes e as muitas aldeias precisam ser alcançadas a partir das igrejas, através de “irmãos”. Não deve ter sido diferente no ministério do apóstolo João, ainda que não tenhamos nenhuma informação mais precisa de seu método de trabalho. As igrejas ofereciam a esses evangelistas itinerantes acolhida hospitaleira e sustento de viagem, tornando-se assim sustentadoras de seu trabalho.

Entretanto não podemos pintar um quadro ideal sobre fundo dourado da vida eclesial do primeiro cristianismo. O trecho seguinte da carta nos permite constatar também dificuldades e mazelas.

9s **“Dirigi um breve escrito à igreja. Porém Diótfrefes, que deseja ocupar o primeiro lugar entre eles, não nos aceita.”** Como mostra o v. 10 e como corresponde ao sentido da carta, nesse escrito se tratava igualmente da acolhida de tais irmãos. Na igreja vive um homem de nome Diótfrefes. Almeja exercer um papel de liderança na igreja e **“deseja ocupar o primeiro lugar entre eles”**. Tenta fechar a igreja contra os irmãos itinerantes. Faz isso de maneira muito radical. João escreve acerca dele: **“Ele próprio não acolhe os irmãos e impede também os dispostos, excluindo-os da igreja.”** Não é dito com que argumento ele justifica seu procedimento. Talvez tenha tido algumas experiências negativas, que agora são generalizadas. As comunidades judaicas já haviam tentado se proteger contra a exploração de sua hospitalidade por elementos desonestos mediante “cartas de recomendação”, com as quais pessoas honestas de congregações desconhecidas podiam se credenciar. Esse costume passou a ser adotado também no jovem cristianismo, sem, no entanto, transformar isso em um sistema de controle geral. Logo Diótfrefes poderia ter certa desconfiança contra pregadores itinerantes, tentando de antemão mantê-los longe de sua igreja. Contudo nesse procedimento agia com estreiteza de coração e autoritarismo. Talvez também temesse um prejuízo em sua influência na igreja em virtude de pregadores de fora.

João tentou vir em auxílio da igreja, dirigindo-lhe por isso **“um breve escrito”**. **“Porém Diótfrefes... não nos aceita.”** Será concebível que uma pessoa autoritária “não aceite” em uma igreja local, e seguramente pequena, um apóstolo nem sua carta? Teríamos aqui, enfim, um inequívoco sinal de que o apóstolo João de fato não é o autor da carta? Ora, basta lembrarmos como o próprio apóstolo Paulo foi tratado nas igrejas que ele mesmo fundou na Galácia e em Corinto! João era “o velho”. Isso podia suscitar uma reverência especial. Contudo igualmente podia ser pronunciado com inflexão de menosprezo: “Ora, o velho! Que sabe ele sobre a situação de hoje? Que nos deixe em paz. Aqui na igreja, de qualquer forma, mando eu, Diótfrefes, aqui não acolhemos irmãos estranhos!”

João não se dá por derrotado. Pode-se deixar de lado sua carta. Porém João irá pessoalmente à igreja e exigirá contas de Diótfrefes perante os membros da igreja. **“Por isso, quando eu for aí, vou lembrá-lo das obras que ele pratica, tagarelado com palavras maldosas contra nós.”** Novamente nos perguntamos se, afinal, era possível que alguém agisse assim contra o apóstolo João? No entanto, recordamos tudo o que foi “tagarelado” em Corinto contra Paulo. O próprio Jesus suportou tal “oposição de pecadores contra si” (Hb 12.3), e isso do povo mais devoto do mundo! O discípulo, porém, não está acima de seu mestre. Os apóstolos não eram poderosos dignitários eclesiásticos!

É significativo que, para o apóstolo João, esse menosprezo pessoal não constitui a questão principal. Se Diótfrefes ficasse **“satisfeito com essas coisas”**, João provavelmente as teria suportado em silêncio. Mas Diótfrefes vai além: **“e não satisfeito com essas coisas, ele próprio não acolhe os irmãos e impede também os dispostos, expulsando-os da igreja.”** João não pode deixar passar essa dureza sem amor contra os irmãos de longe e contra os membros hospitaleiros da igreja como Gaio. Assim como Paulo, também João pretende aparecer pessoalmente na igreja ameaçada e “fazer lembrar” todo o agir de Diótfrefes, expondo-o abertamente. Então a própria igreja deverá deliberar.

Precisamos tentar construir uma visão nítida dos acontecimentos a que se referem as palavras de João. O próprio Diótfrefes **“não acolhe os irmãos e impede também os dispostos, expulsando-os**

da igreja". Seria Diótfrefes algo como um "bispo" da igreja, que governa a igreja e tem poderes para agir com autoridade legal? Seria a "expulsão da igreja" o "banimento" que o novel cristianismo adotou da comunidade judaica? Será que o "banimento" de Diótfrefes é aplicado somente com poderes "episcopais"? Inicialmente tudo pode ter essa conotação. Entretanto, essa visão dos acontecimentos se torna questionável tão logo levarmos em conta que Gaio, afinal, realizou tranqüilamente nessa igreja a acolhida amorosa dos irmãos, sendo agora nesta carta incentivado a equipá-los generosamente para a continuação de sua viagem. No entanto, como haveremos de entender a frase de João? Primeiramente, diante de seu modo de escrever, na constatação "ele os expulsa da igreja", o "os" não precisa se referir aos "dispostos", mas pode retroagir para "os irmãos". Nesse caso Diótfrefes não interferiria diretamente de forma violenta na própria igreja, mas somente intensificaria a "não-acolhida" para uma "expulsão" da igreja. Ademais, alegou-se com razão que no grego as afirmações de um verbo não representam sempre uma ação de fato já realizada, mas às vezes também a simples tentativa para tal (presente *de conatu*). Diótfrefes "tenta" impedir os dispostos e expulsá-los da igreja. Em ambos os casos, porém, fica evidente que Diótfrefes não é o dirigente oficial e autorizado da igreja. A própria carta não fala nada disso. João dirigiu todo o seu escrito "à igreja". Isso seria completamente inviável se nela já existisse um "bispo" no sentido de uma constituição eclesiástica posterior. Diótfrefes é simplesmente uma pessoa da igreja, que justamente por não deter um "cargo" de mando "**deseja ocupar o primeiro lugar entre eles**". Nesse caso, porém, o "expulsar da igreja" não pode ser interpretado como uma "excomunhão" nos moldes em que podia ser realizada segundo determinadas regras por instâncias competentes no judaísmo. Conforme o sentido, deveríamos falar de "tentar desalojá-los da igreja". É em defesa desses membros da igreja, atacados pessoalmente por Diótfrefes, que João se posicionará quando visitar a igreja, com certeza principalmente em defesa do próprio Gaio.

UM CONSELHO PARA DEMÉTRIO – 3Jo 11s

11 – Amado, não imites o que é mau, senão o que é bom. Aquele que pratica o bem procede de Deus; aquele que pratica o mal jamais viu a Deus.

12 – Quanto a Demétrio, todos lhe dão (bom) testemunho, até a própria verdade, e nós também damos testemunho; e sabes que o nosso testemunho (em favor dele) é verdadeiro.

11 Nesta ocasião ele exorta a Gaio em sua situação nada fácil: "**Amado, não imites o mal, mas o bem.**" Também maus exemplos podem exercer certo poder. Diótfrefes não recebia aplausos na igreja? Não era assim que galgava ao poder? Não era inteligente afastar por princípio irmãos de fora e preservar a igreja como área fechada para a influência pessoal? Gaio não deve se deixar contagiar por esse tipo de pensamento, mas continuar vendo claramente "**o mal**" como o mal que não deve ser imitado. Pode e deve, sim, "**imitar**" algo, porém "**o bem**", tal como o ouviu e viu em João.

Está em jogo a questão decisiva na vida, o relacionamento com Deus. Ainda que pelo método de Diótfrefes se conquistem fama e poder entre pessoas, diante de Deus continua em vigor: "**Quem pratica o bem é a partir de Deus; quem pratica o mal não viu a Deus.**" Como já fizera em 1Jo 3.7-10, João expressa toda a sua singela e por isso incontornável convicção. Deus é inequivocamente a favor do bem, independentemente de quem o pratica. Deus é radicalmente contra o mal, ainda que seja consumado por pessoas "devotas" ou "cristãs". A luz nunca se harmoniza com as trevas, nem o amor com quaisquer formas do "ódio". Ao formular, neste contexto, que o praticante do bem "**é a partir de Deus**", João partilha a convicção de Paulo de que por natureza o bem não habita em nós (Rm 7.18). Quando existe em um ser humano, o bem entrou nele vindo de Deus. A frase de João, portanto, não deve ser tomada de forma racional, como se o envio e a entrega do Filho de Deus em nosso favor e toda a "dogmática" cristã nem sequer fossem necessárias, porque cada pessoa que pratica o bem seria "**a partir de Deus**". Pelo contrário, somos advertidos pela límpida convicção do apóstolo a não rebaixar o bem que é feito fora dos círculos crentes e declarar de antemão "as virtudes dos gentios" como "vícios vistosos". Seja como for, a segunda e importante frase de João: "**Quem pratica o mal não viu a Deus**" representa uma séria pergunta para nós, que muito falamos de Deus. Será que de fato "**vimos**" a Deus, será que estivemos debaixo da luz dele, será que seu amor nos subjugou? Então não poderemos agir como Diótfrefes, nem tampouco simpatizar com seus métodos e atitudes, por mais bem-sucedidos que possam ser. Diótfrefes não era nem gentio nem "falso mestre".

Com certeza falava muito e enfaticamente de Deus. João não critica nada de sua “doutrina”. O apóstolo, porém, questiona se ele algum dia “viu” a Deus, pois tagarela sem escrúpulos palavras maldosas contra um apóstolo, não acolhe os irmãos itinerantes e tenta apartar membros hospitaleiros da igreja.

- 12 Cita-se mais um nome: **Demétrio**. Novamente ignoramos quem era esse homem. O nome é freqüente. Conhecemo-lo, p. ex., de At 19.24, onde certo Demétrio exercia um papel de destaque por ocasião da revolta dos ourives em Éfeso. Se Demas for uma forma abreviada do nome Demétrio, também teria esse nome o colaborador de Paulo mencionado em Cl 4.14; Fm 24 e 2Tm 4.10. No entanto, a pessoa referida agora por João deve ser outra. Por ser recomendado de modo tão especial a Gaio, não pode ser membro da igreja em que Gaio vive. Nesse caso ele o teria conhecido em pessoa e avaliado adequadamente. É bem plausível que ele fazia parte dos irmãos itinerantes e agora chegava junto com eles – talvez como seu dirigente fraterno – até Gaio. Pode ser o portador, talvez até mesmo o copista da carta. Gaio não deve se deixar contagiar pela desconfiança de Diótrefes. Demétrio é uma pessoa de confiança. **“A Demétrio é emitido um (bom) testemunho por todos e pela própria verdade; mas igualmente nós damos testemunho (em favor dele), e sabes que nosso testemunho é verdadeiro.”**

Desse modo a presente epístola se torna uma daquelas “cartas de recomendação” de que já falamos. A igreja à qual Demétrio é desconhecido pode saber que ele é amplamente estimado e reconhecido no cristianismo. A ele **“foi emitido um (bom) testemunho por todos”**. No entanto, não se trata de popularidade humana. O testemunho lhe é dado do mesmo modo **“pela própria verdade”**. Assim como Gaio, ele anda “na verdade”. Pode-se constatar isso nele. A própria verdade credencia Demétrio em seu falar e agir. Entretanto, também o apóstolo João conhece e estima Demétrio, recomendando-o a Gaio. Esse, por sua vez, sabe que João não emite atestados levemente, mas que seu testemunho **“é verdadeiro”**, que podemos confiar nele porque descreve a realidade. Novamente a situação da jovem igreja fica evidente. Todo tipo de pessoas estranhas chegam a ela, demandando dela reconhecimento e auxílio. Podia-se confiar nelas? Careciam de um **“testemunho”**. O atestado “do velho” pesava muito, mesmo que alguém como Diótrefes o considerasse com menosprezo (v. 9). No entanto o testemunho **“da própria verdade”**, passível de ser percebido intimamente pela igreja, continua sendo o mais importante.

A SAUDAÇÃO FINAL – **3Jo 13-15**

13 – Muitas coisas tinha que te escrever; todavia, não quis fazê-lo com tinta e pena.

14 – pois, em breve, espero ver-te. Então, conversaremos de viva voz.

15 – A paz (seja) contigo. Os amigos te saúdam. Saúda os amigos, nome por nome.

- 13s O apóstolo chega ao final. Usou uma folha de carta (uma folha de papiro) do mesmo tamanho da segunda carta. O papel está cheio. Como na segunda carta, João também agora está ciente de que ainda tem muito a dizer. Deveria usar mais uma folha? Não. **“Muitas coisas tinha para te escrever, porém não quero te escrever com tinta e pena. Espero ver-te em breve, e então conversaremos boca a boca.”** Foi o que também expressou em 2Jo 12. No lugar de “com papel e tinta” ele usa aqui a locução de igual significado: **“com tinta e pena”**, sendo que a “pena” obviamente não é nossa caneta de aço, nem mesmo a pena de ganso de nossos pais, mas um “caniço de escrever”. Com ele se desenhava lentamente letra por letra sobre a folha de papiro. Tanto mais compreensível torna-se o desejo de preferir o diálogo pela comunicação oral. Já no v. 10 o apóstolo havia anunciado uma visita à igreja de Gaio. Pelo fato de que nessa visita terá diante de si uma forte luta, João não pode afirmar, como na segunda carta, que então “nossa alegria será perfeita”. Isso, porém, não desvaloriza em nada o diálogo pessoal com Gaio.

- 15 Em meio a todas as dificuldades João deseja a Gaio **“paz (seja contigo) para ti”**. Trata-se da antiga saudação que um israelita anunciava muitas vezes aos outros. Contudo essa saudação havia alcançado um novo conteúdo e uma nova força por intermédio de Jesus, que de fato trouxe a paz com Deus e por isso também a paz de Deus. Essa **“paz”** resistia até mesmo nas dolorosas tensões em que Gaio se encontra, não primordialmente vindas de fora, mas de dentro da igreja. Gaio tem o privilégio de saber que possui amigos fiéis também em outras igrejas. João entrega-lhe as saudações **“dos**

amigos”, que estão junto dele. Ele pede: “**Saúda os amigos pelo nome**”. Apesar das palavras negativas e de toda a atitude de Diótrefes, João tem “amigos” na igreja que também são amigos de Gaio. Gaio deve “saudá-los por nome”, o que significa saudar de fato a cada um em particular. Através do “nome” cada um é caracterizado como pessoa de individualidade própria e com uma história de vida pessoal. Desse modo ele deve ser valorizado e saudado pelo apóstolo.

EXCURSO SOBRE 1Jo 4 “QUEM AMA É NASCIDO DE DEUS”

1) Contra tudo o que lemos agora em João pode emergir uma objeção de peso. Afinal, é correto que precisamos “ser nascidos de Deus”, para sermos capazes de amar de verdade? Será que somente a experiência do amor de Deus pela entrega de seu Filho nos leva a amar? Será que o ser humano de fato é incapaz de amar por natureza? Argumenta-se de maneira muito concreta: não aconteceu nos campos de concentração nazista que não-cristãos também empenharam a vida para ajudar outros prisioneiros? Não existe número suficiente de médicos e enfermeiras não-cristãos que arriscam tempo e energias, e até mesmo saúde e vida, para salvar pessoas enfermas?

2) Poderíamos nos esquivar dessas alegações com a observação de que no caso de João se trata de uma autêntica carta dirigida a uma situação concreta. João teria sabido por que tinha de escrever dessa maneira em relação a essa situação. Contudo não pretendemos refutar a séria objeção de maneira tão barata! Não podemos fazê-lo pela simples razão de que João formula suas declarações como princípios e com validade geral. Temos de encarar a objeção.

3) É significativo que a objeção nunca parte de um olhar para nós mesmos, mas sempre do olhar para outras pessoas que parecem amar verdadeiramente até mesmo sem qualquer relação com Deus. Não temos como julgar de quais fontes brota seu agir amoroso. Não sabemos se não precedeu também neles uma história com Deus, ainda que não deixem transparecer nada disso. Não faremos nenhuma tentativa de desqualificar seu agir, mesmo que conforme 1Co 13.3 Paulo conte com a possibilidade de que alguém empenhe todos os bens e entregue a vida da maneira mais penosa à morte em favor de pessoas necessitadas sem possuir verdadeiro amor. Neste mundo duro e frio seremos gratos por cada vestígio de amor que pudermos encontrar em qualquer lugar, e louvaremos a Deus por isso.

4) Contudo não poderemos nos deixar desviar de nossa própria vida, lançando contra a mensagem de João outras pessoas que, afinal, praticam o amor, mesmo sem Cristo. João nos interroga a respeito de nossa situação pessoal! A objeção contra a grande oferta para sair da morte do desamor por meio do sacrifício de Jesus e entrar na vida do amor verdadeiro somente teria valor para nós no momento em que pudéssemos testemunhar: “Eu amo mesmo sem qualquer encontro com Jesus. Em mim não existe um ‘coração curvado sobre si mesmo’. Eu passei da morte para a vida porque amo pessoas, e faço-o até mesmo sem ser redimido por Jesus!” No entanto, quem não é capaz de afirmar isso, quem experimentou em si próprio toda a perdição na morte do desamor e toda a dívida de amor ao semelhante, abre-se para a mensagem do evangelho, confirmando cada frase de João como verdadeira, como verdade que o julgou e libertou. Transmitirá essa verdade a todas as outras pessoas e não se iludirá na expectativa de que ela se confirme também em outros como julgadora e salvadora. Aos exemplos contrários, que ele encontra pessoalmente ou que lhe são contrapostos por outros, ele os deixará valendo até que o próprio Deus fale com aquela pessoa. Contudo, perguntará seriamente a cada um que se contrapõe a ele com objeção às afirmações de João, qual é, afinal, a realidade de sua própria vida e se ele não está urgentemente carecendo daquilo que João lhe oferece em sua mensagem.

¹Boor, W. d. (2008; 2008). *Comentário Esperança, Cartas de João; Comentário Esperança, 1, 2 e 3João* (4). Editora Evangélica Esperança; Curitiba.